UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

MORY MÁRCIA DE OLIVEIRA LOBO

MULHERES NEGRAS EM REDE: MATERIALIDADES DISCURSIVAS NO *FACEBOOK*

CUIABÁ - MT
2022

MORY MÁRCIA DE OLIVEIRA LOBO

MULHERES NEGRAS EM REDE: MATERIALIDADES DISCURSIVAS NO *FACEBOOK*

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, como requisito para a obtenção do título de Doutora em Educação na linha de pesquisa Organização Escolar, Formação e Práticas pedagógicas.

Orientador: Prof. Dr. Cristiano Maciel

Bolsista: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES)

CUIABÁ - MT

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

O48m Oliveira Lobo, Mory Márcia de.
Mulheres Negras em Rede: : Materialiddes Discursivas no Facebook / Mory Márcia de Oliveira Lobo. -- 2022
277 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientador: Cristiano Maciel.
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Cuiabá, 2022.
Inclui bibliografia.

1. Ativismo no Facebook.. 2. Discurso de insurgência e resistência.. 3. Mulheres negras.. 4. Weltanschauung Negra.. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO: "Mulheres negras em rede: materialidades discursivas no facebook".

AUTORA: Doutoranda Mory Marcia de Oliveira Lobo.

Tese defendida e aprovada em 24 de junho de 2022.

Composição da banca Examinadora:

Documento assinado eletronicamente por **CRISTIANO MACIEL**, **Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 27/06/2022, às 18:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020 .

Documento assinado eletronicamente por **Jacqueline da Silva Costa**, **Usuário Externo**, em 28/06/2022, às 23:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020 .

Documento assinado eletronicamente por **CANDIDA SOARES DA COSTA**, **Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 01/07/2022, às 15:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020 .

Documento assinado eletronicamente por **ANA CAROLINA NUNES DA CUNHA VILELA ARDENGHI**, **Docente da Universidade Federal de Mato Grosso** , em 01/07/2022, às 16:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **KAREN DA SILVA FIGUEIREDO MEDEIROS RIBEIRO**, **Docente da Universidade Federal de Mato Grosso** , em 05/07/2022, às 10:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Mory Márcia de Oliveira Lobo**, **Usuário Externo**, em 16/10/2022, às 18:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020 .

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufmt.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4837588** e o código CRC **7C19DF06**.

“Não são poucas as vozes que aparecem no limiar de muitas descobertas científicas através das mulheres negras neste país em campos de grandes complexidades, conflitos subjetivos e confrontos. Há um grito! De mulheres subjugadas por um sistema que insiste em silenciá-las e esse clamor ecoa mundo afora com a assinatura da ciência que as encaminham de volta para sua verdadeira essência de ser e existir como ser humano. Lugar de mulher também é na ciência”.

(Lobo; Maciel 2021)

Dedico este árduo trabalho a todas as mulheres negras, que passaram e ainda passarão pelo processo de transição de sua *Weltanschauung* negra, ressignificada pela reconstrução de sua nova casa subjetiva.

AGRADECIMENTOS

Gratidão é muito mais que agradecimento, é um testamento de graças e condição de vida, ela transcende do coração agradecido que sabe dar a seu criador o louvor que lhe é devido reconhecendo-o na vida de seus amigos de jornada. Para vocês, anjos companheiros de caminhada na construção desta tese, compartilho meu testamento de gratidão.

(Mory Lobo)

El Shadai Elohin

Tú és o meu respiro nesta vida, meu porto seguro, minha rocha firme em tempos de guerra e meu refúgio em tempos de paz, sem sua ajuda, eu não teria chegado até aqui. Para ti, o horizonte dos meus pensamentos e toda a afeição transmutada das feridas, dores, correções, consolo, cuidado e acima de tudo, amor.

Para você, meu grande amigo, meu tudo, compartilho o som de cada tijolo sendo argamassado um a um na reconstrução de minha nova cosmovisão. É um som de salvação e ressoa como o tocar de uma trombeta que anuncia um novo tempo, é o som da minha nova vida e se a vida é um dom que vem de ti, eu a devolvo para ti, כל כבוד ותפארת לראדוני ואלהי.[1]

Ao Cristiano Maciel

Orientador, amigo, pai, primo, irmão, professor [...]. Acima de tudo, um grande companheiro motivador para se caminhar no deserto de uma tese. Com você, Cris, aprendi a valorizar ainda mais a força de um mestre que potencializa seus alunos.

Compartilho com você o ecoar alegre do trecho da música de Carlos Reno e Arnaldo Dorfman, interpretada por Tetê Espindola, "Escrito nas Estrelas": *"Você pra mim foi o sol, de uma noite sem fim, e ascendeu o q7ue sou e renasceu tudo em mim [...]. Meu amor, nosso amor estava escrito nas estrelas, tava sim."* Você sabe como ascender a estrela das pessoas e faz isso com muita maestria e sapiência. Gratidão hoje e sempre.

[1] Do hebraico, em tradução "Toda honra e glória a ti Senhor e Deus".

À Família LêTECE

Quando um grupo de pesquisa se movimenta em abrir espaço para motivação, humanidade e solidariedade, toda a estrutura da universidade se movimenta em ascensão e sucesso. Nosso grupo é como um trem azul, alguns descem nas paradas, outros sobem. Mas todos nós sabemos que chegamos porque fomos conduzidos por esse trem.

Para vocês, família leteciana, compartilho um trecho da música “Seguindo no trem azul” (Cleberson Horst e Ronaldo Bastos): *“[...] Confessar, sem medo de mentir, que em vocês encontrei inspiração para escrever [...]. Só me dará prazer se eu viajar contigo, até o nascer do sol, seguindo no trem azul”.* O sol nasceu*,* caminhar com vocês é, sobretudo, saber que não estamos sozinhos no caminho e que chegar não é uma despedida. É saber que já conseguimos caminhar sozinhos em nossas construções. Gratidão hoje e sempre.

À Família Instituto de Educação e PPGE

Sempre digo que sou filha da UFMT. O útero que me gerou para o mundo da pesquisa foi o Instituto de Educação, sendo assim, cada professor, professora, técnicos, servidores em geral, cada um de vocês tem parte nesta construção. Vocês me ensinaram que há perigo na esquina, e na parede da minha memória levarei essa lembrança.

Com vocês compartilho a força de Belchior no trecho de “Como nossos pais”: *“Você me pergunta pela minha paixão, digo estou encantada com uma nova invenção, [...]. Eu sei de tudo da ferida viva, do meu coração [...]. Ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais”*. Quero reconhecer todo apoio recebido do IE, PPGE em todos os momentos de percurso desta caminhada desde o mestrado até o doutorado e de maneira especial à CAPES pelo incentivo à pesquisa e acompanhamento.

A UFMT mudou a minha história e a de muita gente. É a tranversalização de vidas humanas pelo conhecimento que transforma e liberta. Gratidão!

Ao Fórum de Mulheres Negras Mato Grosso

A todas vocês, mulheres guerreiras, fonte de inspiração, exemplos de força e determinação em lutar por um lugar no mundo, formando experiências e exalando a ancestralidade. Para expressar minha gratidão por tudo o que aprendi com vocês, oferece um trecho da música de Fernando Brant e Milton Nascimento, “Maria, Maria”: *“Mas é preciso ter força é preciso raça é preciso ter gana sempre, quem traz na pele essa marca. Maria, Maria, mistura a dor e a alegria”*. Foi exatamente isso que senti acompanhando toda essa garra no trabalho que vocês desempenham no ciberespaço.

Obrigada por tudo o que me deram de ensinamento e exemplos.

Aos Colegas da Turma (2018)

Gostaria de me regozijar com a vitória de cada um de vocês nesta conquista tão almejada e tão sofrida pelo cenário mundial que vivenciamos no meio do nosso processo. Fui privilegiada por estudar com pessoas maravilhosas e aprendi com a luta de cada um e cada uma, por isso a vocês deixo o trecho da música “O que é, o que é” (Gonzaguinha): “*Viver, e não ter a vergonha de ser feliz, cantar e cantar e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz. Ah, meu Deus! Eu sei, que a vida devia ser bem melhor e será, mas isso não impede que eu repita é bonita, é bonita e é bonita”.*

Gratidão por tantas energias *maravigolds*.

À minha Família Oliveira, minha árvore genealógica

Aos meus pais, irmãos, sobrinhos, tios, tias primos, primas de primeiro, segundo e terceiro grau, madrinhas e cia. Se Deus me desse a chance de escolher minha família novamente, escolheria vocês porque foram a balança perfeita na minha reconstrução. O que faltou de um lado da balança, sobrou de outro lado.

Deus é perfeito quando me presentou com todos vocês para meu aprendizado nesta vida. A vocês deixo um trecho da música “Tua família” (Anjos de Resgate*): “[...] Acredita, nos momentos mais difíceis da vida, eles sempre estarão por perto, pois só sabem te amar. E se por acaso a dor chegar, ao teu lado vão estar*

para te acolher e amparar, pois não há nada como um lar". Vocês são meu tesouro nesta terra e sempre os levarei em meu coração.

À Família Salesiana

Com vocês aprendi a trilhar o caminho da solidariedade transmutada das vivências e experiências de fazer o bem sem olhar a quem. Aprendi que "educação é coisa do coração" e que nosso tempo é passageiro, por isso ele deve ser dedicado para o amor a "tudo fazer por amor e nada pela força". A vocês dedico o trecho mais marcante na minha vida de Consulesa Salesiana, "O Senhor colocou-nos no mundo" (Osmar Bezutte SDB): *"O Senhor colocou-nos no mundo para os outros meu amigo, quem demora a se dar nessa vida, corre grande perigo, nesta hora senhor na alegria de ter quero a vida te dar, dar a mão e menor e me comprometer na coragem de amar".* Vocês enchem minha vida de alegria e solidariedade. Gratidão!

À Família Vanguarda dos Amigos

Se tiver algo na minha vida que posso dizer: "ganhei na loteria", são meus amigos, verdadeiros tesouros, companheiros de todas as horas e acima de tudo me fazem sentir amada e abençoada por tê-los em minha vida. Com vocês compartilho o trecho da música "Amigo é casa" (Hermínio Bello de Carvalho*)*: *"Amigo é feito casa que se faz aos poucos e com paciência pra durar pra sempre, mas é preciso ter muito tijolo e terra, preparar reboco construir tramelas [...]. Amigo é pra ficar, se chegar e se achegar. [...] Oferece pra gente o melhor que tem e que nem tem, quando não tem, finge que tem, faz o que pode e seu coração reparte que nem pão."* Vocês são adubos, terra e rosa no jardim da minha nova casa interior. Gratidão hoje e sempre.

À Família Camargo Costa

Vocês sabem o quanto são importantes na minha vida e o quanto sou feliz por tê-los em lugar especial no meu coração. Quando estou com vocês, me sinto em casa e segura porque sei o quanto nossa amizade foi construída por bases sólidas

de muito amor e reciprocidade, como tenho dito, nossa amizade é para sempre, pois ela já transpôs os muros deste mundo.

Para vocês ofereço a música Girassol (Kell Smith): "*Quando já não sei qual é a direção, e tudo o que faço é seguir meu coração é por instinto que eu encontro a luz. Sou girassol".* No jardim da minha vida vocês são girassóis que embelezam e trazem luz ao mesmo tempo. Amo vocês, gratidão.

À Família Torre Forte

A vocês que foram meus verdadeiros guardiões e intercessores, pela cobertura de orações, luz e energias positivas, por cada palavra amiga de incentivo e por estarem comigo em todas as horas difíceis, por regozijarem comigo nas vitórias, deixo um trecho da música "Quem encontrou um amigo" (Hermana Glenda): "*Quem encontrou um amigo encontrou um tesouro, eu te encontrei a ti [...]. E por um tesouro encontrado no campo, se vende tudo para compra-lo, eu contigo aprendi a vender meus egoísmos e contigo aprendi a não pensar em mim mesma".* Essa música traduz tudo o que vocês representam na minha história, gratidão.

À Família Consciência Brasileira

A vocês grandes amigos e companheiros de caminhada, debates acalorados, informações, formação e muito aprendizado. Com vocês, aprendi a ouvir o som da troca de conhecimento ético, respeitoso, conhecer, pensar e refletir a diversidade de pontos de vista. Como é bom conviver e aprender com vocês.

Tudo o que construímos nesses sete anos de convivência *on-line* foi muito importante para a construção do caminho trilhado nesta tese. A vocês deixo meu testamento de gratidão pelas lentes de Mercedes Sosa, interpretada pela nossa grande Beth Carvalho, um pequeno tesouro do trecho de "*Solo le Pido a Dios"* (Eu só peço a Deus), como exemplo de tudo o que o Consciência Brasileira me ajudou a construir. *"Eu só peço a Deus, que a dor não me seja indiferente, que a morte não me encontre um dia, solitário sem ter feito o que eu queria. [...] Eu só peço a Deus, que a mentira não me seja indiferente, se um só traidor tem mais poder que um povo, que este povo não esqueça facilmente."* Gratidão por tudo o que me ensinaram e pela oportunidade de poder chamá-los de amigos.

Aos Budukas

Por todos os momentos de alegria e diversão e por participarem indiretamente da minha pesquisa como meu laboratório de experimento social sobre racismo e narcisismo, pelos passeios de domingo à tarde e por tudo o que vivi e aprendi com vocês, compartilho a música "Trevo" (Tiago Iorc / Ana Caetano*): "[...] Tú que tens esse abraço casa, se decidir bater asa me leva contigo pra passear [...]. Ah, eu só quero o leve da vida pra te levar, e o tempo parar. Ah, é a sorte de levar a hora pra passear pra lá e pra cá, pra cá e pra lá, quando aqui tu estás*". É impossível ouvir essa música sem me lembrar de vocês e apesar das intempéries que vivemos, foi um grande aprendizado que mudou minha história. Gratidão, hoje e sempre.

Aos professores que marcaram minha história

Expresso aqui minha gratidão, aos ilustres docentes citados abaixo.

À Maria Luiza Arruda (tia Nega), por ter me acolhido e me dado tanto carinho na 1ª série, momento crucial de formação.

À tia Nazi e Eliram (*in memorian*), pelas tarefas, carinho e cuidado.

À Maria Avelina e Eugdson, por insistirem comigo na matemática me ajudando a superar desafios.

À Vange e Denise, por marcarem minha adolescência com incentivo.

Ao Frei Joaquim Tebar, pelas aulas de coral e pelo incentivo com a música e a fé.

Ao Araquém, por me ensinar química ouvindo música latina e por me apresentar a Mercedes de Sosa.

À Sueli de Fátima Dias pela primeira oportunidade de trabalhar como professora.

À Adriana Rangel, por me ensinar a buscar meu objeto faltoso e a ressignificar minha história de vida.

À Rose Clea Ramos, Ruth Palma, Rosemery Celeste Petter e Marcos Caron por acreditarem em mim como profissional e como pessoa.

Gratidão a todos vocês. Ofereço o trecho da música "Coração de Estudante" (Milton Nascimento), ela representa o caminho que vocês me ajudaram a trilhar: "*Coração de estudante, há de se cuidar da vida, há de se cuidar do mundo, toma*

conta da amizade, alegria e muitos sonhos, espalhados no caminho, verdes plantas sentimentos, folhas, coração, juventude e fé." Nesta nova fase de casa semipronta me lembrarei do cuidado de vocês na minha vida e história.

Ao elenco especial de apoio e solidariedade

Silvana Maria, Erotilde, Salvador, Ilda (*in memoriam*), Clotilde (*in memoriam*), Mariluce, Josimari, Doraci, Aliana, Cristiano, Maria do Rosário, Marilza, Gislaine, José Gonçalo, Cristiane, Clarice, Ana Lúcia, Nádja, Silvana (BG), Carla (Operação MT), Ériko, Maristela, Kátia, Patrícia Maria, Rosana, Ana Lara, Michele, Pollyana Vanessa, Ir. Lucimar. Obrigada por tudo, pela força, apoio e pelas boas energias que me mandaram nestes quatro anos de luta.

A vocês ofereço um trecho da música "*Gracias a la vida*" (Violeta parra) interpretada por Mercedes Sosa: "*Obrigado à vida que tem me dado tanto, me deu o som e o alfabeto com a palavras que penso e declaro [...]. Deu-me a marcha dos meus pés cansados [...]. Me fez e me chorar, então, distingo a felicidade do quebrantamento, obrigado a vida.*" Deus vos abençoe abundantemente e generosamente por tudo o que fizeram por mim.

Á Banca Examinadora

A vocês, mulheres incríveis que trazem em suas escritas a potente história de luta das mais valorosas marchas, do ventre de quem conhece as dores do parto de uma tese e todas as batalhas para chegarem aonde chegaram, muitas vezes caminhando contra o vento. A vocês, ofereço um trecho da música de Caetano Veloso, Alegria, Alegria. *"Caminhando contra o vento Sem lenço e sem documento no sol de quase dezembro Eu vou [...] Por entre fotos e nomes os olhos cheios de cores, o peito cheio de amores vãos. Eu vou Por que não, por que não?"* Gratidão pelo olhar ontológico a esta pesquisadora iniciante.

RESUMO

LOBO, Mory Márcia de Oliveira. *Mulheres Negras em Rede: Materialidades Discursivas no Facebook.* Defesa - Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Programa de Pós-Graduação em Educação. Cuiabá, 2022. Orientador: Prof. Dr. Cristiano Maciel

Os estudos sobre gênero feminino negro avolumam-se notadamente pela relevância do potencial e impacto da voz e escrita negra na desconstrução de estruturas opressoras muito crescentes nas áreas em que se faz ciência, com expressiva latência na Educação, como promotora de políticas educacionais antirracistas e antissexistas. O *Fórum de Mulheres Negras Mato Grosso,* página pública e disponível na rede social *Facebook,* é um dos canais que enuncia essa desconstrução. Neste contexto, a presente pesquisa analisa o ativismo articulado através das postagens desta rede, indagando: Quais códigos transicionais são representados pelo discurso que movimenta o ativismo no *Fórum de Mulheres Negras Mato Grosso*? Neste trabalho, códigos transicionais são correspondidos por uma área intermediária entre a produção do discurso materializado e os sentidos empreendidos no posicionamento discursivo. Assim, a pesquisa *em voga traz* como objetivo analisar as postagens imagéticas buscando compreender a relação dessas produções com o conceito de *weltanschauug* negra, palavra de origem alemã que na língua portuguesa significa cosmovisão negra. Esse conceito é trabalhado pelo autor Frantz Fanon (2008), dada a uma sustentação entre a língua e a coletividade, que sugere uma inautenticidade na cosmovisão identitária causada por processos de colonização como: discriminação, opressão e cultura, pela representação do eu e na concepção do processo de representatividade étnica na projeção de si e do outro. Essa ideia também está ancorada na afirmação de que as identidades sociais estão relacionadas à injustiça social, racismo e sexismo tendo por base os estudos de interseccionalidade. Para a coleta de dados aplicou-se a tipologia netnográfica e a sistematização dos dados concebidos por dois decodificadores, *proativo e reativo* (autoria), ancorados no Realismo Crítico de Bhaskar (2006), especificamente para identificar os eventos nas postagens durante o processo de clivação. Posteriormente, utilizamos a metodologia Análise do Discurso francesa na linha *pecheutiana* para a interpretação dos dados. O estudo apontou que a dinâmica das imagens postadas está constituída de padrões discursivos decorrentes de um expressivo movimento de ativismo muito bem delineado, que nos indica articulações discursivas de insurgências e resistências dentro de um sistema de biopoder na ordem do macro para o micro (social e subjetivo). Outros achados da pesquisa auxiliaram a caracterizar quem são essas mulheres, os papéis por elas desenvolvidos nas produções e as demandas dessas produções que as constituem como produtoras de conhecimento em rede.

Palavras-chave: Ativismo no Facebook. Discurso de insurgência e resistência. Mulheres Negras. *Weltanschauung* Negra.

ABSTRACTO

LOBO, Mory Marcia de Oliveira. Mujeres Negras en Red: Materialidades Discursivas en *Facebook*. Defensa - Tesis (Doctorado en Educación) - Universidad Federal de Mato Grosso, Programa de Posgrado en Educación. Cuiabá, 2022.
Asesor: Profr. Dr. Cristiano Maciel

Los estudios sobre el género femenino negro se han incrementado notablemente debido a la relevancia del potencial e impacto de la voz y la escritura negras en la deconstrucción de estructuras opresivas que son muy crecientes en los ámbitos donde se hace ciência con importante latencia en la Educación como impulsora de políticas educativas antirracistas y antisexistas. El Foro de Mujeres Negras Mato Grosso, página pública disponible en la red social *Facebook*, es uno de los canales que enuncia esta deconstrucción. La presente investigación analiza el activismo articulado a través de los mensajes de esta red, preguntándose: Qué códigos de transición son representados por el discurso que mueve el activismo en el Foro de mujeres negras de Mato Grosso? En este trabajo, los códigos transicionales se corresponden con un espacio intermedio entre la producción del discurso materializado y los significados asumidos en el posicionamiento discursivo. Así, la investigación en boga tuvo como objetivo analizar las publicaciones, buscando comprender la relación de estas producciones con el concepto de *weltanschauug* negra, una palabra de origen alemán que en portugués significa cosmovisión negra. Este concepto es trabajado por el autor Frantz Fanon (2008), dado el apoyo entre el lenguaje y la colectividad, lo que sugiere una inautenticidad en la cosmovisión identitaria provocada por procesos de colonización como: discriminación, opresión y cultura, por la representación del yo y en la concepción del proceso de representación étnica en la proyección del yo y del otro. Esta idea también está anclada en la afirmación de que las identidades sociales están relacionadas con la injusticia social, el racismo y el sexismo a partir de los estudios de interseccionalidad. Para la recolección de datos, se aplicó la tipología netnográfica y la sistematización de datos concebida por dos decodificadores, proactivo y reactivo, (autoría), anclados en Realismo Crítico, Bhaskar (2006) específicamente para identificar los eventos en los mensajes durante el proceso de clivaje. Posteriormente, utilizamos la metodología de Análisis del Discurso Francés en la línea *Pecheutiana* para interpretar los datos. El estudio apuntó que la dinámica de las imágenes publicadas está conformada por patrones discursivos resultantes de un movimiento expresivo de activismo muy bien delineado que indica articulaciones discursivas de insurgencias y resistencias dentro de un sistema de biopoder en el orden convertido de lo macro a lo micro (sociales y subjetivos). Otros hallazgos de la investigación ayudaron a caracterizar quiénes son estas mujeres, los roles que juegan en las producciones y las demandas de estas producciones que las constituyen como productoras de conocimiento en red.

Palabras clave: Activismo en *Facebook*. Discurso de insurgencia y resistencia. Mujeres Negras. *Weltanschauung* negro

ABSTRACT

LOBO, Mory Marcia de Oliveira. *Black Women in Network*: Discursive Materialities on *Facebook*. Defense - Thesis (Doctorate in Education) - Federal University of Mato Grosso, Graduate Program in Education. Cuiabá, 2022.

Studies on the black female gender have increased notably due to the relevance of the potential and impact of the black voice and writing in the deconstruction of oppressive structures that are very growing in the areas where science, with significant latency in Education as a promoter of anti-racist and anti-sexist educational policiesis carried out is carried out. The Forum of Black Women Mato Grosso, a public page available on the social network *Facebook*, is one of the channels that enunciates this deconstruction. The present research analyzes the activism articulated through the posts of this network, asking: What transitional codes are represented by the discourse that moves activism in the Forum of black women Mato Grosso? In this work, transitional codes are matched by an intermediate area between the production of materialized discourse and the meanings undertaken in the discursive positioning. Thus, the research in vogue aimed to analyze the posts, seeking to understand the relationship of these productions with the concept of black *weltanschauug*, a word of German origin that in Portuguese means black cosmovision. This concept is worked by the author Frantz Fanon (2008), given the support between the language and the collectivity, which suggests an inauthenticity in the identity worldview caused by colonization processes such as: discrimination, oppression and culture, by the representation of the self and in the conception of the process of ethnic representation in the projection of the self and the other. This idea is also anchored in the assertion that social identities are related to social injustice, racism and sexism based on Intersectionality studies. For data collection, we applied the netnographic typology and the systematization of data conceived by two decoders, proactive and reactive, (authorship), anchored in Critical Realism, Bhaskar (2006) specifically to identify the events in the posts during the cleavage process. Subsequently, we used the French Discourse Analysis methodology in the *Pecheutian* line to interpret the data. The study pointed out that the dynamics of the posted images is constituted by discursive patterns resulting from an expressive movement of very well delineated activism that indicates discursive articulations of insurgencies and resistances within a system of biopower in the order converted from the macro to the micro (social and subjective). Other research findings helped to characterize who these women are, the roles they play in the productions and the demands of these productions that constitute them as producers of networked knowledge.

Keywords: Activism on *Facebook*. *Black Weltanschauung* . Black Women. Speech of insurgency and resistance.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - FMNMT - Insubmissas Negras (Lélia Gonzalez).....48
Figura 2 - Post - Chamada para curso (Neusa S. Souza - FMNMT).....50
Figura 3 - Post FMNMT - Poemas Conceição Evaristo.....51
Figura 4 - Post FMNMT (Djamila Ribeiro).....52
Figura 5 - Post FMNMT (Carolina Maria de Jesus).....53
Figura 6 - Post FMNMT (Sueli Carneiro).....55
Figura 7 - A Formação Discursiva na Linha *Pecheutiana*.....62
Figura 8 - Produção de Sentidos.....67
Figura 9 - Post FMNMT - Profª. Vilma Moreira.....75
Figura 10 - Configuração de entrada no *Facebook*.....78
Figura 11 - Atalho para grupos e páginas.....78
Figura 12 - Etapas da pesquisa orientadas por setas.....88
Figura 13 - Estética de abertura da página FMNMT.....105
Figura 14 - Plataforma Google Fórum de Mulheres Negras MT.....106
Figura 15 - Audiência Pública na Assembleia Legislativa.....107
Figura 16 - Entrevista dia da Consciência Negra FMNMT.....109
Figura 17 - Status de *superfãs* no FMNMT.....110
Figura 18 - Apresentação da página FMNMT.....121
Figura 19 - Reunião de planejamento do FMNMT.....122
Figura 20 - Aniversário de 5 anos do FMNMT.....123
Figura 21 - Genocídio do povo preto.....124
Figura 22 - Economia solidária.....124
Figura 23 - Live Racismo religioso.....125
Figura 24 – Live: Tchá Cô Bolo Virtual.....126
Figura 25 – Live: Mulheres negras contra o racismo.....127
Figura 26 - *Live*: Mulheres negras em luta contra o *superencarceramento*.....128
Figura 27 – Post: Ancestralidade e autocuidado de mulheres negras.....129
Figura 28 - Negritudes Brasileiras.....130
Figura 29 - Dia da consciência negra FMNMT.....131
Figura 30 - Homicídio tem cor.....132
Figura 31 - Gladys Mae West.....133

Figura 32 - Racismo virtual……..…….....134
Figura 33 - Chamada pública de artigos para publicação.....136
Figura 34 - Mãe Bonifácia Guerreira.....137
Figura 35 - *Investiga menina!,* com a pesquisadora Lucely Moraes Pio.....138
Figura 36 - A visão Ubuntu.....150
Figura 37 - Estigmas da mulher negra no Brasil.....164
Figura 38 - Não existe estupro culposo.....173
Figura 39 - O processo discursivo.....214
Figura 40 - Racismo Virtual 24/01/2020.....222
Figura 41 - Autocuidado - desinversão.....229
Figura 42 - Dia da Consciência Negra - descolonização.....234

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Etapas da pesquisa por setas.....94
Quadro 2 - Comunidades e grupos categorizados por tipo de acesso.....95
Quadro 3 - Modelo geral de questionário para inserção na comunidade.....97
Quadro 4 - Regra geral para inserir nos grupos.....97
Quadro 5 - Os três níveis de Análise no RC.....113
Quadro 6 - Fontes das amostragens FMNMT.....115
Quadro 7 - Exemplo da dimensão intransitiva na pesquisa em voga.....120
Quadro 8 - Alinhamento de 18 amostras pelos decodificadores proativo e reativo.....140
Quadro 9 - Alinhamento de 18 amostras por decodificador de enunciado.....141
Quadro 10 - Cruzamento dos códigos proativo e reativo com os mecanismos e eventos.....142
Quadro 11 - Reconhecer: Real e o Realizado.....143

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Categorias das Amostragens do Fórum de Mulheres Negras MT.....111

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise do Discurso
ABPN	Associação Brasileira de Pesquisadores Negros
ANPED	Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior
CMC	Comunicação Mediada por Computador
EFLAC	Encontro Feminista Latino Americano Caribenhos
FBSP	Fórum Brasileiro de Segurança Pública
FMNMT	Fórum de Mulheres Negras Mato Grosso
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IE	Instituto de Educação
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LêTECE	Laboratório de Estudos Sobre as Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação na Educação
LGPD	Lei Geral de Proteção de Dados
MEC	Ministério da Educação
PPGE	Programa de Pós-graduação em Educação
RC	Realismo Crítico
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso

SUMÁRIO

PRÓLOGO **21**

INTRODUÇÃO **26**

1. SENTIDOS IMPULSORES: CONSTRUINDO A PESQUISA POR SETAS 33

1.1 Problematizando o campo da pesquisa **33**

1.2 O objetivo da pesquisa **36**

1.3 Mulheres Negras e o ciberespaço 38

1.3.1 As crenças da Eugenia arraigada pela ideologia do branqueamento 38

1.3.2 Da Discussão de gênero à chegada às redes sociais 40

1.3.3 As consequências do patriarcado e a luta para a emancipação da mulher ... 42

1.3.4 O enegrecimento do feminismo e a chegada às redes 50

1.3.5 Condições de produção no processo das postagens em rede 62

1.4 A análise do Discurso Digital pela linha pecheutiana: construindo os sentidos da pesquisa na perspectiva interseccional **65**

1.4.1 Análise do Discurso Digital e estudos Interseccionais 67

1.5 Construindo o caminho por setas **73**

1.6 *Facebook*: lugar do discurso **78**

2. SENTIDOS COMPULSORES: A CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA **87**

2.1 Netnografia: escolhendo as setas de orientação do caminho **87**

2.2 Etapas da pesquisa pela abordagem qualitativa *on-line* **92**

2.3 Procedimentos de captação e catalogação de dados orientados por setas **98**

2.3.1 Etapas da Radiografia, Clivação, Interação e Organização 98

2.3.1.1 Lesões Identitárias à Flor da Pele: descrição do processo de interação com as comunidades privadas e páginas públicas (dados isolados) 101

2.3.2 Mapeamento: Fórum de Mulheres Negras Mato Grosso.....108
2.3.3 Coleta e interpretação das amostragens: ressonâncias com o Realismo Crítico.....115

2.4 Catalogação das postagens com características *Weltanschauung* Negra: Decodificadores Proativos e Reativos.....122
2.4.1 Categoria 1 - Posts sobre a página FMNMT.....125
2.4.2 Categoria 2 - Posts de vídeos FMNMT.....128
2.4.3 Categoria 3 - Posts de folders de *lives* e eventos FMNMT.....130
2.4.4 Categoria 4 - Posts de Estética de Autoafirmação FMNMT.....133
2.4.5 Categoria 5 - Posts de denúncias e informativos FMNMT.....136
2.4.6 Categoria 6 - Posts de Publicações no FMNMT.....140

2.5 Experimento com as postagens: alinhar, cruzar e reconhecer.....144

3 - *WELTANSCHAUUNG NEGRA: DA* DESPERSONALIZAÇÃO DO "EU" PARA A RECONFIGURAÇÃO DO SER PELO PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO.....151

3.1 A ontologia do ser e o processo de despersonalização na *Weltanschauung* Negra.....151

3.2 Os Poderes Causais agindo no Real e no Realizado: ativismo em rede e os decodificadores Proativo e Reativo.....172

3.3 A reconfiguração do ser pela descolonização do conhecimento.....184

3.4 O ativismo em rede e o processo formativo de reconfiguração da *Weltanschauung*.....191

4 CÓDIGOS TRANSICIONAIS: GATILHOS EMOCIONAIS, IMAGEM E LINGUAGEM FORMANDO OS SENTIDOS NO REAL: A *WELTANSCHAUUNG NEGRA* PROATIVA.....198

4.1 Códigos transicionais.....198

4.2 Gatilhos emocionais, Imagem e linguagem: do espelhamento ao sono profundo da *Weltanschauung* negra.....205

4.3 A saída do espelho pela projeção de uma nova linguagem de imagem comunicada no Fórum de Mulheres Negras Mato Grosso 214

5. OS SENTIDOS DA *WELTANSCHAUUNG* NEGRA PROJETADOS PELO FÓRUM DE MULHERES NEGRAS MATO GROSSO NO *FACEBOOK*.....219

5.1 Corpus.....219

5.2 Os Três D. 225

5.2.1 A imagem como discurso de despertamento da *Weltanschauung* negra...225

5.2.2 A imagem como discurso de desinversão da *Weltanschauung* negra 233

5.2.3 A imagem como discurso de descolonização da *Weltanschauung* negra...240

5.3 Inferências discursivas.....246

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 252

7 EPÍLOGO.....256

REFERÊNCIAS.....258

APÊNDICES 269

Interfaces do Facebook – inserção nos grupos 269

A) Questionário para inserção nas comunidades.....269

B) Resposta para inserção em grupo privado NoFront - Empoderamento Financeiro.....270

C) Apresentação da pesquisadora para inserção nos grupos privados 270

D) Regras para inserção nos grupos 1.....271

E) Regras para inserção nos grupos 2.....271

F)Termo de autorização de uso de imagem, e respectiva cessão de direitos FMNMT 272

PRÓLOGO

A casa

Aprendi com a psicanalista e pesquisadora Adriana Rangel que o desejo nos move para a vida e que o encontro com o objeto faltoso é nossa busca constante, porém, nunca o idealizado é igual ao encontrado. No momento da construção desta tese, me lembro de resgatar o que Lacan chama de *Che Vuoi*[2] e assim buscar o meu objeto faltoso.

Nos anos iniciais da escola, nas aulas de artes, eu sempre desenhava uma casa com uma porta e uma janela do lado direito, ladeada por uma árvore bem grande e algumas flores à direita e por um sol enorme sempre sorrindo para mim à esquerda. Nunca quis desenhar outra coisa e demorei muito para entender por que desenho casa em tudo.

Em 1986, minha mãe me matriculou na escolinha de música dirigida pelo saudoso mestre Valdemar, que funcionava na Casa da Festa, em Poconé, minha Cidade Rosa, onde cresci e morei até os 16 anos.

A escolinha era uma espécie de conservatório musical que ensinava a tocar vários tipos de instrumentos, onde fui aprender a tocar violão popular pelo método de cifragem. Por intermédio de mestre Valdemar, conheci o grupo musical *The Animals* (1964), intérpretes da música *The house of the rising Sun*, um sucesso no mundo inteiro, gravado por Agnaldo Timóteo com o título “A casa do sol nascente”. E foi a primeira música por mim aprendida nas aulas de violão. Rememorando os desenhos de casa feitos nos Anos Iniciais, percebo que esta música deixou marca indelével em minha vida.

Hoje percebo que, desde a adolescência, algumas pessoas me questionam o porquê de eu rabiscar distraidamente uma casa em qualquer papel (caderno, agenda e até em guardanapo de restaurante) – hábito que mantive até conhecer a professora Adriana Rangel e a psicanálise no curso de Pedagogia da UFMT. Com essa professora, aprendi a buscar o significado das mensagens que o inconsciente nos dá por meio do *ato falho* – conceito da psicanálise relacionado à procura de

interpretações que leve o indivíduo a conhecer sua história ferida e, por consequência, a superá-la.

Como poucos negros brasileiros da minha geração, consegui ingressar em uma universidade púbica; quando eu já contava trinta anos e completava dez de carreira no magistério em 2002. O ingresso tardio encontra justificativa na falta de boas condições financeiras para investir em cursinhos que me ajudassem a passar no vestibular.

Em meu projeto de vida, jamais imaginei concluir o mestrado e muito menos empreender o doutorado, uma vez que o sonho da minha geração era chegar à graduação (e isso já estava de bom tamanho, levando em consideração a pirâmide social no Brasil). Nasci em uma família negra, empobrecida e adoecida pela ideologia do branqueamento que permeia a falsa democracia racial.

Fui criada em um lar tóxico, com fortes indícios de transtorno de personalidade narcisista no núcleo familiar. Aos 28 anos conheci meu pai biológico e só aos 31 anos pude fazer a troca do nome bizarro que carreguei na certidão de nascimento para Mory, como era chamada por amigos e familiares desde muito pequena.

As limitações inerentes às condições de vida de uma família afro-brasileira e empobrecida me negariam a chance de seguir com os estudos. Após anos de luta, finalmente consegui ingressar em uma universidade pública no curso que sempre sonhei: Licenciatura Plena em Pedagogia.

Logo após o ingresso na universidade, iniciou-se o processo de conhecimento de direitos e consciência racial que me proporcionou, obviamente, entrar em um contexto de reconstrução identitária que levou à ruptura da ideia fragmentada e alienada sobre o pensamento racial no Brasil. Isso gerou grande reflexo no meu território psíquico e subjetivo de pertencimento.

Em 2006, após o término do curso de Pedagogia, regressei cheia de expectativas à escola do setor privado em que trabalhava. Lá consegui sedimentar minha carreira profissional e desenvolver projetos importantes em várias áreas do conhecimento que geraram impactos diretos e indiretos na didática e na relação com os alunos. No entanto, a questão racial, em vez de alavancar o debate da

[2] Na teoria Lacaniana, Che Vuoi significa a estrutura de uma pergunta que o analista deve fazer a seu paciente: o que você deseja? Qual é a sua relação com o seu desejo? Portanto é a construção de uma estrutura argumentativa em uma análise.

diversidade, continuava sendo um desafio a vencer no modelo monoculturalista em que a escola ainda está inserida.

Nesse ambiente desfavorável ao debate racial e à construção de novas propostas, percebi que eu precisava abrir o espaço de diálogo e debate para uma mudança, tomando como exemplo minha trajetória de vida como mulher, negra, cidadã, profissional e formadora de opinião.

Para não sucumbir à inquietação e angústia geradas pela impotência de confronto com a escola – avessa e indiferente à realidade do racismo estrutural, intolerante e desdenhosa em relação às políticas afirmativas, pelo triste contexto de tratamento dispensado a alunos e professores negros e por tantas outras questões, retornei à mesma universidade em que me graduei e na qual me especializei nove anos depois.

Em 2015, ingressei no mestrado através do programa de pós-graduação em Educação, tendo o Cinema Étnico como meu objeto de pesquisa. O objetivo principal era ter um olhar especial para a subjetividade identitária do afro-brasileiro, em meio ao emaranhado de questões sociais e realidades complexas, a fim de desbravar com conhecimento de causa.

No mestrado, encontrando a resposta para as perguntas que fazia a mim mesma sobre minha história de vida, compreendi que sou a sub-representação que germina um corpo negro, em estado de latência encistada, emocional e psicológica provocado por um histórico social de amputação identitária, e novamente me deparei com o desenho da casa.

Quando comecei a aprofundar o conhecimento sobre as relações étnico-raciais, percebi que meu inconsciente projetava meu contexto familiar de abusos emocionais, racismo e ideologia do branqueamento. Essa projeção está permeada por imposições sociais que dão sustentação à língua e à coletividade de um país que retira de negras e negros o direito de sentir-se em “*casa*”. E eu, num estalo, percebi: não tenho casa e não me sinto em casa.

Quando terminei o mestrado, sabia que meu objeto faltoso não estava completo. Eu queria a minha casa, mas o que seria essa casa? O Brasil? Casa própria? Família? Identidade? Eu não tinha a resposta. O que era a casa para a mulher negra brasileira Mory Márcia de Oliveira Lobo? Responder a essas indagações foi o principal motivo para, nos estudos do doutorado, seguir com o objeto: a mulher negra brasileira.

Posteriormente à entrada no doutorado em 2018, muitas questões foram se desenrolando e a pesquisadora negra de gênero e tecnologias na Educação começava a compreender e a construir seu caminho, relacionando os dados estudados com sua própria vida.

Nesse processo, a relação com meu orientador Cristiano Maciel foi de grande importância para a construção da nova mulher negra que surgia. Aos poucos fui percebendo que era parte dos dados estudados e, graças à tomada de consciência de ter sido formada em um sistema colonizado, pude esforçar-me para descolonizar o conhecimento e reaprender o caminho de volta para casa.

Nesse caminho, me deparei com meu objeto faltoso em um emaranhado de questões subjetivas na minha casa *self*[3]. Mesmo sabendo a todo o momento que a tarefa de superar a janela vertical para empreender a construção de uma janela esférica me custaria um alto preço a pagar, era imperioso recuperar minha subjetividade e abandonar a *weltanschauug* (cosmovisão negra) – a "*self*" que foi criada em mim nos processos subjetivos construídos ao longo de todo um histórico de segregação, racismo e narcisismo – a fim de recriar uma nova *weltanschauug* negra pela essência verdadeira, a minha negritude.

Por causa desse contexto desenvolvi uma patologia chamada popularmente de vitiligo. Meu inconsciente ficou "*zangadinho"* porque eu não queria mais branquear, queria a minha casa verdadeira, minha cor de pele, meu cabelo, minha história, queria a ruptura do falso *self* que o sistema opressor criou em mim; porém eu não sabia o quanto seria difícil tentar romper e ao mesmo tempo escrever sobre isso. Ruah Seirei, meu psicanalista, sabe muito bem o perrengue que estamos passando.

Nesse percurso de pesquisa e experimentos pessoais, deparei-me com minha *casa essência,* que esbarra sobre minhas experiências e vivências subjetivas misturadas com o objeto de investigação. Vejo nas linhas desta tese o encontro com meu objeto faltoso ainda em construção e ao longo desse processo de cura das lesões identitárias e dores da alma.

Ao contrário do que sempre imaginei, a casa que eu buscava era a libertação da dor de uma *ferida codependente,* em cuja causa encontra-se o processo do abandono afetivo, as humilhações experimentadas durante toda a vida, a mutilação

[3] *Self* na psicanálise é um coadjuvante na formação da personalidade. Grifo como uma falsa imagem criada para se incluir em um determinado contexto.

da minha *Weltanschauung*, as microrrejeições às características da raça (cor da pele, tipo de cabelo), a neurose colonial, a insegurança identitária e, sobretudo a solidão. Com isso, compreendi que ainda estou em construção, estou aprendendo o caminho e as bases dessa construção e que sou uma obra inacabada... Mas, a casa dos meus sonhos:

> [...] é feita de ilusão, e vive sempre cheio de amor, amor e solidão. Na casa dos meus sonhos, virá para aquecer, minha alma sempre a te esperar, num lindo alvorecer. Eu sei que esse sol, vai um dia aparecer, na luz que existe em teu lindo olhar pra minha alma, iluminar. (ORIGINAL ALAN PRICE, *House of the rising sun*).

INTRODUÇÃO

> *Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela.*
> (Ângela Davis, 2016).

Para buscar um campo multidisciplinar que tivesse integração com outras áreas e fosse na direção de uma tese, cogitou-se fazer do ciberespaço um canteiro onde houvesse oportunidade para compreender os novos espaços (vias de comunicação, sociabilidade e inclusão) em que mulheres negras brasileiras estão inseridas e que Levy (1999) chama de novas formas de codificação do saber.

No que diz respeito à produção de conhecimento, é importante salientar o relevante papel do Laboratório de Estudos sobre Tecnologias da Informação e Comunicação (LêTece), do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, ao qual o projeto desta tese foi submetido.

Conhecimento esse que desempenha importante papel nesse movimento de empreender sobre o ciberespaço um campo próspero para embrenhar estudos e pesquisas sobre virtualidade e comunicação mediada por computador apresentando dados importantíssimos e de grande relevância no campo educacional.

Como movimento interacional com a pesquisa proposta, merece destaque o projeto “Meninas Digitais Mato Grosso”[4], parceiro do Programa Meninas Digitais da Sociedade Brasileira de Computação, criado em 2015 e coordenado na UFMT, com caráter motivacional no contexto de gênero e tecnologias orientado à educação com diferentes estratégias. O diferencial do Meninas Digitais está na execução de ações que incluem e valorizam a participação de meninas e mulheres, incluindo as negras, em contextos de interesse à pesquisa e extensão, jogando luz às questões de gênero e de cunho racial no Brasil.

Dessa maneira, o fio condutor que serve de fundamento à pesquisa em voga vem ancorada pela potência das redes/mídias sociais para à investigação científica na intencionalidade de fortalecer as bases teóricas relacionadas às relações raciais

[4] - Disponível em: www.meninas. sbc.org. br

no gênero feminino, contextualizando dados importantes para uma política educativa que necessita ser descortinada e transversalizada cada vez mais pelo viés da pesquisa científica.

Por essa razão, a proposta deste estudo transcende de um corpo em latência, de uma casa subjetiva em desconstrução e reconstrução conforme foi abordado na apresentação do prólogo. Desse modo, o enredo da pesquisa busca compreender por meio do ciberespaço (LÉVY, 1999), postagens da página *Fórum de Mulheres Negras Mato Grosso*[5], publicadas na rede social *Facebook*.

O fórum é articulado e frequentado por profissionais de várias áreas do conhecimento e por lideranças de movimentos sociais que trabalham o gênero feminino negro no Estado de Mato Grosso, no Centro-Oeste do Brasil.

Assegurando a circulação abundante de produções com caráter de luta social o FMNMT mobiliza mulheres negras de várias áreas do conhecimento e dentre elas pesquisadoras, agentes que consomem e produzem conhecimento. A página se propõe, entre outras possibilidades, a ser um meio de descolonização, resistência, articulações na sociedade civil, ativismo político e aprendizagens ativas para libertar a consciência do branqueamento histórico, direitos humanos da mulher, insurgências e resistências contra o racismo.

A pauta de problematização do trabalho inclui a identificação do contexto discursivo materializado nas postagens, os mecanismos utilizados para sedimenta-lo e a interrelação do contexto com a formação do pensamento racial e sexista no Brasil. Esses elementos são apresentados pelas abstrações dos dados do estudo submetidos a seguinte pergunta: **Quais códigos transicionais são representados pelo discurso que movimenta o ativismo no *Fórum das Mulheres Negras Mato Grosso*?**

Códigos transicionais referem-se a uma área intermediária entre o discurso e a interpelação que Pêcheux (1999), chama de assujeitamento. O assujeitamento é a forma como o sujeito se posiciona socialmente e materializa seu discurso no comportamento social, mas sem perceber os meandros e a fórmula desse discurso, ou seja, o que está no interstício do discurso empregado.

---

[5]-Página Fórum de Mulheres Negras Mato Grosso. Disponível em: https://www.facebook.com/search/top?q=f%C3%B3rum%20de%20mulheres%20negras%20mt>. Acesso em: 16 nov. 2019.

Dessa forma, a pesquisa *em voga traz* como objetivo analisar as postagens imagéticas, buscando compreender a relação dessas produções e posteriormente abstrair, comparar, verificar, refinar e teorizar para a generalização de leitura macro para o micro. Essas relações teceram como fio condutor para análise do objeto o conceito de *Weltanschauung* negra, palavra de origem alemã que na língua portuguesa significa cosmovisão negra e é proposta por Frantz Fanon (2008).

O fato da indicação do conceito na língua original se dá em razão do autor contextualizar desdobramentos da criação de uma forma de pensar manipulada pela relatividade histórica de atravessamentos pela linguagem e a cognição, linha de pensamento fortemente trabalha pelo estruturalismo francês. Fanon (2008) propõe a reflexão sobre a sustentação que há entre a língua e a coletividade referente a inautenticidade identitária causada por processos de colonização como discriminação, opressão e cultura.

Desse modo, o autor menciona com grande ênfase os processos de representação do "eu" em que o complexo de inferioridade para a *Weltanschauung* negra acentua um grau maior e expressivamente mais profunda do que a trabalhada pela da linha *adleriana*[6], pois o complexo de inferioridade mencionada por Fanon (2008) está ligado a uma dialética do "ser" e "ter" em que há uma *ideia definida* de inferioridade que não só coloca a pessoa de cor em posição inferior, mas a desumanização e a despersonalização como pessoa.

Desse modo, sabendo da profundidade do fio condutor desta pesquisa, para coleta e sistematização dos dados, utilizou-se a tipologia netnográfica (KOZINETS, 2014), e o Realismo Crítico (BHASKAR,1986), utilizado para a compilação dos dados e para a interpretação a Análise do Discurso de matriz francesa filiada à linha *pecheutiana* (PÊCHEUX, 1999).

A confluência dos dados evidenciou como a página do *Facebook*, campo de interesse da pesquisa, tornou-se uma vitrine de dados e um espaço de democratização do conhecimento fora do campo clássico das universidades. Neste espaço desterritorializado, mulheres negras – e muitas delas na função de pesquisadoras de variadas áreas científica, colocam em prática os desafios de descolonizar pensamentos e as identidades mistas das massas, utilizando-se do

[6] Alfred Adler (1870-1937), médico Austríaco, desenvolveu estudos sobre a inferioridade orgânica e criou teoria da inferioridade e compensação.

conhecimento baseado na diáspora africana, para responder a anseios e projetar realidades de quem nasce negro no Brasil.

Nota-se nessas produções postadas na página do FMNMT, o despontar de movimentos de resistência e enfrentamentos do sistema, no qual o conceito de Biopoder (AGAMBEN, 2004), é assinalado com fortes indícios de narcisismo patológico social. E atrelado a esses sintomas, as consequências do racismo estrutural constitutivo, assim como o adoecimento psicológico da população negra brasileira em decorrência do racismo estrutural, sexismo, machismo e misoginia.

No decorrer do desenvolvimento da tese, buscando um campo multidisciplinar que integrasse outras áreas, ocorreu pensar o ciberespaço como um canteiro de representações culturais de novos espaços de comunicação, sociabilidade e inclusão, no qual mulheres negras brasileiras de várias áreas de conhecimento fossem inseridas, em consonância com o que Lévy (1999) chamou novas formas de codificação do saber.

Verifica-se que as produções em rede propõem alterações estruturais para fins aplicáveis na educação e em outras áreas em que se faz ciência, além de empreenderem novos olhares e um trabalho intelectual ativo quanto ao uso do ciberespaço. Sob o aspecto de discurso, as relações étnicas se estabelecem em linguagens neste “lugar”, dando relevância à compreensão de determinados fenômenos comportamentais. Dessa forma, é possível perceber aprendizagens contextualizadas pelos discursos, nos quais ideologias são representadas nas diferentes formas de expressão e autorrepresentação em rede.

É nesse contexto que a pesquisa discorre sobre o modo dessas interações em rede propiciarem, entre outras oportunidades, o processo de descolonização pelo conhecimento coletivo, possivelmente uma cibercultura interseccional nas quais novas formas de relacionamentos, interligação de pessoas com diferentes culturas, e a pluralidade de conhecimentos, antes inimagináveis, com expressiva potencialização para novas identidades.

O trabalho é guiado pela percepção discursiva dessas mulheres na circulação de suas postagens em uma página (pública) virtual do *Facebook,* objeto de discussão e investigação, e pela formação de códigos transicionais permeados por gatilhos emocionais, imagem e linguagem.

Constata-se pelo material analisado que há uma desinversão de crenças relacionadas à eugenia e ideologia do branqueamento inculcado na Weltanschauung

negra de mulheres brasileiras. No âmbito das relações multirraciais essa questão é compreendida nesta tese como um problema social de expressiva gravidade, considerando que grande parte das aplicações tecnológicas está estruturada de um modo que não contempla o racismo como uma discussão grande relevância.

A relevância da pesquisa em questão deve-se à visibilidade de estudos da relação racial no país que enfatizam o discurso subjetivo das imagens que transitam no campo social. A observação dos discursos por meio de imagens da página do *Facebook* e sua forma de representar a identidade negra, em um movimento de insurgência, resistência e descolonização, foram analisadas e trabalhadas com a ajuda de Frantz Fanon (2008), Bell Hooks (2013), Lélia Gonzales (1984), Sueli Carneiro (2011), Nilma Lino Gomes (2002), Mariléa Almeida (2018), Tatiana Paz (2019), Ângela Davis (2016), Glória Landson-Billings (2006), Patrícia Hill Collins (1990), Kimberlé Crenshaw (2002), Aimé Césaire (1978), entre outros autores que estudaram à luz de seus contextos e períodos históricos, os sujeitos que viveram e ainda vivem em sociedades estratificadas.

Os estudos relacionados aos sintomas sociais inerentes ao racismo, machismo, sexismo, narcisismo e biopoder entre outros temas relacionados, serão ancorados nos estudos de Jacques Lacan (1999), Neusa Santos Souza (1983), Margareth Rago (2015), Theodor Adorno (1995), Antônio Gramsci (2011), Giorgio Agamben (2004), San Vaknin (2005), Marie- France Hirigoyen (2005), entre outros.

Desta forma, as abordagens levantadas a respeito das comunidades virtuais serão trabalhadas sob a ótica de Pierre Lévy (1996), Manuel Castells (2002), Stuart Hall (2015), Marcos Ros-Martin (2009), Cristiano Maciel (2008), André Lemos (2021) entre outros.

Para a captação e leitura dos dados, a pesquisa serviu-se da tipologia netnográfica de Kozinets (2014) e do estudo complementar de Roy Bhaskar (1986) no Realismo Crítico e outros autores que estudam pesquisas no ciberespaço como, Raquel Recuero (2009), Theóphilos Rifiotis (2016) e James Clifford (2002).

A metodologia Análise do Discurso (AD) na linha francesa de Michael Pêcheux (1983) contextualiza e interpreta as materialidades encontradas nos dados pelos estudos de Jacques Courtine (1999), Nilton Milanez (2015), Eni Orlandi (2009), Helena Brandão (2006), Fernanda Mussalim (2001), Caciane Medeiros (2009), entre outros.

Os caminhos delineados para a prática da pesquisa dialogam com as perspectivas dadas à comunicação em rede, instrumentalizada em sua pedagogia da imagem virtual dotada de expressão comunicativa e sofisticada, que tem se mostrado eficaz para interpretar os processos representacionais de condições existenciais nas produções investigadas.

A tese apresenta quatro capítulos estruturados em articular o conceito de *Weltanschauung* negra com o movimento de ativismo social de mulheres negras em rede atreladas à problematização que a pergunta inicial confronta, contextualizando o estudo na sobreposição social relacionada a opressão, dominação e discriminação.

No primeiro capítulo apresenta-se a construção da pesquisa em (6) seções: o problema; objeto do estudo; a articulação de mulheres negras; o ciberespaço; a reflexão e diálogo da AD na perspectiva digital e interseccional interligada à proposta do estudo apresentando os caminhos trilhados até chegar ao *Facebook* como lugar do discurso.

O segundo capítulo foi configurado em 5 seções especificamente para o processo de captação de dados pela netnografia, esmiuçando todo o passo a passo da pesquisa, abordagens, catalogação, etapas, dados isolados, o processo de mapeamento, coleta de amostragens e o experimento e a contribuição do RC para a compreensão dos dados trazendo os Poderes Causais, o Real e o Realizado (BHASKAR, 1986), tendo como suporte a autoria dois decodificadores Proativo e Reativo para a leitura das imagens.

No capítulo terceiro o foco foi direcionado à fundamentação teórica para a discussão sobre o processo de constituição da *Weltanschauung* negra no âmbito subjetivo e social, a relação dela no formato discursivo e os processos formativos de descolonização em (4) seções, contextualizando uma vasta e aprofundada literatura envolvendo autores da diáspora africana dialogando com autores que discutem questões sociais do ocidente.

O quarto capítulo empreende a explicar os Códigos Transicionais e todo o processo da formação discursiva nas imagens, desenvolvidas em (3) seções que contextualizam o desenvolvimento das materialidades discursivas na nova linguagem de descolonização digital.

O quinto capítulo dedica-se à Análise do Discurso contendo três representações imagéticas traçando o formato discursivo que está sendo postado na

página do FMNMT e os entrelaçamentos mais importantes identificados e interpretados pelo método.

Finaliza-se a tese organizando as inferências encontradas, apontando-as e caracterizando-as nas considerações finais. Ao fim, estão listadas as referências usadas no estudo e, na sequência, o *corpus* documental desenvolvido para a pesquisa.

A pesquisa pretende contribuir com a descolonização do conhecimento pela educação em um processo de redescobrir o caminho de volta para casa aqui representada como uma *Weltanschauung* negra libertada e ressignificada pelo conhecimento que localiza, conscientiza e liberta para uma nova concepção de si e do outro.

Dessa maneira, em determinados momentos da escrita, a autora pede licença ao leitor para falar em primeira pessoa por tratar de questões subjetivas, em que os dados contextualizados fazem parte da reconstrução da Weltanschauung negra da autora.

1. SENTIDOS IMPULSORES: CONSTRUINDO A PESQUISA POR SETAS

Neste capítulo, são apresentados o problema e o objeto de estudo que contextualizam os caminhos trilhados até chegar ao campo de pesquisa: o *Facebook.* Sentidos impulsores referem-se a todos os elementos que impulsionaram a construção da pesquisa dando projeção ao percurso, que foi se desenhando por setas como um marcador de experiências ao longo desse caminho.

1.1 Problematizando o campo da pesquisa

A problematização que envolve esta pesquisa organizou-se por meio de questões que abordam a escrita acadêmica e o nível de integridade dessa escrita tomando por base as linhas de pensamentos que são desenvolvidas em um trabalho de pesquisa.

Bhaskar (1998) chama a atenção de pesquisadores sobre as práticas científicas que engessam o objeto e o dividem como se fosse uma pizza, esquecendo que o todo é o mais importante. Considerando que a visão de mundo precisa vir antes da investigação, significa que não podemos abarcar no trabalho de pesquisa, questões ontológicas e tratá-las como se fossem epistemológicas.

Para o referido autor, os instrumentos do conhecimento são estruturas reais e fazem parte do mundo imparcial que desconsidera/transcende as nossas experiências ou o nível do nosso conhecimento. Trocando em miúdos, o conhecimento serve para compreender o fenômeno e não para medi-lo.

Pensando a investigação sobre gênero feminino negro no século XXI, o desenvolvimento dos suportes para a escrita no ciberespaço é fundamental a utilização de metodologias mais próximas do objeto. Rifiotis (2016) faz uma crítica às pesquisas em redes virtuais gerarem desconfianças em relação às novas metodologias comparando-as com a severidade das metodologias clássicas em relação a captação de dados e resultados.

Para ele, o pesquisador pode ficar inseguro no desenrolar da pesquisa e quando for transitar nos marcadores de aplicabilidade em terreno desterritorializado. O autor atribui a essa questão como movimento pendular porque observa que o

potencial analítico dentro de uma insegurança metodológica podem acarretar problemas nos resultados.

Na era tecnológica, é inegável a contribuição das redes sociais em estudos (apontados na seção 2.1) e interfaces de luta tendo como finalidade desnaturalizar o racismo e o sexismo através de um ciberativismo que resulte no alcance das massas. Nesse sentido, há um interesse por parte de mulheres negras, principalmente as pesquisadoras, em empreender conhecimento sobre questões étnico-racial e de gênero geradas nas redes sociais.

Com a amplitude tecnológica à disposição na internet, pesquisadores negros buscam por métodos de pesquisa que trabalhem técnicas desveladoras de narrativas de colonização do conhecimento; que não tratem a ontologia negra como uma epistemologia a ser medida, e sim a ser transversalizadas por mecanismos que desconstroem as bases fixadas desde o monoculturalismo social até as bases da naturalização da violência sexista que alimenta o processo de desumanização especificamente de mulheres negras.

O século XX foi marcado por expressivas mudanças estruturais na sociedade ocidental que, em meio a discussões sobre o declínio de estruturas sociais, geraram uma crise de referenciais epistemológicos de múltiplas dimensões. Com advento dessas mudanças, abriram-se questionamentos sobre o comportamento humano, ideias e consequências históricas que sedimentaram atitudes aviltantes da dignidade humana.

Hall (2015, p. 10) enumera algumas dessas questões: “[...] fragmentação de paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade”. Muitos pesquisadores dessas temáticas buscam compreender os fenômenos comportamentais observados na sociedade “moderna”, oriundos de ideias como a eugenia, ideologia do branqueamento, sexismo, racismo e democracia racial. E o fazem incansavelmente, tendo em vista o estrago causado por essa hegemonia extremista no decorrer dos séculos.

Com o crescimento dos ativismos, marcados por posições morais e extremistas, as produções discursivas em rede sociais virtuais têm produzido desafios e o contraponto da resistência nas condições de produção. É neste sentido que a linha de análise *pecheutiana* vem corroborar com o trabalho, pois trilha, em sua formação interpretativa, conflitos e confrontos ideológicos, desnudando contextos e estruturas sedimentadas (BRANDÃO, 2006).

Pensar na mulher negra brasileira se mostrou um grande desafio de pesquisa porque, em muitos momentos de leituras e escrita da tese, elementos e dados remeteram à lembrança de situações ocorridas com esta pesquisadora e mulher negra, a exemplo dos constantes do Dossiê da Mulher Negra brasileira (IPEA, 2013).

Esse documento evidencia as condições de vida em cinco referenciais: educação, mercado de trabalho, acesso a bens duráveis, tecnologias digitais e condições de pobreza/vivência de situações de violência. Todas essas questões estão diretamente relacionadas a condições de pobreza e a situações de violência.

Por experiência própria, sei que o universo acadêmico é algo muito distante para mulheres negras alcançarem, ainda que em sonho. Em geral, elas chegam ao ensino superior com mais de 25 anos de idade ao passo que mulheres brancas, com 18 anos. Esses dados são dos anos de 1990 a 2009 (IPEA, 2013).

Questionar esta árdua e injusta convivência das sociedades estratificadas, considerando todas as complexidades e singularidades desconsideradas pela hegemonia da cultura machista/racista e pela dominação de todo um sistema que não foi pensado para o corpo de cor que habito, é um desafio que exige constantes processos de desopilação e autoafirmação com o fim de superar a odisseia pastiche que o sistema opressor empreende para confundir seus oprimidos.

Fanon (2008) buscou, em seus estudos, uma análise subjetiva da mulher de cor e, em seu livro “Pele Negra Máscaras Brancas”, dedicou um capítulo significativo a essa análise. O autor identifica processos subjetivos construídos ao longo de todo o histórico dado à mulher de cor aos quais irá chamar de sequelas da “*weltanschauug* negra mutilada”. (FANON, 2008, p.54).

Partindo desse conceito, Fanon (2008) define um traço de neurose colonial no comportamento e no discurso das mulheres negras observadas por ele em seus estudos. Este traço que está ligado a uma imagem projetada e definida desde os desdobramentos do percurso da colonização até a eugenia.

Como resultado da ideologia do branqueamento e do racismo, mencionada reiteradamente em seus estudos, é possível localizar uma inautenticidade real da própria imagem. Isso quer dizer que não há autenticidade desse “eu” *self* que se mostra no espelho, mobilizada por conflitos inconscientes diretamente relacionada à formação identitária e um possível movimento de ativismo fragmentado por padrões

de comportamentos na *Weltanschauung* adoecida pela neurose colonial (FANON, 2008).

Desta forma, a problematização do trabalho ganha uma lógica investigativa de indicadores não só de cunho socioeconômico-cultural, mas de posicionamentos assumidos pelo discurso e por questões de segmentações subjetivas. Há também fatores psicológicos que ganham consistência na medida em que as condições dadas ao processo de formação identitária da mulher negra aparecem em suas produções discursivas no movimento ativista em rede.

Entretanto, os contextos que permeiam os trajetos históricos e sociais da mulher negra suscitam a seguinte indagação: **Quais códigos transicionais são representados pelo discurso que movimenta o ativismo no *Fórum das Mulheres Negras Mato Grosso*?**

Neste trabalho, denomina-se de códigos transicionais a limítrofe de uma área intermediária entre a produção do discurso e o posicionamento discursivo, do ponto de vista das interações e dinâmicas das postagens e os aspectos a serem analisados como, por exemplo, a linguagem.

Na psicanálise, Lacan (Roudinesco; Plon, 1998), utiliza do *Che Vuoi* para tratar da relação de cada um com o próprio desejo. Nesse sentido, a pergunta de uma pesquisa traz um problema que também envolve o desejo de saber, compreender, definir entre outros. Contudo, esse desejo é que vai estruturar a indagação da relação da pesquisa e retornar a ela em todos os momentos do caminho.

1.2 O objetivo da pesquisa

A pesquisa se organizou em analisar as postagens imagéticas, buscando compreender a relação dessas produções e posteriormente abstrair, comparar, verificar, refinar e teorizar para a generalização de leitura macro para o micro considerando as materialidades discursivas presentes nas postagens que transitam na página *Fórum de Mulheres Negras Mato Grosso* no *Facebook*.

A partir dessa conjunção destaca-se elementos para abordar como mulheres negras estão empreendo uma escrita de ativismo de combate ao conhecimento colonizado e aos mecanismos de poder. Essa escrita negra em rede foi dividida por

categorias de atividades no movimento da página empreendidas na maneira como elas produzem o discurso.

Conforme já foi dito, essas produções estão delineadas por códigos em uma condição intermediária nomeada de códigos transicionais dentro de um aparelhamento ideológico. Essas mulheres utilizam da página FMNMT como campo de produção dessas categorias que formam materialidades discursivas.

Na metodologia, essas categorias de atividades foram observadas e catalogadas pela netnografia tendo por intencionalidade desmembra-las e interpretar os códigos transionais, pela AD, ou seja, compreender a produção discursiva o os sentidos imbuídos no posicionamento discursivo levando em consideração as consequências do sistema de opressão dominação e discriminação.

A investigação foi tecida pelas temáticas para identificar as relações que se apresentaram por códigos explorando de maneira mais intensa a caracterização do discurso e as apropriações com características *Weltanschauung* negra. Nesse processo, busca-se localizar e reconhecer a *Weltanschauung* negra que está sendo manifestada e ensinada no *Fórum de Mulheres Negras Mato Grosso.* Em outras palavras, analisar se a representatividade ativista que produz conhecimento nessa página é capaz de produzir uma cosmovisão emancipadora. As conceituações se apresentam contextualizadas no capítulo 3 (três) deste trabalho.

Na próxima seção, há considerações importantes sobre os caminhos percorridos pelas mulheres, sobretudo pela mulher negra, em busca de voz, direitos e existência para o estado e a sociedade.

Será proposta uma reflexão sobre a complexidade e as interpretações inerentes ao pensamento desenvolvido no projeto de estado-nação, com destaque para as ciências sociais, que contribuíram para a formação de conceitos que levaram à categorização de raça e aos estereótipos constitutivos das relações raciais nas tessituras da busca por um espaço da escrita negra pelas redes sociais.

1.3 Mulheres Negras e o ciberespaço

1.3.1 As crenças da Eugenia arraigada pela ideologia do branqueamento

O foco principal desta pesquisa foi trabalhar mulheres negras em rede, no entanto não há como falar em mulheres negras sem resgatar o contexto histórico da formação do pensamento racial no Brasil assim como a discussão de gênero ainda que sem a intenção de aprofundar, pois a área das tecnologias se avoluma a partir do século XX.

Nos estudos de Japiassu, (1991), Skidmore (1976), e Stepan (2005), após a colonização no Brasil, teorias pseudocientíficas sedimentaram crenças sobre raças aplicadas em seres humanos tendo por base a pesquisa de Charles Darwin (1809-1882), pela teoria da evolução e seleção natural das espécies testadas em plantas e animais.

Dessa forma, essa teoria passa a ser fundamentada para seres humanos estabelecendo estudos das raças superiores e inferiores com forte movimento no século XIX, enveredado por uma política mística e irracionalistas e doutrinaria. Esse movimento ficou conhecido como darwinismo social.

Esse pensamento sedimentou crenças tendo como princípio a raça pura justificada por uma constituição de degeneração às raças puras em um cruzamento no qual as características individuais não são herdadas geneticamente. Essa teoria é implantada na mente do colonizado enraizando uma imagem inferiorizada para fins de dominação mental (LOBO, 2017).

> Constata-se que no Brasil essa imagem inferiorizada pelo processo de escravidão, por 358 anos (1530-1888) aproximadamente, cria no negro toda uma projeção de incapacidade intelectual, consequentemente social, que o faz ser moldado e dirigido pela supremacia branca utilizando como ponto estratégico o desejo de ser branco para ter capacidade intelectual como uma indução de conduta, que é o mesmo que governar o pensamento das pessoas e sua subjetividade. (LOBO, 2017, p. 24).

O pensamento racial no Brasil foi formado e sedimentado tendo por base a miscigenação de raças e evolução social por transmissão de caracteres adquiridos. A esse pensamento foi dado o nome de eugenia e foi criado por Francis Galton em

1883, conhecida como a ciência da hereditariedade. Esse pensamento, marca a era moderna com grande repercussão no meio científico ainda que no Brasil não fora realizada nenhuma pesquisa ou experimentos (LOBO 2017).

Stepan (2005) explica que a eugenia é um é um programa social que privilegia o controle direto da reprodução humana, dos métodos indiretos de melhoramento humano pela reforma do meio ambiente e esse pensamento foi assumido de forma sistematizada e densa na América Latina.

Para a autora, o povo latino sofreu grandes investidas difamatórias pelos eugenistas europeus, sedimentando a ideia de um povo degenerado, pois na perspectiva deles, o povo latino era visto como atrasado e degenerado.

Os estudos de Stepan sobre a eugenia na América Latina também tratam das origens e ecologias institucionais que apontam para essa ideia de interação com o "meio" propiciando alterações genéticas, que a autora destaca com ênfase entre a eugenia e as políticas sociais públicas. Essa eugenia, apresentada como flexível se comparada à dureza da eugenia anglo-saxônica, trouxe um olhar crítico da autora (STEPAN, 2005, p. 48).

Na América Latina, trabalhava-se a regeneração com ênfase na família na qual se destacava o papel da mulher como reprodutora com viés homogeneizador. A miscigenação era vista como aprimoramento da raça, com dois exemplos contundentes: ideologia do branqueamento e ideologia da raça cósmica[7].

A ideologia do branqueamento refere-se à integração dos negros via assimilação dos valores brancos e teve como objetivo propagar que não existiam diferenças raciais no Brasil e que todos aqui vivem de forma harmoniosa, sem conflitos. A isto deu-se o nome de democracia racial. Essa linha de pensamento projeta uma nação branca que, através do processo de miscigenação contribuiu para o apagamento do negro da nação brasileira pela violência e ideologia do branqueamento supondo-se assim que a opressão racial nas duas formas acabaria com a raça negra em um processo de curto prazo. (SKIDMORE, 1989, p. 81).

Esse ideal de nação, baseado no branqueamento, teve ênfase no Brasil desde os movimentos abolicionistas. Desenvolvida no México por José Vasconcelos, na

[7] **Ideologia da Raça Cósmica** (Teoria de José de Vasconcelos). Movimento que aborda o processo historicamente conhecido como mestiçagem, que se caracterizaria pela fusão entre as quatro raças que a antecedem: a negra africana, a vermelha americana – ou índia –, a amarela asiática – ou mongol – e a branca europeia. Esse movimento de fusão se daria a partir da ação de "ponte" da raça branca, ao invadir e conquistar vastas regiões do mundo. (ASCENSO, 2013, p. 3).

ideologia Cósmica, a ênfase é na fusão das raças como, por exemplo, o mestiço. Os dois exemplos têm por base a desvalorização das raças negra e indígena. A ecologia institucional também é apontada referindo-se a grupos profissionais da época que eram envolvidos e orientados pela ideia da eugenia nas mais diversas bases estruturais de cultura e política.

No início da República brasileira, o determinismo racial ainda não era institucionalizado como nos Estados Unidos. Porém, não foi necessário criar uma legislação, as relações no sentido vertical entre brancos e pretos foram se constituindo normalmente e, assim, a ideologia do branqueamento foi se estabelecendo na busca de uma definição mais autêntica da nacionalidade brasileira tendo por base a democracia racial.

Neste sentido, a marca estereotipada do físico do negro, tão importante para a sua formação identitária, passa a ser a marca para a mutilação dessa subjetividade ontológica que o coloca em insegurança constante quanto ao objeto de sua cor relacionada a sua humanidade questionada pelas circunstâncias desse deslocamento objetal em que se vê em angustiante questionamento: o que sou eu? Humano ou animal?

A incorporação desses códigos culturais de inferioridade racial se faz presente com força maior quando a eugenia chega ao Brasil apoiada por referências pseudocientífica, consolidada pela pseudoelite brasileira, na ideia de superioridade antes por via hierarquizada e, depois, como a desculpa ideal para justificar a prática da escravidão e suas atrocidades (STEPAN, 2005, p. 54).

Todo esse histórico da formação do pensamento racial no Brasil desemboca na discussão de gênero, no qual foi dado à mulher negra um “lugar” de subjugação e subrrepresentação sob a tutela da eugenia e as bases da ideologia do branqueamento.

1.3.2 Da Discussão de gênero à chegada às redes sociais

Nesta subseção contextualiza-se uma elementar reflexão inicial do processo de subjugação da mulher no contexto macro e em seguida os recortes para o século XIX trazendo o início do movimento de resistência até chegar ao século XX com a revolução tecnológica.

Empreender um trabalho científico que dê enfoque à mulher, sobretudo à mulher negra, há de se esperar que ele comece pelas experiências e mudanças de pensamento ao longo de anos de marginalização e opressão. Somente uma consciência crítica é capaz de abrir caminhos para uma possível construção e interação, sobretudo levando em consideração, inclusive, os processos históricos inerentes a esse contexto.

Os estudos da historiadora Gerda Lerner (2019), assinala o histórico do patriarcado tendo como estágio de desenvolvimento na pré-história, hipoteticamente na passagem do período paleolítico, para o neolítico. A pesquisadora afirma que a informação trazida pelo trabalho de antropólogos etnógrafos tem por base artefatos encontrados e entre eles, imagens que denotam clãs tribais na Mesopotâmia revelam que nessa era os grupos nômades eram liderados por mulheres e essas mulheres eram tratadas como divindades, ou seja, eram deusas.

> A servidão sexual religiosa de homens e mulheres pode datar do Período Neolítico e provir de vários cultos à Deusa-Mãe ou à chamada Grande Deusa em suas várias manifestações. As evidências arqueológicas da existência de estatuetas femininas, com ênfase em seios, quadris e nádegas, são abundantes em toda a Europa, no Mediterrâneo e na Ásia Oriental. Em muitos lugares, tais estatuetas foram encontradas em locais que os arqueólogos interpretaram como sendo santuários, mas não temos como saber de que maneira essas estatuetas eram usadas ou adoradas. (LERNER, 2019, p.181)

Constatam-se nos dados levantados pela autora que a mulher possuía status de domínio matriarcal, comparada com a terra que produz frutos, pois além de procriar, alimentava o próprio filho e era responsável pela agricultura, alimentação, fogo e vestimentas de todo o clã. Todas essas questões eram associadas a religiosidade orientadas pelas estações do ano e fases da lua. Ao homem era dada a função de caçar e guerrear, mas quem detinha o poder era a mulher.

Freud (2012-2014), na sua obra Totem e Tabu, trata de três preceitos que sedimentara a derrubada da mulher do poder pela força, nascendo assim a era patriarcal da dominação masculina. No primeiro tabu, criam a paternidade e resumem a mulher a um homem só para garantir a participação deles na procriação. No segundo tabu, a mulher deve se casar virgem, ter um homem somente e no terceiro tabu a proibição de matar o pai, casar com a mãe e a irmã, aqui entra o complexo de Édipo nas fases psicossexuais trabalhadas pelo autor.

Constata-se na mesma obra do autor que, o patriarcado cria as leis para estabelecer a ordem e punição com morte para quem infligir essas leis, a ideia de matar para manter a lei dimensiona a luta para combater qualquer tentativa de emancipação da mulher. Logo, começaram a aparecer também deuses masculinos e o primeiro foi o sol. Nesse momento também nasce a cultura do estupro, tomar a mulher à força, perseguição às religiões matriarcais, grandes massacres que gerou o nome de idade média helênica como idade das trevas.

A queda do matriarcado gerou a mulher um alto preço de subjugação ao homem, gerando contextos históricos e sociais de grandes impactos na forma de pensar e ver o mundo, pois na mudança da ordem matriarcal para patriarcal houve um deslocamento no modo de vida no campo das relações já que o poder das mulheres foi tomado à força bruta.

1.3.3 As consequências do patriarcado e a luta para a emancipação da mulher

Partindo para o século XIII e XIX, pensa-se então em mulheres que construíram parte expressiva da força de trabalho; responsáveis por uma parte considerável do lucro do capital de seus países de habitação; mas, que contradizem os papeis hierárquicos sociais que lhes foram impostos por ideologias acarretadas a si e aos seus, por consequência do seu histórico social nas relações de poder (DAVIS, 2016).

Como a proposta desta pesquisa é voltada para o gênero feminino negro, foi necessário uma busca de trabalhos e constatou-se que o tema aparece expressivamente nas ciências sociais, com destaque para os estudos com base em raça, gênero e sexismo (LOBO; MACIEL, 2021), após levantamento do número de trabalhos publicados nos últimos vinte anos, em diferentes repositórios: revistas científicas importantes, banco de dados da CAPES e nos grupos de trabalhos (GTs) da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped); *Google* Acadêmico, na Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN), entre outros.

Compreende-se que, a partir desses estudos, foi possível desmontar muitas ideologias pseudocientíficas advindas do sistema patriarcal a respeito da mulher no seu contexto social. Para exemplificar, veja-se o exemplo citado pela historiadora

Margaret Rago (2016) referente à afirmação do médico italiano, psiquiatra e eugenista Césaire Lombroso (1835-1909): a mulher era um ser inferior, menos inteligente e que o prazer sexual daria a ela o atributo de degenerada inata.

Esse determinismo biológico custou à mulher um alto preço histórico na chamada sociedade moderna. Nesse contexto, se intensifica a ideologia da domesticidade, que enclausura a mulher na prática do lar e no papel da maternidade, com o argumento de que as diferenças físicas e biológicas são a confirmação de sua vocação para a maternidade, e a ordem de seus deveres era: lar, família e pudor (RAGO, 1985, p.32).

O corpo feminino apontado como inferior é excluído da esfera pública e do exercício da cidadania. Tudo contribuía para a negação da autonomia da mulher e da própria subjetividade, ou seja, há toda uma ideologia que confina a mulher em uma vida de privação.

De acordo com Rago (1985, p.56), “na ideologia da domesticidade, a valorização do privado é literalmente endossada à esfera do privado, nesse momento é santificada, sacralizada a boa esposa recatada do lar”. Nesse contexto, o grande conflito que se instaura é a assunção de uma identidade desconhecida para a mulher, que lhe trará perdas subjetivas e que vai intensificar o peso de não ser representada nesse modelo de identidade na qual era obrigada a viver.

A autora enfatiza também que as áreas de estudos feministas de gênero cresceram imensamente e dotou-se do passado essencial para a construção da identidade e para a própria questão da cidadania. A crítica à sociedade capitalista e à cultura de massas implica, inclusive, a questão de gênero.

Rago (2016) reitera que todos esses acontecimentos históricos não aconteceram sem críticas e resistências durante a formação da sociedade burguesa. Nessa época, também houve grupos de pessoas que questionavam, denunciavam e contestavam esse formato social, porém faltou o acesso a essas informações e faltaram os espaços para a diversidade na história monoculturalista de uma só versão.

Os estudos da antropóloga argentina Rita Segato (2006), da Universidade de Brasília (UNB), apontam que as reivindicações das mulheres incomodaram toda uma estrutura patriarcal machista e culminou em retaliações contra as feministas, na forma de violência verbal, como associá-las a estereótipos e estigmas. Esses estereótipos negativos sobre a mulher começam a circular constitutivamente pelo

meio social (feias, recalcadas, mal amadas, sapatão, mulher-macho, macho-fêmea, entre outros).

Mulheres das mais variadas áreas, de diferentes graus de escolaridade, raça, etnia e religião foram à luta por seus direitos. Essa reação resultou, nos dias de hoje, em diversos movimentos feministas com pluralidade de bandeiras, desencadeando heterogeneidade de visão: feminismo branco, negro, indígena, lésbico, radical, terceiro-mundista, cultural, marxista, anarquista, socialista, comunista, pós-estruturalista e, obviamente, sem uma homogeneidade nas interpretações (RAGO, 2016).

Esse contexto de pluralidade de bandeiras de luta tem sedimentado críticas contundentes a respeito das ideologias feministas e da institucionalização do feminismo. Essa crítica fundamenta-se em afirmar que algumas linhas da primeira e segunda onda do movimento perdem sua radicalidade quando fazem concessões ao estado em troca de políticas públicas.

Nesse sentido, Segato (2015) ressalta que somente as políticas públicas não irão resolver a dominação masculina. Pesquisas apontam que nunca houve na história tamanha violência contra a mulher como o feminicidio deste tempo:

> Entre 1º de janeiro e dezembro de 2007, aproximadamente 369 mulheres foram mortas em Pernambuco. De 2002 a 2006, ocorreram 1.512 assassinatos de mulheres. São vítimas principalmente dos maridos, namorados e ex-companheiros. A maioria é pobre, negra e tem entre 15 e 24 anos, mesmo perfil dos homens vítimas de homicídio no Estado. Por sua vez, o relatório da USP/Comissão Teotônio Vilela, com base em dados do Sistema Único de Saúde, mostra que 1.428 mulheres foram mortas no Estado entre 2000 e 2004 [...] o índice é "altíssimo" -, se mantém estável: entre seis a sete mulheres em 100 mil habitantes são assassinadas por ano. A média nacional é de quatro por 100 mil [...], uma combinação de fatores explica a maioria dos homicídios no Estado: a cultura da honra, da masculinidade, aliada à alta disponibilidade de armas de fogo [...] são, em grande medida as causadoras (SEGATO, 2015, p. 166).

Em outra passagem, Segato (2015) complementa esses números alarmantes de homicídios, permitindo a reflexão sobre a condição de desigualdade social das mulheres negras no país:

> A título de exemplo, em 2000, 7% dos homicídios ocorridos no Brasil era de mulheres; em 2010 esse percentual aumentou para 16%, segundo a pesquisa recente da Fundação Perseu Abramo. Boa parte destas mulheres mortas e agredidas ainda faz parte de um contingente de desiguais, na medida em que pertencem à condição racial negra e aos segmentos populares, o que indica seus pertencimentos na ordem social como

> simbólica. Somam-se a estes dados, as estatísticas da SPM, obtidas pela Central de Atendimento à Mulher (Disque 180) e referentes ao primeiro semestre de 2014: aproximadamente 90% das denúncias são feitas pela vítima; 70% destas sofrem lesão corporal leve e ameaça; 60% dos agressores são os próprios cônjuges ou companheiros das vítimas; 50% destas possuem filhos; e 70% das vítimas sofrem agressões diariamente; por fim, 33% delas relacionam-se com o agressor por tempo superior a dez anos (SEGATO, 2015, p. 112).

Se antes da revolução feminista as mulheres não tinham história, à exceção de algumas personagens que se destacaram, hoje há uma vasta produção historiográfica feminista feita por mulheres que saem da invisibilidade. No mundo inteiro, estudos e pesquisas voltadas para a mulher têm a intenção de deslegitimar, desmistificar e desmontar formas de poder e contradizer afirmações pseudocientíficas relacionadas às mulheres (RAGO, 2016).

Neste sentido, a sociedade da informação vem contribuindo com pesquisas em suas variedades de interfaces que ajudam a romper estruturas, sexistas e racistas que caracterizaram também mudanças comportamentais nas relações sociais. O que gerou estudos científicos sobre determinados movimentos de expressiva visibilidade na forma de se relacionar com o outro como será mostrado mais adiante através das páginas e grupos observados nesta pesquisa.

No percurso do trabalho em rede, foi possível perceber o quanto essas informações e o conhecimento de base chegam às massas com expressiva rapidez e o quanto são dinâmicos em visibilizar essas informações, contextualizá-las e transversalizá-las como interfaces de ativismo.

O portal do Geledés Instituto da Mulher Negra[8], por exemplo, apresentou em 2020 o mapeamento de uma pesquisa feita pela Data Folha no Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). Os dados revelam violências invisíveis aos olhos da sociedade e, estatisticamente, mulheres negras são as maiores vítimas: morte por agressão (62%); agressão nos ambientes de trabalho (43%); enquanto as brancas respondem por 35%; violências sutis (70%).

No decorrer do trânsito pelas redes, verificou-se que o Geledés está em variadas redes e o *Facebook* é uma delas. Uma boa notícia é que esses pontos de presença na rede permitem que muitas publicações que partem do site Geledés tenham compartilhamento dinâmico e intencional ao alcance dos internautas. Nesse sentido é inegável a contribuição das redes sociais nesse processo.

Constata-se que a chegada da era tecnológica e digital ocasionou inseguranças na sociedade no momento em que ela teve que lidar com as novas tecnologias e com mudanças significativas para a aquisição de novas habilidades, conhecimentos, novas formas de se relacionar e comunicar com outras pessoas (BAUMAN, 1998).

Porém, ao contrário do que se pensava há vinte anos, hoje esses espaços são vitrines de conhecimento e lutas de classes. No atual momento, as pessoas são "livres" para pensar em seu projeto de vida, sua identidade, mesmo que isso as leve à condição de incerteza. (BAUMAN, 1998)

A utilização das mídias sociais rompeu fronteiras no convívio com diferentes culturas, novas formas de lidar com novos conhecimentos em uma dimensão social. Para Castells (2002), as redes de relacionamentos virtuais objetivam fomentar as relações com o uso da tecnologia. Dessa forma, a interação firma os vínculos facilitando as ideias e discussões.

É necessário compreender-se que a tecnologia não determina a cultura (LÉVY, 1999; KOZINETS, 2014) uma vez que ela é codeterminante e coconstrutiva, o que significa que se tem a cultura definida em padrões sociais e a moldam-se pela tecnologia.

A cultura e a tecnologia caminham em complexidades em que cada elemento está presente nos espaços ocupados, e assim, de acordo com as necessidades, elas moldam e remoldam os espaços e as identidades:

> [...] Com nossas ideias e ações, escolhemos tecnologias, as adaptamos e moldamos. Para esse acontecimento também é essencial acrescentar que nossa cultura não controla inteiramente as tecnologias que nós usamos. O modo como a tecnologia e a cultura interage, é uma dança complexa, um entrelaçamento e um entretenimento. Esse elemento da mudança tecnocultural está presente em nossos espaços públicos, em nossos locais de trabalho, em nossos lares, em nossos relacionamentos e em nossos corpos - cada elemento institucional com todos os outros (KOZINETS, 2014, p. 28).

A partir do século XX, muito se tem perscrutado, precisamente nas últimas décadas, sobre uma possível crise identitária nas relações sociais causadas pela globalização. O impacto dessas mudanças abriu espaços para o pensamento da

[8] GELEDÉS. **Violência contra a mulher.** Disponível em: https://www.geledes.org.br/questoes-de-genero/violencia-contra-mulher/. Acesso em: 23 out. 2020.

desterritorialização[9] em dimensões espaciais e temporais em que a própria noção de real e virtual torna-se objeto de amplas discussões e relativizações.

Hall (2015) postula que essas mudanças fragmentam paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade e que no passado pareciam apresentar solidez. Quanto às transformações que estão também mudando nossas identidades pessoais, o autor as chama de deslocamento.

Esse deslocamento é a perda do sentido das coisas em si. Há uma relação intensamente profunda entre a identidade e o processo de representação, em que a moldagem e remoldagem das relações espaço-tempo, em variados sistemas de representações, têm efeitos profundos sobre a forma como as identidades são representadas:

> O que está sendo criado é um novo espaço cultural eletrônico, uma geografia "sem lugar" da imagem e da simulação. Essa nova arena global da cultura é um mundo de comunicação instantânea e superficial em que os horizontes de espaço-tempo foram comprimidos e desmoronaram [...] (HALL, 2015, p. 41).

Em outras palavras, Hall (2015) admite que a força da era tecnológica esteja moldando novos tempos e exercendo domínio sobre novas dinâmicas e novas configurações entre o espaço global e o espaço real. Nesse caso, pode-se supor que são múltiplas localidades de um novo sistema global em que as identidades são desvinculadas do pertencimento e alimentadas pelo imaginário chamado de ciberespaço.

É relevante compreender que as mudanças decorrentes do advento da era tecnológica nortearam acontecimentos de reconfigurações processuais. Assim, novos suportes surgiram para estruturar outras formas de pensar e ver o mundo onde novos elementos surgem para a releitura da história. A formalização de fatos importantes ganha novas roupagens, novas interpretações e novas identidades.

No movimento dessas novas roupagens e novas interpretações, encontram-se mulheres negras engajadas em luta genuinamente étnica pela legalização da própria vida porque, desprovidas de direitos, elas querem mudar o estado de anomia social e o desrespeito com a própria existência. Essas mulheres buscam, na

[9] Pode ser definido como uma quebra de vínculos, uma perda de território, um afastamento dos nossos territórios, havendo assim, uma perda de controle das territorialidades pessoais ou coletivas, uma perda de acesso a territórios econômicos, simbólicos.

.

cosmovisão africana, uma escrita que as represente e traga de volta a sua identidade verdadeira.

Nos estudos de Davis (2016), encontra-se um mapeamento inicial da escrita negra no seu livro “Mulheres, Raça e Classe”. Nele a autora não só desnuda a opressão exercida sobre a mulher, como levanta um grande questionamento social e subjetivo sobre a imagem deturpada da mulher, propositalmente construída ao longo do tempo, visando à desumanização imagética, social e subjetiva.

Davis (2016) parte do processo escravagista para contextualizar a luta das mulheres de cor americanas e assim desconstruir a imagem desumanizada dos combates por elas travados contra seus senhores no fluxo das tentativas de abolição. Cumpre registrar que não foi encontrada essa mesma proporção de cosmovisão na dimensão histórica no caso das mulheres brasileiras.

O Brasil do século XXI apresenta-se mundialmente como um país ainda marcado pelas desigualdades sociorraciais, e a partir das lutas dos movimentos sociais, principalmente o movimento negro, foram produzidos estudos e pesquisas que contestam a falsa democracia racial e a eugenia. Durante muito tempo, prevaleceram, na sociedade brasileira, os estereótipos generalizados aplicados à pessoa negra que foram assumidos por padrão social.

Ao falar sobre a identidade negra, Gomes (2002) trata os estereótipos padronizados prejudiciais para a construção social. Pelo histórico, a identidade se apresenta fragmentada em processos de apropriações imagéticas que não fazem referência à sua essência. No entanto, é sedimentada com base em padrões impostos e constitutivamente apropriados e praticados nas relações sociais como, por exemplo, padrão de beleza branco que obriga mulheres negras a usarem produtos de alisamento dos cabelos, para serem aceitas no meio branco.

De acordo com os estudos de Nogueira (1998), a ideologia do branqueamento não somente foi ensinada culturalmente como fez a associação dos traços negroides a algo ruim no caráter da pessoa. Para o referido autor, o negro brasileiro é desencorajado de qualquer pretensão à ascensão social por sua própria condição e isso o coloca em estado de autoinibição e de moderação no próprio nível de aspiração do que lhe é negado.

> Sob o ponto de vista negativo, o preconceito atua tanto objetivamente, através dos obstáculos que se lhe opõe à mobilidade social, como subjetivamente através do desencorajamento que tende a resultar na ameaça de humilhação que pende sobre ele e que se torna tão mais eminente quanto mais se mostra ambicioso e arrojado (NOGUEIRA, 1998, p. 201).

Após a implementação da Lei nº 10.639/03 no currículo escolar e a demanda por políticas afirmativas possibilitou à população negra brasileira o acesso à escolarização, viabilizando a igualdade de oportunidades, assim como o reconhecimento de sua história e contribuição na formação do Brasil.

Esses avanços são atribuídos às lutas do movimento negro, líder dessas discussões sobre as relações étnico-raciais no âmbito educacional. A intenção é fortalecer a desconstrução da ideologia do branqueamento, na qual acredita-se que a educação se torna grande interface para que esse processo avance em dinâmicas de multiplicidade epistêmica.

Outro marco de destaque é a perspectiva social e educacional da luta de mulheres negras que levam a pensar nas valiosas contribuições dadas à educação de crianças, adolescentes e jovens. A partir de um movimento ontológico de desconstrução ideológica, pode-se avançar em uma nova forma de se relacionar com o respeito à diversidade.

A consolidação do movimento negro coincide com a revolução tecnológica das redes sociais quando questões raciais ganharam expressiva visibilidade nos meios de comunicação e alavancaram o reconhecimento e a valorização social em setores importantes (meio artístico, esporte, política, universidades) e nas ações afirmativas realizadas.

Os contextos e demandas em que os discursos da mulher, consumidora e produtora de tecnologias em rede estão inseridos instigam a refletir sobre a imagem que foi estereotipada e aviltada por um conjunto de ideias impostas socialmente.

Partindo do pensamento de que modelo de pesquisa acadêmica e as estruturas do espaço digital ainda caminham em uma abordagem monocultural representada pelas relações de poder, acaba por sucumbir esta mulher e o conhecimento para ela passa ser um limbo epistemológico que sistematicamente irá fugir a sua referência, apoiada em uma ancestralidade africana.

Percebe-se, deste modo, a existência de uma inegável crise existencial que se dá nesse processo. Isso decorre da ascensão de imposições de padrões sociais

descontextualizadas da realidade das mulheres negras, gerando a necessidade de uma reconstrução imagética de afirmação dada pela exaustão do mecanismo de dominação racial e machista.

Contra essa dominação intensifica-se a resistência em favor de relações esféricas, contempladas na luta por diversidade. Essa luta começa pelos movimentos sociais, mas a pedra angular é lançada quando mulheres negras se inserem na universidade e passam a movimentar uma escrita para a descolonização e luta por direitos.

1.3.4 O enegrecimento do feminismo e a chegada às redes

A escrita negra assinala um grande momento histórico no movimento feminista, no qual mulheres negras no século XIX se lançam em busca de emancipação humana em meio a reivindicações e confrontos sob o signo da violência e sua coabitação de armas baionetas dados no sistema de poder (FANON, 1968).

De acordo com Velasco (2012), o movimento feminista negro surgiu em meio a tensões dos movimentos abolicionistas e sufragista tecendo como fio condutor a junção de racismo e sexismo tendo em vista que as mulheres negras não eram contempladas na discussão e, sendo assim, empenharam luta por emancipação trazendo as diferenças de gênero e raça para a luta.

A autora destaca como as principais pioneiras do movimento, Ida Wells e Sojourner Truth, formaram as bases de estratégias e mobilizações, geradoras do pensamento do feminista negro, engendraram alianças com homens negros e lutaram pelo poder do voto, contra os linchamentos de crimes e delitos que não cometeram em um movimento de grande latência para a época. Foi quando surgiram também as primeiras obras acadêmicas de mulheres negras entre os anos de 1890 a 1892.

> La alianza racial entre hombres y mujeres negras crecía en paralelo a la gran brecha que se abrió en el movimiento sufragista. Los clubs de mujeres negras fueron excluidos; e incluso en las grandes marchas por el sufragio femenino, las líderes (blancas) del movimiento asumieron la política segregacionista instando a las mujeres negras a caminar de forma separada. Esta vivencia constante del racismo incluso entre las intelectuales negras de los grupos más acomodados sirvió, también desde el principio,

> como nexo de unión con las mujeres negras de clase trabajadora, creando un vínculo interclasista que ha diferenciado al feminismo negro del feminismo blanco de origen burgués. Y que además está en la base de esa conciencia de hermandad [sisterhood] que reclaman para sí las teóricas del feminismo negro. (VELASCO, 2012, p. 32)

A citação de Velasco (2012) corrobora para a compreensão de que o movimento feminista negro traz em seu histórico a luta dentro de uma segregação imposta pelo movimento das mulheres brancas, questões raciais e de consciência de classe, além da reclamação por uma identidade reconstruída coletivamente.

Nesse sentido, a autora menciona que os primeiros textos sobre o feminismo negro nascem nos Estados Unidos banhados por uma epistemologia de consciência política e empoderamento e onde começam a produzir literaturas que desmontam os discursos sexistas, machistas e misóginos trazendo em sua base conceitual a diáspora dos estudos culturais, novas narrativas de um discurso pós-colonial e identidades diaspóricas. (VELASCO, 2012)

No Brasil esse movimento foi catalogado nos estudos de Costa (2020), que assinala o início do movimento por volta de 1985. A autora traça o III Encontro Feminista Latino Americano Caribenho, (EFLAC em Bertioga, São Paulo - Brasil), como marco inicial pela qual a agenda de discussões girou em torno das questões de raça e classe e formas de inclusão de mulheres negras pobres nas discussões.

A autora salienta em seu estudo que foi a partir de Bertioga que começaram a surgir os primeiros coletivos de mulheres negras, articulação de eventos a níveis estaduais e nacionais. Nesses eventos, toda uma agenda dos principais problemas enfrentados por mulheres negras no Brasil eram debatidos, assim como propostas e estratégias de luta.

> Podemos dizer que as Organizações de Mulheres Negras brasileiras trouxeram para a berlinda do debate feminista, e para o grande público nacional, a problemática da raça a fim de entender os atravessamentos que compõem o quadro social brasileiro: pensando os processos de opressões diversas com base, inclusive, na discriminação racial referente à população negra. E, portanto, com mais especificidade, o modo como as subjugações e subalternizações se aplicava, de forma muito mais cruel, sobre o corpo e a psiquê das mulheres negras. (COSTA, 2020, p. 6).

O que a autora sugere no excerto acima, assinala que, anteriormente ao surgimento do movimento feminista negro, já havia um debate em torno da mulher negra. No entanto, foi no movimento feminista que se estabeleceu as pautas que

envolviam a questão racial e a composição de situações relacionadas ao sofrimento de mulheres negras subjugadas.

Job (2020) lembra que, muito antes desses movimentos acontecerem, outras mulheres abriram caminho para esse processo de luta, uma delas foi Maria Firmina dos Reis, a primeira romancista negra do Brasil na era oitocentista. A autora relata que nas linhas da romancista havia toda uma discussão sobre a escravidão e a condição social de mulheres brancas e negras.

A autora denomina a coragem de Maria Firmina como uma mulher a frente de seu tempo, imbuída de um discurso antiescravocrata no qual já se tratava de direitos humanos lançando questionamentos que expunham a desumanidade da época com os escravos e a crítica aos negros que reproduziam o discurso do opressor:

> Neste contexto, pode-se concluir que Maria Firmina dos Reis não só denunciou a chaga do seu período histórico e literário como também sutilmente tentou desmontar alguns argumentos que, (in) diretamente sustentavam a escravidão no Brasil. E pressupondo a veracidade desta assertiva, ela está, então, de certa forma, dando os primeiros passos no caminho trilhado anos depois por Lima Barreto e escancarado, lá, a seu modo, por Gilberto Freyre em Casa Grande & Senzala. Ela, dentro das possibilidades do sistema patriarcal e escravocrata, ousa abordar de forma engajada um tema como a escravidão, trazendo à tona a história, a condição social e o lado humano do negro [...]. (JOB, 2020, p. 99).

Sem dúvidas, a romancista oitocentista já sinalizava em suas discussões os traços da neurose colônial na identidade negra e abria caminhos para que mulheres do próximo século seguissem suas pegadas desde os movimentos abolicionistas até chegar à luta por direitos sociais e emancipação coletiva.

Durante o percurso desta pesquisa nas comunidades e páginas virtuais, foram encontradas inúmeras mulheres negras de variadas áreas cujas obras são fortes bases no trabalho de alfabetizar a população de massa com esse ativismo ontológico e o desmonte dos discursos racializados e certamente leitoras da romancista Maria Firmina dos Reis.

Aqui serão mencionadas algumas das pesquisadoras mais citadas e referenciadas em *lives* e posts e cujas escritas são tratadas como referência do movimento de mulheres negras ativistas em rede no Brasil e foram postadas no FMNMT.

A ativista, filósofa e antropóloga Lélia Gonzalez, iniciou o movimento de militância na década de 1960 com uma longa discussão sobre estudos africanos,

racismo e sexismo na cultura brasileira. A autora que jaz *in memoriam* desde 1994, circula pelas redes sociais com sua escrita negra referenciada e citada em números expressivos de produções acadêmicas tanto nos espaços clássicos como nas redes virtuais.

Figura 1 - FMNMT - Insubmissas Negras (Lélia Gonzalez)



Fonte: Captura de imagem feita pela autora (2020)[10]

A postagem da figura 1 é parte de uma série de escritos produzidos pela página da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros, e que foi compartilhada no *Fórum de Mulheres Negras Mato Grosso*. Em suas obras, Gonzalez não só desmonta os discursos racializados, como trava um embate com a sociedade brasileira, ao questionar como o discurso da democracia racial se fundamentou e como as mulheres negras se adequaram a esse discurso. Sobre essa questão a autora salienta:

> O lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo. Para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular. Consequentemente, o lugar de onde falaremos põe outro aquele é que habitualmente nós vínhamos

[10] Captura de tela do post coletado da página *Fórum de Mulheres Negras de MT* do *Facebook*. Publicado em 7 set. 2020. Editado no Paint 3D. Acesso em: 07/07/2020.

> colocando em textos anteriores. E a mudança foi se dando a partir de certas noções que, forçando sua emergência em nosso discurso, nos levaram a retornar a questão da mulher negra numa outra perspectiva. Trata-se das noções de mulata, doméstica e mãe preta. (GONZALES, 1984, p. 224).

Como se pode ver, Gonzalez já tratava dessa duplicidade de imagem a que ela chama de contradições internas na forma de ser e agir da mulher negra brasileira. Por esse motivo, a autora embarcou na psicanálise para compreender esses comportamentos e assim encontrar mecanismos para sua escrita negra. Para tanto, buscou em seus estudos formas de alcançar o maior número de mulheres para fins de descolonização.

Seguindo os passos de Gonzalez, a psiquiatra e psicanalista Neusa Santos Souza (1983), falecida em 2008 assinala em seu livro “Tornar-se Negro” um alerta sobre os desdobramentos da ideologia do branqueamento que contribui para a falsa democracia racial, o narcisismo ideal e o ideal do ego presentes nas relações do negro com o branco e para a produção de conhecimentos de aquisição dominantes, feitas para o negro, com descarte de desvalorização. A autora é muito conhecida no meio acadêmico e sua obra exerce muita influência nos grupos e páginas do *Facebook*.

Figura 2 - Post **–** Chamada para curso (Neusa S. Souza - FMNMT)



Fonte: Captura de imagem feita pela autora em 2020[11].

[11] Captura de tela do post coletado da página *Fórum de Mulheres Negras MT* do *Facebook*. Publicado em 24/08/2020. Editado no Paint 3D. Acesso em: 28/10/2020.

Nas postagens do *Fórum de Mulheres Negras Mato Grosso*, Souza (1983) aparece como referência de estudos que influenciaram fortemente a escrita negra e que vêm influenciando nas redes. A postagem da figura 2 faz referência a um curso sobre o pensamento da autora, com proposta de aprofundamento do histórico do racismo e suas implicações (contradições, padrões e regras impostas, regadas à violência física, verbal e intelectual). Suas obras diagnosticam o comportamento do negro brasileiro permeado pela descredibilidade imagética, fundamentada na democracia racial e na ideologia do branqueamento.

Outra autora com grande projeção nas comunidades e páginas é a linguista e escritora Conceição Evaristo. Além de ser considerada uma das maiores literatas do movimento pós-modernista no Brasil, ela escreve poesias, romances, entre outros. O termo aquilombar, muito utilizado nos chats, *lives* e posts, foi extraído do poema *Tempos de Aquilombar*, facilmente encontrado em qualquer rede social.

Figura 3 - Post FMNMT - Poemas Conceição Evaristo



Fonte: Captura de imagem feita pela autora em 2020[12].

Compartilhado na página *Fórum de Mulheres Negras Mato Grosso*, para o alcance do maior número possível de internautas, o post original do Templo Cultural Delfo faz a chamada para a seleção de 20 poemas da escritora Conceição Evaristo.

[12] Captura de tela do post coletado da página *Fórum de Mulheres Negras de MT* do *Facebook*. Publicado em 7 set. 2020. Editado no Paint 3D. Acesso em: 07/01/2021.

Abaixo da foto da poetisa, encontra-se a fonte da publicação dos poemas: a Revista Prosa Verso e Arte, conforme identificado na figura 3.

No ano de 2020, a *Nielsen Publishnews*[13] destacou autores negros brasileiros como os que mais venderam obras em espaços de grande circulação de pessoas, (livrarias, supermercados, conveniências, aeroportos), que, por essa razão, passaram a ser pontos fortes de pulverização do pensamento negro. De seis destacados autores negros, três são mulheres: Djamila Ribeiro, Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus.

O ativismo feminino negro pela escrita em rede vem crescendo em meio a insistências e produções de conhecimento, nas quais se vê um grande poder contra-hegemônico, que é oriundo das experiências vivenciadas e partilhadas dentro e fora dessas redes. A pesquisadora Djamila Ribeiro, apontada pela *Nielsen Publishnews* como uma das três mulheres negras com obras mais vendidas, é um exemplo dessa conquista.

Figura 4 - Post FMNMT (Djamila Ribeiro)



Fonte: Geledés. Captura de imagem feita pela autora[14].

No post da figura 4, Djamila Ribeiro é citada no FMNMT através de um compartilhamento da página Geledés no *Facebook*. Essas postagens potencializam

[13]Nielsen Publishnews. Disponível em: https://www.publishnews.com.br/materias/2021/01/05/autores-negros-sao-novamente-destaques-na-lista-nielsen-publishnews. Acesso em: 22 fev. 2021.
[14] Captura de tela do post coletado da página *Fórum de Mulheres Negras MT* do *Facebook*. Publicado em 7 jun. 2020. Editado no Paint 3D. Acesso em: 07/08/2020.

e evidenciam a escrita negra, promove a visibilidade dessas autoras e de sua escrita, faz com que milhões de leitores se sintam por elas representados, e ainda ajudam a romper a estrutura dialética que foi construída com o objetivo de materializar posições ideológicas.

Essas posições estão evidenciadas e contextualizadas na própria luta e no sentido que se dá ao contexto racial. Na medida em que se vislumbra a possibilidade de um povo negro empreender luta para libertar-se do julgo colonial constitutivo no processo histórico do Brasil em múltiplas dimensões.

A escritora, cantora e compositora Carolina Maria de Jesus, falecida em 1977, é outro exemplo dessa representatividade. Ela aparece no topo de vendas, segundo o *Nielsen Publishnews*, por sua escrita literária tão latente na realidade brasileira. Suas obras circulam constantemente em postagens nas redes.

Figura 5 - Post FMNMT (Carolina Maria de Jesus)



Fonte: Africanidades. Captura feita pela autora em 2020[15]

Em seu post de 2020 (figura 5), o FMNMT cita Carolina Maria de Jesus. A postagem foi compartilhada do grupo Africanidades e faz referência a um livro, produzido para crianças e adolescentes, que trata o tema representatividade. No post sobre a autora que circula nas redes, cuja fonte é o portal da Geledés (25 de

[15] Captura de tela do post coletado da página *Fórum de Mulheres Negras MT* do *Facebook*. Publicado em 12 fev. 2020. Editado no Paint 3D. Acesso em: 10/05/2021.

fevereiro de 2021), lê-se que ela recebeu o título honorífico doutora *honoris causa*[16] pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

Observou-se nos contextos apresentados dessas escritas a função social das redes sociais, desafiando elementos que não se organizam somente por sistema padrão de organização social, mas, também, pela crença constitutiva da realidade das questões raciais apontadas pelos estudos dessas mulheres de grande relevância para o propósito, em que essas redes se movimentam para desconstruir o discurso colonial no comportamento do povo preto brasileiro. Leia-se o trecho transcrito da *live* com a pesquisadora e jornalista Rosane Borges[17]:

> [...] Porque normalmente a gente acha que a representação é uma questão da gente estar presente nas mídias, na publicidade, não. Quando a gente pensa em representação ela tem uma relação direta com a política e pensar a estética é isso, pensar a estética é pensar isso, pensar a estética não é apenas pensar o belo. Na teoria da arte estéril, pensar estético é pensar como todos nós com nossos códigos de vivências, com nossas culturas a gente pode partilhar o comum no mundo. A estética supõe o "eu" que todos nós partilhamos o comum, aquilo que é considerado importante para a coletividade e partilhar o comum supõe que, cada uma de nós pode ser sujeitas não só da nossa história, mas do mundo (REPRESENTAÇÃO E IMAGINÁRIOS, 2020).

É inegável a contribuição da tinta da representatividade negra traçada como um ato político de reescrever a história do povo negro no Brasil por uma estética, como forma de ampliar as estratégias de descolonização do conhecimento nos movimentos de resistência.

Dentro desse papel de representatividade e referencial na escrita negra encontra-se a pesquisadora Sueli Carneiro, fundadora de uma organização da sociedade civil em defesa de mulheres e negros - a Geledés[18], Instituto da Mulher Negra.

---

[16]Disponível em: https://www.geledes.org.br/carolina-maria-de-jesus-ganha-titulo-de-doutora-honoris-causa-da-ufrj/. Acesso em: 5 ago. 2021.
[17] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=y4yURXwUN8I&t=180s. Acesso: ago. 2021.
[18]Disponível em: https://www.geledes.org.br/o-que-e-o-geledes-instituto-da-mulher-negra/Último acesso em 22/09/2021.

Figura 6 - Post FMNMT (Sueli Carneiro)



Fonte: Geledés. Captura feita pela autora em 2020[19]

A Geledés agrega hoje um grupo de pesquisadores negros como um dos maiores motores de produções decoloniais e interseccionais nas redes sociais mais povoadas por internautas negros.

A organização está presente em sites, portais e plataformas como: *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, *YouTube,* entre outros com expressividade de seguidores. Fonte de citação em trabalhos acadêmicos de grande credibilidade no meio cientifico pela integridade da escrita que transita nas produções em rede apresentadas no Capítulo 2 deste trabalho.

De acordo com a Fundação Palmares[20], Sueli Carneiro compõe um dos pilares de uma das mais importantes personalidades negras no Brasil contemporâneo, pela vasta contribuição teórica e assistência social ao povo negro. A renomada autora traz em seu currículo um acervo de produções e parcerias em trabalhos que potencializaram as lutas do movimento negro, as politicas públicas afirmativas que ajudaram a mobilizar a sociedade civil contra o racismo, sexismo e as desigualdades sociais.

Em sua obra “Mulheres em Movimento” (2003), a autora retrata toda a trajetória do movimento de mulheres no Brasil, assinalando as primeiras conquistas e a inserção no movimento feminista com a agenda de trabalho, direitos humanos, violência, saúde, meios de comunicação e as novas roupagens que se foram

[19] Captura de tela do post coletado da página *Fórum de Mulheres Negras MT* do *Facebook*. Publicado em 29 jul. 2020. Editado no Paint 3D. Acesso em: 29/05/2021.
[20] Disponível em: http://www.palmares.gov.br/?page_id=26902 Último acesso: 23/09/2021.

formando na medida em que o movimento avança nessa busca por direitos e justiça de oportunidades iguais, independente do gênero ou cor da pele.

É imperioso reconhecer que as pesquisadoras, autoras citadas, propõem uma estética de representatividade dentro de um campo discursivo e destacam o fato de que essas discussões não estão somente no campo das lutas por direitos, mas, sim, no vetor imprescindível da visibilidade no campo imagético.

O trabalho dessas mulheres constitui-se de uma função instituidora e legitimadora da presença negra, com desdobramentos políticos e sociais, que, ao abarcar todas essas questões, exigem-lhes um preço psicológico e emocional a pagar.

A pesquisadora estadunidense Glória Ladson-Billings (2006), contextualiza o processo de esforço epistemologicamente étnico de pesquisadores negros para evidenciar formas agressivas da tradição epistêmica euro-americana (mais que conhecimento, é uma lógica interna e uma validação externa). A autora demonstra formas de romper com a hegemonia em processo de libertação a todas as pessoas que sofreram com o “regime da verdade” euro-americana.

Ladson-Billings (2006) reitera que há uma alegação de uma base epistemológica atrelada a todo um processo de visão de mundo que seja diferente daquela dominante. Esse movimento requer um trabalho intelectual ativo por parte do pesquisador, pois a escola, a sociedade, a estrutura e a produção de conhecimento são planejadas de forma a criar indivíduos que internalizem a visão de mundo, a produção do conhecimento e os processos de aquisição dominantes.

Portanto, para Ladson-Billings (2006) existe uma lógica cultural do paradigma eurocêntrico, o regime da verdade que foi constituído em torno da raça. O pensamento corrente sobre raça afirma que esta é uma construção social e que o processo pelo qual surgem os significados raciais denomina-se formação racial.

A autora também destaca o racismo epistemológico existente nos paradigmas da pesquisa que denominam produtos acadêmicos, tecnológicos e especializados. E acrescenta que o desafio epistemológico, proposto por alguns estudiosos não brancos, não diz respeito exclusivamente ao racismo, mas também à natureza da verdade e da realidade (LADSON-BILLINGS, 2006).

Perante o exposto, é imprescindível questionar o posicionamento de certos estudiosos que desenvolvem posturas epistemológicas específicas, porque elas estão imbuídas de suas próprias posições culturais e de identidade, nas quais

crenças e padrões de comportamentos aprovados determinam a visão de identidade racializadas.

Quando se trata da escrita de mulheres negras no ciberespaço, fala-se de uma mobilização em rede que problematiza as relações raciais de cunho sexista e racista e desnudam o que Ladson-Billings (2006) chama de regime da verdade. A escrita negra acelera o desmonte desse regime provocando a desestabilização das bases dos discursos que sedimentam a ideologia do branqueamento e a falsa democracia racial.

Sendo assim, pelo olhar interseccional também é possível observar todo um levante social movimentado por um ativismo de gênero envolvendo uma *Weltanschauung* negra (cosmovisão negra), adoecida pelo sistema de opressão em busca de emancipação pela revolução de escrita negra que culmina em uma linguagem por códigos.

Esses códigos estão desenvolvidos neste trabalho como interfaces para compreender os mecanismos dessas escritas nas postagens que foram analisadas pela netnografia no Capítulo 2 e que toma por base o que Davis (2016), Gomes (2002,), Gonzalez, (1984), hooks (2013) e Fanon (2008), coadunam sobre fragmentação identitária de mulheres que sofreram com a eugenia, ideologia do branqueamento e o enfraquecimento de sua *Weltanschauung* negra (cosmovisão negra) pela opressão, descriminação e dominação.

Davis (2016) tece uma crítica a escritores que criam em seus livros uma caricatura da mulher negra desatrelada da imagem real impregnada da maternidade branca. A autora reitera o enfraquecimento da personalidade combatente da mulher afro americana de cunho intencional para fins de dominação.

Gonzalez (1984) chama a atenção pelos estereótipos na mulata, empregada doméstica e a mãe preta, trazendo a reflexão dos lugares sociais que foram dados a mulheres negras com funções de atender esse projeto de dominação e cisão identitária.

Fanon (2008) propõe a superação dessa condição pela libertação da imagem estereotipada, mas ressalta que há um preço subjetivo que passa por um valor condicionado a sua luta para que seja validada por sua ação. Sobre essa condição, Fanon afirma:

> O comportamento do homem não é só reativo. Sempre há ressentimento em uma reação. Nietzsche, em *La volonté de puissance,* já o tinha assinalado. Conduzir o homem a ser acional, mantendo em sua esfera de influência o respeito aos valores fundamentais que fazem um mundo humano, tal é a primeira urgência daquele que, após ter refletido, se prepara para agir (FANON, 2008, p. 184).

Pode-se dizer que o comportamento a que Fanon se refere, toma por base dois indicadores: o acional e o reativo. O autor reitera que se revestir de atitudes acional e reativo é necessário uma reflexão urgente sobre o reconhecimento de si mesmo para, assim, se preparar para um processo libertário de si mesmo e depois para uma luta de classes.

1.3.5 Condições de produção no processo das postagens em rede

Partindo da observação dessa escrita negra nas postagens da página FMNMT, apresenta-se dois decodificadores nomeados para este trabalho de *Proativo e Reativo*. Essas duas palavras são comuns na língua portuguesa e são utilizadas nas áreas da psicologia e marketing para observar comportamentos de consumidores.

Contudo, neste trabalho serão utilizados como marcadores de posturas de linguagens e representatividade discursiva que passam por esse movimento de ativismo na produção de uma escrita negra em rede.

Desta forma, os decodificadores *proativos* e *reativos* serão trabalhados como marcadores que representam as condições de produção no processo de interlocução das postagens, pois é a formação das atividades discursivas dessas postagens que irão identificar as características da *Weltanschauung* negra.

Sendo assim, as palavras e frases marcadas nas postagens e identificadas como decodificadores proativos, representam *slogans* de linguagem que indicam medidas de prevenção protetiva de combate a um sintoma social pela incorporação da pertença, autoafirmação, equidade e alteridade marcadas por verbos de ação abstrata, ou seja, esta ação serve para preparar, informar, ensinar, exortar e prevenir.

As palavras e frases marcadas nas postagens e identificadas como decodificadores reativos representam *slogans* de linguagem que indicam reação

concreta ao um sintoma social ou histórico. São marcadores de estratégias de reação marcadas por verbos: agir, reagir, contrapor-se, enfrentar, protestar e responder.

Esses decodificadores ajudam a compreender o conteúdo das postagens e identificar as influências marcantes do movimento ativista, a *Weltanschauung* ferida e fragmentada pelo sistema remete a outra pergunta no percurso do trabalho. Essa representatividade ativista que produz conhecimento no FMNMT é capaz de emancipar a *Weltanschauung* da mulher negra?

As escritas analisadas são contextualizadas pelas redes sociais influenciadas por uma linguagem digital que Castells (1999), chama de realidade concreta que gera o conhecimento permeado por artefatos digitais e suas múltiplas linguagens.

Notam-se, no transitar de mulheres negras pelas redes, elementos expressivamente mais complexos, como as didáticas formativas que são utilizadas para desmontar discursos racializados por posicionamentos ideológicos. Contudo, se essa escrita não estiver libertada esse conhecimento não ganhará consistência emancipatória para o acional e reativo.

> Na sua imediaticidade, a consciência de si é simples ser para si. Para obter a certeza de si mesmo, é preciso a integração do conceito de reconhecimento. O outro, igualmente, espera nosso reconhecimento a fim de expandir na consciência de si universal. Cada consciência de si procura o absoluto. Ela quer ser reconhecida enquanto valor primordial, desvinculado da vida, como transformação da certeza subjetiva *Gewinsheit* em verdade objetiva Wahreheit (FANON, 2008, p. 181).

Em um plano simbólico e inconsciente, o que Fanon chama de transformação da certeza subjetiva, em verdade objetiva, significa trocar o lucro (gozo) pela verdade, a máscara branca pela pele negra. O que pode gerar o dequilíbrio da balança psíquica que Roudinesco e Plon (1998), citam na teoria Lacaniana, é o gozo pela realização objetiva da cor da pele, nesse caso, a realização do “eu”, o encontro com a “casa” identitária ou o objeto faltoso, isso é emancipação identitária para Fanon.

Nesse sentido, todo o processo de libertação deve começar de dentro para fora, quem levanta a bandeira da descolonização precisa ter passado pelo processo de descolonização e essa discussão deve começar pela representatividade, pois essa emancipação não está somente no campo das lutas por direitos, mas, como

vetor imprescindível da visibilidade no campo imagético com função instituidora e legitimadora da presença negra com desdobramentos políticos e sociais.

A escrita negra em rede potencializa uma luta de classes que contribui para uma construção imagética de cunho imaginário. Neste sentido, o imaginário seria um repositório cultural e memorial das imagens em que as matrizes discursivas são os deslocamentos dessas imagens e o símbolo de poder tem uma marcação de classe, gênero e cor.

O campo e o imagético são referenciais de padrões que distinguem os papéis sociais e elementos e, por isso, as novas matrizes discursivas precisam ser estabelecidas em novos padrões, com base no ser humano e não na cor da pele, pois essas imagens precisam ser reivindicadas.

Esse movimento nas redes sociais sinaliza um processo de democratização do conhecimento, considerando os desdobramentos estéticos da prática discursiva que legitimam e direcionam, para uma prática formativa. Sendo assim, a questão de gênero e raça apresenta contextos de grande relevância nas ciências humanas que, através das redes sociais, o conhecimento torna-se público e de fácil alcance, basta ter um celular e acessar.

Desse modo, pesquisadoras negras utilizam dessa escrita em rede para colocar em prática a descolonização do conhecimento em um sistema colonizado, padrão e clássico. Diante da constatação de que foram treinadas em uma ciência branca no formato de conhecimento colonizado clássico, cabe-lhes agora descolonizar esse conhecimento para alfabetizar a cor, a etnia e o respeito à diversidade a essa população *on-line*, de modo a ensiná-la a reagir contra um sistema que não foi pensado para o povo preto do Brasil.

Na próxima seção, será trabalhada a contextualização da análise do discurso francesa na perspectiva interseccional. Para o alcance pretendido, é fornecida uma explanação, sem ultrapassar o limite do suficiente para elucidar as questões que envolvem esta pesquisa, uma vez que já existem estudos de grande relevância que aprofundam a teoria *pecheutiana* e a teoria interseccional.

1.4 A análise do Discurso Digital pela linha pecheutiana: construindo os sentidos da pesquisa na perspectiva interseccional

Michael Pêcheux é conhecido no meio acadêmico como o principal fundador da escola francesa de estudos relacionados ao discurso, cujo início se deu na década de 1960. Ele trabalhou na articulação de três áreas de pesquisa: linguística, materialismo histórico e psicanálise, utilizando dessas interfaces para compreender o sujeito, a língua e o histórico pelo conceito de sentidos.

Na década de 1960, o objetivo primeiro da análise de discurso na linha francesa seria técnico para a interpretação de textos, conforme aponta o estudo de Milanez (2015). Posteriormente, ganhou um estudo aprofundado, baseado nas materialidades das ideologias como ideias de produção, até chegar ao materialismo histórico como a gênese da análise de discurso (LOBO, 2017).

Sem dúvidas, a grande preocupação de Pêcheux era o caráter científico. De acordo com Gadet e Hak (1991), a instrumentalização científica da análise do discurso foi muito debatida e questionada principalmente pelos cientistas clássicos que ainda não viam segurança no método. Porém, Pêcheux buscou em seus estudos solidificar e organizar por linha de pensamento.

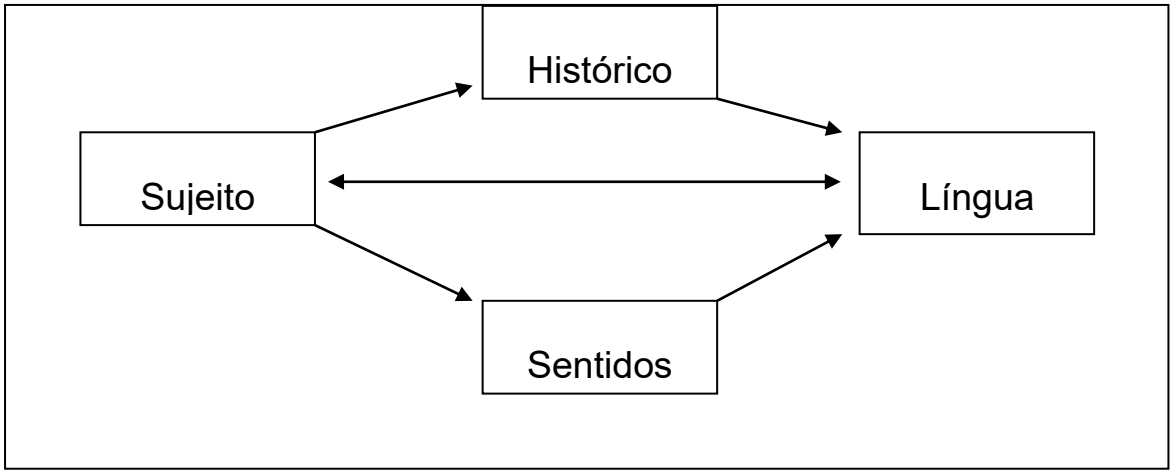
> “O que é”, então, para Pêcheux um instrumento científico? Afinal o ponto de vista de Pêcheux, antes de mais nada, aquele da história da ciência e das técnicas científicas. Ele segue de perto Bachelard e Canguilhem. Mas ele acrescenta a estes teóricos elementos oriundos de uma análise marxista sobre as consequências da divisão do trabalho (em particular, da separação entre o trabalho manual e o trabalho intelectual), e sobre as consequências do caráter contraditório da combinação das forças produtivas e das relações sociais de produção em uma sociedade dividida em classes. (GADET; HAK, 1991, p. 18).

O caráter científico do qual Pêcheux sustenta sua teoria passa pela instrumentalização que liga o discurso e a prática política que passa pela ideologia. Desta forma, Pêcheux olha para o sujeito da linguagem e o sujeito da ideologia apontando para o que ele chama de evidência subjetiva e evidência da, que tratará o objeto da análise e a teoria do discurso como eixo principal dessa construção.

De acordo com os estudos de Brandão (2006), na AD existem duas correntes fortes em que Pêcheux se apoiou para estudar: ideologia e discurso em Althusser e Foucault, trabalhando e conceituando a formação discursiva permeada pela

ideologia também em Marx e Engels. Na figura 7, pode-se entender a formação discursiva em Pêcheux:

Figura 7 - A formação discursiva na linha *pecheutiana*



Fonte: Autora.

Na linha *pecheutiana*, o sujeito é o enunciador representado como lugar social de falas assumidas. Esse sujeito é influenciado pelas relações ideológicas (Foucault), pois ele sofre coerções submetidas à própria natureza. Desta forma, cindido e dividido entre o consciente e o inconsciente (Freud), ou seja, o que este sujeito social materializa pela língua não é determinado somente por sua vontade racional, mas é reelaborado pelo inconsciente, portanto, ele não tem controle. (BRANDÃO, 2006)

Contudo, para compreender o conceito de sujeito em AD é necessário destacar as três fases em que os estudos formam as bases de pensamento. Na primeira fase, esse sujeito é subordinado por influências externas; na segunda (a base em Foucault), esse sujeito é influenciado pelas relações ideológicas; e na terceira, a base vem da psicanálise e o sujeito é conduzido pelo inconsciente, portanto, ele não tem controle. (MUSSALIM, 2002)

Desta forma, o histórico é permeado pela memória discursiva e pelos contextos sociais que se dão pelas representações e posições assumidas. Esses fatores estão ligados ao momento histórico e ao contato que o enunciador mantém com os discursos concorrentes.

A língua carrega a história, as ideologias e os sentidos, ou seja, o posicionamento ideológico que permeia o entendimento do que foi dito e as formas

de interpelação da realidade. Os sentidos são construídos em meio às condições de produção e passam por mudanças de acordo com a formação. Isso significa que o lugar assumido no discurso é determinante na estrutura da formação social que irá determinar essa mudança.

Nessa linha de estudo, o ponto central está na observação da classe social e na interpelação cultural sócio-histórica dos atores falantes. São elementos determinantes dos sentidos, na medida em que analisadas as materialidades que norteiam e fundamentam ações e comportamentos mais comuns, explicam de que forma o pensamento humano é executado. (PÊCHEUX, 1988).

1.4.1 Análise do Discurso Digital e estudos Interseccionais

De acordo com a pesquisadora Cristiane Dias (2016), o estudo sobre a Análise do Discurso Digital começa a ser desenvolvido na França pela autora Marie-Anne Paveau. Os primeiros estudos da autora ganharam o nome de discursos nativos *on-line* referentes a todo o transitar de produções pela *web* 2.0.

Dias (2016) salienta que o campo digital para produção de discurso trouxe uma modificação de ordem simbólica nas produções discursivas no que diz respeito às produções de novos sentidos, pois há um jogo entre o mesmo e o diferente. A autora assinala que é preciso observar as mobilidades do campo das significações e compreender os efeitos da memória discursiva, a língua e história na constituição do sujeito.

Dessa maneira, é chamado de arquivo a forma e o modo como o analista compreende as materialidades discursivas produzidas nessa mobilidade de significações e suas configurações, pois no momento da interpretação ao da descrição caminham entre um e o outro.

> A essa prática, trabalho com o significante, os dispositivos de arquivo vão se impondo e configurando o processo analítico, a construção do objeto de análise. Daí dizermos que um mesmo arquivo nunca é o mesmo, por causa da sua materialidade e os resultados da análise de um mesmo arquivo também são distintos por causa dos dispositivos e configurações significantes. (DIAS, 2016, p. 10)

O que a autora destaca é exatamente a maneira como o pesquisador considera seu objeto de estudo, o que se definirá seu material de análise,

considerando o campo teórico e os desdobramentos do objeto simbólico no campo das significações.

Paveau (2015) ensina que a textualidade no significado das palavras vem de um discurso ancorado em significados e campo *on-line*. As palavras, imagens, sons, tecnoliguistico, histórico e os elementos da imagem constituem a digitalidade, pois essa tecnologia discursiva trata da composição das produções de todas essas linguagens.

Desse modo, a autora encaminha a compreensão de materialidade digital e as condições de produção tendo por base as fórmulas digitais presente em todo material discursivo captado nas redes, pois o que caracteriza a materialidade digital é a discursividade.

O trabalho de Paveau (2015) e Dias (2016) remete ao pensamento de como os dispositivos analíticos trabalharão na análise digital o histórico e os sentidos na relação com o simbólico que é transitado o tempo todo no ciberespaço e esse processo desloca algumas abordagens teóricas que não poderão desvincular das bases clássicas da AD e sua proposta de materialidades.

Dessa forma, "estabelecer uma relação de consistência entre a teoria, o método, os procedimentos e o objeto. É nesse sentido que tenho trabalhado o discurso digital como um objeto teórico que produz efeitos no mundo*"* (DIAS, 2016, p. 12). O discurso digital vem permeado de questões que necessitam cada vez mais serem estudados e descortinados pelo viés da pesquisa.

Essas questões esbarram nos estudos interseccionais quando apresentam um caminho de investigação que descubra o modo como o pensamento humano é executado também no campo digital tendo por base ideologias sustentadoras de injustiças sociais, inclusive como tais injustiças devem ser interpretadas sob a perspectiva do objeto; e como empreender a investigação científica sobre ele.

A interseccionalidade é um conceito utilizado por pesquisadores para estudar mulheres negras e seu contexto social e identitário. Entre as décadas de 1970 e 1980, a autora Kimberlé Crenshaw, (2002) desenvolveu um estudo sobre a sobreposição das identidades sociais que a levou ao conceito de interseccionalidade.

Muito utilizado nos estudos feministas, o conceito de interseccionalidade é compreendido como o reconhecimento de que as discriminações de raça e gênero precisam ser identificadas pelas formas de subordinação, causas e consequências,

tendo em mente três fatores: opressão, dominação e discriminação. (CRENSHAU, 2002)

Os estudos do discurso digital pela perspectiva interseccional nos convidam a olhar para o fenômeno a ser analisado a partir da estrutura da língua constituída em práticas sociais, podendo ser reconhecida através das materialidades ideológicas. Estas são influenciadas pelo universo de valores na construção do ser social, pela incorporação de códigos culturais que caracterizam a produção de enunciados.

De acordo com Crenshaw (2002), existe um discurso sedimentado que diferencia o tratamento criminal de violência e abusos sociais e políticos do tratamento de violência e abusos domésticos contra mulheres, no que diz respeito aos direitos humanos. Sendo assim, esse processo não é submetido a uma análise dos problemas na perspectiva de gênero e suas práticas. Nesse caso, a regra vale, mas não tem força porque cada vez mais há uma sustentação justificada por estratégias dualistas que confundem a aplicação do direito.

Desta forma, a autora reitera que essa garantia dos direitos humanos necessita ser ancorada na perspectiva do gênero e especificamente aos grupos étnicos raciais em vulnerabilidade interseccional na qual uma análise sobre suas múltiplas identidades marginalizada nos discursos sobre direitos (CRENSHAW, 2002).

Collins (1990) chama de “legado da luta” as abordagens coletivas de mulheres que buscam romper a matriz de dominação no sistema de opressão, que cria estereótipos de representação social para elas, segundo classificação biológica e parâmetros de construção social de raça e gênero.

As compreensões das duas autoras acima citadas indicam que tais questões necessitam passar por análise aprofundada das condições pelas quais são produzidas as realidades vivenciadas por mulheres negras, porque essa matriz de dominação concentra-se em lugares discursivos onde são colocados a alcance do direito da mulher, mas não a discriminação racial. A título de exemplo, toma-se os dados de feminicidio ocorrido no Brasil em 2017.

A Lei nº 11340/2006[21] (Lei Maria da Penha) foi criada para coibir a violência doméstica, no entanto, dados do Data Folha de 2017, informados no site da

[21] Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 16 jun. 21.

Geledés[22] (Instituto da Mulher Negra), apontam que mulheres negras lideram as estatísticas, correspondendo a 62% das vítimas de morte por agressão. Esse dado é apontado pelos órgãos de pesquisa, mas não é discutido pela lei sob o ponto de vista étnico racial.

Para Pêcheux (1988), o discurso é uma forma de materialização ideológica, como identificaram os marxistas em outras instâncias sociais. O sujeito é um depósito de ideologia, sem vontade própria, e a língua é um processo que perpassa as diversas esferas da sociedade.

No caso acima citado, a materialização ideológica concentra-se nos lugares discursivos em que o dado aparece; porém, sem que este seja alcançado por outro ponto de vista que desnude e aponte o problema em consonância com a lei. Portanto, o objeto de estudo de qualquer análise do discurso não diz respeito somente à integridade da linguagem escrita pela lei, mas ao que há por meio dela: relações de poder, institucionalização de identidades sociais, processos de inconsciência ideológica, enfim, diversas manifestações humanas.

O movimento do método *pecheutiano* neste trabalho está atrelado à interseccionalidade pelas manifestações discursivas que emergem da sobreposição das identidades sociais estruturadas pela opressão, dominação e discriminação racial como uma injustiça social.

A pesquisa encaminhou-se para a compreensão dos efeitos e sentidos nas produções discursivas transitantes no campo pesquisado e para isso buscou-se compreender como acontece a produção discursiva, os sentidos e as significações. Pêcheux (1997) iniciou seus estudos investigando as condições de produção discursiva através de uma definição empírica de um esquema informacional[23]. O filósofo francês não vê os protagonistas como presença física de organismos humanos individuais e, sim, como representação de estruturas sociais em que os lugares de fala são definidos. (BRANDÃO, 2006)

Esses lugares são chamados de formações imaginárias em que enunciador e enunciatário se organizam no discurso através da imagem que tem de si e do outro. Nesse caminho, o ordenamento ideológico é atrelado a uma base econômica que o leva à interpelação ou assujeitamento dessas condições de produção discursiva.

---

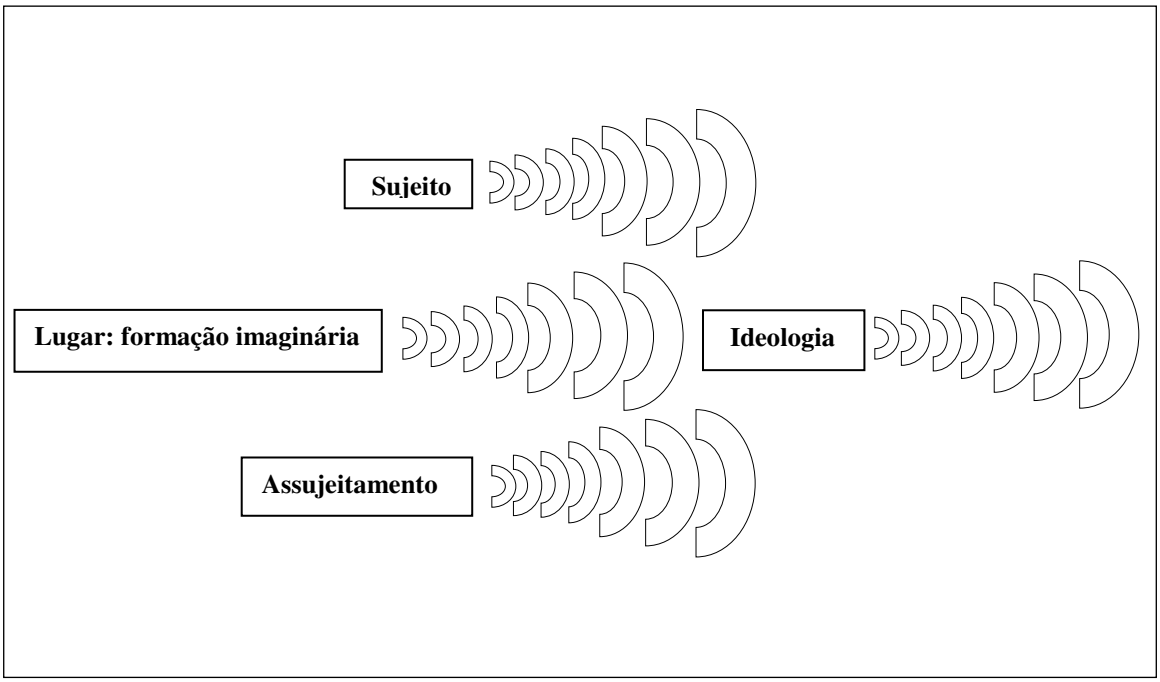
[22]Disponível em: https://www.geledes.org.br/violencias-invisiveis-dados-sobre-violencia-contramulher-negra/. Acesso em: 20 mar. 21.

[23] Elaborado por Jakobson (1963), esse esquema coloca em cena os protagonistas do discurso e o seu referente, permitindo compreender as condições históricas da produção de um discurso.

> Essa interpelação ideológica consiste em fazer com que o indivíduo (sem que tome consciência disso, mas, ao contrário, tenha a impressão de que é senhor de sua própria vontade) seja levado a ocupar seu lugar em um dos grupos ou classes de uma determinada formação social. (BRANDÃO, 2006, p. 47)

Pensando nesta formação da produção de sentidos, observa-se a figura abaixo:

Figura 8 - Produção de sentidos



Fonte: Autora.

Para a interpretação do discurso, o sentido é relacionado às formas de interpretação da realidade, tendo o contato do discurso com outros discursos concorrentes. Desta forma, destacam-se as representações históricas naquele momento, e as afirmações que estão presentes em cada um dos discursos são posições assumidas. (MUSSALIM, 2001).

A AD entende, assim, a produção textual como o resultado de um trabalho ideológico e não consciente. Nesse caso, o sujeito é sempre dependente, condicionado por fatores extrínsecos a ele e é, exatamente, por essa dependência que a AD se posiciona como um campo investigativo da sociedade, pois busca

investigar os processos de reprodução de poder a que são submetidos os indivíduos, de forma que:

> [...] aquele que ocupa um lugar social e a partir dele enuncia, sempre inserido no processo histórico que lhe permite determinadas inserções e não outras. (...) o sujeito não é livre para dizer o que quer, mas é levado, sem que tenha consciência disso, a ocupar seu lugar em determinada formação social e enunciar o que lhe é possível a partir do lugar que ocupa. (MUSSALIM, 2001 p. 56).

A proposta aqui procurou identificar modelos e padrões discursivos de sub-representação, despersonalização e discriminações, invisibilizadas socialmente, camuflados em sistemas fechados de subordinação étnica. O lugar social do discurso localiza o processo histórico e visibiliza os lados sociais que os discursos ocupam.

Conforme já foi dito, a psicanálise ensina que uma análise discursiva não se desdobra somente por meio de uma pergunta problema, mas é preciso trazer o *Che Vuoi* como importante combustível de aditivos impulsores e compulsores para buscar respostas como: há um desejo no discurso? Que desejo é esse? Com quais desses desejos essa produção discursiva está se relacionando nesta pesquisa?

Para além de uma descoberta científica, essa é a relação de compreensão do objeto pesquisado que mobiliza a prática da análise discursiva, pois ela não é contínua e nem linear, é preciso voltar sempre a algum ponto do que já foi analisado e por isso torna-se também uma estrutura argumentativa que propõe o tempo todo o *Che Vuoi* e de forma muito especial onde não parece haver algo deliberado e aparente a ser analisado.

Para a psicanálise, desejo é uma relação que não pode ser definida por algumas palavras soltas, mas há aí um sujeito falante que se apresenta como o objeto de um desejo e a pergunta: que desejo é esse? É estritamente necessária em uma análise discursiva, principalmente quando se está tratando de desconstrução de discursos racializados que foram condicionados por comportamentos compulsores e despersonalização do povo negro, e esse tema será explorado no Capítulo 3.

A Análise do Discurso Digital pelo viés interseccional oportuniza e conduz ao olhar para o campo da discursividade, considerando o espaço, os sujeitos e as materialidades constitutivas pelos sentidos no processo de significações e identificar

neles os sentidos revelados na sobreposição das identidades sociais em circulação nas redes.

Dessa maneira, faz-se importante observar como a memória discursiva digital amplia mecanismos de insurgências e resistências apresentadas nas materialidades digitais, contextualizando os instrumentos linguísticos que aparecem no desvelamento dos sentidos.

Na próxima subseção, descreve-se todo o caminho construído por meio de setas, pensado intencionalmente para marcar o percurso e os processos desenvolvidos para sedimentar e alicerçar o trabalho.

1.5 Construindo o caminho por setas

A pesquisadora Jussara Hoffmann (2001), em sua obra "*Avaliar para promover:* as setas do caminho" argumenta que o itinerário a ser seguido requer a sua construção, pois ela orienta a direção correta a seguir. Por inspiração da autora, que enfatiza a importância de ouvir os relatos de quem já perfez o caminho, este estudo se apropria das setas, sabendo que muitos já percorreram o caminho de construção de uma tese.

Neste trabalho compreende-se como setas um passo a passo da construção da tese desde os primeiros estudos até a captação de dados. Essa forma de caminhar foi organizada para entrelaçar o trabalho sem perder o foco buscando compreender as etapas direcionadas pela fase anterior.

Desse modo, inicia-se o trabalho desenhando as setas do caminho metodológico e teórico para a construção desta tese. Essa escrita resulta de um corpo negro em estado de latência, emocional e psicológico, dado a um histórico social de amputação identitária e imposições sociais pela qual há uma sustentação entre a língua e a coletividade.

Por isso a construção de setas, para que esse caminho fosse marcado e impedisse a perda dos detalhes importantes no processo: leitura reflexiva e produção de estudos sobre e para a mulher negra; estado da arte; trabalhos relacionados e a construção do caminho metodológico.

Pensar na mulher negra empreendendo conhecimento no ciberespaço e discorrer sobre ela e sobre as conjunturas que lhes são atribuídas subjetiva,

histórica, social, econômica e culturalmente, leva a refletir e questionar esta árdua convivência das sociedades estratificadas, considerando todas as complexidades e singularidades desconsideradas pela hegemonia da cultura machista/racista e pela dominação de todo um sistema que não foi pensado para corpo de cor desta mulher.

Guimarães (2017) salienta que o caminho metodológico deve começar pelo levantamento de estudos que descortinam o lócus da pesquisa a partir da construção de contornos que são ajustados por teoria e prática. Neste sentido, a primeira seta construída foi o estudo sobre iniciativas de mulheres negras através de tecnologias, em parceria o orientador desta pesquisa, Cristiano Maciel, e a pesquisadora Karen Figueiredo.

O trabalho culminou em dois artigos: *A Mobilização de Resistência de Mulheres Negras na Computação e Tecnologias*[24] e *Mulheres Negras na Computação e Tecnologias: autoafirmação identitária e resistência*[25] (LOBO; FIGUEIREDO; MACIEL, 2018a; 2018b).

O segundo trabalho foi premiado na categoria Programa de Incentivo para Mulheres na Área *"Best Contribution work"* - X Congresso da Mulher Latino Americana em Computação - 2018. Os dois trabalhos foram de suma importância para avançar na construção do caminho traçado, porém, dúvidas começaram a surgir quanto à rede social a ser usada como campo de investigação.

Os estudos desenvolvidos nas disciplinas cursadas entre os anos de 2018 e 2019 no PPGE apontaram que o caminho mais próximo seria o *YouTube* e o *Facebook*, respectivamente a quarta e primeira redes mais utilizadas naquele momento[26].

Após uma rápida busca por autores que empreenderam pesquisas em redes, o movimento e os caminhos trilhados foram abrindo novas perspectivas de busca e compreensão de como começar o processo. O método que melhor atenderia as perspectivas do objeto a ser esmiuçado e relacionado com a área de estudo fez parte da investigação.

Assim, chegou-se a segunda seta: o estado da arte, que deu a possibilidade de observar a evolução das pesquisas por área de conhecimento, oportunizando

[24] Disponível em: https://sol.sbc.org.br/index.php/wit/article/view/3388. Acesso em: 15 jul. 2021.
[25] Disponível em: http://cleilaclo2018.mackenzie.br/docs/LAWCC/188151.pdf. Acesso em: 15 jul. 2021
[26] Disponível em: https://neilpatel.com/br/blog/redes-sociais-mais-usadas/?lang_geo=us&amp. Acesso em: 17 jul. 2021.

estudar características, lacunas e fragmentos para posteriormente compará-los com outras análises padronizadas por elementos e critérios para a busca.

No estado da arte, foram selecionados mais de quarenta trabalhos que, depois de passarem por um processo de clivagem critérios de escolhas, foram reduzidos a doze: três artigos; cinco dissertações; e quatro teses nas áreas de ciências humanas.

Na relação de trabalhos por área, o cômputo foi o seguinte: Comunicação (1); Ciências Sociais e Políticas (1); Educação (3); Estudos de Linguagens e Artes (1); Estudos Interdisciplinares de Gênero (1); Estudos Étnicos Africanos (2); Estudos de Mídias (1); Comunicação Social (2); e Sociologia (1).

Romanowski e Ens (2006) argumentam que os critérios para a realização de uma pesquisa de tipologia do estado da arte envolvem procedimentos claros para uma eficiente busca, a começar pela definição dos descritores e dos bancos de dados para acesso das coleções e periódicos.

Nos estudos de Messina (1998), a ênfase é dada às camuflagens discursivas, que podem ser descortinadas no processo de levantamento da revisão. Nessa pesquisa bibliográfica, os descritores apontaram problemas na estrutura de trabalhos, julgados importantes para a área de estudo, e possíveis fenômenos relacionados à área que se pretende pesquisar.

Na investigação apareceram métodos aplicáveis às redes sociais, tais como etnografia virtual, netnografia, análise interseccional, análise do discurso francesa, entre outras. Tomando por referência objetos similares à proposta da tese, a netnografia mostrou-se mais potente para o objeto de estudo aqui pretendido por ser tipologia de pesquisa de farto recursos (captação e catalogação dos dados em redes sociais, a análise do discurso francesa e análise interseccional para a interpretação dos dados reunidos).

Após a investigação pelo estado da arte, foi possível observar as análises de um modo geral, considerando que o trabalho de pesquisa no ciberespaço ainda se encontra como já foi dito anteriormente, que Rifiotis (2016, p. 86) chama de “movimento pendular”. Esse movimento é gerado pelas desconfianças que pesquisadores trazem das metodologias clássicas para as contemporâneas ao trabalharem em redes sociais virtuais.

Isso acaba por deixar o pesquisador inseguro no desenrolar da pesquisa e, por falta de amadurecimento, no transitar entre esses métodos de pesquisa em

redes virtuais, tendo em vista que os marcadores de aplicabilidade presencial apresentam mais segurança ao pesquisador.

As pesquisas de tipo estado da arte analisadas indicaram essa insegurança, pois nenhuma delas utilizou interfaces para a totalidade *on-line* sem o contato com os atores envolvidos. Sabe-se que, em se tratando de objetos de pesquisa, pode-se encontrar fatores de múltiplas dimensões, que muitas vezes geram a necessidade de interação, haja vista que a etnografia virtual postula esse movimento.

O processo investigativo constituiu base para a reflexão de condutas a serem tomadas para que cada vez mais métodos de pesquisa, no ciberespaço, sejam dinamizados e explorados de forma mais sofisticada, de modo a contribuir com a interpretação de fenômenos que ajudem as ciências sociais e outras áreas que fazem ciência a responder e solucionar questões sociais.

A terceira seta orientou como tecer o caminho, desenhá-lo e iniciar os experimentos na busca por elementos para a composição do que poderia responder a problematização da pesquisa. Em meio ao caminho assumido, um acontecimento de extrema complexidade - a pandemia da Covid-19 –, exigiu o redesenho do cenário imprevisto.

Como a proposta da pesquisa está voltada para as produções discursivas sobre gênero feminino negro na rede social *Facebook*, a coleta de dados foi prejudicada pelo contexto da Covid-19, em razão do redirecionamento do teor das produções, promovido pela tônica dos acontecimentos (o vírus e suas consequências sociais), muito distantes do planejamento da pesquisa.

Isto posto, fez-se necessária a reorganização do planejamento para adequar o trabalho ao contexto pandêmico. Avançando para 2021, uma sucessão de acontecimentos pessoais fatídicos de perdas de familiares dificultou ainda mais o processo de escrita, frustrando a expectativa de retomada do que fora previamente definido

Retrocedendo a narrativa para 2019, tem-se o início da busca por comunidades virtuais, grupos e páginas lideradas por pesquisadoras negras. Os primeiros passos serviram para organizar e responder os protocolos de entrada nos grupos privados e públicos do *Facebook* e para realizar a inscrição nos canais do *YouTube*.

A plataforma *YouTube* é atrativa, em relação à imagem em movimento e possibilidade de aquisição de conhecimento, tanto pelos vídeos postados quanto

pelas interações nos comentários. Há expressiva riqueza de informações, em nível acadêmico, com citações de autores e links para obras.

Quando avaliado o tempo de busca no *YouTube* (durou cerca de seis meses, entre novembro de 2019 a maio de 2020), percebeu-se que a plataforma não seria o campo ideal naquele momento, porque a problematização da pesquisa exigia vetores que desenvolvessem um diálogo direto com os códigos transicionais e a relação da mulher negra pesquisadora.

Alinhado à produção de conhecimento, decorrente do movimento temporal-cumulativo, foram buscados vetores que possibilitassem a compreensão da relação entre as produções do canal e as fontes de informações e entre o impacto refratário e a equidade étnica.

O período de participação na plataforma rendeu um artigo intitulado *Excertos discursivos e audiovisuais de pesquisadoras negras no Youtube: produções para emancipação de identidades,* submetido à análise de uma revista nacional. O artigo analisou três canais gerenciados por mulheres negras: a *NoFront*, sobre empoderamento financeiro[27]; o *Papo de Preta e bem estar das mulheres negras* [28], e o canal *Meninas Digitais Regional da Bahia* [29].

O estudo encontrou ensaios emancipatórios em repertório de práticas, aplicações e fontes científicas. Verificou-se ainda que a plataforma oportuniza uma série de aprendizados, a saber: compreensão histórica do povo negro brasileiro, interpretação de conceitos, revisão de vocabulário, operacionalização financeira, entendimento do racismo estrutural, questões dirigidas especificamente a mulheres negras, entre outros.

Outros fatores importantes observado no período de busca no *YouTube* foram às produções voltadas para problemas gerados pela pandemia, com expressivo deslocamento de marcadores discursivos para narrativas sobre questões de saúde pública, em nível mundial, e para consequências socioeconômicas que atingiram o povo negro no Brasil.

Sabendo que a plataforma *YouTube* não atenderia a pesquisa de forma integral, partiu-se para segunda alternativa: o *Facebook*, onde as observações se realizavam concomitantemente à investigação no *YouTube.*

[27] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=GySVvoXdnlw. Acesso em: 19 mai. 2020.
[28] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=y4yURXwUN8I. Acesso em: 22 mai 2020.
[29] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=e-O3hTn0TCU. Acesso em: 23 jan. 2021.

Na plataforma *Facebook*, o caminho foi longo em decorrência de três fatores: multiplicidade de vetores; necessidade de ampliar o leque de possibilidades que correspondessem ao objetivo da pesquisa; e desafios a serem contextualizados e superados para um estudo mais aprofundado de como separar as amostras discursivas (por meio manual e sem o uso de software para não perder detalhes importantes durante a captação de dados).

Desafio aceito, o recorte do estudo começou a ser organizado para a rede social *Facebook*. A escolha da netnografia como tipologia metodológica para a captação de dados deu-se em razão de apresentar critérios próprios para pesquisa em rede social e pela flexibilidade de alinhamento com o objeto pesquisado. Todo o processo de estudo netnográfico realizado na plataforma estará especificado no Capítulo 2. Na oportunidade, o contexto da pesquisa e as informações serão explanados para melhor compreensão dos processos.

Na próxima subseção, o *Facebook* é apresentado como campo da pesquisa, em razão do expressivo povoamento de internautas e diversidades de comunidades e páginas, um campo fértil de possibilidades para empreender a pesquisa.

1.6 *Facebook*: lugar do discurso

Empreender pesquisa no *Facebook* em tempos de pandemia foi o maior desafio já enfrentado no âmbito acadêmico e profissional. A plataforma tornou-se uma vitrine de luto e locais de presença (grupos, páginas privadas e abertas) onde muitos internautas procuraram um consolo para a angústia que se instalou no Brasil e no mundo.

No período de observação, era perceptível o clima fúnebre e desesperador expressado pelas pessoas que estavam em sofrimento pela dor da perda de entes queridos. É preciso dizer que a estadia na plataforma por motivo de pesquisa, em contato direto com imagens nos posts, histórias, despedidas e lamentos, abalaram sobremaneira o estado emocional, psicológico e físico desta que agora escreve. E não foi diferente na interação com a página *Fórum das mulheres Negras Mato Grosso.*

Na referida página, foram observadas algumas mensagens de despedidas e um movimento muito interessante: o contraponto entre o luto e a luta social. O post da figura 9 demonstra um desses momentos.

Figura 9 - Post do FMNMT- Profª. Vilma Moreira



Fonte: FMNMT- Captura feita pela autora[30]

No post da figura 9, lê-se a mensagem de despedida da página FMNMT e internautas à Profª Vilma Moreira. A professora deixou um legado de luta no magistério e na política, quando ocupou o cargo de deputada e vereadora por Rondonópolis, no interior de Mato Grosso.

A notícia também passou por outros veículos de comunicação. O post não confirma se a morte foi por Covid-19 e nem outros veículos de comunicação confirmaram, os noticiários destacaram a insuficiência respiratória, porém, o contexto é pandêmico e a comoção parece gerar um estado coletivo de solidariedade à dor dos familiares e amigos.

Ao observar as comunidades e grupos para empreender pesquisa, ao mesmo tempo eu – fazendo uso da escrita em primeira pessoa enquanto pesquisadora – também perdia pessoas queridas, amigos, familiares, ex-alunos, colegas de grupo de pesquisa, em cenário político socioeconômico aterrorizante e a desmotivação para escrever aumentava. Logo, o período mais importante para a construção da

[30] Captura de tela do post coletado da página *Fórum de Mulheres Negras MT* do *Facebook*. Publicado em 31 out. 2020. Editado no Paint 3D. Acesso em: 10/11/2020.

pesquisa foi também o período de maior desconforto psicológico emocional, o medo de morrer e de perder pessoas amadas era desesperador.

É importante destacar o *modus operandi* da plataforma como campo de investigação: ela oferece uma multiplicidade de abas que ajudam o pesquisador a transitar e, ao mesmo tempo, interagir com uma gama de conhecimentos sobre a plataforma e como ela opera no processo de interatividade. Essa questão será explanada mais adiante.

O *Facebook,* como potente campo de divulgação científica, alcança variedades de áreas e no processo de descolonização do conhecimento abre um combo de possibilidades para trabalhar a divulgação científica sobre diversidade étnica no gênero feminino negro.

Por meio da rede social, a interação entre as pessoas solidifica as dimensões das relações sociais e suas influências no comportamento humano, dando sentidos, fazendo do ciberespaço um lugar de voz para as lutas sociais.

Existem estudos específicos sobre a plataforma *Facebook,* como a tese de doutorado de Modolo (2018), que explora a rede social como meio de divulgação científica na perspectiva do discurso e ampliação do movimento da rede quanto ao campo de conhecimento.

Modolo (2018) testifica as características desse movimento no *Facebook*, a hipertextualidade, as interações, comparando com os meios tradicionais, analisando gêneros discursivos, autoria e interlocutor, evidenciando de forma ampla toda a movimentação da rede social no processo de divulgação científica.

Na escola francesa da AD, o lugar do discurso é definido como ponto de partida para a materialização dos enunciados discursivos, tomando como referência os sujeitos que assumem esse lugar social. Nele, os posicionamentos se desdobram, movimentam, contradizem e se representam nas condições sociais que se definem.

Neste estudo, a proposta de usar o *Facebook* como campo de pesquisa (o lugar do discurso), limita-se a transitar nos grupos e páginas, destacadamente a página *Fórum de Mulheres Negras Mato Grosso*. O interesse por tal alternativa tem por justificativa analisar a transitabilidade das produções de postagem, visando à observação e identificação de materialidades discursivas.

Desse modo, observou-se os processos utilizados por elas para a descolonização do conhecimento, aqui entendidas como códigos transicionais,

partindo do entendimento que no processo de descolonização há uma área intermediária entre a produção do discurso e o posicionamento discursivo. Daí a importância de compreender o campo onde o discurso é materializado.

De acordo com Maciel (2009), a internet foi criada no final da década de 1960, nos Estados Unidos, com o objetivo de construir redes de comunicação para bases militares; depois expandiu-se para universidades, até tornar-se acessível a 14,5% da população mundial, em 30 anos aproximadamente.

O autor enfatiza o rápido avanço dos estudos referentes a essa tecnologia. Os servidores *web*, espinha dorsal das publicações na internet, armazenam páginas criadas na linguagem HTML (*hypertext markup language*) e que organiza os armazenamentos no computador foram ampliados.

De acordo com Modolo (2018), o histórico do *Facebook* está cheio de processos judiciais e polêmicas sobre invasão de privacidade envolvendo seus criadores, Mark Zuckberg, Eduardo Saverin, Dustin Moskovitz e Chris Hughes.

Em 2003, seus criadores, alunos da Universidade de Harvard, lançaram *o facemash*, um tipo de *website* e o primeiro nome da rede. Mesmo com tantos conflitos, conseguiram desenvolver a rede utilizando elementos fundamentais para a constituição da plataforma como divulgação científica.

Para Modolo (2018), existe uma especificidade na rede a que ele chama multimodal, em razão das particularidades apresentadas na forma de responder às questões de interatividade e performance, que relacionam o universo de valores de seus transeuntes:

> O *Facebook* é uma rede social multimodal, isto é, os enunciados se constituem por uma materialidade híbrida que mescla especialmente, o sonoro, o verbal, o visual e o verbo-visual. [...] o visual é capaz de impor o primeiro impacto e, ao mesmo tempo, ser uma chamada temática para os posts publicados. [...] Tais imagens, são capazes de promover os diferentes modos de responsividade (MODOLO, 2018, p. 31).

A representatividade dos enunciados é permeada por variedades de linguagens em que essas postagens são ressignificadas por ideias e tendências sociais, assim como novos modos de comunicação verbal que também podem criar novas palavras, conceitos e modos formativos de autonomia e autoafirmação.

A pesquisa na plataforma beneficiou-se do levantamento de dados fornecido pelo próprio *Facebook* sobre o funcionamento e formas de articulação e interação com os usuários conectados e adeptos do uso da rede social.

Durante a navegação na plataforma, é possível identificar desde o *slogan* de identificação com a letra “f” até abas de uso para acesso às comunidades, páginas pessoais, entre outros. Além de funcionalidades de uso para compartilhamento (posts de mensagens, links, vídeos, imagens, páginas e grupos privados e públicos, veículos de comunicação, comércio e empresas para que o internauta entre, cadastre-se gratuitamente, e insira no mundo virtual interagindo com o que é oferecido pela plataforma).

A princípio, a abertura da plataforma apresenta cinco atalhos de acesso para interação em que o internauta poderá navegar e explorar, conforme a imagem a seguir. Abaixo à logomarca, está à barra de atalho com o ícone dos serviços mais usados pelos internautas.

Figura 10 - Configuração de entrada do *Facebook*



Fonte: Autora.

Figura 11 - Atalho para grupos e páginas.



Fonte: Autora.

A barra de atalho possui a seguinte configuração: página inicial, grupos e páginas, vídeo, comércio, notificação. Abaixo dela encontra-se o *feed* de notícias (histórico de atualizações dos amigos e das páginas e grupos de que o usuário da rede faz parte). No canto superior direito da tela, está o link para o *Messenger* (figura 10).

O *Facebook* também permite a integração de dados com outras plataformas, atreladas a outras demandas de interações, que são movimentadas por compartilhamentos de informações por meio de aplicativos baseados em inteligência artificial (IA), disponibilizados ao internauta, como: jogos, pesquisas, propagandas, entre outros itens.

O site *Oficina da Net*[31] apresentou uma pesquisa, realizada em 2016 e atualizada em 2021, pelo portal de estatísticas *Statista*[32]. Segundo apurado, o *Facebook* é a rede social com o maior número de usuários do mundo. De acordo com a pesquisa, a rede atualmente conta com 2,7 bilhões de usuários.

Nos últimos dez anos, a plataforma tem sido utilizada como campo de pesquisa por pesquisadores de várias áreas de estudo. Por exemplo, o livro *Facebook e Educação: publicar, curtir, compartilhar*, publicado em 2014 e produzido por Cristiane Porto e Edmeia Santos, tem como foco principal a promoção de diálogos que caracterizam a pluralidade de vozes e olhares sobre o *Facebook* e seus diversos usos.

Nesse trabalho, que reúne vários autores, as temáticas são problematizadas com base no universo de valores e recursos comportamentais utilizados por pessoas que navegam, falam, leem, escrevem, se misturam e se processam. É um trabalho de suma importância para a pesquisa científica feita no ciberespaço, em seus diversos contextos e situações.

Buscando compreender a associação entre a tecnologia criativa e o nível de sociabilidade, os autores discorrem sobre a importância do estudo das redes sociais *on-line* como fins de compreensão dessa alteração da comunicação entre internautas. Segundo eles, o *Facebook* é a rede mais popular estabelecida como fonte privilegiada de informações.

---

[31]Disponível em: https://www.oficinadanet.com.br/post/16064-quais-sao-as-dez-maiores-redes-sociais. Acesso em: 30 abr. 2021.

[32]Disponível em: https://www.statista.com/statistics/264810/number-of-monthly-active-facebook-users-worldwide/. Acesso em: 30 abr. 2021.

No livro, a pesquisadora Lucia Amante (2014) contextualiza três dimensões importantes: *bridging, bonding e maintained (ponte, ligação e manutenção*), a fim de medir a relação entre o uso do Facebook e a formação do capital social.

Essa relação deve ser entendida como um conceito, um conjunto de recursos acumulados ou de benefícios resultantes das relações e interações entre pessoas, na qual ela delineia implicações consideradas laços fracos, por não implicar grandes ou expressivos vínculos nessas relações.

Ainda que vários formatos de capital social tenham sido identificados por pesquisadores, o estudo conclui que há uma relação positiva entre certos tipos de uso do *Facebook* e a manutenção e criação do capital social, embora não possa dizer o que precede o quê.

Nos estudos de Amante (2014), o *Facebook* parece desempenhar um papel importante no processo em que estudantes formam e mantêm o capital social, considerando respectivamente estabelecendo a ponte, a ligação e a manutenção na rede social. Amante (2014) aponta elementos característicos que servem de base para que a rede seja percebida e as informações a respeito delas sejam aprendidas pelos atores que intermedeiam as conexões, interações, relações, laços e capital social.

Para a autora, esses elementos darão legitimidade às comunicações virtuais estabelecidas, por meio da internet, em que essas redes se modificam em relação ao tempo porque envolvem outras características como cooperação, competição e conflito, influenciando as ações dos sujeitos que transitam por essas redes.

Portanto, entende-se que as redes sociais não podem ser caracterizadas como estáticas nem como independentes do contexto onde estão inseridas, porque elas são mutantes e tendem a apresentar comportamentos criativos, inesperados e emergentes, em função dos espaços e temporalidades. Nesse caso, com a ausência da comunicação face a face, as percepções são valorizadas pelas palavras (AMANTE 2014).

Peixoto (2014), em seu artigo *O Facebook para além da rede social*, entende o usuário como consumidor-mercadoria. O autor contextualiza o *Facebook* por meio de elementos determinantes para a definição de redes sociais, sinalizando a extrema relevância de uma reflexão mais sofisticada e contundente sobre a nova ecologia comunicativa, dentro de contextos de expressivas mudanças sociais na nova era tecnológica.

Provocações inerentes à indústria da comunicação estão tomadas por interesses corporativos. A internet e as redes sociais são destaques de maior expressividade no campo de investigação em que se estruturam contextos da cibercultura. Assim, grupos e organizações acantonadas na internet permeiam o tecido social, econômico, jurídico e político que trabalha no fortalecimento de ideologias, ameaçando o convívio social (PEIXOTO, 2014).

Entidades defensoras de ideologias extremistas (racistas, nazistas, grupos religiosos fundamentalistas, indivíduos intolerantes às alteridades) estão no limite das sociabilidades *on-line* e revelam o reflexo do conforto e dos desconfortos da sociedade contemporânea, na qual pesquisadores se debruçam, de forma exaustiva, na tentativa de compreender os fenômenos desse processo de "hibridização" entre usuários humanos e computadores.

Peixoto (2014) apresenta dados importantes e potentes sobre o *Facebook*. Nesses dados, o autor ressalta que o objetivo principal é atrair novos seguidores. Tratando dos links patrocinados e da cobrança pela quantidade de cliques ou a cada mil visualizações atingindo públicos-alvo específicos.

Quanto a valor monetário, o perfil do usuário e suas informações pessoais são de extrema relevância para oportunidades e estratégias de publicidade, no qual dados preciosos serão negociados pelo site com o mercado publicitário.

Peixoto (2014) também cita Zuckberg, um dos fundadores do *Facebook,* como atuante em patrocínios especializados e direcionados. Nestes casos, o algoritmo *Edge Ranck* foi determinante para tais manobras, pois foi possível explorar a relação das pessoas e acantoná-las em nichos de convivência com seus pares afins, em opiniões, atitudes, predileções, gostos pessoais, entre outros.

Neste itinerário, um grande plano de negócio configura os produtores e os consumidores potenciais. Dependentes de atores para sua manutenção, não há como negar o papel exercido pelo Facebook no capitalismo comunicacional, estético e cultural.

> Um site que gesta mais de um bilhão de usuários e seus dados, das mais diversas culturas e nacionalidades, operando como um panótipo reflete tão somente a lógica de um modelo de sociedade concentrador e financista. A internet é um espaço de tensões e o Facebook é uma corporação que reproduz as mesmas estratégias a busca do controle monopolístico que historicamente caracterizou os diversos seguimentos da mídia. [...] A tecnologia não é neutra e segue as inclinações sociais, políticas e econômicas existentes na sociedade. (PEIXOTO, 2014, p. 232).

Cabe sublinhar que, nesta subseção, ficaram evidentes a contextualização dos autores trabalhados, os desdobramentos e a visibilidade do *Facebook* como lugar do discurso e o campo aberto para a pesquisa científica. Além disso, não foram deixadas de lado as inclinações dos sistemas de poder que também permeiam esse meio e também são utilizadas para colonizar e controlar.

Redes sociais e desinformação são temas muito debatidos nos últimos tempos, bloqueios de plataformas por falta de proteção. Muito antes da criptografia já se falava em proteção de dados pessoais, ou seja, privacidade como direitos humanos, e o que se questiona é se a privacidade dos usuários está sendo assegurada.

Uma das discussões de maior ênfase é o espaço das redes sociais não serem somente para entretenimento e, sim, espaço de trabalho, pesquisas e também como forma de contato como, por exemplo, encontrar pessoas que não se vê por muito tempo.

Como as plataformas são privadas a busca por garantias de direito tornou-se ainda mais preocupante para a garantia de direitos dos cidadãos brasileiros. Quando se trata de espaços públicos da internet há termos de privacidade e regras a serem respeitadas pelos usuários e na moderação dos conteúdos dessas plataformas.

No entanto, especialistas como Helberger; Pierson; Poell (2018) vem alertando sobre o papel de a desinformação tornar-se referência de visão de mundo para pessoas altamente influenciadas pela desinformação em que essas notícias falsas mudam a visão de mundo das pessoas e interfere em eventos políticos e sociais como, por exemplo, a pandemia da Covid-19, discussões sobre vacinas e remédios milagrosos sem aval científico sendo disseminado de forma natural.

No Capítulo 3, subseção 3.4 deste trabalho, será abordado e contextualizado o uso das redes sociais para manipular dados pessoais por algoritmos que definem o que será mostrado para os usuários e nesse processo os conteúdos postados ganham relevância para *rakeamento* e manipulação de dados.

2. SENTIDOS COMPULSORES: A CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA

> *Os caminhos que percorremos não seguem traços lineares. Cada trecho, cada curva nos reserva uma surpresa. O inesperado é uma das magias do caminho.*
>
> (Hoffmann, 2001)

Neste capítulo são apresentados os elementos que enraizaram as bases do trabalho e que dialogam com a problemática da pesquisa; e os objetivos que fundamentam os sentidos compulsores, aqui entendidos como elementos condutores do trabalho.

Adicionalmente, foram abordados o histórico da página do *Fórum de Mulheres Negras Mato Grosso,* a catalogação e o mapeamento dos dados, a organização e descrição da página pesquisada, tomando por base quatro critérios: a página; produções expostas; circulação das produções; e as fases da pesquisa.

2.1 Netnografia: escolhendo as setas de orientação do caminho

O fragmento textual acima enfatiza o pensamento que a pesquisadora da educação, Jussara Hoffmann (2001) construiu para falar do caminho da avaliação. Para a autora, todo e qualquer processo de avaliação (aqui toma-se como pesquisa), não segue um padrão linear, pois durante o percurso muitas situações surgem trazendo novas perspectivas e novas abordagens que tecerão as descobertas.

Dessa maneira, foi traçado um caminho para compreender o método Netnográfico, fazendo-se necessário partir de sua gênese, a etnografia, que a princípio é muito utilizada por pesquisadores da área da antropologia para pesquisas sobre as civilizações. O etnógrafo descreve densamente o comportamento de grupos humanos, observando as características, objetivos, pensamento e práticas, tendo como objetivo principal melhorar as condições de vida das pessoas (ANGROSINO, 2009).

A etnografia é uma metodologia científica de abordagem qualitativa, tendo sua iniciação na antropologia e passando também pela sociologia. Nela, o trabalho

de pesquisa é realizado segundo critérios e práticas em que o pesquisador é inserido na comunidade, participa dela e colhe informações do comportamento e costumes daquele determinado povo.

De acordo com Clifford (2002), a etnografia foi monopólio da antropologia durante pelo menos dois séculos. Para ele, a desintegração da autoridade etnográfica na antropologia social, acontece no século XX, com a pluralidade de linhas de pensamentos. Com a multiplicidade a metodologia começou a ser usada também para compreender outros meios, tornando-se uma ciência mais de observação participante a partir desse período.

À vista disso, o autor chama a atenção para o percurso histórico da passagem do século XIX para o XX, em que a figura do pesquisador etnográfico estava alheia a contextos que lhes são imprescindíveis para compreender determinados campos com autonomia e alteridade:

> O desenvolvimento da ciência etnográfica não pode, em última análise, ser compreendido em separado de um debate político-epistemológico mais geral sobre a escrita e a representação da alteridade (CLIFFORD, 2002, p. 20).

Para Schmidt (2005), a etnografia permeia a possibilidade de historicizar a ideia de que o “eu” é construído culturalmente. Para a autora, a cientifização da antropologia corroborou para que a escrita considerasse o caráter construtor pelo modo como os achados de campo são selecionados, combinados, reescritos e apagados. Os relatos textuais e a complexidade do trabalho de campo, na condição de construções parciais pela escrita, devem ser provocativos.

Nesse caso, a referida autora salienta que o informante é mais importante do que o objeto, pois as negociações estão no campo subjetivo e o trabalho é de cunho interpessoal. Neste momento, o pesquisador, que antes documentava o saber formulado, desliza para a posição de transcritor, e o informante passa à posição de professor.

Em seus estudos, Rifiotis (2016) definiu que a etnografia sempre ocupou o lugar da técnica e contextualizou a problematização das condições de produção do conhecimento antropológico pela qual se definem categorias que dão confiança à existência dos fatos.

Somente na década de 1990 começa uma movimentação coletiva para validar a atividade antropológica em pesquisas na internet, passando, assim, a partir do ano 2000, a concentração de estudos na comunicação mediada por computador (RIFIOTIS, 2016).

Neste momento, nasce a etnografia virtual concebida por autores como Clifford (1998), Arturo Escobar (1994), Latour (2000; 2002; 2008), Boyer (2012), entre outros, que abordaram questões teóricas e metodológicas no campo virtual, assim como os apresentados a seguir e que estão relacionados com toda a construção desta tese.

Nota-se na tese de Guimarães (2017) que a autora utilizou a etnografia virtual, tendo os estudos de Hinne (2004) como eixo principal, e os de Castells (2013) e Flick (2004) como caminho metodológico complementar percorrido na construção do *corpus* investigativo do trabalho.

No percurso da captação de dados, a autora catalogou as principais redes de busca, utilizou da interface *print screen* do teclado do computador para coletar imagens, armazenando-as em um banco de dados conforme os principais critérios da etnografia virtual.

Desta forma, transcreveu as manifestações tais como coletadas, em observância a protocolos éticos, distinguindo a esfera pública da privada. A autora fez a descrição densa dos fenômenos encontrados, analisando-os à luz de autores que trabalham questões ligadas ao objeto pesquisado e ao campo de análise.

Bargas (2018) propõe uma análise de apropriações das mídias digitais como mecanismo de luta territorial, utilizando como campo de coleta de dados o *Facebook* e o *Whatsapp* para observar as interações *on-line*. Fundamentação da etnografia virtual utilizada: Hinne (2015), Flick *et al.* (2007), Angrosino (2009) e técnicas complementares.

No processo de captação de dados (24 meses), foram observados 14 grupos de Whatsapp e 56 perfis entre páginas e grupos. Na amostragem, foram incluídos questionários (com acompanhamento presencial dos interlocutores, através dos movimentos sociais da comunidade quilombola) e coleta documental.

No percurso da coleta de dados a autora observou padrões de interação, sociabilidades, conflitos e mobilização *on-line*. Neste sentido, abre uma seção específica para falar sobre as mulheres negras quilombolas usando os conceitos da

interseccionalidade, empoderamento, identidade, para relatar uma forma de associativismo latente nessas mulheres pesquisadas.

Paz (2019) investiga as narrativas e processos formativos decoloniais do ativismo de mulheres negras na rede social *YouTube*, buscando compreender as pautas de reivindicações nos canais protagonizados por mulheres negras.

O trabalho toma como ponto de partida os conceitos e abordagens no campo das relações raciais e ciberespaço, abordando concepções históricas e teóricas de autores como Ângela Davis (2016), Gomes (2002), Manuel Castells (1999), Santaella (2007), entre outros.

A análise de abordagem qualitativa desenvolveu duas sessões norteadas pelo método de observação participante de tipologia etnográfica no ciberespaço, pesquisando três canais de *vlogueiras* negras: Luciellen Assis, Gabi Oliveira e Ana Paula Xongani.

A organização foi definida por entrevistas semiestruturadas, entrevista *on-line* via chamada de telefone, mensagens pela plataforma de comunicação *Hangouts,* participação em um encontro presencial e o mapeamento de 32 vídeos postados nos três canais.

Seguindo a linha de pensamento dos três trabalhos, pode-se inferir que a etnografia pressupõe que a imersão do pesquisador no grupo realize-se com a máxima descrição a fim de que ele possa observar os fenômenos e inferir conhecimento na vivência.

Na mesma linha da etnografia, a netnografia como método de pesquisa volta-se para o estudo de comunidades virtuais com novas formas de sociabilidades no campo da cibercultura (RIFIOTIS, 2016).

De acordo com Kozinets (2014), a netnografia é utilizada por pesquisadores de várias áreas do conhecimento com o objetivo de monitorar comunidades *on-line* e identificar os hábitos e os discursos ali emitidos. Implica observar não apenas as facilidades de comunicação surgidas com o meio (internet), mas suas implicações na vida real, seja online ou *off-line*, conforme destaca.

Esse método é compreendido como um conjunto de orientações organizadas para direcionar uma pesquisa qualitativa em meio a um sistema processual que conduz gradualmente o pesquisador nas operações fundamentais para a coleta de dados e análise desses dados de acordo com o objetivo da pesquisa.

No trabalho de Silva (2017), é apresentada uma análise netnográfica que organiza o mapeamento de comunidades no *Facebook.* A autora enfatiza a importância de se observar os percursos na captação de dados, assim como o respeito aos protocolos.

Ao tratar da pesquisa acadêmica em redes sociais digitais, Recuero (2009) reitera que a netnografia ajuda na exploração da discussão e análise dos fenômenos relativos a elementos empíricos por se tratar de um método que transita no campo das mediações em que os protocolos definidos nortearão a forma como esses dados serão captados.

Neste trabalho, foram utilizados protocolos que auxiliaram na organização do passo a passo indicado pelo método com o propósito de obter o tipo de dado desejado e responder à pergunta problema (KOZINETS, 2014). É oportuno enfatizar que o método foi utilizado somente para a coleta de dados, não houve interação com os participantes da página com exceção das administradoras para autorização do uso das imagens da página conforme consta no apêndice.

Seguindo o critério que Kozinets (2007) nomeia não obstrutiva e observacional, ou seja, quando não há comunicação com seres humanos, a pesquisa foi direcionada para a observação das postagens da página *on-line* FMNMT- etapa cujo propósito é compreender a cultura e os fenômenos relacionados à comunicação mediada por computador (CMC) no ambiente virtual.

Especificamente o modo de articulação das mulheres negras inseridas no contexto de comunidade. Então, o foco desta pesquisa está diretamente ligado às postagens como amostras de enunciados pautados no contexto do conceito de *Weltanschauung* negra e no histórico das lutas de mulheres negras.

Para o estudo dos materiais postados relacionados às produções das comunidades e canais analisados, foi obedecida a seguinte organização: planejamento do estudo; entrada; coleta de dados, interpretação; garantia de padrões éticos; representação da pesquisa; definição das questões da pesquisa; identificação e seleção da comunidade; interação para entrada na comunidade ou página; coleta de dados; redação; apresentação e relato dos resultados com implicações teóricas e práticas.

Para inferir a todos esses critérios foi criado um passo a passo que foi nomeado de “setas” como indicador de caminhos apresentados como radiografia, clivação, interação, organização, mapeamento e experimento. A garantia dos

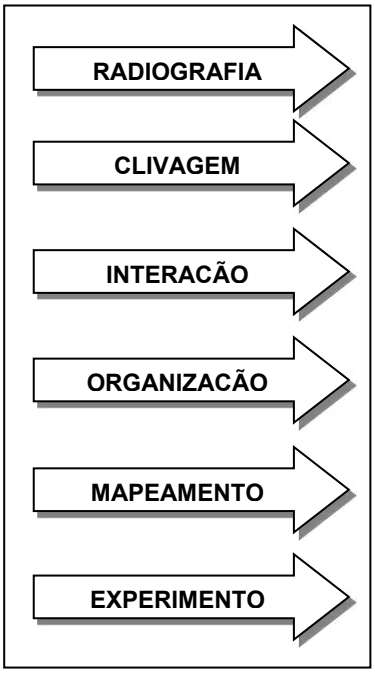
padrões éticos foi pautada na separação do que é público e privado e as amostras de imagens que identificam o enunciado foram localizadas na fonte original, identificadas e citadas. Os critérios exigidos pela comunidade para a entrada de novo usuário seguem em um pequeno questionário em que o internauta se apresenta e apresenta o motivo de interesse na comunidade.

Na próxima seção, encontra-se o composto formado pelas seis setas que darão formato à pesquisa pela abordagem qualitativa. Hoffman (2001) postula que a concepção de tempo leva a compreender que o caminho define esse tempo e que o percurso precisa ser organizado e definido pela compreensão de cada passo que é dado.

2.2 Etapas da pesquisa pela abordagem qualitativa *on-line*

A captação de dados nas linhas da Netnografia (KOZINETZ, 2006), foi dividida em seis etapas criada exclusivamente para este trabalho e nomeadas por setas. Essas etapas, construídas e organizadas para a captação de dados, estão explicadas no passo a passo descrito na subseção 2.5.1. Na figura vê-se as seis setas indicadoras dos elementos que compõem o processo de captação dos dados.

Figura 12 - Etapas da pesquisa orientadas por setas



Fonte: Autora.

A orientação por setas permitiu desde o levantamento dos modos de interação (temas; postagens; comentários; nível de interação dos internautas nas postagens e a identificação dos conceitos; produções discursivas e fontes de dados postados para o cruzamento com o objetivo da pesquisa, de suma importância para iniciar o processo de clivagem) até chegar às páginas que respondem a pesquisa, conforme especificado na catalogação apresentada na subseção 2.4.

Neste momento da pesquisa é necessário separar o público do privado, atendendo às regras básicas da ética exigida pela netnografia como técnica de captação de dados em redes virtuais obedecendo a Lei Geral de Proteção de Dados.

Constata-se que, durante o processo de busca pela página escolhida houve interação com outros locais, grupos privados, páginas privadas e abertas, nesse processo de interação, houve contato *on-line* e preenchimento de questionário sujeitos à aprovação dos administradores para participar como pesquisadora conforme está documentado no apêndice deste trabalho.

Foi a partir da escolha da página FMNMT que a pesquisa passa a ser não obstrutiva e observacional (KOZINETS, 2007), pois nesse caso o contato foi apenas para a autorização do uso das imagens postadas, conforme está demonstrado no passo a passo da pesquisa.

De acordo com a Resolução CNS n.º 196/96, o fato do trabalho não estar alinhado diretamente com seres humanos não implica desrespeito a quaisquer das seguintes exigências: risco de vulnerabilidade; competência para decidir a participação; necessidades do desenho científico; susceptibilidade aos riscos; possibilidades de benefícios; praticidade e considerações relacionadas às questões de justiça (BRASIL, 2006).

Se observadas tais recomendações, as pesquisas podem ser realizadas em qualquer área do conhecimento que envolva indivíduos ou coletividades, em sua totalidade ou partes, desde que não implique risco e desrespeito à ética.

Abaixo as regras definidoras para a pesquisa de informações de domínio público estabelecidas pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação ANPED[33]:

[33] Disponível em: https://www.anped.org.br/news/nova-resolucao-5102016-de-etica-na-pesquisa. Acesso em: 14 jun. 2021.

> Parágrafo único. Não serão registradas nem avaliadas pelo sistema CEP/CONEP:
> I – pesquisa de opinião pública com participantes não identificados;
> II – pesquisa que utilize informações de acesso público, nos termos da Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011;
> III – pesquisa que utilize informações de domínio público;
> IV - pesquisa censitária;
> V- pesquisa com bancos de dados, cujas informações são agregadas, sem possibilidade.
> de identificação individual; e
> VI - pesquisa realizada exclusivamente com textos científicos para revisão da literatura Científica;
> VII - pesquisa que objetiva o aprofundamento teórico de situações que emergem espontânea e contingencialmente na prática profissional, desde que não revelem dados que possam identificar o sujeito;
> VIII – atividade realizada com o intuito exclusivamente de educação, ensino ou treinamento sem finalidade de pesquisa científica, de alunos de graduação, de curso técnico, ou de profissionais em especialização.
> § 1o Não se enquadram no inciso antecedente os Trabalhos de Conclusão de Curso, monografias e similares, devendo-se, nestes casos, apresentar o protocolo de pesquisa ao sistema CEP/CONEP. [...] (ANPED, 2016).

No caso da pesquisa em voga, a página selecionada para estudo tem caráter público e as produções estão expostas e compartilhadas publicamente e sem contato aparente com usuários. Isto posto, a submissão, apreciação e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UFMT apresentou-se desnecessária por entender-se que, no decorrer da pesquisa, o que é público foi separado do privado, e as imagens foram autorizadas pela administração da página, o que exime o pesquisador da obrigação de reparar qualquer dano moral que venha a ser reclamado pelos atores discursivos.

A pesquisa está de acordo com a nova Lei Geral de Proteção de Dados - LGPD[34], compondo a autorização da administradora da página conforme o documento assinado no apêndice, (item F) assim, todas as imagens captadas da página FMNMT estão com a autoria original citada, seguindo todos os protocolos para uma pesquisa qualitativa, dentro dos ditames de ética na pesquisa estabelecidos pela ANPED, ancoradas na LGPD:

[34] Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/l13709.htm. Acesso em: 27 jul. 21.

> Termo de Uso ou Contrato de Termo de Uso é um documento que estabelece as regras e as condições de uso de determinado serviço executado pela instituição. Ao manifestar ciência em relação ao informado pelo Termo de Uso, o usuário prossegue de forma consciente em relação às cláusulas estipuladas para utilização do serviço. A obtenção de manifestação de concordância com o Termo por meio de consentimento é aplicável: - nos casos em que os dados pessoais utilizados pelo serviço sejam respaldados com base no inciso I do art. 7º ou inciso I do art. 11 da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD). 1 ; ou - quando previsto em qualquer outra legislação vigente que obrigue tal obtenção. (BRASIL, 2021, p. 5)

O termo de autorização para uso das imagens e respectivas cessão de direitos (Lei n.9610/98) foi articulado contendo os protocolos e critérios utilizados no processo de captação de dados, a saber: todas as imagens de vídeos, filmes, fotos, *website*, podcast, programas de televisão, rádio, reportagens para jornais e revistas; redes sociais (*Facebook, YouTube, Instagram e Twitter*) bem como em outros meios de comunicação posteriormente desenvolvidos, local ou globalmente.

A autorização e respectiva cessão de imagem também foi concedida a título gratuito, em todo território nacional e internacional, por tempo indeterminado, para a finalidade de promover, divulgar, dar publicidade às atividades da tese de doutorado em voga. Dessa forma, todo o processo da pesquisa foi organizado para a segurança dos dados coletados principalmente das postagens para que pudessem ser inseridas na tese.

Todas essas questões são elementos significativos na abordagem de pesquisa qualitativa, pois permite o transitar pelos dados prevendo a integração de formas mais seguras para garantir que os procedimentos de captação sejam assegurados pela ética.

Sobre os estudos qualitativos, Recuero (2009) chama de pesquisa qualitativa uma visão, em profundidade, sobre os impactos que os fenômenos em estudo têm nos microcosmos. Para Fraser e Gondim (2004), a investigação qualitativa consiste em fornecer uma visão real dos objetos e posicionamentos situacionais, nos quais os indivíduos possam encontrar os valores que sustentam suas opiniões e também a ajuda para compreender as perspectivas de sua própria fala e, desta forma, identificarem o fenômeno descrito pelo discurso.

De acordo com Denzin e Lincoln (2006), os aspectos essenciais para uma pesquisa qualitativa decorrem de possibilidades de manuseamento de instrumentos empíricos de grande diversidade para práticas interpretativas, que sejam capazes de

traduzir diferentes significados e perspectivas para paradigmas teóricos e discursivos.

Geertz (1989) salienta a busca de um significado interpretativo que trace a compreensão exata do que se propõe a dizer ou não em um discurso. As condições que criam as histórias explicam os fatos e compreendem a linha e os modos como são representadas pelo discurso e suas implicações para o comportamento que pode abrir outras possibilidades.

Para Olesen (2006), o século XXI destaca-se como um ponto de partida importante para que a pesquisa qualitativa de cunho feminista, contando com alta diversificação, gere desafios dentro de uma grande competição teórica, em que as abordagens analíticas e metodológicas competem entre si.

Neste ponto, a intensão é chamar a atenção para o olhar científico de uma pesquisa que se propõe *para* mulheres e não *sobre* mulheres. A razão é que uma pesquisa qualitativa, na perspectiva do feminismo, tem o objetivo, na justiça social, *para* as mulheres. Por isso, não pode ser um receptor passivo de temas e de controvérsias intelectuais transitórias, ao contrário, têm exercido influências sobre muitos aspectos da pesquisa qualitativa, causando incômodos na opinião de algumas pessoas (OLESEN, 2006).

Olesen (2006) descreve a pesquisa feminista como uma modalidade extremamente diversa e questiona alguns tipos de pesquisa qualitativa de cunho feminista. A autora salienta a revisão de questões atualmente discutidas pelas pesquisadoras, destacando algumas dúvidas a respeito das realizações e das deficiências dessas pesquisas na entrada do milênio.

Para a autora são questões em ebulição: obstinadas preocupações (para algumas) quanto à tendenciosidade, credibilidade, objetividade e a subjetividade no campo da investigação; (Para outras) feitas para novas abordagens experimentais no domínio da representação da voz, do texto e das questões éticas.

Esse trabalho apresenta novas complexidades, envolve numerosos investigadores, ao mesmo tempo em que muitos outros continuam voltados a visões universais marcadas pelo gênero e por abordagens mais tradicionais (OLESEN, 2006).

Dentro das perspectivas experimental e tradicional, existem discordâncias desde o modo de como lidar com as vozes até como preparar a pesquisa para seu uso em políticas. Olesen (2006) chama a atenção para os equívocos quanto à

pesquisa qualitativa, que limita as investigações dentro das esferas subjetiva e interpessoal, o que vem de encontro com os antigos interesses feministas na subjetividade da mulher.

No entanto, o trabalho da pesquisa feminista vem ultrapassando essas limitações e empregando uma ampla variedade de métodos. De avaliações a experiências de mulheres, a intensidade dos trabalhos chama a atenção para o subjetivo e para a análise das relações nas investigações de movimentos sociais e de questões que envolvem, em larga escala, políticas e organização.

O presente estudo de tipologia netnográfica se propõe a catalogar produções da página *Fórum das Mulheres Negras Mato Grosso* no *Facebook,* tendo como objetivo analisar categorias discursivas nas postagens, buscando razões para compreender a relação dessas produções com conceito de *weltanschauug* negra; identificar o movimento de pesquisadoras negras nessa plataforma; e reconhecer os códigos transicionais representados pelo discurso empreendido nas produções postadas.

A página escolhida para a catalogação tem como categoria de partida o gênero feminino negro, seguindo um protocolo de recortes com base em produções escritas (livros, artigos, memoriais, mensagens, folders) e observando a construção do pensamento discursivo desses materiais.

O desenvolvimento da pesquisa foi direcionado para a catalogação da página, que descreve o histórico da plataforma, suas produções (consideradas ou não científicas) e publicações (por meio de *lives*, podcast, vídeos, imagens, textos e indicações de obras científicas para passar pelo processo de clivagem).

Na próxima subseção, apresenta-se o processo de catalogação, realizado conforme os critérios exigidos pelas comunidades e páginas. A entrada no grupo é feita mediante o preenchimento de um pequeno questionário em que o internauta fala de si e expõe o motivo de interesse na comunidade ou página. A partir de agora será mostrado o modo como se deu a entrada nos grupos e na página FMNMT, a reunião dos dados dentro dos processos que a netnografia oferece como método, as explicações e o embasamento de cada fase da pesquisa.

2.3 Procedimentos de captação e catalogação de dados orientados por setas

A estratégia para a captação e catalogação de dados foi dividida em seis etapas. O quadro a seguir apresenta essas etapas, os objetivos e os procedimentos utilizados para o cumprimento da estratégia.

Quadro 1 - Etapas da pesquisa por setas

Etapas	Objetivos	Procedimentos
1. Radiografia	Identificar comunidades e páginas que trabalham com o tema gênero feminino negro.	Navegação *on-line*, observação e descrição.
2. Clivagem	Separar o público do privado.	Navegação *on-line*, observação descrição.
3. Interação	Inserir nos grupos e navegar nas páginas.	Navegação *on-line*, observação e descrição.
4. Organização	Sistematização por tema	Navegação *on-line*, observação e descrição.
5. Mapeamento	Mapear as postagens com características *weltanschauug*.	Recolhimento das amostras por *print* e descrição.
6. Experimento	Alinhar, cruzar e reconhecer.	Descrição do processo

Fonte: Autora.

2.3.1 Etapas da Radiografia, Clivação, Interação e Organização

Neste trabalho, a radiografia é aplicada como um processo de reconhecimento da estrutura interna do *Facebook*, visto como lugar do discurso, cuja finalidade é compreender como funcionam as dinâmicas das comunidades e páginas e como interagem com seus transeuntes.

O desenvolvimento da pesquisa foi manual, sem o uso de *software*, utilizando como critério os seguintes descritores: “comunidades negras”; “grupos de mulheres negras”; “grupos públicos de mulheres negras”; “grupos de pesquisadoras negras”; “mulheres negras e ativismo”. Durante a navegação foram abertas 120 abas (entre grupos fechados, grupos abertos, e páginas públicas) e encontrados os seguintes espaços específicos: beleza, cabelo, maquiagem, namoro, economia, saúde,

educação, autoajuda, autoafirmação, psicologia, até chegar aos movimentos de ativismo, *ciberativismo*, *ciberfeminismo*, entre outros.

Recuero (2009) salienta que para a tipologia de pesquisa netnográfica com Análise do Discurso é importante a criação de categorias que partam da dimensão micro para a macro a fim de facilitar a identificação dos formatos discursivos que estão sendo postados na página pesquisada.

Por conveniência da pesquisa, as anotações focaram as abas que correspondiam ao objetivo principal da busca. Feitas as primeiras buscas, foi organizado o processo de clivação com o uso de critérios locais de ativismo. A tomada de decisão levou em consideração a percepção dos seguintes aspectos: espaços com alta concentração de pesquisadoras negras e discussões voltadas para um ativismo negro em rede no estado de Mato Grosso.

Depois de começado o processo de clivagem, o número inicial de abas consultadas (120) caiu para 78, na fase de observação e clivagem, até chegar a 22 abas pela qual inserimos nesses locais para observar e, enfim, escolher o campo ideal para a pesquisa.

O processo de catalogação começa com um passo a passo de pesquisa de comunidades, tendo por critério relações raciais e gênero. A primeira busca, iniciada em novembro de 2019, selecionou 22 itens entre grupos e páginas.

Na fase da clivação, a ordem dos itens foi selecionada por protocolos de entrada. Os critérios para a seleção levam em consideração a separação em grupos e em páginas públicas e privadas para inserção e averiguação de dados, de acordo com a proposta da pesquisa.

Desse modo, os grupos e páginas públicas e privadas que exigem autorização para entrada através de questionários, foram devidamente obedecidas conforme está demonstrado no item C do apêndice. No Quadro 2, estão relacionadas 22 páginas com potencial de objetivo e objeto para análise.

Quadro 2 - Comunidades e grupos categorizados por tipo de acesso

	Nome da Comunidade	Grupo / comunidade	Categoria público-privada
1	Comunidade Pérolas Negras / Orgulho Negro	Comunidades	Pública
2	Biblioteca Preta	Grupo	Privado
3	Amor Afrocentrado	Grupo	Privado
4	GAP Grupo de Apoio as Pretas	Grupo	Privado
5	FRANTZ FANON: Leituras partilhadas	Grupo	Privado
6	Levante Negro	Grupo	Privado
7	COMPRETAS - Coletivo de Mulheres Pretas	Grupo	Privado
8	Só as Pretas - Resistindo a Insanidade	Grupo	Privado
9	Revista Raça	Grupo	Privado
10	Intelectualidade Afro-brasileira	Grupo	Privado
11	Fala Nega	Grupo	Público
12	Afrodengo Reflexivo	Grupo	Público
13	Quilombhoje Literatura	Grupo	Público
14	Geledés instituto da Mulher Negra / página	Página	Pública
15	Fórum de Mulheres Negras MT	Página	Pública
16	Pele de Ébano	Grupo	Privado sem questionário
17	Mulheres negras contra Bolsonaro	Grupo	Privado
18	Porque representatividade importa e muito	Grupo	Público
19	Afrodengo Brasil	Grupo	Privado sem questionário
20	Ginecologia Natural- Mulheres Negras	Grupo	Privado
21	NOFRONT- Empoderamento Financeiro.	Grupo	Privado
22	Coletivo de Pesquisadoras/Negras/Neusa Santos	Página	Pública

Fonte: Autora.

Para a terceira fase, a seta da interação, foi preparada a entrada na comunidade, seguindo os critérios para garantir os padrões éticos que a netnografia orienta, como a coleta de dados: inserir nas comunidades virtuais e páginas seguindo o protocolo de cada comunidade ou grupo fechado atribui como critério para a entrada de qualquer participante. (KOZINETS, 2007)

Há duas possibilidades de exigências feitas ao candidato a membro de algumas comunidades do *Facebook* (em sua maioria privadas): responder um questionário ou solicitar o pedido e aguardar a resposta do administrador. Essa situação é chamada de seta da interação, pois para entrar na comunidade ou página é preciso interagir com o administrador.

No decorrer do estudo, verificou-se que os questionários não diferem muito uns dos outros e, por isso, foram avaliados alguns critérios, que depois foram sistematizados nos quadros 3 e 4.

O Quadro 3, contendo o modelo de questionário padrão usado pela maioria dos grupos pesquisados, foi criado para ajudar os novos usuários a serem aceitos no grupo.

Quadro 3 - Modelo geral de questionário para inserção na comunidade

1. Sua participação está com aprovação pendente. Responda a estas perguntas dos administradores do grupo para ajudá-los a analisar sua solicitação de participação. Somente os administradores e moderadores verão suas respostas.	a) Você é negro? b) Você é a favor das cotas? c) Você é a favor da luta contra o racismo? d) Por que você deseja entrar no grupo? e) De qual cidade você é? f) Leia as regras e diga se concorda.

Fonte: A autora, tendo por base modelo adaptado no apêndice.

Quadro 4 - Regras gerais para inserir nos grupos

1-Seja simpático (a) e gentil.	Precisamos nos unir para criar um ambiente acolhedor, vamos tratar todos com respeito, discussões saudáveis são naturais, seja gentil e educado (a).
2-Nenhum discurso de ódio e *bulliyng*.	Todos devem se sentir seguros. O *bulliyng* de qualquer tipo não é permitido e comentários degradantes sobre raça, religião, cultura, orientação sexual, gênero ou identidade não serão tolerados.
3-Não aceitamos membros sem fotos, divulgação de Instagram ou Whatsapp.	Se for contra assuntos relacionados à valorização e à cultura do negro será removido do grupo, ok?
4-Nenhuma promoção ou *spam*	Proporcione a outras pessoas deste grupo mais do que você obtém dele. Autopromoção e links irrelevantes não serão permitidos.
5-É terminantemente proibido foto em traje sumário.	Não aceitaremos fotos de membros usando sungas ou lingeries e na insistência, o membro será removido do grupo. Não toleramos qualquer tipo de atos discriminatórios no grupo.

Fonte: A autora, tendo por base modelo adaptado do apêndice.

2.3.1.1 Lesões Identitárias à Flor da Pele: descrição do processo de interação com as comunidades privadas e páginas públicas (dados isolados)

O percurso de interação, organização e mapeamento da pesquisa contrastou com todo o processo subjetivo da relação pesquisadora-objeto, pois trata-se da relação com o objeto que é a cor negada em subjetividade e liberdade. Para Fanon (2008, p. 176), “o objeto é um instrumento que deve permitir que eu realize minha segurança subjetiva”, ou seja, o desejo de plenitude não permite nenhum tipo de

cisão ou mutilação dessa condição. No entanto, se o objeto é fragmentado há um deslocamento objetal, tornando-se uma neurose estruturada pelo meio. (FANON, 2008)

Em se tratando de mim, enquanto mulher negra e no lugar de pesquisadora, as primeiras reações do contato com o objeto mexeram com minha estrutura identitária. Ao contrário do que sugere Fanon (2008) - uma ação de confronto, não consegui reagir e ir em busca do meu objeto faltoso (a cor da pele, a minha casa), não tive recursos internos para lidar com o círculo infernal que se estabelecia nos primeiros momentos da pesquisa. A característica principal do círculo infernal, segundo Fanon (2008) é o mal-estar causado pela dor no processo de ruptura com a neurose colonial.

Esse "fantasma" do círculo infernal perdurou e ainda perdura em todo o processo de investigação, uma vez que reconhecer a construção de vida num processo histórico de formação do meu *eu*, me fez enxergar com maior clareza que as subjetivações cotidianas a qual eu passava/passo, pela cor de minha pele, estavam/estão cada vez mais descortinadas pela teoria lida, aliada ao concreto vivido por mim e por tantas mulheres. Por isso, a "casa" é a busca pela libertação da dor da rejeição que sofro pela cor da minha pele.

Passado esse primeiro e grande círculo infernal, e com a resposta positiva dos grupos e páginas privadas para adentrar no campo virtual, iniciou-se o processo de navegação e observação. O esquema de armazenamento iniciou pelo levantamento de materiais a serem analisados de acordo com a problematização da pesquisa.

Em seguida, foi criada uma pasta de arquivos para separar os materiais por assunto e autor, que posteriormente passarão por clivagem aproximada ao objeto que está sendo pesquisado.

Posteriormente, foi traçado um marco temporal das datas das publicações por temas. Outra pasta foi aberta para os arquivos que passaram pela clivação, dando início a outro processo de clivagem, em preparação para a análise de dados da netnografia.

O caminho de pesquisa era tecido enquanto a organização das postagens seguia o plano de ação traçado (ver subseção 2.3.1) e observação dos grupos e página avançava, clivando os interesses da pesquisa, fatos e acontecimentos de interações.

É certo que o caminho percorrido facultou inegáveis conhecimentos, observados e transcritos desde o início do percurso pelas redes em grupos variados, mas também alguns episódios agradáveis e desagradáveis, cuja contextualização ficará restrita a três episódios importantes para a discussão de pesquisa, pois linhas de pensamentos e formas diferentes de olhar para as relações étnico-raciais começaram a aparecer na medida em que havia avanço mais profundamente na escuta, principalmente nos espaços privados.

Nesse percurso foi possível identificar a formação imaginária (BRANDÃO, 2006), a zona interior dos processos discursivos, ou seja, a imagem que os interlocutores têm sobre as questões raciais no Brasil. Constata-se que as formações imaginarias da *Weltanschauung* negra dos diferentes grupos transitados no *Facebook* apresentaram diferentes posicionamentos discursivos, porém se relacionam em alguns pontos conforme o exposto a seguir.

Os espaços dos grupos raciais em rede são tomados por linhas de pensamento, a exemplo do grupo aqui denominado de grupo X. Fui aceita neste grupo como pesquisadora com permissão para observar e transitar no grupo e nos acervos de produções (uma espécie de biblioteca com muitos livros e obras do Malcolm X, Martin Delany, Marcus Garvey, entre outros). Contudo, não fui autorizada a compartilhar as postagens e por esse motivo não usarei nomes para o relato de nenhum episódio.

Em um diálogo estabelecido com a administradora pelo *Messenger* cogitou-se a realização de entrevistas e a adoção do método de pesquisa participante. Percebeu-se rapidamente o lado positivo dos debates (acalorados e muito consistentes) e também o negativo: muito agressivos com os participantes, principalmente com pessoas que ainda estão em processo de descolonização e tentando compreender o processo.

Na concepção do grupo X, a linha de pensamento é o nacionalismo negro[35]. Nessa linha, todo negro, antes de ser negro, é um cidadão “africano”. Por este motivo, os membros adotam sobrenomes africanos após uma busca de sua linhagem. Foi nesse grupo que descobri que meu nome Mory é unissex e comum em várias regiões do continente africano e que há um cantor famoso de mesmo nome.

[35] Nacionalismo negro: refere-se a um movimento de independência cultural e luta por repatriamento africano para descendentes.

Nesse contexto, houve vários momentos de tensão, pois os membros desse grupo fazem parte de uma linha de pensamento que defende o repatriamento para o país africano de origem de onde seus possíveis descendentes foram sequestrados e trazidos como escravos para o Brasil.

Quando questionei a questão da língua, a coletividade e citei o autor Frantz Fanon como referência, houve uma discussão expressivamente agressiva. Acusaram-me de falsa, buscaram informações para saber se eu realmente era aluna de doutorado, remexeram minha página pessoal do *Facebook*, viram postagens de pessoas brancas e sobre cristianismo (e por isso fui xingada de vários nomes) e convidada a me retirar do grupo pela administradora e por outros participantes sob a acusação de palmiteira[36], no fim, sofri a cultura do cancelamento[37].

Depois desse episódio fiquei profundamente perdida, machucada, tive crises de choro e percebi que não estava preparada para esse tipo de interação na pesquisa. Este foi o primeiro processo do círculo infernal já mencionado. Não tinha recursos e nem parâmetros internos para lidar com os desafios e as questões supra complexas que exigiriam de mim suporte emocional e psicológico. Percebi que eu também sou um subproduto da colonização em processo de descolonização do conhecimento.

Busquei ajuda profissional da área da psicanálise e indicaram-me análise. Nesse percurso já estava engajada em outros grupos de trato mais amistoso; entretanto, muitas demandas não eram dos grupos e sim minhas, porque eu precisava questionar meu processo de descolonização.

Nota-se que as redes sociais dimensionam o que Geertz (1989) enfatiza sobre o conceito de cultura. Nos grupos, os significados gerados e o modo de interpretá-los e perceber formam, na medida da importância dada a determinados códigos estabelecidos e ao como são transmitidos e apropriados pelas pessoas que os praticam, a cultura que tenho interesse em estudar.

Nas redes sociais, algumas fórmulas discursivas transitam como conceitos criados e praticados nos entrelaçamentos. Entre uma conversa e outra percebem-se modos operantes temporal cumulativo de determinados termos que se

[36] Palmitagem nas redes são pessoas pretas que defendem as relações inter-raciais de pretos com brancos.
[37] A cultura do cancelamento é uma prática mais sofisticada do ostracismo, muito presente nas redes sociais, que é chamada rompimento com o objeto pela psicanálise.

popularizaram nos debates: colorismo, pigmentocracia, palmitagem, negacionismo, *tokenismo*, insurgente, integracionismo, desopilar, camuflagem e cancelado.

Além da compilação da lista de palavras e termos, faz-se necessário também observar como estes são ensinados, quais fenômenos psicológicos estruturam os discursos e os modos de representações comportamentais nessa ação social (GEERTZ, 1989). Por outro lado, o autor sinaliza que, no estado da cultura, os significantes são atos simbólicos e o objetivo principal deve ser a análise do discurso social.

É importante salientar a intencionalidade de compreender os discursos em rede, encontrando o ponto de partida dos fenômenos estruturais que foram estabelecidos nesse contexto, conceituadas tais relações com intervenção direta na formação do pensamento e no comportamento social a respeito de crenças colonizadoras, o contraponto para descolonizar.

Grupo L é incluso na categoria privado, é o tema do segundo episódio a ser narrado. Nesse grupo, a linha de discussão se estabelece no combate ao colorismo[38], que o compreende como uma forma pigmentocrática de discriminar em um sistema da necropolitica. No racismo a discriminação é pela raça, no colorismo, pela cor da pele.

O grupo cita em diversas postagens autoras como Sueli Carneiro, Aline Djokic, Consuelo Neves, Stephanie Nolen, entre outras. No período de observação do movimento, a interação e troca de informações deu-se de forma muito tranquila até o momento em que me apresentei como pesquisadora, quando começaram a me ignorar. Fiquei silenciada por quinze dias tentando interagir e desisti; não saí do grupo, mas fui buscar outras vias para a pesquisa.

O grupo L se movimenta de forma muito interessante e oferece um suporte riquíssimo em acervos e discussões formativas sobre as questões raciais. Os debates eram voltados para o contexto geral, mas infelizmente não queriam interação com pesquisa.

O terceiro episódio envolve o grupo XL, que é específico para mulheres negras, porém com apoiadores da causa pertencentes a outros gêneros. Durante as discussões travadas em torno do combate à palmitagem (chamadas *baticum*, bate-boca acalorado na língua banto), surgiam questões ligadas aos relacionamentos

[38] Colorismo refere-se a uma orientação ou identificação somente pela tonalidade da cor da pele.

inter-raciais cujo mote era a relação da branquitude e pessoa negra como estratégias de camuflagem para branquear.

A linha de pensamento desse grupo é a descolonização dos relacionamentos afetivos e pessoais (ou seja, sair de relações verticais para relações esféricas) e o meio empregado é o conhecimento da lógica do pensamento ocidental. Autores como Kabenguele Munanga, Nilma Lino Gomes, Ângela Davis, Frantz Fanon, entre outros, são citados e oferecidos como fonte de conhecimento aos internautas participantes.

Apesar de o grupo ser bem descontraído e de fomentar o relacionamento entre os membros, percebe-se uma crítica com propriedade discursiva, ao que eles chamam de “elite do pensamento negro”. Nas conversas, é posto em questão o posicionamento de determinados autores negros que, na visão deles, negociam o conhecimento para se autopromover nas mídias e acabam criando guetos das relações raciais no Brasil.

A permanência nesse grupo não se mostrou produtiva, pois, apesar dos temas discutidos serem extremamente importantes, não atendia ao tipo de ativismo buscado. Além de tudo, a intenção maior do grupo é fomentar as relações amorosas entre negros.

Por fim, a passagem pelos 22 locais, entre grupos e páginas, foi de muita valia para o crescimento pessoal e acadêmico (o capital teórico evoluiu expressivamente). No contato com autores e linhas de pensamentos, foi possível compreender muitos comportamentos que esbarraram o tempo todo nas estruturas pessoais e no movimento de todas as questões que implicavam vida pessoal.

Fazendo um balanço dos últimos acontecimentos (os estudos em rede com as questões de gênero na pesquisa, durante o processo de monitoramentos dos grupos e comunidades), percebeu-se que as identidades, em contexto geral, estavam dividindo-se em categorias de linhas de pensamento e a mulher negra também se encontra nessas divisões muito bem delineadas.

A figura do branco-hétero-normativo predomina em uma classe elitista que ainda insiste em grande latência nas redes e a devolutiva do negro de forma geral é enfatizada pela resistência de múltiplas maneiras. Em muitas situações há uma divergência entre negros, sobretudo quando linhas de pensamentos se chocam e precisam ser transversalizadas pelo diálogo e compreensão das discussões.

Nas amostras recolhidas das postagens em um marco temporal de um ano de pesquisa, foi possível perceber um movimento muito interessante nesse período de coleta dos dados, pois o que aparece, ainda que limitados, são dados em redes sociais que mudam de forma muito rápida, a dinâmica dos conteúdos postados aparecem com padrões discursivos de fortes bases na identidade como espaço constantes, e como já foi explicado, utiliza-se os decodificadores proativo e reativo, para compreender as atividades constituídas no material que será analisado posteriormente e que perpassa por um padrão discursivo, a ser delineado no Capítulo 3.

Pautadas em marcadores de experiência social, merecem destaque as seguintes motivações coletadas das postagens nos grupos (campo de pesquisa): processos se readequando no movimento de análise netnográfica; papéis de mulheres (como são retratadas no discurso, quais papéis desempenham nas produções; quais as demandas de suas produções; sua percepção como produtoras de conhecimento em rede).

Os padrões discursivos são orientados por três assuntos/campos: a autoafirmação pela autoimagem, pelo viés da estética negra, como explicitam as imagens e enunciados; a desconstrução de estereótipos negativos; e a validação da imagem e ancestralidade negra em contraponto com as práticas veladas de racismo.

As inquietações vivenciadas no período de observação vêm de bordas e de arestas onde subjetividades são produzidas e histórias são construídas com base em raça, gênero, opressão e dominação do ponto de vista interseccional, (de) colonial, quando consideradas as condições de produções de saberes que potencializam essas lutas e resistência.

O desenrolar dessas questões, como dito anteriormente, será contextualizado no Capítulo 3, sob a perspectiva do conceito *Weltanschauung* negra, em consonância com os termos aqui cunhados: decodificador proativo e decodificador reativo (vetores desenvolvidos pela pesquisadora em voga no processo da escrita para identificar os marcadores discursivos nas postagens).

2.3.2 Mapeamento: Fórum de Mulheres Negras Mato Grosso

A motivação para pleitear o *Fórum de Mulheres Negras Mato Grosso* como local de pesquisa se deu após o trânsito por contextos discursivos relevantes para a pesquisa, em busca de compreender os processos discursivos e o movimento desses processos em relação ao contexto social das mulheres negras do estado, uma parte delas formadas pela Universidade Federal de Mato Grosso.

A procura na plataforma, realizada em comunidades, grupos e páginas, foi orientada para produções de mulheres negras pesquisadoras e para o modo de uso da rede feito por elas. O critério de busca adotado: “mulheres negras em redes” e “pesquisadoras negras em redes”.

Ocupando a 15ª posição, no rol de 22 abas selecionadas durante o processo de observação, estava, à espera da vez, a página candidata a campo de dados: *Fórum de Mulheres Negras Mato Grosso*. No momento oportuno, o transitar dessas mulheres despertou maior interesse porque algumas pesquisadoras negras, transeuntes na página, a exemplo da fundadora do FMNMT, Elis Regina Prates, formada em Serviço Social na mesma universidade responsável por meu histórico como pesquisadora, a UFMT.

Outro motivo que chamou a atenção diz respeito ao ativismo dessas mulheres que trazem em suas produções realidades ligadas à América Latina e ao estado de Mato Grosso, formando, assim, uma justificativa de expressiva consistência para fazer dessa página o objeto de pesquisa.

A jornada de ativismo de mulheres negras em Mato Grosso vem se destacando com expressividade no cenário do estado, ensejando reivindicações que formam um espaço de arena pública, estabelecido pela ampliação de vozes que reivindicam seu lugar de fala na sociedade.

Nos estudos de Pinto (2018), aparece uma militância auto-organizada e a participação política ativa das mulheres negras em MT, com grande destaque para a capital Cuiabá. A autora enfatiza que há uma legitimidade em pautas consideradas emancipatórias e geradoras de autonomia, autogestão e novas estratégias de luta, e aponta:

> Em Cuiabá, mesmo diante das dificuldades de mobilização e compondo uma pequena parcela das 180 mil mulheres negras residentes na cidade, as ativistas têm pautado sua questão por meio da realização de atividades organizativas, festivas ou de protesto, tais como reuniões, marcha, rodas etc., constituindo, a seu modo, uma história local do movimento de mulheres negras, em constante construção. Identifica-se também a constituição de uma episteme por parte das mulheres que vivenciam as opressões ou convivem de perto com elas, falando por elas mesmas. Esta fala, ainda que provenha de espaços sociais e econômicos diferenciados, é uníssona quanto ao objetivo de enfatizar as diferenças e, simultaneamente, reivindicar a igualdade de direitos (PINTO, 2018, p. 105).

A autora reitera que os marcadores dessa experiência social de mulheres negras no estado de Mato Grosso seguem organizados por coletivos locais de base pela Universidade Federal de Mato Grosso. São compostas por professores e estudantes e pelas pastorais da igreja católica, entre outros movimentos que compõem as lutas de gênero e suas demandas sociais. Esses movimentos trabalham para a veiculação social da luta contra as estruturas de poder e opressão de forma articulada e organizada.

Almeida e Brandão (2018) ressaltam que, quando essa militância parte para o contexto virtual em rede há um grande impulso da formação da representatividade por alcançar um número maior de pessoas e acaba por empreender um ativismo que visibiliza o empoderamento do corpo negro acabando por ser um instrumento de emancipação social pelo interesse de conhecer e reconhecer seus direitos quanto ser social.

Nesse sentido, o FMNMT oferece a seus participantes esse campo híbrido presencial e virtual na qual a estética de abertura da página já anuncia a dimensão e os desdobramentos da mobilização que é oferecida e articulada pela agenda de luta pelas mulheres conforme está demonstrada na figura 13.

Figura 13 - Estética de abertura da página FMNMT



Fonte: FMNMT (2020).

A página *Fórum de Mulheres Negras Mato Grosso* no *Facebook* foi criada em 16 de junho de 2016, porém muito antes de estar em rede já se movimentava de forma presencial com articulações civis ligadas a outros movimentos de militância assim como instituições que empreendem luta pelos direitos das mulheres que reivindicam seu lugar de fala na sociedade.

Nesse sentido, há militância auto-organizadas e participação política ativa do FMNMT que dão legitimidade em pautas consideradas emancipatórias e geradoras de autonomia, autogestão e novas estratégias de luta. No âmbito virtual possui uma roupagem com características mais informativa e formativa na medida, apresenta-se com poucas informações sobre o histórico do movimento, no entanto, por causa da pandemia o movimento passa a ser muito maior no âmbito virtual.

O enunciado de abertura da página explica que é um coletivo aberto, sem fins lucrativos e sem financiamento governamental. O principal objetivo do núcleo é articular políticas públicas e, por meio da rede social, discutir questões diretamente ligadas ao preconceito racial e direitos humanos das mulheres; e produzir um trabalho através das mídias sociais.

Faz-se importante salientar que, esta tese limita-se somente no campo virtual. A proposta da pesquisa analisa a movimentação das produções discursivas por

postagens na página *Fórum de Mulheres Negras Mato Grosso* em um período de doze meses e as informações postadas nesse período.

Adicionalmente, foi necessária a busca em outras plataformas não só para ampliar o estudo sobre o fórum como para conhecer o trabalho que este desenvolve no *Facebook*. Na plataforma *Google* foram encontradas várias notícias sobre ações do FMNMT realizadas fora do contexto das redes sociais como visto nas imagens da figura 14.

Figura 14 - Plataforma Google Fórum de Mulheres Negras MT



Fonte: Compilação da autora.

Na entrevista concedida ao jornal eletrônico[39] Circuito Mato Grosso em 7 de janeiro de 2019, a então professora e pesquisadora Elis Regina Prates, coordenadora do fórum, declarou que este é uma instituição sem fins lucrativos com a participação de mulheres de várias cidades do estado.

De acordo com Prates na entrevista, o coletivo foi projetado em 2014, após a realização do Seminário Estadual de Mulheres Negras, um preparo para a Marcha Nacional de Mulheres Negras. Depois desses eventos, algumas mulheres, sentindo a necessidade de fortalecer a luta por direitos, promoveram reuniões mensais e utilizando as redes sociais como suporte, nascendo assim o fórum no ano seguinte.

Até o fechamento desta pesquisa, são seis anos de existência do fórum, e cinco anos na página do *Facebook*, dadas ao movimento de luta pelas redes sociais conforme explicitado no capítulo anterior. Nesse sentido, as mulheres de que trata

[39] Disponível em: http://circuitomt.com.br/editorias/cidades/136739-forum-de-mulheres-negras-luta-ha-4-anos-por-direitos-e-politicas-publicas-em-mt.html. Acesso em: 23 mai. 2020.

esta pesquisa são mulheres negras e algumas delas pesquisadoras que utilizam as redes sociais para produzirem conhecimento na intencionalidade de ativismo e descolonização. A concepção trabalhada é voltada para a formação do pensamento de ativismo dentro de uma *weltanschauug* (cosmovisão).

Figura 15 - Audiência Pública na Assembleia Legislativa



Fonte: FMNMT (2020).

A figura acima faz referência a um vídeo de uma audiência pública na Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso em que a coordenadora do FMNMT, Elis Regina Prates, representa o Fórum de Mulheres Negras Mato Grosso em um debate sobre a violência doméstica contra a mulher[40].

A página *FMNMT* é aberta e pública. É movimentada por postagens expressivamente correspondente a proposta do fórum. No processo de catalogação de dados, foram registradas oitenta diferentes fontes (sites, institutos, movimentos e coletivos de mulheres negras, outras plataformas em rede, e outros movimentos e páginas) que seguem a mesma linha de ativismo por direito e luta contra o racismo, a exemplo destas: O grito dos excluídos; Rede um grito pela vida; Geledés - Instituto da Mulher Negra; Coletivo negro da UFMT; Associação Brasileira de Pesquisadores Negros, entre outras.

Percebe-se que as questões do gênero feminino negro são expostas e discutidas em diversas áreas (educação, saúde, segurança, profissional, financeiro, artística, territorial), com forte mobilização de pertença, identidade, autoafirmação

[40] Disponível em: https://fb.watch/80QI1Qpt_c/ Último acesso em 14 set. 2021.

social, movimentação de um discurso consistente de luta, resistência e ancestralidade.

Das produções expostas na página *Fórum Mulheres Negras MT*, a maioria refere-se a eventos em âmbito estadual, municipal e nacional, tais como: folders de *lives*, vídeos, entrevistas, cursos, links sobre leis, *webnários, workshop, podcast*, grupos de estudos, rodas de conversas, documentários, manifestações, peças teatrais, cinema, entre outros.

É sensato supor que, por conta da pandemia de Covid-19, o ano de 2020 períodos da pesquisa não tenha muitos registros de atividades do FMNMT de cunho presencial, porém foi possível observar alguns eventos. A imagem abaixo é um exemplo desses eventos no âmbito do Fórum.

Figura 16 - Entrevista dia da Consciência Negra FMNMT



Fonte: FMNMT (2020).

Assim como a figura 16, os temas estão direcionados para as seguintes questões: políticas públicas, denúncias, religião, feminismo negro, racismo, interseccionalidade, educação financeira, combate à violência, literatura negra e psicologia preta. A página não trabalha diretamente com produções de livros e artigos, porém, disponibiliza os links em algumas postagens.

As produções identificadas estão classificadas em um marco temporal, que vai de janeiro de 2020 a janeiro de 2021. A busca se deu em todas as postagens do grupo relacionadas especificamente a produções caracterizadas para e sobre as mulheres negras, sob a forma de mensagens, estudos, artigos, *lives*, *podcast* e

vídeos, transitados na página, tendo como objetivo único coletar produções e indicações.

Likes e algumas postagens escritas sobre os conteúdos da página, demandadas pela movimentação de buscas, leituras e interações com as postagens, proporcionaram duas vezes o destaque de superfãs pelo fluxo de participação no período de um ano.

Figura 17 - Status de superfãs no FMNMT



Fonte: FMNMT (2020).

O status de *superfã* é um selo que o internauta recebe por ser um seguidor ativo na página. O *Facebook* entende o status ativo pela mensuração de atividades como curtir, reagir, comentar e compartilhar conteúdos da página. Quando oferecido ao internauta, este pode ou não aceitar o selo. Se o aceitar, o selo de *superfã* aparecerá ao lado do nome todas as vezes que alguém comentar em algum conteúdo da página compartilhado pelo internauta.

No percurso de captação de dados, verificou-se tanto a indicação de livros como a referência bibliográfica em meio eletrônico das obras citadas (link). Entre as informações captadas da página no período pesquisado (janeiro de 2020 a janeiro de 2021), são prevalentes as *lives* temáticas.

2.3.3 Coleta e interpretação das amostragens: ressonâncias com o Realismo Crítico

Na netnografia, a organização e mapeamento das comunidades e páginas acontecem de acordo com a abordagem do que está sendo encaminhada para a análise, pois as observações estão voltadas para as características de comunicação dos internautas que participam desses grupos e como praticam a cultura digital (KOZINETS, 2014).

Neste trabalho, a organização dos dados começa pela divisão por categorias de postagem, tomando por base o movimento dos transeuntes. Como já foi explicado no início do capítulo, o primeiro passo foi compreender o que era a página e como elas se articulam no *Facebook*. Essas informações facilitaram a organização das categorias por temas, levando em seguida ao mapeamento dos posts.

As amostras enunciativas foram separadas por movimento de produções indicativas do conceito *Weltanschauung* negra. O critério adotado se apoiou em postagens que continham as seguintes palavras-chave: descolonização, (de) colonial, interseccionalidade, equidade racial, feminismo negro, estética negra, autoafirmação, marchas, coletivos, ativismo negro, violência contra a mulher negra e pesquisadoras negras.

A busca pela *Weltanschauung* negra nas postagens suscitou a pergunta que se deseja responder: Quais códigos transicionais são representados pelo discurso que movimenta o ativismo nas postagens no *Fórum das Mulheres Negras Mato Grosso*? Neste trabalho, códigos transionais são representados por uma área intermediária entre a produção do discurso materializado pelo posicionamento discursivo (GADET; HAK, 1991).

A tabela 1 apresenta a divisão e a numeração das postagens que foram recolhidas de forma manual, com o uso da tecla *print screen* do computador. Esta catalogação de coleta de imagens reuniu os enunciados, que posteriormente foram enviados para um arquivo digital e organizados por ordem alfabética.

Tabela 1 - Categorias das Amostragens do Fórum de Mulheres Negras MT

	Categorias	Itens
1	Posts sobre a página	14
2	Posts de vídeos	13
3	Posts – Folders de lives e eventos	120
4	Posts de estética e autoafirmação	17
5	Posts de denúncias e informativos	87
6	Posts de publicações, artigos, livros e filmes.	130
Total de amostras de JAN/2020 a JAN/2021:		381

Fonte: Autora.

As amostras coletadas perfazem o total de 381 posts, divididos em seis categorias (Quadro 5). Essas categorias nortearam os processos a partir do olhar e do posicionamento aprendidos na relação com o objeto, que está sendo desambiguizado para chegar ao real sentido do que se busca descobrir sobre essas postagens.

Para contribuir no caminho da observação e arguição do fenômeno, recorreu-se aos estudos de Roy Bhaskar (1986) no *Realismo Crítico*[41] pensando em compreender essa *Weltanschauung* negra que está sendo transmitida e ensinada aos internautas através das postagens na página FMNMT.

De acordo com Barros (2015), o *Realismo Crítico* é considerado um movimento de epistemologia das ciências sociais e tem em seu foco principal o estudo da ontologia, ou o estudo filosófico do ser. Nessa teoria, as investigações são voltadas para a realidade social e como os seres humanos se relacionam com essa realidade levando em consideração que o conhecimento no mundo existe e independe da ciência e dos seres humanos ou de teorias para existir.

A referida autora salienta que o RC é uma junção do Realismo transcendental e do Naturalismo crítico. Neles, Bhaskar trabalha três conceitos importantes: *Realismo predicativo* - que afirma a existência de objetos universais independente

[41] O realismo crítico, é um movimento filosófico que teve início na década de 1975 tendo por precursor Roy Bhaskar e destaca-se pelos estudos aprofundados da ontologia do ser para fins de emancipação. Nessa linha de pensamento o real é mais denso e material ou social, ou seja, os objetos de estudos científicos são governados por mecanismos ou poderes causais advindos de estruturas que formam eventos.

dos materiais; o *Realismo perceptivo* - que afirma a existência de objetos materiais no espaço e no tempo independentemente da sua percepção; e o *Realismo científico* - que afirma a existência da operação de objetos da investigação cientifica absoluta independente desses objetos de modo mais geral. (BARROS, 2015).

No realismo transcendental, Bhaskar (1986) trabalha o domínio transitivo e o epistemológico, social historicamente marcado. Domínio intransitivo, realidade independente, Realismo ontológico, epistemológico e racional para escolher entre as teorias conflitantes. Já que existe uma dimensão de relativismo no conhecimento sobre o mundo, o RC busca compreender como é possível sustentar a dimensão ontológica que seria independente das teorias.

O conhecimento não se ocupa tanto nos objetos ou na forma como são conhecidos os objetos, mas a priori, independe da experiência e por isso é transcendental. Nesse sentido, Bhaskar (1986) contextualiza um estudo sobre a ontologia estratificada em três domínios distintos: o primeiro é o *domínio empírico* que se dá nas experiências da observação direta sabendo que dentro da maioria das concepções científicas já é dessa forma.

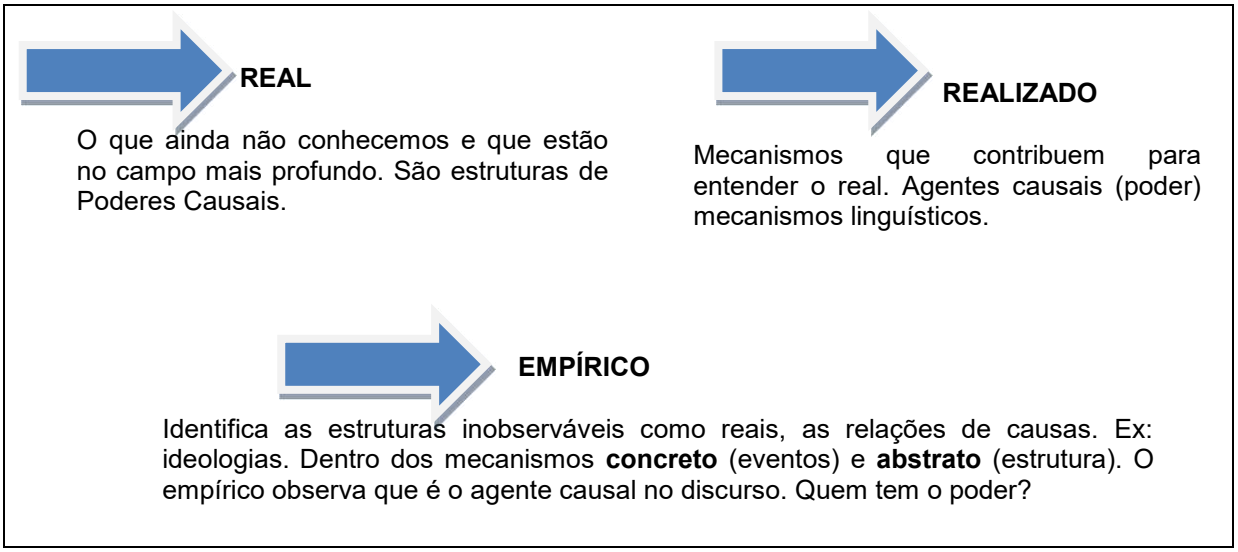
O segundo é o *domínio factual,* que desenvolve os eventos que podem ou não ser observados pelo pesquisador seja por falta de propostas ou por ausência de instrumentos capazes de realizar essa observação. Por esse motivo, nem tudo será perceptível ao pesquisador, pois talvez o “ser” ontológico está apenas inserido pelos efeitos causais que geram aquele fenômeno.

Por fim, o terceiro, o *domínio real* que são os mecanismos, processos e estruturas subjacentes, responsáveis por gerar os eventos em uma concepção estratificadas da realidade. Nesse sentido, a ciência entra na filosofia de Bhaskar como uma atividade humana que visa descobrir através de uma mistura de experimentação e razão teórica, entidades, as estruturas e os mecanismos, sejam eles visíveis ou invisíveis, que existem e operam no mundo.

Sendo assim, a explicação científica deve ser feita tendo como base uma concepção de *lei causal* que relacione a mecanismos relacionados ao modo como se comportam as entidades, pois para o RC as leis causais não mostram apenas acontecimentos constantes e correlações entre eventos, mesmo que isso possa indicar boas chances de haver uma *lei causal*, mas, elas expressam tendências e disposições, formas de ação com os poderes causais das entidades.

No quadro abaixo apresenta-se uma síntese dos três níveis de análise no RC, compreendendo o campo do Real, Realizado e as Estruturas.

Quadro 5 - Os três níveis de Análise no RC



Fonte: Autora.

Neste trabalho de investigação, para compreender as relações que estão envolvidas é preciso distinguir leis causais e padrões de eventos, compreendendo que, se é correto que mecanismos causais e estruturas são reais independentes das teorias, não são apenas imaginação humana. Então, deve existir um critério para que seja possível distinguir sequências de eventos que envolve causalidade ou se são acidentais.

Desta forma, em uma sequência de eventos só será necessário um mecanismo causal que estiver estimulado a produzir um determinado efeito específico já observado.

Na coleta das postagens foi possível observar o que Bhaskar (1986) chama, de estruturas inobserváveis, ou seja, precisa aprofundar para compreender o fenômeno. Têm-se as estruturas como reais e seus agentes causais de forma muito cristalizada, chamando atenção para as materialidades dos enunciados e para a riqueza de detalhes daquilo que se quer transmitir aos internautas.

Neste sentido, há um movimento aparente de fontes compartilhadas (de outras páginas, sites, e grupos) que circulam de forma intencional e muito bem organizada. Em muitos momentos, os achados foram mais atrativos pelas fontes, ou

seja, por quem era o emissor do que pelo próprio enunciado e conteúdo que estavam expostos.

Essas fontes são grupos e páginas privados, públicos das mais variadas redes (*Instagram, YouTube, Twitter* e *Facebook*), sites, entre outros, que funcionam como um motor de compartilhamento para que aquelas postagens intencionalmente alcancem o maior número de compartilhamento e, consequentemente, de pessoas.

Desta forma, na medida em que essas fontes condicionam maior credibilidade de dados por grupos mais confiáveis, um alinhamento incisivo no posicionamento de descolonização, caracterizam maior integridade e segurança ao pesquisador conforme aparecem no quadro seis, oitenta fontes das trezentas e oitenta e uma amostras coletadas circulantes nesse período de coleta.

As etapas da netnografia categorizadas para à abstração e comparação – indicou que, do universo de trezentas e oitenta e uma amostras que passou pelo crivo da comparação do que é era comum passará também pela verificação e refinamento, e, por fim, a generalização para direcionar a teorização. Neste processo, a generalização demonstra que já há um todo que dialoga com as partes, quais são essas partes e se há um elemento que se distancia dessas partes de generalização, isso quer dizer que há particularidades.

Quadro 6 - Fontes das Amostragens- FMNMT

Fonte
1. ABPN Associação Brasileira de Pesquisadores Negros – Facebook
2. AfriCulturas -
3. Africanidades -
4. AGÊNCIAPATRÍCIA GALVÃO.ORG.BR
5. APUBLICA .ORG
6. ATLAS DE VIOLÊNCIA 2020
7. AMB Articulação de Mulheres Brasileiras – Facebook
8. ANEP Articulação Negra de Pernambuco- Facebook
9. APIB- Articulação dos Povos Indígenas do Brasil- Facebook
10. ADHIMI MT- Associação de Defesa dos Haitianos imigrantes e migrantes em MT
11. ASOMADETODOSOSAFETOS.COM
12. B- arco-Centro Cultural Entocadx Youtube
13. BANTUMEN.COM
14. Blogueiras Negras

Fonte
15. Brasil de Direitos
16. .Brasil de Fato
17. CADAMINUTO.COM. BR
18. Canal Brasil
19. Canal Preto
20. CARTACAPITAL.COM.BR
21. Casa Poética Negra
22. Centro Burnier Fé e Justiça
23. Centro de Referência em Direitos Humanos Professora Lucia Gonçalves
24. Cidadão Cultura
25. Cine Clube Atlântico Negro
26. Cine Teatro Cuiabá
27. CNBB Oeste 2 Mato Grosso
28. CNTE Confederação Nacional dos Trabalhadores da Educação
29. Coletivo de Mulheres que Movem Juína: uma pelas outras
30. Coletivo de Mulheres Negras
31. Combate ao Racismo CUT Brasil
32. Comitê de técnicos de Saúde da População Negra
33. (CNJ) Conselho Nacional de Justiça
34. Coalizão negra por direitos
35. Conselho Estadual dos Direitos da Mulher de Gato Grosso
36. Conselho Municipal de saúde Cuiabá MT
37. ESCRAVONEMPENSAR.ORG.BR
38. @feminismo negro
39. FPABRAMO.ORG. BR
40. FOLHAUOL.COM.BR
41. Fonsanpotma MT
42. Fórum Cearense da Mulher
43. G1- Portal de notícias da Globo
44. Geledés – instituto da Mulher Negra
45. GELEDES.ORG. BR
46. Glória María Grandez Muñoz
47. Grupo Áfricas
48. IsaBot
49. LEIAAGORA.COM.BR
50. Levante Negro

Fonte
51. Marcia Gardin
52. Marcha das Mulheres negras SP
53. Marcha Mundial das Mulheres Negras
54. MEGAPOP.COM. BR
55. Mídia NinJa
56. MST- Movimentos dos Trabalhadores Sem Terra
57. MTST- Movimentos dos Trabalhadores Sem Teto
58. Muito prazer meu nome é mulher
59. Mulheres na Luta
60. Mulheres Negras na Biblioteca
61. Museu Rondon
62. Nepre UFMT
63. Não me Kahlo
64. Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da UFGD-NEAB-
65. Observa Mulheres
66. ONU – Mulheres Brasil
67. Pensar Africanamente
68. POPULAÇÃONEGRASAUDE. WORD.PRESS.COM
69. Quebrando o Tabu
70. RDNEWS.COM. BR
71. Rede Fulanas
72. Red Latinoamericana de Mujeres Defensoras
73. Rede Nacional de Mulheres Negras no Combate à Violência
74. REVISTAPROSAVERSOEARTE.COM
75. Reginaldo Barata
76. Repórter Brasil
77. Revista Fórum
78. SECURE. AVAAZ.ORG
79. Site Mundo Negro
80. Terra.com.br

Fonte: Autora.

É importante ressaltar que a forma da escrita das oitenta fontes foi registrada na íntegra, com caixa alta conforme foram apresentadas na página *Fórum de Mulheres Negras Mato Grosso* no período de coleta. Como as datas já aparecem nas postagens, não houve a necessidade de datar as fontes conforme serão

apresentadas nas próximas etapas, as imagens dos posts aparecem em sua maioria com a data do dia em que foi postada na página.

Na próxima seção apresentam-se três postagens de cada categoria tendo por finalidade delinear características prováveis do ponto de vista da dinâmica discursivas, linguagens e aspectos que serão analisados pelos códigos proativos e reativos.

2.4 Catalogação das postagens com características *Weltanschauung* Negra: Decodificadores Proativos e Reativos

Nesta etapa, os posts que foram clivados tendo por critério enunciados com características *Weltanschauung* negra*,* passam por uma nova organização de agrupamentos dos enunciados identificados pelos códigos proativo e reativo que retratam essas primeiras camadas analíticas pela netnografia.

Para melhor compreender o que se entende como característica *Weltanschauung* negra nas postagens volta-se ao pensamento de Fanon (2008), quando afirma a impossibilidade do negro empreender luta social dentro de uma neurose colonial, pois nesse caso essa luta será por uma liberdade branca e por uma justiça branca.

Ladson-Billings (2006, p. 269) reitera que Fanon argumentava à necessidade dos oprimidos abandoarem a linguagem do opressor para sua libertação, pois essa libertação só virá por um indivíduo liberto que possua um novo discurso. A autora faz alusão a um ensaio muito citado no meio dos estudiosos de cor que é *"a casa do mestre só será desmantelada com as ferramentas do mestre"*. No entanto, chama de limbo epistemológico essa condição de ser formado pelo dominador e depois libertar-se e construir outros discursos.

Nesse sentido, Fanon (2008) afirma que conduzir o negro a ser acional requer uma reconfiguração de sua cosmovisão libertando-se da submissão da ideologia do branqueamento. Portanto, neste trabalho, entende-se como características *Weltanschauung* negra a comunicação que expressa potência de uma linguagem libertária como instrumento cultural que prepara o sujeito para ação e reação dentro de uma cosmovisão negra aprisionada ou libertada.

A linguagem libertária aprisionada, de acordo com Fanon (Ibid., p. 53), ainda está refém da neurose colonial, portanto ainda está condicionada a uma estrutura limitada para reagir às influencias do meio, ou seja, seu comportamento ainda está alienado a ideologia do branqueamento, dentro da ideia definida do branco (Ibid, p. 82).

A linguagem libertária apresenta-se no processo do rompimento com esse condicionamento, portanto, se prepara para agir. É o ser acional que passou pelo processo de libertação da alienação branca por uma mudança comportamental de reencontro com sua ética Ubuntu, portanto, está preparado para reagir contra os meandros da colonização e desmontar os discursos racializados, ressignificando sua negritude não somente por suas narrativas, mas pelo comportamento. (Ibid., p. 164).

Sendo assim, as postagens com características *Weltanschauung* negra são identificadas pela marca das atividades nas postagens que revelam tentativas de rompimento com o sistema opressor através de diversidades de linguagens utilizadas como instrumentos por códigos proativos e reativos.

Conforme já foi explicado no Capítulo 1, os decodificadores proativos e reativos são marcadores que representam as condições de produção no processo de interlocução das postagens, pois é a formação discursiva dessas postagens que identificam as características *Weltanschauung* negra.

Desta forma, palavras e frases marcadas nas postagens e identificadas como proativos representam esquemas de linguagem que indicam medidas de prevenção protetiva de combate a um sintoma social no caso aqui tratado, discriminação, opressão, dominação e racismo, pela incorporação da pertença, autoafirmação, equidade e alteridade marcadas por verbos de ação abstrata, ou seja, esta ação serve para preparar, informar, ensinar, exortar e prevenir.

As palavras e frases marcadas nas postagens e identificadas como reativos representam esquemas de linguagem que indicam reação concreta a um sintoma social ou histórico. São marcadores de estratégias de reação marcadas por verbos como: agir, reagir, contrapor-se, enfrentar, protestar, responder e corresponder.

Para ajudar na identificação das *características Weltanschauung,* como já foi explicado, apoia-se nas contribuições do Realismo Crítico, pois essa linha filosófica estuda de forma aprofundada a ontologia do ser, buscando compreender os

inúmeros fatores que operam ao mesmo tempo e possuem efeitos e causas que podem ser explicadas e interpretadas. (BARROS, 2015).

Para a compreensão dos fenômenos, Bhaskar (1998) reconhece duas dimensões desse conhecimento: transitiva e intransitiva. A dimensão transitiva refere-se ao conhecimento que é produzido pela ciência, como: teorias, discursos e métodos. A dimensão intransitiva são os objetos pesquisados que independem dos seres humanos e não são produzidos pela ciência como, por exemplo, a ontologia.

Bhaskar (1988) aponta três níveis de realidades a serem estudados, na dimensão intransitiva. Esses níveis nortearam e ajudaram a identificar as características de *Weltanschauung* negra.

Os níveis são: real, realizado e empírico. O real é o problema da pesquisa, o que se busca descobrir, são as estruturas dos poderes e mecanismos causais daquela situação ou problema, ou seja, na *Weltanschauung* que está sendo ensinada. O realizado são as redes de relações e lugares ocupados por esse problema, são eventos e efeitos de poder. Neste trabalho o realizado são os decodificadores proativos e reativos que ajudam na ação de desvendar as estruturas. Por fim, o empírico é o domínio da experiência pelo objeto observado, pois identifica quem tem o poder no discurso. (BARROS, 2015).

Na pesquisa em voga, a dimensão intransitiva traz os três níveis ao analisar as produções discursivas no FMNMT na rede social *Facebook*. Conforme exposto no quadro abaixo:

Quadro 7 - Dimensão intransitiva na pesquisa em voga

Real	As crenças da *Weltanschauung* negra
Realizado	Postagens – Proativo e Reativo
Empírico	Netnografia- RC- FMNMT- *Facebook*

Fonte: Autora.

O Quadro 7 assinala a forma como as postagens ganharam sentidos compulsores para o mapeamento e o experimento, e, posteriormente, serão analisados no experimento. No realismo crítico também é trabalhada como dimensão os agentes causais, que são os eventos como: racismo, opressão, dominação, discriminação, guerras, injustiças, entre outros.

Nesse sentido, os agentes causais estudados estão embutidos nas postagens, pois serão elas que identificarão se a linguagem é libertaria ou não libertária, na medida em que localiza quem tem o poder no discurso e se esse discurso promove emancipação humana. No Capítulo 3 essas questões ganharam uma explanação de maior expressividade.

Das seis categorias, apresentam-se três postagens de cada uma. Esses posts foram clivados por maior aproximação enunciativa do objetivo da pesquisa e por serem consideradas um importante vetor a ser analisado no que se propõe esta investigação. Cada categoria será apresentada e localizada pelo código proativo e reativo, sendo preparadas para próxima etapa de experimento com as postagens.

Com a perspectiva da subjetividade e das textualidades múltiplas, ficou mais prático identificar os formatos de comunicação desses enunciados, que dialogam com a problemática e os padrões enunciativos que foram observados, conforme observa-se na próxima subseção.

No período de identificação dos padrões enunciativos, os agentes causais foram aparecendo à medida que a imagética da postagem exigia dinamicidade no tratamento desses padrões, e motivação da postagem. Isso significa que para mapear as postagens foi preciso observar em quais momentos elas dialogariam com a proposta da pesquisa e como esses dados poderiam chegar aos códigos proativo ou reativo.

2.4.1 Categoria 1 - Posts sobre a página FMNMT

A Categoria 1 de posts foi clivada para compor as postagens com informações sobre a página, no período da captação de dados seguindo a temática de descolonização do conhecimento e ativismo de mulheres negras. Identificaram-se ao todo catorze postagens no período de fevereiro de 2020 a dezembro de 2020. Também foi encontrado postagens mais antigas de 2015 e 2018 que foram repostadas em 2020 como lembrança.

As postagens dessa categoria fazem referência ao objetivo central da página no *Facebook*, reuniões presenciais do FMNMT, planejamentos e datas comemorativas como, por exemplo, o aniversário de cinco anos do Fórum conforme aparece nas postagens:

Figura 18 - Apresentação da página FMNMT



Fonte: FMNMT (2020).

A figura 18 apresenta o Fórum trazendo o objetivo geral do trabalho que é desenvolvido pelas mulheres transeuntes da página. No histórico da página o texto apresentado, cristaliza que o fórum é uma organização sem fins lucrativos e a linha de trabalho que seguem são: “ações e políticas públicas de enfrentamento de todas as formas de discriminação, preconceito racial/étnico e pelos direitos humanos das mulheres”.

O enunciado indica que o fórum discute e articula prevenção protetiva contra a discriminação, preconceito, direitos humanos das mulheres e ações, o post foi classificado como proativo e reativo - pois transita nos dois decodificadores com informações de visibilização e ação.

Figura 19 - Reunião de Planejamento do FMNMT



Fonte: FMNMT (2020).

A postagem representada na figura 19 traduz dois pontos importantes**:** o primeiro é o caráter organizativo do movimento quando explicita que fazem reuniões de planejamento anual, ou seja, as ações do movimento são discutidas e planejadas e o post tem a intencionalidade de registrar essa ação e os participantes.

O segundo ponto é o *slogan* utilizado para marcar a postagem com uma frase famosa da ativista negra estadunidense Ângela Davis que denota ativismo estrutural. O post apresenta ação pelo decodificador reativo porque indica o movimento contra estruturas de poder e a incorporação do conhecimento como um ato de resistência.

Figura 20 - Aniversário de 5 anos do FMNMT



Fonte: FMNMT (2020).

A figura 20 faz referência ao aniversário de cinco anos de existência do FMNMT com precedência enunciativa de caminhada, luta e resistência. O post indica ação e faz referência ao decodificador reativo, pois se apresenta como um potencializador de ações em favor de uma causa.

A comemoração do aniversário do fórum aparece diretamente ligada a essa luta e resistência pela qual a proposta da página apresenta-se e expressa como uma militância que caminha, luta e resiste.

2.4.2 Categoria 2 - Posts de vídeos FMNMT

A categoria 2 de posts segue com treze vídeos que foram clivados no período de fevereiro a novembro de 2020. Os vídeos estão postados na página e fazem referência a: estudos sobre racismo, racismo religioso (coletivo negro de Juína MT), economia solidária, denúncias, emancipação da população negra com as blogueiras negras, exclusão digital e direito a educação e contos africanos.

As postagens assinalam o movimento de ativismo em constantes debates e busca de ações que solidifiquem as causas da luta, informe o maior número de internautas que compreendam a causa e participem dela.

Figura 21 - Genocídio do povo preto



Fonte: FMNMT (2020).

O vídeo exposto no post da figura 21 foi compartilhado na página FMNMT a fonte original do vídeo @potencianegra[42]. O vídeo apresenta uma ação de artistas, ativistas e militantes do movimento negro contra o genocídio do povo preto no Brasil por assassinato, há referência também à Covid-19.

O tema do vídeo aparece na postagem como: *"De que lado você está nesse genocídio do povo preto"?* O foco enunciativo aponta para uma ação de denúncia, problematização presente e questionada, portanto, a pergunta indica reação e o decodificador é reativo.

Figura 22 - Economia solidária



Fonte: FMNMT (2020).

O post da figura 22 vem representado pelo decodificador proativo, pois a economia solidária é um *slogan* de prevenção do povo negro ao sistema econômico indicando que o povo preto foi impedido historicamente de evoluir financeiramente. É prevenção porque ainda não se tem uma ação concreta e, sim, um plano ensinado por aulas, porém, desnuda um sistema de poder estrutural de desigualdades.

O vídeo foi compartilhado da plataforma *YouTube* do canal Fazer Solidário[43]. Esse canal articula teorias e práticas coletivas de organização financeira, tema abordado em expressividade em vários grupos e páginas do *Facebook* das vinte e duas abas entre grupos e páginas observadas nesta pesquisa.

Figura 23 - *Live* Racismo Religioso



Fonte: FMNMT (2020).

[42] Disponível em: https://www.facebook.com/mulheresnegrasmt/videos/1455392841299230/ último acesso em 14 set. 2021.
[43] Disponível em: https://youtu.be/CmpMWFRgoo4 data do último acesso: 14 set. 2021.

Na figura 23, o post faz referência a uma *live* compartilhada da página Coletivo Mulheres que Movem Juína: Umas pelas Outras[44]. A cidade de Juína está localizada na fronteira de Mato Grosso com o estado de Rondônia, portanto dentro do bioma da Amazônia.

Esse coletivo está presente no *Facebook* como página aberta e engloba não só a luta de mulheres negras, aborda também outras agendas e etnias. O caráter enunciativo da postagem está representado pelo decodificador reativo, pois a *live* é de debate e denuncia casos concretos de intolerância religiosa e racismo religioso em nível de Brasil.

Percebe-se que a temática também é movimentada em grande expressividade em outras páginas e grupos do *Facebook*. As discussões são permeadas por conhecimento científico, dados quantitativos, qualitativos e acervos de trabalhos que são indicados aos internautas pelo *chat*.

2.4.3 Categoria 3 - Posts de folders de *lives* e eventos FMNMT

A categoria três foi composta por cento e vinte amostras, pois essa categoria é expressivamente volumosa na página. O movimento de *lives* e eventos foram intensos em tempos de pandemia e pela urgência de não cessar a luta. A impossibilidade de reuniões e eventos presenciais no ano de 2020 forçou a militância a se organizarem em rede não somente como campo de informação do evento, mas como campo do evento como acontecimento.

As *lives* ao vivo tornaram-se o maior meio de comunicação em debates, palestras, aulas, entre outros. Os internautas participam pelo *chat*, fazem perguntas e interagem com outros participantes, indicam autores, leituras e demonstram expressivo capital teórico como estão apresentadas nas três figuras a seguir:

[44] Disponível em: https://www.facebook.com/mmjumaspelasoutras/videos/618806855497988/ último acesso em 14 set. 2021.

Figura 24 - Live Tchá Cô Bolo Virtual



Fonte: FMNMT

Na figura 24, a temática *Tchá cô bolo virtual* traz uma característica de linguagem típica muito utilizada no perímetro territorial chamado de baixada cuiabana[45] e significa chá com bolo virtual. A postagem denota o decodificador proativo, pois a *live* indica a presença de mulheres negras na educação como incorporação da equidade racial e alteridade social, portanto, desnuda paradigmas de relações de poder ao mesmo tempo em que o enunciado indica autoafirmação identitária e profissional.

A postagem é um convite para um debate sobre a presença de mulheres negras na educação e faz referência ao julho das pretas, pois 25 de julho comemora-se o dia internacional da Mulher Negra Latino Americana e Caribenha.

[45]Disponível:http://sit.mda.gov.br/download/caderno/caderno_territorial_016_Baixada%20Cuiabana%20-%20MT.pdf Último acesso em 16 set. 21.

Figura 25 – *Live*: Mulheres Negras na luta contra o racismo



Fonte: FMNMT.

O post 30 faz referência a comemoração ao dia da Consciência Negra, 20 de novembro de 2020, pelo coletivo de mulheres negras da cidade de Cáceres localizada na mesorregião centro sul do estado de Mato Grosso.

A referida cidade concentra um polo da Universidade Estadual de Mato Grosso, a UNEMAT, na qual há concentração de militância de mulheres negras através de coletivos.

A postagem é um convite para a *live*: Mulheres negras na luta contra o racismo indicando decodificador reativo, pois a reação aparece na frase luta contra o racismo, além de articular o meio virtual com as denúncias de racismo e sexismo.

Figura 26 - *Live*: Mulheres negras em luta contra o *superencarceramento*



Fonte: FMNMT (2020).

O post 31 denota um convite para a *live*: “Mulheres negras em luta contra o *superencarceramento”*. A *live* aconteceu no canal Coletivo Corpos Indóceis e Mentes Livres na plataforma *YouTube*[46].

O canal representa uma organização de mulheres negras pela vida de pessoas encarceradas. A postagem indica o decodificador reativo, pois a ação aparece na frase luta contra o *superencarceramento*, além da denúncia de forma virtual, houve uma série de indicações de enfrentamento.

2.4.4 Categoria 4 - Posts de Estética de Autoafirmação FMNMT

Na categoria quatro foram clivadas dezessete postagens que abordam a representatividade da estética negra de autoafirmação, considerada uma bandeira de expressiva importância, pois desconstrói os discursos estereotipados com

[46] Disponível em: https://youtube.com/channel/UCoiY751ThiAZ190fUYbW54g Último acesso em 20 set. 2021.

relação imagética do povo preto e o lugar social que foi dado à mulher negra principalmente no Brasil.

Dessas dezessete amostras separou-se por aproximação de temas que trazem à tona essa descolonização da imagem estereotipada, aviltada, silenciada e relegada a um limbo epistemológico que, sistematicamente, à perda de sua referência como ser humano, principalmente no triste histórico da formação do pensamento racial no Brasil.

Essa desconstrução também passa pela potencialização da autoafirmação identitária em que a ancestralidade negra é chamada para ressignificar e capacitar essa imagem com a possibilidade de romper com os estigmas.

Figura 27 – Post: Ancestralidade e autocuidado de mulheres negras



Fonte: FMNMT (2020).

A figura 27 foi compartilhada no Fórum trazendo uma citação da médica afro americana Sydney Labat[47]. O post apresenta dois enunciados que fazem referência a uma luta de imagem pela ancestralidade e autocuidado como um ato político.

Nesse sentido, ela tem uma ação concreta e abstrata, pois ao mesmo tempo quem contempla esta ação serve para preparar, informar, ensinar, exortar e prevenir

[47] Disponível em: https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/12/18/estudantes-negros-de-medicina-posam-para-foto-em-antiga-fazenda-de-escravos.htm . Último acesso em 20 set. 2021.

pelo autocuidado, desnudar os estigmas ao longo do processo de escravidão, ela também representa reação, enfrentamento, e protesto contra os padrões sociais impostos, portanto, a postagem apresenta decodificadores proativo e reativo.

Figura 28 - Negritudes Brasileiras



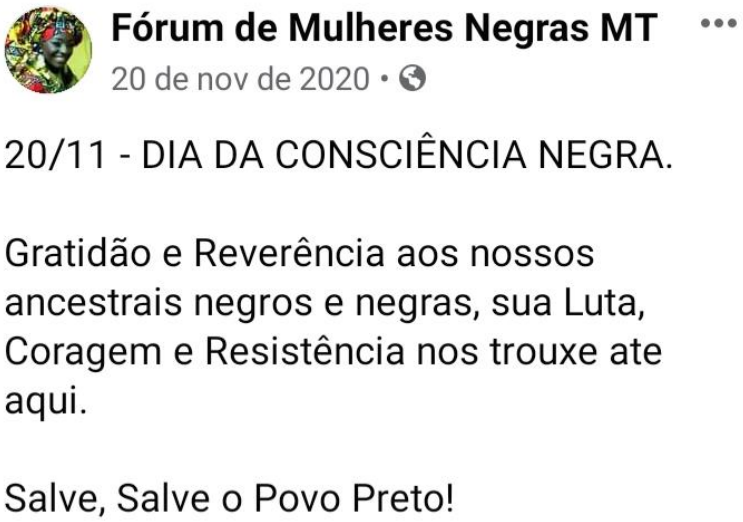
Fonte: FMNMT (2020).

A figura 28 apresenta a postagem de um documentário que foi compartilhado do canal Nátaly Nery na plataforma *YouTube*[48], esse documentário traz como tema "Negritudes Brasileiras". O trabalho assinala a representatividade da estética negra brasileira, destacando para a multiplicidade de tonalidade de cor da pele e assim como a figura 27 faz referência a uma luta de imagem em contraponto à sub-representação que a mulher negra foi colocada nos padrões sociais.

A intencionalidade da postagem, assim como a figura 27, também denota ação concreta e abstrata, pois prepara, informa, ensina, exorta e previne pelo conhecimento histórico, e pela autoafirmação imagética que também apresenta a reação, enfrentamento, e protesto contra os padrões sociais impostos portanto, a postagem apresenta decodificadores proativo e reativo.

[48] Disponível em: https://youtube.com/c/NatalyNeri Último acesso: 20 set. 2021.

Figura 29 - Dia da Consciência Negra FMNMT



Fonte: FMNMT (2020).

A figura 29 apresenta uma postagem produzida por uma participante do fórum em comemoração ao dia da consciência negra. O post contextualiza um combo de autoafirmação e posicionamento identitário, visto que a intencionalidade da postagem é evidenciada pela data em questão.

O alinhamento da postagem com o ativismo proposto pela página denota no conteúdo o decodificador proativo, pois desnuda relações de poder, informa, preparam e exortam para a ação que prepara para reação, tendo em vista o significado da data de 20 de novembro para o povo preto brasileiro.

2.4.5 Categoria 5 - Posts de denúncias e informativos FMNMT

A categoria cinco compõe postagens de denúncias de crimes de racismo, sexismo, violência contra a mulher e informativos sobre campanhas de combate a esses sintomas, principalmente pela visibilização de informações que não chegavam às massas antes das redes sociais.

Essas questões são expressivamente discutidas e debatidas pelo FMNMT, conforme a proposta da página e por esse motivo o processo de clivagem foi muito complexo por causa do número de postagens que havia sobre a questão.

Clivou-se oitenta e sete amostras com temas diversificados que assinalam os sintomas e as estratégias de enfrentamento a esses sintomas. Dentre as postagens

clivadas apresenta-se três delas que melhor representam os critérios que foram explanados no início desta subseção.

Figura 30 - Homicídio tem cor



Fonte: FMNMT (2020).

A figura 30 apresenta um dado quantitativo sobre o genocídio do povo negro. A postagem foi compartilhada do site do Fórum de segurança pública[49] e traz em números a margem de risco de mortes para homens e mulheres negros no Brasil. Percebe-se também que a postagem é acompanhada por um enunciado que potencializa a intencionalidade da postagem na reivindicação de políticas públicas para reverter o caso.

A postagem além de apresentar uma denúncia concreta acompanhada de números por pesquisa, ela também traz uma reivindicação que denota proativo porque desnuda um dado e informa e decodificador reativo que denuncia, aponta ação, reação e protesto.

Figura 31 - *Gladys Mae West*



Fonte: FMNMT (2020).

A figura 31 traz um enunciado informativo sobre a criadora do dispositivo de localização *Gladys Mae West,* uma pesquisadora afro-americana da área da matemática que trabalhava com cálculos e programação de computador. A postagem foi compartilhada da página da Mídia Ninja no *Facebook*[50].

O enunciado potencializa a imagem de mulheres negras que fizeram história e não eram conhecidas por seu importante papel na ciência, principalmente nas áreas das ciências exatas em que as pesquisas apontam ser uma área ocupada em maior número por homens. A postagem indica caráter informativo e exortativo vindo a ser identificada como decodificador proativo.

[49] Disponível em: https://forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/atlas-da-violencia-2020/ Último acesso em 21 set. 2021.
[50] Disponível em: https://www.facebook.com/164188247072662/posts/1982487971909338/ Último acesso 22 set. 21.

Figura 32 - Racismo Virtual[51]



Fonte: FMNMT (2020).

A figura 32 foi compartilhada da página do Conselho Nacional de Justiça no *Facebook*[52] evocando a discussão sobre o racismo virtual. A postagem também trabalha a Lei 7.716/1989 e nos *links* informados, todas as orientações e penalidades possíveis ao que vem sendo chamada de ofensas na internet, sendo enfatizado que o racismo é crime em qualquer lugar.

A intencionalidade demonstrada na postagem a identifica como decodificador proativo, pois além de informar ela também possui um caráter de desnudar o que há por trás do racismo virtual, além de ensinar, exortar e prevenir, assim como visibilizar o sintoma social apontando caminhos possíveis para o enfrentamento.

A postagem foi inserida no FMNMT, no dia 24 de janeiro de 2020 e nela há um texto disponível no *link* abaixo com todas as explicações sobre o racismo virtual no qual está disponível aos internautas com o *link* do Conselho Nacional de Justiça na página do *Facebook*.

[51]Disponível em: https://m.facebook.com/105872382818864/posts/3350959318310138/ Último acesso em 21 mar. 2022.
[52]Disponível:https://m.facebook.com/cnj.oficial/photos/a.191159914290110/3350943454978391/?type=3&source=48&__tn__=EHH-R Último acesso em 22 set. 2021.

2.4.6 Categoria 6 - Posts de Publicações no FMNMT

A categoria seis apresenta postagens de publicações como: chamadas de trabalhos, pesquisas, artigos, livros, filmes, peças teatrais, *timelines*, *shorts*, entre outros. O processo de captação clivou cento e trinta amostras e assim como as categorias três e cinco o volume de postagens contendo essas temáticas são expressivamente maiores que as outras categorias.

Nesse sentido, o processo de escolha dos três posts que viriam para tese passou por uma camada analítica de aproximação do objeto e narrativa que evidenciam a proposta da pesquisa. No conjunto das 130 amostras aparecem mulheres negras na condição de produtoras de conhecimentos que estão transitando nas redes.

Muitas dessas mulheres são cientistas, no entanto, eram invisíveis e o conhecimento produzido por elas não eram conhecidos, no entanto, as redes sociais às trouxeram em evidência, assim como o trabalho desenvolvido por elas nas mais variadas áreas de conhecimento, como: literatura, direito, matemática, química, sociologia, antropologia, educação, artes, psicologia, história, linguagem, entre outros.

As postagens que foram apresentadas no capitulo 1, 2, e 3 deste trabalho, fazem parte deste grupo, no qual já se falou a respeito, e o traçado de suas escritas marcadas pela profundidade dos acontecimentos como ato de resistência para engendrar uma cosmovisão negra libertária.

Percebe-se que não são poucas as vozes de mulheres que estão empreendendo conhecimento, abalando estruturas, ressignificando o universo de valores, alteridade e conquistando sua estética de escrita com a assinatura da ciência mundo afora, pois sabe-se que para quem trabalha em rede as fronteiras são ilimitadas.

Figura 33 - Chamada pública de artigos para publicação



Fonte: FMNMT (2020).

A postagem da figura 33 apresenta uma chamada pública para artigos que serão publicados contando com o selo Sueli Carneiro com a curadoria da pesquisadora Djamila Ribeiro. A publicação foi compartilhada do site da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN)[53].

A temática proposta traz mulheres e homens negros invisibilizadas no Brasil. A chamada oferece premiação como forma de incentivo ao protagonismo de produção cientifica e dar visibilidade a autores que desenvolvem trabalhos que engendram as questões raciais de grande relevância social.

Essa categoria de postagem aparece em grande volume na página, em sua maioria voltada para as questões raciais e de modo mais enfatizado quando se trata de pesquisas de gênero. A postagem comunica decodificador proativo porque informa, prepara e exorta.

[53]Disponível em: https://www.abpn.org.br/post/chamada-p%C3%BAblica-de-artigos-para-publica%C3%A7%C3%A3o-mulheres-e-homens-negros-invisibilizados-no-brasil . Último acesso em: 22/09/2021.

Figura 34 - Mãe Bonifácia Guerreira



Fonte: MNMT (2020)

A figura 34 retrata uma postagem compartilhada da página do Cine Teatro Cuiabá, tendo como fonte original o canal Adriano Soares na plataforma *YouTube*[54] em forma de *link*. O post faz referência a curta metragem de 2,39s sobre a história de Mãe Bonifácia, um ícone na história de Cuiabá, conhecida como uma mulher negra, idosa e guerreira que ajudava os escravos fugitivos e os escondia de seus algozes no quilombo onde hoje abriga um grande parque que leva o seu nome como homenagem.

O post também apresenta o enunciado, *Mãe Bonifácia guerreira*, denotando comemoração ao dia da Consciência Negra, pois a data da postagem indica 20 e 24 de novembro. A comunicação que a postagem expressa, indica decodificador proativo porque informa e exorta uma história invisibilizadas e código reativo porque é uma ação reativa em forma concreta de um curta metragem.

[54] Disponível em: https://youtu.be/E6uYr9h9oVA Último Acesso: 23 set. 2021.

Figura 35 - *Investiga menina!* com a pesquisadora Lucely Moraes Pio



Fonte: FMNMT (2020).

Por fim, a última postagem da categoria seis traz na figura 35, a um episódio *websérie* Mulheres na pesquisa com a cientista e pesquisadora Lucely Moraes Pio. A postagem foi compartilhada do canal *Investiga Menina!* na plataforma *YouTube*[55] em forma de *link*. A pesquisadora é geoterapeuta, especialista em fitoterápicos, moradora da comunidade quilombola do cedro, localizada em Mineiros, estado de Goiás.

A postagem trabalha um tom de autoafirmação pela representatividade indicada no enunciado muito bem elaborado, pois deixa um traço de curiosidade em saber qual é a pesquisa dela. Ao apresentá-la como pesquisadora e quilombola o post denota decodificador proativo, pois prepara, informa, ensina e exorta para a autoafirmação como um ato político e social.

Apresenta-se nesta subseção dezoito postagens referentes as seis categorias clivadas, identificando os decodificadores de referência no quais foi possível revelar a intencionalidade das postagens e o que elas trazem como motivação de circulação, os papéis desempenhados pelo enfoque enunciativo.

Percebe-se que a movimentação dessas postagens vem de bordas e arestas onde subjetividades são produzidas e histórias construídas a partir da agenda raça, gênero, opressão e dominação em um olhar interseccional, decolonial, olhando para as condições de produções de saberes que potencializam essas lutas e resistência.

Todos esses elementos serão testados na próxima subseção pelo experimento em que essas categorias passaram pelo alinhamento e cruzamento que identificou o reconhecimento da *Weltanschauung* negra que está sendo manifestada e ensinada no *Fórum de Mulheres Negras Mortas Grosso,* no período de coleta de dados.

2.5 Experimento com as postagens: alinhar, cruzar e reconhecer

A fase do experimento acontece com a exposição dos elementos que aparecem nas postagens em três etapas: alinhar, cruzar e reconhecer. Desta forma, frases e palavras presentes nos enunciados coletados dos posts, que passaram pela clivação, são desambiguizados e expostos para cruzar com os decodificadores proativo e reativo.

A conduta para estabelecimento do experimento está sistematizada no quadro 7. Os resultados obtidos com a seleção de amostras de enunciados dos posts (18) estão categorizados em proativos e reativos. Cada uma dessas categorias agrupa frases e palavras, que reunidas compõem os elementos do decodificador conforme o quadro 8.

Quadro 8 - Alinhamento de 18 amostras pelos decodificadores proativo e reativo

Categorias	Decodificador proativo	Decodificador reativo
Posts sobre a página	X	X X X
Posts de vídeos	X	X X
Posts – Folders de lives e eventos	X	X X
Posts de estética e autoafirmação	X X X	X X
Posts de denúncias e informativos	X X X	X
Posts de publicações, artigos, livros e filmes	X X X	X
Decodificador	12	11

Fonte: Autora.

De acordo com o quadro 8, o alinhamento foi desenvolvido por uma fase da netnografia chamada abstração de dados (KOZINETS, 2007). Nesse processo, os

[55] Disponível em: https://youtu.be/EkWLE4GKdiI Último acesso: 23 set. 2021.

dados são comparados por similaridade de motivação e expressão na medida em que os decodificadores proativo e reativo definiram a intencionalidade do post.

Para ajudar o processo de abstração e lançar luz sobre os fenômenos, foi necessário recorrer novamente ao Bhaskar (1998). O autor denomina essa forma de alinhamento como conexões, pois a interpretação parte dos significados e a visão do objeto vem antes da investigação.

Com as abstrações realizadas dos decodificadores proativo e reativo, resolveu-se cruzar com os conceitos dos agentes reais e causais para identificar o fenômeno. Observou-se no cruzamento que os posts proativos (12) e reativos (11) caminharam na mesma proporção, indicando que as conexões enunciativas estão em ampla consonância. O cunho das postagens estão em equilibradas para ação, prevenção, revelação e reação. O quadro 8 aponta as estruturas que sedimentam essas conexões.

O contexto das relações estabelecidas entre os posts é mostrado no quadro . Uma vez alinhados e sistematizados, os elementos enunciativos passam pelo cruzamento a partir dos conceitos agentes reais e causais (BHASKAR, 1986) e se agrupam para que essas conexões sejam reconhecidas nas postagens.

Quadro 9 - Alinhamento de 18 amostras por decodificador de enunciado

Decodificador	**Elementos do código**
Proativos	Revelação, coletividade, economia solidária, autoafirmação, autocuidado, autoproteção, encorajamento, identidade, respeito, dignidade, protagonismo de intelectuais negras.
Reativos	Denúncias e protestos.

Fonte: Autora

O quadro 9 apresenta os elementos dos decodificadores que aparecem nas postagens em forma de palavras que foram desambiguadas das frases e da imagem da postagem que foram identificadas na exposição. Percebe-se que no quadro 8 o proativo e reativo aparecem em consonância, porém quando os enunciados foram desambiguados no quadro 9, os códigos proativos aparecem em maior expressividade de eventos, pois nesta forma de análise palavras também são eventos.

Sendo assim, nota-se pelos quadros 8 e 9, a apresentação das postagens tendo por base os critérios dos proativos e reativos. Aparentemente os enunciados

demonstram equilíbrio entre eles, isso significa que a estética de escrita ativista caminha em consonância de movimentação para ensinar, prevenir e reagir. No entanto, quando passa pela desambiguação o quadro muda para uma maior proeminência no código proativo.

Dado ao exposto, essa mudança no quadro 9 revela que o proativo, estando em maior latência, denota que está em potencial essa agenda ativista no FMNMT. Nesse sentido, trazendo a visão de Bhaskar (1998) para essa leitura, o *domínio real* que indica as características das crenças que foram inculcadas *Weltanschauung,* aponta os mecanismos que o autor vai chamar de *poderes causais,* (causa e efeito), ou seja, o que gerou os efeitos do sintoma social também gerou o poder de observação e prevenção (BARROS, 2015).

Como no RC o *domínio real* não é visível, é preciso acessar os modos operantes que não foram percebidos na apresentação das postagens. Poderes e mecanismos atuam pela *Weltanschauung* negra (Cosmovisão), que está sendo manifestada nas postagens e experiência o potencial do realizado, ou seja, nos eventos do FMNMT.

Isso significa que, partindo do conhecimento do que está sendo transmitido pelas postagens podem ter relações com outras estruturas ideológicas, e essas ideologias estão associadas a posicionamento social e papéis exercidos. (BARROS, 2015).

No quadro 10, pode-se visualizar como os códigos proativos e reativos cruzam com esses elementos e apontam as estruturas que estão em posições associadas a papéis sociais.

Quadro 10 - Cruzamento dos Decodificadores proativo e reativo com os mecanismos e eventos

Crenças do Real- Poderes causais - Causa e efeito-	**Realizado – Factual - Eventos**
Racismo, racismo religioso, genocídio, desigualdade de gênero e social, violência, desumanização, despersonalização e exclusão.	O decodificador Proativo foi o mais utilizado para entender e desnudar as estruturas de poder nos sintomas e articulações apresentados nas postagens.

Fonte: Autora

O quadro 10 demonstra o cruzamento dos decodificadores, traçando uma conjuntura com base nos agentes reais, ou seja, aquilo que ainda não se conhece e

que está no campo mais profundo do discurso e, em muitas das vezes, velados e camuflados. Os poderes causais são mecanismos que contribuem para entender o realizado factual, portanto, são estruturas de poderes causais os mecanismos de causa e efeito do domínio real. Bhaskar (1986) compreende as estruturas inobserváveis como reais e as relações de causas, como ideologias.

O quadro 8 mostra os agentes reais em maior evidência para o proativo. Isso significa que os agentes causais estão sendo combatidos através das postagens por um sistema de linguagem que indica desnudamento, revelação e medidas de prevenção protetiva de combate a um sintoma social como: discriminação, opressão, dominação e racismo, pela incorporação da pertença, autoafirmação, equidade e alteridade marcadas por verbos de ação abstrata, ou seja, esta ação serve para preparar, informar, ensinar, exortar e prevenir.

Dentro desses mecanismos, o empírico aqui delineado (alinhar, cruzar e reconhecer) observa quem é o agente causal. No próximo quadro (reconhecer), foi possível identificar esses elementos que aqui estarão semipreparados para compor o *corpus* da análise do discurso pela linha *pecheutiana*.

Quadro 11 - Reconhecer: Real e o Realizado

Poderes causais	Estruturas de opressão e dominação: Racismo, racismo religioso, genocídio, desigualdade de gênero e social, violência, desumanização, despersonalização e exclusão.
Real	Cosmovisão Weltanschauung negra
Realizado	Proativo

Fonte: Autora

O quadro 11 apresenta o reconhecimento dos Poderes Causais (BHASKAR, 2006), nas estruturas de opressão, dominação e discriminação e uma *Weltanschauung* negra militando no decodificador proativo. O próximo passo será identificar as estruturas ideológicas responsáveis por gerar os eventos de opressão, dominação e discriminação e como essas estruturas de poder estão sendo enfrentadas na página FMNMT dentro de decodificador proativo.

O decodificador proativo utiliza dos conceitos de desnudar estratégias dos Poderes Causais, utilizando também do discurso de autoafirmação como interface de luta, ou seja, são utilizados para identificar estruturas de poder, revestir e prevenir

os internautas que participam e recebem as informações formativas sobre o discurso dessas estruturas de poder.

Constata-se que o decodificador proativo recorre à ancestralidade e coletividade para reagir contra as estruturas dos agentes reais, desnaturalizando e visibilizando as estruturas de poder do discurso opressor. Nesse sentido, o agente real traz a contextualização nesses primeiros achados da netnografia de que a cosmovisão, ou seja, *Weltanschauung* negra que está sendo ensinada pelo FMNMT, tem por base os vetores que em maior evidência transita no proativo, essa cosmovisão explorada no Capítulo 3 deste trabalho.

O que se vê nesta vitrine de dados coaduna com o que Santaella (2012) chama de *legi-signo-secundidade*, que seria o que é existente e manifesto, ou seja, entrar em relação ao outro inserido no tempo e no espaço, ação, reação, causa, efeito e impacto.

Esse conceito é trabalhado na semiótica aplicada para explicar os padrões de similaridade dos objetos, ou seja, as categorias que se cruzam, com similaridade de resultado, de um vetor para o outro.

Neste sentido, há um significado no *legi-signo* que responde aos sujeitos que vivem o processo de receptor dessas demandas em maior intensidade de objeção e intervenção, quando essas categorias se cruzaram e os códigos proativos e reativos tornaram-se agentes reais.

Para o processo de reconhecimento, o conceito de *legi-signo* identifica pela descrição os objetos que entram em concordância com as características da *Weltanschauung* negra, ou seja, com o que qualifica uma cosmovisão negra fragmentada pelos sistemas de colonização, opressão, dominação e discriminação e que está sendo reconfigurada nas postagens da página do *Fórum de Mulheres Negras Mato Grosso*.

Neste sentido, Bhaskar (1986) convida à reflexão: as ideologias que o FMNMT carrega conseguem transformar e emancipar mulheres negras dos sistemas de poder? Emancipação para Bhaskar vem de dentro, por uma experiência e dialética que se comprometem com algo. Somente o “eu” pode se libertar de si mesma. O “eu” ator (sujeito) é quem deve compreender que essa emancipação é coletiva na dialética do desenvolvimento (BHASKAR, 1986).

Estes dois primeiros capítulos contextualizaram o aporte metodológico da pesquisa, assim como a reflexão do objeto pesquisado. Pela netnografia foi possível

levantar os dados e analisar as postagens com a ajuda do RC e organizá-los, tendo como objetivo identificar as categorias nas postagens, tomando como referência os autores citados e buscando compreender como se dá o processo da caracterização do discurso e a relação dessas produções das postagens com o conceito de *weltanschauug* negra.

Através do Realismo Crítico foi possível contextualizar de onde vem os elementos encontrados nas postagens que são os Poderes Causais transitando do Real (a *Weltanschauung* negra), e no Realizado (decodificador proativo). O próximo capítulo desenvolverá essas inferências, os decodificadores, contextualizá-los, conceituá-los e envia-los para Análise do Discurso francesa interpretar e fechar o trabalho.

Sendo o objeto desta pesquisa as postagens publicadas no *Fórum de Mulheres Negras de Mato Grosso* na rede social *Facebook,* o critério utilizado abarca a sugestão de que a identidade das mulheres negras brasileiras está relacionada a um ativismo contra a injustiça social, racismo e sexismo, tendo por base os estudos de interseccionalidade.

Neste sentido, os posts apresentaram relação direta com essa agenda levando em consideração que as comunidades e páginas, que foram observadas até chegar à página FMNMT para o armazenamento de dados, têm como produtoras das postagens, mulheres negras e algumas delas são pesquisadoras de diversas áreas de estudos, consumindo e produzindo conhecimento que transitam pelas redes.

O desenvolvimento da tese a partir dos apontamentos do estudo Netnográfico e Realismo Crítico, o desenvolvimento da temática assinala a busca por quais materialidades discursivas estão sedimentando a estrutura dos códigos transicionais que estão implícitos no Real e Realizado.

Portanto, os conhecimentos a serem contextualizados têm por base uma ontologia negra pautada em uma cosmovisão identitária que será discutida no Capítulo 3, no qual serão tratadas a ontologia e *Weltanschauung negra* trazendo a literatura teórica em consonância com o que foi exposto até o presente.

O próximo capítulo concentra-se na teorização do que foi abstraído, comparado, verificado e refinado para a generalização. Conforme foi explicado na página 131, a generalização consiste no “todo” que dialoga com as partes, quais são

essas partes e se há um elemento que se distancia dessas partes de generalização, isso quer dizer que há particularidades.

3 - *WELTANSCHAUUNG NEGRA: DA* DESPERSONALIZAÇÃO DO "EU" PARA A RECONFIGURAÇÃO DO SER PELO PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO

> *"Se eu, a nível individual, não me liberto, como poderei contribuir para a libertação do meu povo?" (Samora Machel, Entrevista Exclusiva, Afrique-Asie,nº, nº Especial, 1976.[56])*

Neste capítulo, o investimento se dá na contextualização do conceito de *Weltanschauung negra,* (Real), explicando os elementos encontrados nas categorias de postagens pela Netnografia interpretados pelo RC. Assinalam-se aqui os Poderes Causais transitando no Real e Realizado. Neste momento, busca-se os códigos transicionais, os sentidos que estão representados, as conexões que compõem o contexto e as relações estabelecidas entre os decodificadores proativo e reativo (realizado), em alinhamento com os achados respondendo todo o processo representado nas postagens pela fundamentação teórica.

3.1 A ontologia do ser e o processo de despersonalização na *Weltanschauung* Negra

No excerto acima, o revolucionário moçambicano Samora Machel chama a atenção para a realidade de seu povo que lutou dez anos de guerra civil pela libertação de Portugal. Samora compreendia que somente uma ação feita pela educação poderia enfrentar as consequências do colonialismo e não somente nas bases políticas do país, mas na mentalidade do seu povo como uma nação livre e com comportamento de homens livres. (LOBO, 2017)

Iniciar este capítulo trazendo uma perícope de Samora Machel impele a refletir sobre os efeitos graves da colonização, pois aos olhos do revolucionário não bastou expulsar Portugal e libertar o país, mas buscar formas de desconstruir e

[56] CASIMIRO, Isabel Maria. **Samora Machel e as relações de Gênero**. Revista Estudos Moçambicanos 21 (2005) p. 55 a 84. Maputo, Moçambique.

eliminar Portugal da mente e do coração do povo. Libertar a Weltanschauung negra da nação moçambicana era o sonho de Samora Machel.

Pelo motivo acima exposto, dar-se-á início ao capítulo trazendo de forma mais densa o que foi explanado nos capítulos 1 e 2. A partir dos estudos de Fanon (2008), *Weltanschauung* negra é um conceito que constitui um conjunto ordenado de valores e concepções que formam a visão de mundo do ser humano, ou seja, a maneira como ele ou ela enxerga a si, e o outro.

Encontra-se também nos estudos de Oliveira (2008) uma definição originária assinalando como substantivo feminino composto de duas palavras alemãs: *Welt – mundo,* e *Anschauung*, concepção, percepção, intuição. O autor traça a diversidade de traduções do conceito entre os mais utilizados como: cosmovisão, biocosmovisão, concepção de mundo, mundividência, visão de mundo e percepção de mundo.

Muito se tem perscrutado sobre o termo e no levantamento de estudos sobre o conceito de *Weltanschauung* percebem-se outras linhas de pensamentos para diversidades de áreas como: na psicologia Gestalt, Sociologia com Peter Berger, (1929-2017), Teologia, entre outros. No entanto, neste trabalho o recorte se alinha com o estruturalismo francês em que Fanon (2008) apoiou-se para explicar as consequências psicológicas da eugenia na pessoa de cor preta.

Oliveira (2008) ressalta que o uso do termo *Weltanschauung* aparece pela primeira vez com Immanuel Kant (1724-1804), no qual o filósofo utiliza em construções teóricas sobre a cultura e relaciona a uma realidade sensível da percepção humana; no entanto, o termo se expandiu para diversas áreas como já foi mencionado.

Percebe-se nos estudos de Fanon (2008) que o autor busca explicar a relação da língua e a coletividade como fator principal da formação da cosmovisão, ou seja, a língua forma a visão de mundo e essa visão leva em consideração também as questões inerentes ao contexto histórico e cognitivo.

Essa linha de pensamento foi estudada pela hipótese de Edward Sapir (1884-1939) e Benjamin Whorf (1897-1941), no relativismo linguístico e embora Fanon (2008) não cite os autores na obra Pele negra e Máscaras Brancas, o cruzamento da linha de pensamento coaduna quando afirma que a percepção de mundo é influenciada e controlada pela língua falada.

Para os respectivos autores, a forma constitutiva de enxergar o mundo e o outro ordenará o comportamento do ser humano diante das situações da vida e seu posicionamento subjetivo nas suas relações sociais. Nesse sentido, Fanon (2008) afirma que a *Weltanschauung* negra de pessoas de cor que passaram pela colonização e processos de escravidão, opressão e dominação, foram ajustados nos moldes do colonizador e por isso a primeira providência em um sistema de colonização é mudar a língua do colonizado para a língua do colonizador.

Sapir (1985), na obra *Selected writings in language, culture, and personality*, menciona que a formação da personalidade de um indivíduo é constituída por processos inconscientes em relação direta com a língua e de padronização cultural. Desse modo, para o referido autor a linguagem e a cultura definem a personalidade formando sistemas complexos de condicionamentos recíprocos, pois é uma aquisição constitutiva, permanentemente em reconstrução.

Dessa maneira, trabalhar o conceito de cosmovisão negra na língua original alemã, *Weltanschauung,* sinaliza que, a referência da linha de pensamento que se trata aqui nesta pesquisa tem profunda conexão com o que Fanon (2008) chama de sepultamento da originalidade cultural e a amputação da personalidade sofrida por seres humanos de cor preta que viveram o processo de colonização e foram obrigados a mudar a língua materna.

A padronização cultural tratada por Sapir (1985) acentua os apontamentos de Fanon (2008), na medida em que afirma essa perda da identidade cultural pela língua gera no colonizado o desejo de se igualar a seu colonizador na tentativa de igualdade. Fanon (2008) também se baseia nos estudos de Jacques Damourette (1873- 1943) e Édouard Pichon (1890-1940) sobre a gramática da língua francesa na qual trataram a junção gramática e psicanálise, trabalhando o inconsciente e a estética da língua para explicar a função fonética na gramática pela linguagem e o inconsciente.

> De onde provem esta alteração da personalidade? De onde provem este novo modo de ser? Todo idioma é um modo de pensar, dizem Damourette e Picchon. E o fato de o negro recém-chegado adotar uma linguagem diferente daquela da coletividade em que nasceu, represente um deslocamento, uma clivagem. (FANON, 2008, p.39-40)

O que Fanon (2008) está questionando é que, se a língua e a cultura têm tanto poder de mudar todo um processo de uma personalidade, então há um preço

psicológico a ser pago por causa desse deslocamento e a *Weltanschauung* aculturada, cindida e amputada sofrerá consequências sérias em sua forma de ver o mundo e a si mesmo.

Por esse motivo o sentimento de inferioridade trabalhada pela linha Adleriana de Alfred Adler 18770- 1937, ganha um teor de *supercompensação*, uma sobrecarga maior na qual indica uma *Weltanschauung* negra, ou seja, não é somente um complexo de inferioridade, é uma visão de mundo que se formou de inferioridade, um jeito de ser, tornando impossível desenvolver uma personalidade autentica (FANON, 2008).

Mas então, como seria uma *Weltanschauung* negra originalmente libertada? Como primeiro movimento de reflexão buscou-se o diálogo com o filósofo e professor sul-africano Mogobe Ramose (2002), em seus estudos investigou *a formação da cosmovisão negra pela* a ética Ubuntu, palavra que na língua bantu significa *somos todos em um*.

Ramose (2002) buscou explicar, através da filosofia africana, como se constitui a visão de mundo de uma pessoa tendo sua personalidade formada nos valores que o autor denomina de ciência da moralidade. O autor enfatiza o conhecimento e a definição do que é ser bom e mal no comportamento moral que se manifesta na prática, e o comportamento moral subjacente a princípios específicos.

Nessa linha de pensamento, o ser ontológico se movimenta no sentido esférico em uma relação de troca. Troca de afeto troca de experiências, troca de conhecimento, troca em reciprocidade, entre outros. Na colonização, essa relação tornou-se vertical e houve um deslocamento de valores, pois não há troca e sim um utilitarismo egóico de perversão e dominação.

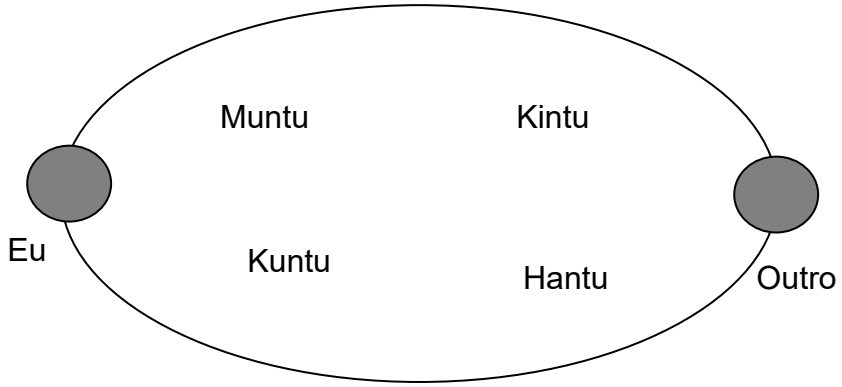
O autor traz como definidor da ética Ubuntu, quatro categorias da filosofia africana: Muntu - valorização do ser humano; Kintu - valorização da natureza, portadores da vida; Hantu - tempo e espaço; Kuntu - a interligação de todas as categorias juntas (RAMOSE, 2002).

A perspectiva Ubuntu entra como uma quinta categoria para transversalizar a relação com as outras quatro. Neste movimento de tranversalização, Ubuntu caracteriza-se *como uma visão de mundo a partir do "ser".* O sujeito dialoga com seu próprio "ser" em movimento esférico com o outro.

Nesse sentido, o sujeito parte do conhecimento e da imagem que se constrói com vista na experiência de troca, que se estabelece pelos vínculos transicionais, passando

também por um processo de amadurecimento cognitivo. A figura a seguir projeta o que é a visão Ubuntu:

Figura 36 - A visão Ubuntu



Fonte: A autora.

Na filosofia Ubuntu*,* a visão de mundo construída constitutivamente está em constante conexão com o "ser", que, por sua vez, está em constante diálogo consigo mesmo; quando parte para a relação com o outro, caminha em esfericidade. Portanto, espera-se o retorno esférico em um esforço de alcançar a experiência dessa relação, na qual:

> A ideia da relação entre as quatro categorias de Kagamé e Ubuntu precisa ser entendida desde a perspectiva de que a filosofia africana é consistente com a posição filosófica de que o movimento é o princípio do ser, entendido como "ser-sendo". De acordo com esse entendimento, a condição do ser-sendo com respeito a toda entidade significa que ser é ser. No original, foi utilizado o substantivo "being", na forma separada "be-ing", para denotar ser em movimento, de modo que usaremos a expressão "ser-sendo", para traduzir esta expressão, na condição de dade. Tudo que é percebido como um todo é sempre uma total-idade no sentido de que ex-iste e per-siste em direção ao que ainda está para ser. Porque esta é uma característica de toda entidade existente, ser-sendo deve ser entendido sempre como uma total-idade. O nosso argumento afirma que ubu-ntu sublinha e é consistente com esse entendimento filosófico do ser-sendo (RAMOSE, 2002, p. 326).

Ser-sendo na ética Ubuntu significa dois em um, ou seja, são todos um, no nível ontológico não há separação, e nessa junção, *kuntu, mantu, kintu e hantu* para a referencialização Ubuntu, traduz a significação do ser humano, o ser-sendo, explica a ideia do movimento pela essência do bem comum, da comunhão, do ser para si e para o outro.

Nesse sentido, pode-se dizer que uma *weltanschauug negra* formada nos moldes da ética Ubuntu, possui uma essência voltada para ser-sendo*,* ser junto, servir junto, amar junto, doar junto e assim por diante. Portanto, traz em sua essência o ser racional que Fanon (2008) chama de o ser-sim e ser-não, pois se busca no sim conservar sua alteridade subjetiva e também diz não a indignidade e a exploração do ser humano.

Para Fanon (2008), esse é o posicionamento de quem traz em sua essência a reflexão que o prepara para agir nos dois sentidos, no sim e no não. Em outras palavras, a essência da *Weltanschauung* busca a correspondência da imagem que tem de si no outro e não a imagem do outro em si, esta é a essência da *cosmovisão negra* para Fanon (2008), Ramose (2002), Césaire (1978).

Para falar sobre a formação da imagem que é construída sobre “nós” e sobre o “outro”, buscou-se as abordagens da psicanálise, nos primeiros estudos sobre a formação da personalidade e o que acontece quando essa formação sofre um erro de percurso ocasionando: fragmentações, amputação ou cisão nesse caminho de formação.

Nos estudos de Lacan (1998), a experiência infantil na formação da personalidade se dará na relação de si com o outro e esse desenvolvimento envolve a relação libidinal (desejo sexual) e a imagem corporal. A grande questão aqui tratada é que, para Lacan (1999), o corpo aqui referido não é o biológico, mas um corpo virtual no qual há o significante, o desejo. Em síntese, o corpo age no campo do simbólico.

Para a psicanálise, “desejo” é um emaranhado de sintomas, sonhos e fantasias, que são signos de percepção pelos quais, uma experiência de prazer ou desprazer que tenha sido memorizada no aparelho psíquico. Quando se procura o objeto, na verdade procuram-se traços de algo perdido, ou seja, um impulso de recuperar a perda da primeira experiência de satisfação (ROUDINESCO; PLON, 1998)

O desejo em Lacan (2005) é um processo que passa pela alienação em dois sentidos principais: o primeiro é a chamada *entausserung* - que significa desvalorização única porque está exteriorizada no outro, projetada e depositada no outro. Sendo assim, não é possível reconhecer o desejo em determinadas pessoas ou objetos, pois este se apresenta de forma alienada.

A segunda forma de alienação é o *entfremdung* - entendida como estranhamento, alienação. Alguns autores da psicanálise também chamam de vale da estranheza, pois o encontro com o desejo não é perceptível, então *o meu desejo é atribuído ao desejo do outro*. Quando identificada a imagem do outro, Lacan (1998) chama de estádio do espelho e esse estádio envolve dois campos importantes: o desejo é o desejo do desejo do outro.

Neste sentido, o ponto de convergência entre as duas figuras fundamentais da alienação que se apresenta. Greco (2011) salienta que o desejo é possuir o desejo do outro, naquilo que se objetiva no desejo do outro e, assim, localiza o processo que se desenvolve quando são assumidos uma imagem e o reconhecimento dela é o espelho.

Desta forma, o "eu" é uma estrutura psíquica e não pode adaptar-se exteriormente de um contexto que o conhecimento e a realidade estão fora da identificação mental. Isso quer dizer que, a relação com o outro começa sempre no campo imaginário e esse eu na dimensão de alteridade e o acesso ao simbólico remete ao sujeito se organizar no imaginário simbólico e esse imaginário não pode se constituir sem a referência do outro (GRECO, 2011).

Greco (2011) continua explicando como as formas de concretizar o desejo pode se fixar em uma imagem, no gozo, em uma pessoa, mas, o importante é compreender que, essa referência é uma alienação estrutural diretamente ligada em significantes nas linguagens, enunciados, nas simbologias e na relação de troca no meio social. É sensato também salientar que no estado de alienação a demanda do desejo deixa de ser figurativa na linguagem para se deslocar para reorganização do significante. O significante está unido ao significado produzindo outros significantes, isso quer dizer, grosso modo: o que o outro exigiu de "nós" vem condicionado pelo inconsciente (LACAN, 2005).

Voltando a *Weltanschauung* negra, na explicação sobre o processo de construção do eu envolvendo a formação do inconsciente e o desejo, pode-se compreender que, se no processo de formação acontecer um erro de percurso, principalmente no reconhecimento do "eu" no referencial simbólico no *estádio do espelho*, poderá ocorrer uma espécie de desconexão com este corpo virtual, ocasionando a fragmentação ou até a cisão com a percepção de si e do outro (GRECO, 2011).

A cisão causada pela eugenia é um processo muito mais profundo do que apenas um complexo de inferioridade, como apontado por Adler (1870-1937), para o qual o complexo de inferioridade parte de um contexto orgânico. Para Fanon (2008) o rompimento da relação de esfericidade na convivência entre colonizado e colonizador significou um sentimento de inexistência, uma amputação do “eu” com consequências psicológicas graves.

O que aconteceu com o povo preto colonizado que passou pela eugenia e escravização foi a desagregação da imagem referencial que impediu a organização do imaginário simbólico, formando uma estrutura de abandono da própria imagem. Para Fanon (2008), isso é uma *Weltanschauung* negra adoecida, fragmentada, tornando-se uma neurose colonial, podendo evoluir para uma psicose.

Ora, se pensar nas sequelas da *weltanschauug* negra (cosmovisão) da mulher negra brasileira, por exemplo, e nessa inautencidade do “eu” apontada por Fanon (2008), rapidamente pode-se relacionar essas sequelas a uma visão de mundo fora da relação esférica Ubuntu. Pelo imaginário referencial de Lacan (1999), a cosmovisão está cindida porque a visão de mundo criada para essa mulher negra não corresponde a sua essência ontológica verdadeira.

Se a visão de mundo vem a partir do “ser” referencial e esse ser está enclausurado na relação vertical de superioridade/inferioridade com o sistema opressor, então, essa visão de mundo a impede de ser autêntica em sua relação coletiva, inclusive na sua relação com o ativismo e seu comportamento subjetivo.

Partindo dessa contextualização, o intento aqui é desbravar o ser ontológico da mulher negra sem medi-la com teorias e métodos, mas, buscando respostas naquilo que seria sua ontologia original. Essa busca é um contraponto com a *self* criada pela colonização, eugenia e ideologia do branqueamento, o que se torna um desafio para pesquisadoras negras neste tempo.

Com essa abordagem é possível compreender como se dá a produção discursiva nesse paralelo de luta pela libertação de seus corpos e mentes da colonização, da eugenia e da ideologia do branqueamento. É inegável a existência do processo histórico das lutas sociais das relações étnico racial e gênero feminino negro. Contudo, para além das diferenças dentro deste processo, há uma ponte chamada “lugar social” que separa as lutas por direitos sociais de mulheres brancas, das lutas das mulheres negras, entre modos e formas.

Levando em consideração que as mulheres brancas, apesar das conjunturas sociais de desigualdade em relação ao homem, não sofreram interferência no seu lugar social no que tange a formação da sua personalidade ontológica, ao passo que não há cisão (racial), não foi colocada em subalternidade pela cor de pele.

Na mulher negra há uma marca de mutilação identitária de opressão, dominação, discriminação e humilhação pública que foi determinada com o propósito de despersonalização identitária e sub-representação. Quem não se lembra do caso Sarah Baartman (1810)[57], que passou anos sendo exibida como animal e de forma macabra em feiras na Europa. Escravas negras[58] nos EUA eram mutiladas como cobaias em experimentos de ginecologia, humilhadas, desprezadas e mortas.

No Brasil Colônia foi instaurada constitutivamente e normalizada uma cultura do estupro, abusos físicos, emocionais, institucionais, humilhações, subordinação sexual e violência psicológica como vitrine principal do cenário montado às mulheres negras que além de serem violentadas, quando engravidavam de seus algozes, apanhavam das esposas brancas enfurecidas, como se elas tivessem escolha em não aceitar tal violência sofrida (FREITAS, 2011).

Essa cultura de estupro, perversão e desrespeito com as mulheres negras perdura até os dias de hoje no imaginário social, haja vista os índices de violência e morte, em que alguns dados foram contextualizados no primeiro capítulo. Os fatos remetem a pensar nos anos de luta que as mulheres negras vêm travando contra uma sociedade preconceituosa, violenta, machista e racista ao extremo.

A despersonalização da mulher negra é classicamente estudada, conhecida, reconhecida e catalogada por muitos cientistas sociais que se desdobram e aprofundam em suas pesquisas, como: Fanon (2008), Gonzales (1984), Souza (1983), Gomes (2002), Davis (2016), Collins (1990), Crenshaw (2002), entre outros. Nos últimos 20 anos, essas questões ganharam maior impulso e atenção marcada pela era tecnológica, avanços das pesquisas por influência da relação humano e computador, e o fluxo avolumado de informações em velocidade tempo.

São expressivas as linhas de pensamento que se formaram a esse respeito em diferentes perspectivas que abordam as questões étnicas, raciais e de gênero, pois há uma complexidade maior no Brasil para tal compreensão. Do ponto de vista

[57] Disponível em: https://www.ufrgs.br/africanas/sara-baartman-1789-1815/. Último acesso em 15 set. 2021.
[58] Disponível em: http://unisinos.br/blogs/ndh/2013/09/30/invisibilidade-negra/ Último acesso em 15 set. 2021.

histórico, não se pode esquecer que a formação do pensamento racial no Brasil teve por base os moldes da eugenia e a normalização da violência e morte nas relações sociais.

Estudos já apontados nesta pesquisa são utilizados dando sustentação a saberes e ampliando esses conhecimentos e em diversidade de campos que se fazem ciência. Linhas de pensamentos tomam por base os estudos interseccional e decolonial, especificamente em um campo da linguagem pela Análise do Discurso na linha *pecheutiana*, que também utiliza da psicanalise para compreender fenômenos. Em função desse histórico a primeira questão a ser salientada são os pilares discursivos que foram construídos a respeito da mulher negra.

Lembrando que, discursos não são unívocos, quando se fala em despersonalização, não se fala de uma coisa só, pois a questão é polimórfica e multifacetada e aparece em variedades de situações, principalmente quando a pele negra também tem variedades de tonalidades e as relações sociais se dão em diversidades de áreas: profissional, afetiva, comercial, familiar, entre outros.

A esse respeito, a AD como método de análise, pulsiona a sensibilidade e flexibilidade do analista para captar aquilo que realmente será importante, ou seja, a aculturação dos codificadores o que parecer mais pertinente à leitura da questão racial dentro da realidade do materialismo histórico do Brasil.

> [...] Nesta perspectiva, a analise não pode ser uma sequência de operações objetivas com resultado unívoco (e um codificador que quisesse simular esta objetividade não faria senão um trabalho rotineiro e mecânico sem validade analítica); entretanto, para que a codificação seja a obra de uma equipe de codificadores, e necessário que todos eles apliquem as mesmas definições e o mesmo sistema de referência ao curso de suas operações e precise supor a existência de um consenso explícito ou implícito entre os codificadores sobre as modalidades de suas leituras (GADET; HAK, 1991 p. 65-66).

Os autores salientam que é preciso organizar os codificadores para produzir os resultados da leitura que tornou possível a fidelidade dos sentidos que estão elaborados sobre o que foi apreendido do objeto. Portanto, quando se fala em despersonalização da mulher negra nesta tese, reuniu-se a leitura dos codificadores histórico, linguístico e os *modus operandi* do ativismo em rede para compreender como se dá esse processo ativista e suas implicações diante das questões que problematizam o objeto.

Nesse sentido, faz-se importante abarcar o conceito de despersonalização na área da saúde mental. De acordo com os estudos de Salgado (2015), esse conceito é utilizado para explicar a modificação da sensação a respeito de si própria, compreendida por um processo de alteração subjetiva que diz respeito ao irreal, distante ou artificial. A autora enfatiza que esse processo faz com que a pessoa se comporte como um observador externo do próprio corpo e dos processos mentais sem se dar conta do entorno do processo.

Voltando aos estudos de Lacan (1999), Fanon (2008) e Ramose (2002), o erro de percurso no reconhecimento do “eu” no referencial simbólico, da sua esfericidade Ubuntu, impede a pessoa despersonalizada de projetar seu desejo. Veja-se, se o “meu” desejo busca o desejo do desejo do “outro” e esse “outro” é o sistema opressor ou uma pessoa opressora, a relação que se estabelece é vertical e se o desejo do opressor é de massacrar, o desejo dela será ser massacrada em um plano inconsciente, pois ela não percebe o massacre, essa é a visão que foi ensinada como correta.

Nas relações de poder, o abusador tem o controle do desejo de sua vítima, que passará a ser controlada emocionalmente e psicologicamente. A vítima é utilizada como regulador emocional do seu abusador, ou seja, como já disse Fanon (2008), o fóbico seja ele um sistema ou uma pessoa, precisa sustentar sua suposta superioridade a qualquer preço.

Como a falácia da eugenia ensinou para o preto a inferioridade e para o branco a superioridade, por exemplo, nas relações colonizador/colonizado, o colonizado é utilizado como regulador emocional que posiciona o colonizador em lugar superior.

Salgado (2015) afirma que a despersonalização é uma existência incompleta, ela acontece como um sintoma de falsas memórias, e a criação de uma *self* que, para Fanon (2008), é a máscara branca, pois todas essas questões ocorrem em um plano simbólico, é a alienação da personalidade enclausurada no desejo do desejo do outro.

A respeito desse desejo vinculado aos seus estudos sobre narcisismo na infância, Freud (1972) tratou a questão não como um transtorno de personalidade, mas, como uma localização da libido, que é constituidor da nossa subjetividade. O narcisismo constitui o ser no “outro”, estabelecendo demarcações e distinções, como

um campo de investimento libidinal. Nesse sentido, há uma posição de onipotência, como se o bebê fosse o biopoder.

Para o referido autor, quando esse biopoder é interrompido pelo processo de amadurecimento, ocasiona uma ferida narcísica, ou seja, a ruptura dessa posição de onipotência. Esta posição é deslocada e acontece o esvaziamento da onipotência, a castração e o golpeamento. Nesse momento, Freud descreve que acontece o luto e a condição para se trabalhar e se deslocar desses lugares ocupando novas posições em relação consigo e com o "outro". É o encontro com a notícia de que não terei tudo o que quero e nem na hora que quero e isso é um curso da vida.

> Desse modo, então o ego separa do mundo externo, ou numa expressão mais correta, originalmente o ego inclui tudo; posteriormente separa de si mesmo, um mundo externo. Nosso presente sentimento do ego não passa, portanto, de apenas um mirrado resíduo de um sentimento muito mais inclusivo na verdade totalmente abrangente que corresponde a um vínculo mais íntimo entre o ego e o mundo que o cerca (FREUD, 1972, p. 85).

A compreensão é de que o rompimento que move as pessoas faz superar as adversidades mesmo passando pela angústia do corte. A dor prepara os sujeitos para superar e construir novas formas de sobrevivência, reelaborando as próprias feridas e boas construções de relações.

O que Freud (1972) ensina é que o narcisismo primário é benéfico para todo ser humano, na medida em que ajuda a ressignificar o corte com o utilitarismo egóico, porém, se houver um erro de percurso no caminho de busca da ressignificação e houver um deslocamento nessa comunicação, tudo passará a ser somente afirmação das pulsões e do desejo, isso significa que o sujeito passará a vida buscando esse utilitarismo egóico em suas relações.

Para tratar desse possível erro de percurso na formação da personalidade, contextualiza-se os estudos de Vaknin (2005) em *Malignant self love: narcissism revisited- the narcissistic personality disorder*, que em português significa: Amor próprio maligno: narcisismo revisitado - o transtorno de personalidade narcisista. A obra ainda não tem tradução em português, contudo é considerada a bíblia do narcisismo como transtorno de personalidade no mundo inteiro.

O autor traça a estrutura de um transtorno de personalidade narcisista maligno. Porém, nesta pesquisa atribui-se uma comparação dos estudos de Vaknin (2005) a comportamentos dados às relações raciais e sexistas na relação opressor e

oprimido, colonizador e colonizado. Objetiva-se com isso, refletir sobre o adoecimento da *Weltanschauung* negra pelo sistema opressor atrelado ao lugar social dado à mulher negra pela linguagem dos estigmas.

A partir do Capítulo 5 de sua obra, Vaknin (2005) explica como funcionam os processos de erros de percurso na formação da personalidade. Seguindo a linha de pensamento do autor, a *Weltanschauug* adoecida pela ausência de referência, a personalidade torna-se um complexo de inexistência podendo também acontecer o deslocamento fragmentado o ego e formando o traço narcísico por buscar incessantemente ser o referencial do outro em uma relação vertical e não esférica.

Nesse caso, o estado de negação de si mesmo desencadeia o desejo de ser o deus do outro e para isso usará dos mecanismos de opressão e verticalização, tornando-se uma espécie de (biopoder) sobre a vida de pessoas com a *Weltanschauung* fragilizada pela ausência do referencial como já foi explicado.

Vaknin (2005), ao se basear no estudo de Freud (1972), explica que tudo começa com uma quebra da comunicação entre os objetos internos e externos na fase narcísica da infância. Na psicologia, objetos internos são pessoas, eventos, pensamentos e emoções; objetos externos são signos representados pela matéria, nesse caso, ele interage com os objetos externos como se fossem internos, ou seja, há um deslocamento estabelecido na formação do ego.

Partindo do pressuposto de um erro de percurso na formação da personalidade, o ego não é formado ou sofre fragmentação na composição o que desencadeia esse transtorno. Observa-se nessa questão a impossibilidade do sujeito filtrar os impulsos básicos dos padrões morais, éticos de sanidade e equilíbrio.

De acordo com o DSM5[59], o sujeito poderá apresentar sensação de grandiosidade e divindade gerada muitas das vezes com requintes e desejos perversos, ocasionando a necessidade de ser servido, passando a ser movido por uma espécie de abstração de símbolos. Contudo, quando se contextualiza e relaciona esses deslocamentos na formação da personalidade com as relações de raça, etnia, opressão e dominação, recorda-se que a formação desse pensamento, tem por base a eugenia, que define raças superiores e inferiores, conforme tratado no Capitulo 1.

[59] Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5, sigla do inglês, *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*) da *American Psychiatric Association* (APA).

Os eugenistas, como já explicou Fanon (2008), criaram uma ideia definida sobre a inferioridade por meio de raças, condicionando todas as pessoas de pele preta a servirem de suplemento a necessidade de reconhecimento, valorização exagerada, divinização e adoração. Em outras palavras, busca-se na imagem do "outro" a imagem que satisfaça o seu desejo de ter sua imagem adorada.

Por outro lado, Fanon (2008) salienta que a ideia de superioridade do branco foi criada por um conhecimento pseudocientífico, assim como a ideia de inferioridade do negro, ou seja, ambos os lados vivem em uma neurose, pois o branco também precisa sustentar garantir e assegurar uma superioridade que não passa de uma intuição delirante e para isso ele precisa interagir com seus supostos inferiores em constante desvalorização e humilhação.

O branco e o negro, adoecidos pela neurose colonial, irão travar uma relação de abuso em todas as áreas de sua vida, tendo por base uma visão de mundo moldada pelo desejo de desvalorizar e ser desvalorizado. Veja-se, o negro não quer ser desvalorizado, mas está em envolvido pelo desejo do branco que o desvaloriza porque esse é um padrão comportamental que foi constitutivamente condicionado pela colonização em um espaço temporal cumulativo.

Vaknin (2005) destaca que o abusador cria um *snepchat* ou uma self da sua vítima e interage com a representação da fantasia que ele criou na mente dele. Isso significa que o abusador não interage com outras pessoas de forma independente, mas interage com as representações internas como se fossem avatares. O abusador manipula os símbolos como os computadores manipulam os símbolos binários.

Desta forma, por mais que as informações estejam certas, a forma de operá-las no cérebro do abusador é corrompida e os *bitis* de controle da informação que estão lá, permitem o acesso, mas não sabe como lidar com elas, não sabe como interpretá-las, pois há dissonâncias e conflitos internos.

Sendo assim, eles não sabem como pensar apropriadamente. O pensamento do abusador é irreal. Não possuem emoções, não se conectam com ninguém, não conseguem elaborar um discurso congruente, não possuem recursos internos para lidar com situações corriqueiras e não possuem parâmetros, pois não seguem regras sociais. Alguns fingem que seguem para sobreviver no jogo e manter o controle.

O ciclo de abuso confunde as vítimas com a projeção da branquitude criada pelo sonho inculcado pela ideologia do branqueamento em um universo em que

Césaire (1978) chama de processo de divinização do branco. Aqui cabe uma contextualização estrutural da subjetividade da mulher negra brasileira, pois há uma estrutura discursiva nessas mulheres com base no ativismo assegurado por uma ferida ou um luto neurótico de romper com a identidade enclausurada.

Nesse sentido, o problema da pesquisa visa encontrar os *códigos transionais* na escrita de ativismo que combate o conhecimento colonizado e aos mecanismos de poder que permeiam as essas mulheres que transitam no FMNMT. Essas mulheres produzem uma escrita negra em rede ordenada por insurgências e resistências que estão empreendidas na forma como elas produzem o discurso nas postagens, representado na página como um discurso institucional.

Essas produções estão em forma de códigos e esses códigos estão em uma condição intermediária entre a *Weltanschauung adoecida* e a relação com o sistema de biopoder, elemento que buscamos compreender pelo aparelho ideológico. As Mulheres do FMNMT utilizam do *Facebook* como campo de produção discursiva dentro de uma *weltanschauug* com base nos decodificadores proativos e reativos.

Desta forma, é sensato perguntar: quem tem o poder no discurso? A *Weltanschauung* ferida e fragmentada pelo sistema? Ou já se tem uma *Weltanschauung* libertada? Em outras palavras, essa representatividade ativista que produz conhecimento nas redes garante a cura e a emancipação da *Weltanschauung* adoecida das mulheres negras?

A discussão proposta neste capítulo pretende contextualizar os caminhos que foram traçados para a despersonalização da mulher negra e como foram compostos por uma variedade de fenômenos e sinais como, por exemplo, a atenção com os sinais maximizados do discurso, monolítico, simplificado que ajuda a camuflar e confundir o que é um discurso racista e sexista do que não é um discurso racista e sexista.

Como tal, são as representações falsas sobre a mulher negra com caricatura de mulheres brancas em novelas, filmes, livros de romance, propagandas, entre outras produções simbólicas que Fanon (2008), Davis (2016), Gonzalez (1984), tratam com muita austeridade. Nem sempre o que está em jogo nesses discursos é verdadeiro e pode confundir. Levando em consideração todo um histórico de racismo, sexismo, misoginia, em um campo de grandes contradições, padrões e regras impostas regadas à violência física, verbal, emocional e intelectual, questões que aparecem no capítulo (1) desta pesquisa.

Quando falado um pouco sobre as complexidades do projeto de silenciamento e adoecimento das mulheres e de maneira mais explícita para a mulher negra, dimensiona-se a alta gravidade de ativismos que criam políticas públicas, leis e condições de melhoramento social, mas a *Weltanschauung* continua aprisionada em relacionamentos abusivos de poder.

Constata-se por todo esse contexto, a necessidade de uma reconstrução imagética de afirmação pelo motivo da exaustão do mecanismo de dominação racial e machista e da resistência aos esforços em favor de relações esféricas, contempladas na luta em favor do respeito à diversidade.

Desta forma, as discussões sobre gênero feminino negro que desenvolva um ativismo também voltado para a desprogramação e desativação da máquina da eugenia. A mulher negra brasileira possivelmente busca o caminho de volta para a sua essência tendo por base relações Ubuntu.

Bell hooks (2013) chama a atenção sobre o complexo de inferioridade denominada por ela de *obliteração* (cisão identitária), e reclama a presença feminina negra nos circuitos acadêmicos ao observar um posicionamento tímido delas quanto a essa questão.

A autora aponta atitudes ambivalentes das mulheres negras feministas diante das formas discursivas de poder que determinam o que ela irá chamar de "*pontos de vista" e política*, ou seja, problematiza esse comportamento tímido como uma questão latente a ser pensada e refletida no contexto acadêmico da negritude feminina de cunho comportamental.

No Brasil, essa questão não é diferente, pois a formação do pensamento racial carrega esse triste histórico traçado, denunciado pelos autores citados nesta pesquisa. São consequências de grande gravidade para a mulher negra que lidera o mapa da violência e da desigualdade por um sistema que insiste em silenciá-las e continua viciosamente dando a esta mulher as migalhas da sociedade brasileira.

Sobre essa questão, o pesquisador Marcelo Paixão (2016) fez uma análise crítica sobre a obra de Gilberto Freyre, *Casa Grande & Senzala,* que traça as relações raciais no Brasil e o projeto de nação em que as relações de pretos e brancos foram hierarquizadas, muito bem delineadas e naturalizadas com requintes de crueldade e anomia social ao negro.

Em sua reflexão, Paixão (2016) localiza o lugar social que foi dado à mulher negra brasileira, no qual destaca um domínio moral e psicológico, dentro de um

projeto de branqueamento para controle social e uma política suja de assujeitamento na falsa democracia racial, no qual brancos e negros vivem em perfeita harmonia no Brasil.

Nesse processo, o que hooks (2013) chamou de obliteração nas mulheres negras, no Brasil, deriva um lugar específico de desvalorização, de dor e sofrimento transmutados por gatilhos mentais e emocionais transmitidos e reproduzidos em letras de músicas, *slogans* de novelas, filmes, dizeres populares, poesias.

Destaca-se a normalidade de gatilhos como: *Mulher branca pra casar e mulher preta para usar; dança negrinha, pega o chicote que ela dança já; a cor do pecado; mulata cor de jambo;* para citar alguns lugares apontados para a mulher negra. Fanon (2008) chama esses gatilhos mentais de *ideia definida, ou seja*, é a concretização da inferioridade negra.

Pode-se dizer que, tanto para Fanon (2008) quanto para hooks (2013), o sofrimento para se autoafirmar vem de um "*desejo"* inconsciente de branquear-se para fugir dos estereótipos desses gatilhos, pois uma vez que o branco está no "*lugar*"[60] de superioridade, dispõe de um potente controle de poder de manipulação, acontece o que Césaire aponta:

> [...] a colonização se funda na psicologia; que pelo mundo afora há grupos de homens atacados, não se sabe como de um complexo que é mesmo preciso designar por complexo da dependência que esses grupos são psicologicamente formados para serem dependentes; que têm necessidade da dependência; que a postulam, que a reclamam, que a exigem que este é o caso da maioria dos povos colonizados, e dos malgaxes, em particular (CÉSAIRE, 1978, p. 45-46).

A dependência aqui tratada por Césaire foi também citada por Gonzalez (1984), sobre o comportamento do afro-brasileiro, supostamente pardos[61] que se assustam quando são chamados de negros. A codependência aparece exatamente

[60]Para a psicanálise **"lugar"** refere-se à teoria lacaniana como a estrutura que o define e o distingue, simultaneamente, dos demais signos. Fonte:
(http://lacan.orgfree.com/textosvariados/lacanteoriadosujeito.htm).

[61] Termo usado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para configurar um dos cinco grupos de "cor ou raça" que compõem a população brasileira, junto com brancos, pretos, amarelos e indígenas.
Fonte:*https://www.ibge.gov.br/home/presidência/noticia/impressão.php?id-noticia=337.Acesso: 18 jan. 2016.*

por uma dissonância cognitiva causada pelo processo psicológico de manipulação emocional.

Gonzalez (1984), ancorada na psicanálise e em Fanon (2008), denuncia a neurose colonial do afro-brasileiro, afirmando sua esquiso com a própria cor da pele. Nesse caso, trata-se da insatisfação conformada que elenca em um dos pressupostos de Césaire (1978), quando fala sobre a criação da relação de codependência do colonizado com o colonizador.

Gonzalez (1984) chama de neurose cultural brasileira e Césaire (1978, p. 47) chama de "*divinização do branco",* ambos coadunam em uma imposição de padrões de branquitude que foram constitutivamente inculcados intencionalmente para serem ensinadas e reproduzidas culturalmente.

Gonzalez (1983) faz uma análise sobre o que é a lógica doméstica no Brasil, pois falar em superioridade racial é colocar o negro no lixo, enquanto o branco se impõe em beleza, inteligência, ascensão social, pois tudo concorre a favor dele.

Neste sentido, o branco passa a ser divinizado em modelo de beleza, enquanto que o negro passa a negar sua cor em um processo doentio de imagem e identidade. Césaire (1978) enfatiza que o nível da neurose é tão grave que, nessa relação de poder e imagem há uma a "*divinização"* e até certo "encantamento *hipnótico"* do negro sempre em posição inferiorizada perante o branco.

Nos estudos de Lippold (2005), o autor relata a triste e desastrosa situação de mulheres negras de vários países do continente africano que sofreram a colonização e que buscam o embranquecimento cultural e físico a preço da própria saúde mental e física. "*Países como o Senegal possuem alta porcentagem de mulheres que usam produtos geralmente nocivos à saúde para branquear a pele* (LIPPOLD, 2005 p. 14)".

O autor afirma que o embranquecimento cultural desencadeia um comportamento obsessivo pela busca de parceiros brancos como símbolo de status social. Isto acaba gerando um ciclo de abusos nas relações entre parceiros brancos e negros porque o lugar de segregação já está constitutivo no processo de formação do pensamento racial brasileiro e forma muito mais aguçada com as mulheres negras.

Nos grupos e comunidades pelas quais caminhou esta pesquisa, essa discussão é comum e muito bem sedimentada no que diz respeito ao conhecimento

de causa. Existem grupos específicos para fomentar a parceria amorosa de casais negros imbuídos nessa quebra da neurose cultural.

Gonzalez (1984) utiliza muito a palavra *domesticar* como sinônimo de controlar. A autora explica que essa domesticação passa por um apagamento da memória e da consciência para que a pessoa assuma aquela domesticação como sua verdade e, nesse sentido, o estigma é um gatilho mental e emocional de grande potência conforme o exemplo no post abaixo:

Figura 37 - Estigmas da mulher negra no Brasil



Fonte: Captura de imagem feita pela autora (2021)[62].

Durante o processo da pesquisa, a página “Escurecendo fatos” no *Facebook* foi uma das 120 páginas visitadas para observação. Essa página trabalha com o desmonte de discursos racializados e, principalmente, desconstrução da sexualização da mulher negra. O post acima citado aparece em um momento de reflexão sobre esse lugar que foi dado a mulher negra no Brasil e como os estigmas estão entranhados no comportamento de brasileiros e brasileiras.

Como visto, Fanon (2008) trata dessa questão como um processo que se dá no subjetivo para o objetivo a partir do momento que vivida à humanidade como uma regra branca. Portanto, ser como o branco para ser aceito. Para o autor, esse comportamento é uma regra de sobrevivência com alto preço psicológico ao negro.

[62] Captura de tela do post coletado da página @escurecendofatos no Facebook. Publicado em 5 Jan. 2021. Editado no Paint 3D. Acesso em: 05 jan. 2021.

Sexo, cozinha e altar é uma regra muito bem explicada por Gonzalez (1984), como violência simbólica marcada pelo lugar social atribuído, sexo e cozinha para as mulheres negras e altar para as mulheres brancas.

> Acontece que a mucama “permitida”, a empregada doméstica, só faz cutucar a culpabilidade branca porque ela continua sendo a mucama com todas as letras. Por isso ela é violenta e concretamente reprimida. Os exemplos não faltam nesse sentido; se a gente articular divisão racial e sexual de trabalho fica até simples. Por que será que ela só desempenha atividades que não implicam em “lidar com o público”? Ou seja, em atividades onde não pode ser vista? Por que os anúncios de emprego falam tanto em “boa aparência”? Por que será que, nas casas das madames, ela só pode ser cozinheira, arrumadeira ou faxineira e raramente copeira? Por que é “natural” que ela seja a servente nas escolas, supermercados, hospitais, etc e tal? (GONZALEZ, 1984, p. 233).

Uma *Weltanschauung* negra adoecida é formada por padrões comportamentais. Refere-se a fatores de reprodução de respostas comportamentais e emocionais por representações que antecipam eventos e situações potenciais para as situações que envolvem racismo como, por exemplo, naturalizar a subalternidade para a pessoa de pele preta e atrelar a cor da pele a caráter, como já ensinou Nogueira (2006).

Criam bases e sustentações que vão moldando as formas de reação. A percepção que aparece sobre esses padrões comportamentais está organizada no discurso e estão ancorados na visão do “eu”, do mundo e o universo de valores que constitui o desejo, não se estabelecem de forma direta, pois são eventos automáticos. Por serem involuntários, não há um controle sobre como reagir ou responder. Tudo dependerá dos recursos e parâmetros internos de cada pessoa para lidar com a diversidade de situações.

São os esquemas de percepção gerados em situações que determinam o significado do evento, que condicionam os gatilhos emocionais, o comportamento e as reações. As formas de leitura sobre o que é sentido são criadas pelas próprias pessoas. Todas as vezes que os sujeitos se sentem de determinada forma, é feita a interpretação e atribuição de um significado gerando um padrão comportamental.

Contudo, observar, nomear e dar sentido ao que estou vendo e quais foram os gatilhos provocados irão gerar um significado automático de modificação na percepção. Quando se descobre que há uma *Weltanschauug* adoecida é preciso fazer as seguintes perguntas: “tenho condições de alterar essa percepção”? “Estou enrijecida em uma única visão”?

Quanto maior a rigidez dos padrões, maior será a dificuldade de alterá-los. Neste aspecto, entra a saúde mental porque a rigidez pode começar a distorcer situações, trazendo prejuízos emocionais desnecessários e gatilhos negativos podem gerar reações comportamentais desequilibrando a balança psíquica. (LACAN, 1999)

Neste sentido, é necessário desenvolver habilidades para lidar com as percepções e estar flexível para lidar com as situações. Pensemos, então, na mulher negra dentro de uma construção equivocada de sua *Weltanschauung,* olhando a sua própria formação, tendo por base a solidão que envolve racismo e sexismo. É possível que esta mulher negra carregue o triste fardo de estar sozinha na vida, na casa, na criação dos filhos, pois esse foi o "lugar" simbólico designado para ela.

Desta forma, é sempre a última a ser escolhida, não é encaixada no modelo de padrão social, é vista como objeto de troca, sexualizada. São as mais vulneráveis para se envolver em relacionamentos abusivos por estarem dentro de uma neurose colonial, pela ideologia do branqueamento, e dissonância cognitiva que as impedem de fazer as conexões sobre a sua própria identidade de ser e existir como ser humano.

Trocando em miúdos, a cosmovisão da mulher negra brasileira foi alinhavada por gatilhos mentais em um combo de autoengano, rejeição e solidão ancorada em um movimento de supressão para suprir a versão idealizada pelo sistema opressor. O abusador a transforma em suplemento egóico por meio de estratégias perversas, na qual Fanon (2008) aponta ser impossível viver um amor autêntico, pois está dentro de uma bolha doentia de abusos e sufocamento de sua humanidade e existência.

Na próxima subseção, aponta-se o ativismo de mulheres negras em rede pelos decodificadores proativos e reativos, no qual já nos apontam a gênese da formação da cosmovisão negra no Brasil em comparação aos Estados Unidos. A reflexão apresentada até o momento dará base de sustentação para a composição do *corpu*s da Análise do Discurso, trazendo os elementos da *Weltacshuung negra* que aparecem decodificados para serem analisadas.

3.2 Os Poderes Causais agindo no Real e no Realizado: ativismo em rede e os decodificadores Proativo e Reativo

Os estudos sobre ativismo em rede alcançaram expressiva visibilidade nas duas últimas décadas conforme foi citado no Capítulo (1) desta pesquisa. De forma mais específica, teorias voltadas para a agenda de mulheres negras vêm despontando no cenário da escrita étnica na qual as redes sociais constituem um campo fértil para visibilizar as pautas de resistências, no recrudescimento da expressão violenta do racismo e sexismo no Brasil.

Nesse sentido, os fenômenos que envolvem a formação de uma cosmovisão negra vêm ganhando corpo nesta investigação, pois permeiam uma luta de classes e são apontados por estudos qualitativos, nos quais constituem uma base preliminar de evidências que traduzem e interpretam questões que poderão, em tese, ser testados com maior rigor metodológico cada vez mais.

Contudo, o recorte apresentado se destina a compreender a ação dos Poderes Causais tendo por base dois vetores em forma de decodificadores, nomeados que foram como: proativos e reativos. Esses decodificadores, conforme já foi explicado, permeiam o discurso empreendido nas postagens, ou seja, a tipologia de epifania, um sentido revelado e representado no ativismo em rede na página FMNMT.

No decorrer da investigação, percebe-se que as postagens da página apontam o rompimento do silenciamento da mulher negra em rede a partir de uma atuação política, e o *Facebook* é utilizado para veicular propostas, direcionamentos, posicionamentos e a instrumentalização de enfrentamentos dos discursos de poder hegemônicos representados por eventos, ações e leis sociais, entre outros fatores.

Nesta seção, apresenta-se proposta de debate sobre os Poderes Causais (BHASKAR, 1998) e a articulação das insurgências e resistências do ativismo em rede empreende-se como principal eixo de reflexão o conceito de Biopoder (AGAMBEN, 2004), Hegemonia (GRAMSCI, 2011), e o antagonismo da luta de classes e imagem (DAVIS, 2016).

Conforme vem se desenvolvendo a escrita desta tese sobre os meandros do biopoder, é sensato expor que os apontamentos delineados estão voltados às projeções das relações de poder no sistema social, econômico e cultural de ordem mundial na qual as nomenclaturas utilizadas são: colonizador e colonizado, opressor

e oprimido e para as projeções das relações de poder no campo subjetivo são denominados abusador e vítima.

É inegável olhar para os acontecimentos veiculados nas redes sociais na atualidade, sem perceber uma exposição expressiva da luta de classes e de imagem, em que uma guerra é travada no campo simbólico e discursivo num momento de grande polarização no cenário mundial.

Agamben (2004) define esse movimento como operacionalização e práticas de biopoder. Nos estudos de Primo (2019), sobre o pensamento de Agamben, o termo biopoder vem do grego clássico tendo por base *Zoé e Bios*:

> Conforme Agamben, os gregos não dispunham, como atualmente, de um termo único para exprimir o que nós entendemos com a palavra “vida”, servindo-se então de dois termos, distintos tanto semântica quanto morfologicamente, ainda que se referissem a um étimo comum: por um lado zoé, que exprimia o simples fato de viver comum a todos os seres vivos (animais, homens ou deuses), a mera vida natural, a vida nua, cujo lugar próprio é a oikía (a casa), e bíos, que, por outro lado, indicava a forma de viver própria de um indivíduo ou de um grupo, a vida qualificada e política, razão pela qual o lugar próprio do bíos é a pólis (a cidade). A partir daí, aponta o autor, as análises de Foucault e Arendt souberam descrever os processos pelos quais o objeto da política deixou de ser o bíos e passou a ser a zoé. Se, por um lado, Foucault faz uma análise dos processos por meio dos quais a vida passou a ocupar, na Modernidade, um lugar central nos cálculos do poder estatal, sem, contudo, abordá-la em relação aos mecanismos e estruturas dos estados totalitários do século XX, lugares, por excelência, da biopolítica moderna. Hannah Arendt, por outro, em *The human condition* (1958), aborda o processo que leva o homo laborans, e, consequentemente, a vida biológica como tal, a ocupar o centro das discussões políticas modernas, sem, entretanto, estabelecer uma conexão com suas análises precedentes sobre o poder totalitário (PRIMO, 2019, p. 71).

Primo (2019) reitera que, para Agamben (2004), o que está em jogo é a governabilidade da vida humana, tendo como principal característica a descartabilidade como recurso humano. Nesse sentido, o biopoder opera através de dispositivos e tecnologias e cada vez menos através de vontades individuais e coletivas.

Nas lições do referido autor, percebe-se um alinhamento de pensamento trabalhado na seção anterior, quando explicado pelo campo da subjetividade o processo de despersonalização e o adoecimento da *Weltanschauung* negra. Contudo, Agamben (2004) traz um olhar social sobre as ações dessa subjetividade no coletivo e as consequências no plano macro.

Agamben (2004) acrescenta, nesse alinhamento, a lógica que descarta a vida quando ela não é mais útil, através da subjetivação que forma o indivíduo para ser moldado e dirigido (nesse caso, pelas forças dominantes hegemônicas).

Veja que Agamben já traz o conceito de hegemonia que Gramsci (2011) define como uma sobreposição de poder sobre organizações políticas sociais, estrutura econômica, cultural de dominação.

Assim como Lacan (1998) aponta o desejo no estádio do espelho, Agamben (2004) assinala que o processo de dominação social ocorre através do desejo, ponto estratégico para induzir o indivíduo a desejar fazer o que o biopoder impõe como regra, criar uma necessidade (indução de conduta) que é o mesmo que governar o pensamento das pessoas.

Agamben (2004) ressalta: “Não somente a normatização (controle e manipulação para objetivos políticos) do ser humano como nos ensina Foucault (2014: 134), mas a exceção de legalizar o que é ilegal”. A soberania em lugar da governabilidade, em outras palavras, a morte em vez da prisão, a violência em vez do diálogo, a depreciação ao invés da discussão e nesse emaranhado de questões cria-se uma justificativa para a exceção virar regra em nome dos direitos universais.

Agamben (2004) salienta que esse movimento de dominação subjetiva é criado para fins não somente de disciplinação, mas para a eliminação do ser humano. Toma-se como exemplo o que Gramsci (2011) chama de dominação de produção material e intelectual para fins do desaparecimento do consenso espontâneo, ou seja, disciplinar intelectualmente quem ameaça o sistema, uma vez que:

> A ideologia dominante, numa determinada forma de sociabilidade, é a ideologia da classe dominante. Isto porque a classe dominante domina não só a produção material, mas também a produção intelectual, visto que é proprietária dos meios de produção material e intelectual. A ideologia da classe dominante tem a aparência de representar os interesses universais da sociedade. Por exemplo: na sociedade burguesa vigoram as ideias de liberdade e de igualdade, em especial, o liberalismo econômico e o liberalismo político, que afirmam que os homens são iguais perante o mercado mundial e perante o Estado político (STAMPA e LOLE, 2018, p. 5).

A ideologia dominante acaba por convencer seus dominados que vivem em um mundo de igualdade e direitos iguais. A exemplo do Brasil compreende-se essa questão quando se depara com discursos de que há uma vivência na democracia racial enquanto são assistidos os índices de violência e morte de negros sendo

naturalizada e banalizada, direitos iguais entre homens e mulheres com salários diferenciados, machismos e misoginia, meritocracia com o índice de desigualdade social em expressividade exorbitante culturalmente e economicamente.

Para tonificar ainda mais esse debate, Davis (2016) acrescenta a todas essas questões as reflexões de Agamben (2004) e Gramsci (2011) sobre a luta de classes e de imagem. A autora compreende que a sociedade capitalista opera em um sistema mais sofisticado de dominação, exploração e apropriação da força de trabalho e sexualidade como uma luta de imagem centralizada na pessoa negra pela desumanização e naturalização das práticas de violência e extermínio (DAVIS, 2016).

Ao trazer essa questão para o campo do gênero feminino negro, percebe-se que, subjetivamente, há um lugar social que está contextualizado na história de vida da mulher negra, e essa história está relacionada a uma estrutura de ordem patriarcal, racista e burguesa de exploração. (DAVIS, 2016)

Para a autora, a barbárie imposta pelo racismo, contextualiza uma a ideia de liberdade implementada pelo biopoder, constitutivamente ensinada na sociedade e diretamente ligada ao controle, violência e ao extermínio da população negra. Nesse sentido, trabalha-se a ideia de liberdade sem acesso a direitos sociais, condições de trabalhos, dignidade de moradia, educação, entre outros fatores sociais, selando um novo processo de escravidão por dispositivos ideológicos. (DAVIS, 2016)

A junção do pensamento dos três autores nos leva ao entendimento de que há uma guerra pelo controle dos corpos e mentes com grande reflexo no comportamento humano. Esse controle tem por base maior o sistema econômico que dialoga com a constituinte, criando leis e formas de silenciamento e extermínio de forma natural e endossada pela sociedade. Cria-se uma necessidade falsa, induzindo o povo acreditar e dar crédito no que o biopoder impõe. (AGAMBEN, 2004)

No Brasil, pode-se encontrar uma vitrine de eventos considerados como “falsa necessidade”, a recente Reforma da Previdência é uma delas. De acordo com o UOL Economia[63], o rombo da previdência e a economia de 1 trilhão nos cofres

[63]Disponível em: https://economia.uol.com.br/reportagens-especiais/o-caminho-da-reforma-da-previdencia/

públicos foi uma das variadas “necessidades” criadas para alterar a idade da aposentadoria de homens e mulheres trabalhadores.

Desde 2017, há um empenho por parte do governo brasileiro em convencer a população de que essa é a decisão correta. No entanto, há controvérsias e um número expressivo de especialistas da área da economia vem debatendo incansavelmente pelos meios de comunicação e de maneira mais expressiva nas redes sociais, a desmontar essa “necessidade”; no entanto, não foi suficiente, pois a reforma já se encontra em vigor.

O exemplo citado não tem nenhuma intencionalidade de ampliar o assunto, e sim aludir como acontece a manipulação pela criação do que Agamben (2004) chama de falsa “necessidade”, pois já existem estudos do documento síntese publicado com o título *Previdência: reformar para excluir?* Uma junção entre Dieese[64] e ANFIP[65], no qual trazem um levantamento de (48) páginas retratando as consequências da Reforma da Previdência à classe trabalhadora e principalmente o povo mais empobrecido.

Na pirâmide social do Brasil, é inegável que a população negra está em maior vulnerabilidade, pois ocupa a linha de frente no ranking da pobreza e dos corpos exterminados. No meio desse fogo cruzado, a mulher negra militante entra nessa guerra do desmonte dos discursos do biopoder buscando desnudar os sistemas de controle, almejando por libertação desses aparelhamentos ideológicos discursivos pela descolonização do conhecimento. Porém, há um grande perigo permeando esse processo de luta.

É incontestável que o ativismo em rede tem levado mulheres negras a compreenderem o significado da luta por transformação social, mudanças de mentalidade, hábitos e *modus operandis* de vida. Contudo, o biopoder opera para descredibilizar qualquer tipo de discurso que desnuda sua intencionalidade. A estratégia de combate do biopoder é se aproveitar das vulnerabilidades emocionais e econômicas para manipular e minar os preceitos da luta.

No caso do ativismo negro no Brasil, percebe-se uma gama de críticas do próprio meio de ativistas negros às militâncias. Um dos apontamentos é que a pauta de luta foi transformada em uma arena de reivindicações apenas por espaços de representatividade numa sociedade burguesa, cuja ordem é capitalista.

[64] Dieese: Departamento Intersindical de Estatística e Estudos socioeconômicos.
[65] ANFIPE: Associação Nacional de Auditores Fiscais da Receita Federal do Brasil.

Ora, a representatividade sem o posicionamento social como classe trabalhadora e participante ativa dessa luta de imagem por transformação, já coloca por perdida a causa, pois esse ativismo está atendendo somente a um grupo (de elite) que acaba por não representar as pautas de quem está no chão dessa pirâmide de exclusão e anomia que, por sinal, é a maioria em percentual.

Almeida (2021) chama a atenção para o que ela nomeia de pacto narcísico da branquitude. Este pacto implica simbolicamente no silenciamento do racismo permeado por privilégios simbólicos, endossados naturalmente nas instituições. A autora compreende que a forma como as instituições funcionam promovem esse silenciamento.

Trata-se de autopreservação da carreira ou do departamento, pois muitas vezes quem comete racismo é o chefe ou alguém de alto cargo. É mais fácil mostrar sua indignação nas rodas de conversas particulares do que posicionar-se publicamente enfrentando a situação. É mais fácil negociar com o biopoder do que enfrentá-lo. (ALMEIDA, 2021)

Por esse motivo, há uma atenção dobrada em desenvolver discussões acerca de uma escrita negra nas tintas de pesquisadoras negras que utilizam das redes sociais para consumir e produzir conhecimento. Esse movimento deslumbra a intencionalidade de descolonizar o conhecimento e desconstruir discursos racializados, misóginos (de cunho sexista) e trazer em pauta os direitos civis sem negociar com o biopoder.

Constata-se pelos estudos que desenvolvidos até aqui, que uma *Weltanschauung* ou cosmovisão libertada compreende seu lugar no espaço de luta e passa a ser acional como ensina Fanon (2008), assumindo um posicionamento com consciência de classe no campo de batalha.

É sobre esses posicionamentos abordados neste estudo que se denomina de decodificadores proativos e reativos de forma que, desde o início desta escrita, tenta-se desenvolvê-los como marcadores comportamentais discursivos presentes nas postagens e que nos indicam os rumos de uma modalidade de ativismo feminino negro no FMNMT. Essa modalidade é também representada por outros grupos e páginas que forneceram as informações que veiculam em rede e estão postadas na página pesquisada.

Nesta tese, compreende-se como decodificador *proativo* as postagens em que as linguagens operam medidas de desnudar estratégias discursivas de poder,

trabalhando para a revelação e prevenção protetiva de combate a um sintoma social específico ao que tratamos aqui pela incorporação da pertença, autoafirmação, equidade e alteridade e são marcadas por verbos de ação abstrata, ou seja, esta ação serve para preparar, informar, revelar, ensinar, exortar e prevenir.

Sobre esse movimento nas relações de poder é necessário compreender que, nas redes sociais, tanto o decodificador *proativo* como o *reativo* são operacionalizados através de imagens acompanhadas de texto escrito como legenda, que exigirá do internauta uma interpretação sobre o assunto que o leve a dar *likes* ou até mesmo opinar sobre o assunto.

Na postagem, age também como um dispositivo de desconstrução da hegemonia pedagógica que Gramsci (2011ª) vai chamar de concepção real que superou o senso comum, tornando-se critica, porém, ainda no controle restrito do biopoder. Nesse sentido, o decodificador *proativo* desnuda e revela essa crítica controlada, comprovando os meandros que a alicerça nas relações de poder.

Toma-se, por exemplo, a crítica sobre os altos números de estupros em mulheres no Brasil, acompanhada de abordagens como: “ela estava com as pernas de fora e ativou o desejo do estuprador”. No país, depara-se com o termo do “*estupro culposo”* no caso da *digital Influencer* Mariana Ferrer[66], que ganhou repercussão nacional após ser estuprada pelo acusado. A promotoria compreendeu que o mesmo não tinha a intenção de estuprar, alegando que o abusador não tinha como saber se a vítima não estava em condições de consentir o ato sexual.

De acordo com o *The Intercept Brasil*, a expressão “*estupro culposo”* não foi citada e nem fundamentada nos altos do processo. Porém, no Código Penal Brasileiro - Lei 7.209, de 11/07/1984, é chamada de Crime Culposo quando um crime foi praticado sem intenção de causar danos ou morte (BRASIL, 1984).

A expressão “*estupro culposo”* foi utilizada na interpretação da defesa da vítima para desnudar os meandros e estratégias do estado (representadas pelo promotor), para proteger o acusado e descredibilizar a vítima. No caso aqui citado, a crítica controlada tenta convencer de que o “mocinho” errou sim, mas não sabia que estava errando, e o decodificador utilizado para desnudar essa crítica é que se chama de proativo. A imagem abaixo publicada no FMNMT pode ser classificada

[66] Disponível em: https://theintercept.com/2020/11/03/influencer-mariana-ferrer-estupro-culposo/ Último acesso em: 11 jan. 2022.

como um decodificador proativo com abertura para uma ação do decodificador reativo.

Figura 38 - Não existe estupro culposo



Fonte: Captura de imagem feita pela autora (2021)[67].

A imagem refere-se a um ato público (decodificador reativo), na cidade de Cuiabá - MT, tendo por base a afirmação de que *"não existe estupro culposo"*. A frase desnuda um sintoma latente na sociedade que é a cultura do estupro normalizada e a urgência de desmontar os discursos misóginos e machistas em torno do corpo da mulher.

A vítima é uma mulher branca que teve acesso a advogados de defesa e repercussão da mídia, porém, o que moveu a indignação popular foi o discurso em torno de uma vulnerabilidade que o homem não tem diante da mulher, mas, que dificulta o acesso a direitos fundamentais por ser este protegido por um biopoder que, no caso aqui tratado, é o sistema judiciário.

No Brasil, a cultura do estupro e crimes passionais foi implementada constitutivamente nos poderes institucionais e de maneira tão natural que perduram na formação educacional e familiar até os dias de hoje. É muito comum casos de mulheres brancas assediadas, estupradas ou mortas ganhar repercussão nacional.

No caso Ângela Diniz (1976)[68], além de morta, carregou sobre ela o peso da "crítica" infundada na honra do marido com direito a horário nobre na televisão. No

[67] Captura de tela do post coletado da página FMNMT, no *Facebook*. Publicado em 6 Nov.. 2020. Editado no Paint 3D. Acesso em: 08 jan. 2022.
[68]Disponível em:

entanto, têm-se casos de mulheres negras que nunca sequer tiveram uma nota de jornal como no caso Marina, mulher negra, assassinada e ignorada pelo estado.[69]

O caso Marielle Franco[70] ganhou repercussão por ser ela uma figura pública e o crime de cunho político. Porém, o crime até o momento está sem solução, com mudanças de papéis nas investigações e inúmeras tentativas de descredibilização da imagem de Marielle.

Por esse e tantos outros casos semelhantes ao dela, pensa-se no quanto o sistema judiciário brasileiro é impune com mulheres e principalmente as negras. A impunidade no Brasil funciona por gênero, raça e classe social, a invalidação das vítimas é uma estratégia do biopoder que pesquisadores do narcisismo social, como Vakinin (2005), chamam de *gaslighting*[71]. O conceito se refere a desvalorização, difamação e depreciação da vítima como louca interesseira: “quer ganhar dinheiro à custa do abusador”, prostituta, adúltera, drogada, alcoolista, entre outras denominações.

Para Agamben (2014), o mesmo direito que protege também ameaça pela lógica do massacre na medida em que houve uma tentativa de admissão daquilo que está fora do direito. A urgência da construção de uma hegemonia para fins de transformação social faz se necessária neste momento da história de um país que necessita pensar sobre os moldes do seu sistema educacional, pois a educação reflete em todas as áreas institucionais em que os poderes decidem sobre a vida dos cidadãos.

A partir das construções desta tese, decodificador proativo a passagem do discurso que passa pela prática política e ideológica, pois o sujeito é interpelado a ocupar um lugar determinado no sistema de produção. Quando uma palavra, por exemplo, designa um significado, essa palavra causa um efeito e para causar esse efeito causa uma consequência que atinge o sujeito ou o meio (GADET; HAK, 1991).

De acordo com Gadet e Hak (1991), a linha *pecheutiana* se colocou entre o sujeito da linguagem e o sujeito da ideologia, traçando a evidência subjetiva e a evidência dos sentidos (significação). Desta forma, coloca o discurso entre a

---

https://www.youtube.com/watch?v=VOAws1a1FIA&list=PLD9mG2PTpdBXeFga4AyHQOFKlaoAXlJM. Ultimo acesso: 18 jan. 2022.

[69] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Wf7rXkE9Jkc Último acesso em 18 jan. 2022.

[70] Disponível em: https://noticias.uol.com.br/cotidiano/caso-marielle/ Ùltimo acesso: 18 jan. 2022.

[71] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=mpX76Env1-A&t=114s Último acesso em 09 fev. 2022.

linguagem e a ideologia não para buscar respostas, mas, para levantar questões que levem a uma experimentação efetiva de reflexão do que ainda precisa ser refletido.

Veja que, no caso do suposto "*estupro culposo"* houve um efeito ideológico com uma consequência para livrar o acusado praticante do abuso e condenar a vítima. Na relação de produção, fica nítido quem foram os atingidos pelo efeito das questões levantadas pelo decodificador *proativo*.

No caso tratado apontou que, futuramente, a justificativa de um estupro poderá beneficiar outros homens abusadores em usar dessa mesma estratégia para dizer que não tinha a intenção de estuprar, pois não tinha como saber que não foi consentido pela vítima.

Constata-se pelo exposto de que as abordagens empreendidas pelo decodificador proativo poderão ser exploradas e ampliadas em trabalhos futuros para aprimorar o alcance analítico. Porém, nesta investigação, limita-se em subsidiar somente das evidências as camuflagens discursivas do biopoder. Considerando a estrutura dessa forma de olhar para as situações discursivas e empreender sobre elas o confronto e a revelação, possibilitará o encontro de outras respostas de expressivo alcance analítico.

Na mesma linha de compreensão, apresenta-se o decodificador *reativo* representado por palavras e frases marcadas nas postagens que aparecem com esquemas de linguagem e indicam reação concreta a um sintoma social ou histórico. São marcadores de estratégias de reação assinalada por verbos como: agir, reagir, insurgir, resistir, contrapor, enfrentar, protestar, responder e corresponder.

Nesse sentido, o decodificador *reativo* na postagem, age como um dispositivo de reação insurgente de resistência a uma mobilização coletiva por sintomas sociais tratados neste trabalho como denúncias e protestos, conforme foi mostrado pela netnografia no segundo capítulo.

No caso da postagem da figura 38, a imagem trabalha nos dois decodificadores, pois além de revelar uma estratégia de biopoder também é um convite para um protesto público envolvendo um coletivo de pessoas. Observa-se a ação insurgente de busca por justiça, ampliando a comunicação do decodificador *proativo* a um maior número de pessoas.

As reações insurgentes (rebelião contra o sistema de poder) decodificadas aparecem no que Agamben (2004) chama de rompimento com a linearidade

histórica, em que o biopoder é sempre o vencedor. A luta para quebrar a indiscernibilidade da regra e a zona de anomia postulada pela violência e sem nenhuma roupagem jurídica que proteja a vida nua dos oprimidos. O autor cristaliza a relação que unifica a violência e o direito nos estudos sobre a soberania, tendo por fio condutor as estruturas das sociedades ocidentais que desenvolveram uma visão de democracia apoiado no absolutismo, em que o próprio sistema jurídico transforma vítimas em culpados.

O que é chamado de decodificadores *reativos* é a quebra da indiscernibilidade (Agamben, 2004), pela denúncia e protesto. Enquanto o decodificador *proativo* aponta a opressão encoberta e oculta, o *reativo* denuncia, protesta e desmascara.

Se para Gramsci (2011), a hegemonia é construída em uma relação pedagógica na sociedade política e civil, pelo consenso e manipulação de dados, a função do decodificador *reativo* é quebrar o jogo pela exposição do discernimento, trazendo à luz os fenômenos identificados pelo decodificador *proativo*.

Um exemplo clássico de decodificador *reativo* no caso Marielle Franco, é a matéria da Época Negócios Brasil Notícias[72], que divulgou o acompanhamento das investigações recheadas de confusões, destruição de provas e a tentativa de desqualificar a vítima com inúmeras notícias falsas e ofensivas (por membro do próprio poder judiciário), associando a vítima ao crime organizado.

As manifestações e denúncias em defesa da imagem de Marielle, também divulgadas na mesma reportagem, demonstram a insurgência da família, de outras esferas sociais como o próprio partido político ao qual ela pertencia (Partido Socialismo e Liberdade - PSOL), desmontando o jogo e trazendo à tona diversas irregularidades do processo e hipoteticamente algumas das causas de tanta demora em encontrar o mandante do crime.

O decodificador *reativo* desse caso utilizou do *proativo* para desnudar o que está por trás do discurso e empreender reação e mobilização pública trazendo à tona os meandros e clamando por justiça. O FMNMT opera nos dois decodificadores como se pôde constatar no segundo capítulo, em que os primeiros achados da netnografia apontaram que o *reativo* e *proativo* andaram de mãos dadas. No

[72] Disponível em: https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2021/03/mentiras-sobre-marielle-franco-continuam-se-espalhar-na-internet-tres-anos-apos-sua-execucao.html. Último acesso em 18 jan. 2022.

entanto, após o segundo processo de clivação o *proativo* aparece em maior expressividade.

Compreende-se esse fenômeno em primeira hipótese o cenário mundial pandêmico dentro do período de captação de dados de janeiro de 2020 a janeiro de 2021. Nesse período, as ações de combate ao biopoder que antes eram feitas em maior número por manifestações nas ruas, audiências no legislativo e judiciário, (comunicados pela página FMNMT, passaram a serem *on-line* em forma de *lives*, *podcast*, vídeos, *shorts*, entre outras formas de comunicação).

No caso do FMNMT, na categoria 3 Posts – Folders de lives e eventos, foram coletadas cento e vinte imagens com temas específicos para a luta de mulheres negras em um período de um ano, pois o fórum trata de outros assuntos de ativismo conforme for explicado no Capítulo 2.

Nessas postagens, o número de lives está diretamente ligado aos decodificadores proativo e reativo. Porém, em maior expressividade no proativo, como já foi apontado, acompanhados de um processo pedagógico formativo de reconfiguração identitária aos internautas, trabalhado na próxima seção.

Conforme especificado no segundo capítulo, quando explicada à captação de dados, o ponto de vista científico que enquadra um decodificador proativo e reativo em uma postagem é o que Bhaskar (2008) que chama de dimensão intransitiva do evento (realidade independente das epistemologias), ou seja, as causas encobertas e os padrões dos eventos que estão embutidas no post.

A pontuação para um estudo científico é a evidencia de que esses padrões estão causando um acontecimento estimulado por comportamentos, seja ele subjetivo coletivo ou institucional. Esse comportamento produz um determinado efeito específico repetitivamente por um reforço intermitente.

O experimento foi criado para postagens em rede considerando o evento que corresponde à imagem e a legenda referente ao fato ali exposto. Nesse sentido, a pontuação e as evidências são orientadas por um parâmetro de eventos conforme o quadro a seguir:

Quadro 11 - pontuação para o estudo usando decodificadores proativo e reativo

Parâmetro	Agentes reais: (Bhaskar, 1986). Eventos desconhecidos, palavras camufladas, veladas dentro de uma estrutura discursiva.
Proativo	Desnudar, trazer a luz o que está camuflado e escondido (revelação).
Reativo	Rompe a indiscernibilidade, pela denúncia insurgente (ação).

Fonte: Autora.

O quadro 11 traça o parâmetro de agentes reais (Bhaskar, 1986), organizado para definir como os decodificadores *proativos* e *reativos* poderão ser utilizados em pesquisas em rede como um suporte para identificar os agentes causais e compreender formas utilizadas para o combate em rede.

Na próxima seção, trabalha-se a reconfiguração de novas identidades pelo processo de descolonização do conhecimento esboçando um comparativo dos Agentes Reais na luta de mulheres negras americanas e brasileiras, em que os decodificadores *proativo* e *reativo* podem ser utilizados para abordar o processo.

3.3 A reconfiguração do ser pela descolonização do conhecimento

Para contextualizar os processos de reconfiguração do “eu” pela descolonização do conhecimento retoma-se o pensamento de Davis (2016). Pensa-se no processo de construção da personalidade das mulheres negras em meio à exploração do seu trabalho e do seu corpo.

Nesse processo comparativo, trata-se somente da formação da *Weltanschauung,* ou seja, da cosmovisão constituída de forma coletiva, considerando todo o processo cultural e histórico de duas nações: Estados Unidos e Brasil, lembrando que, para toda regra, há uma exceção. Portanto, o ponto chave da discussão aqui empreendida é a subjetividade em detrimento do coletivo.

Na sociedade escravocrata estadunidense, o estupro era uma arma poderosa de repressão para aplacar a resistência, ao mesmo tempo em que a miscigenação era vista como um problema muito maior do que o estupro pelos poderes institucionais (DAVIS, 2016).

No caso tratado pela ativista Ângela Davis sobre a formação das mulheres negras americanas, há um contraste com a construção da personalidade da mulher negra brasileira tratada pela ativista Lélia Gonzalez, existe uma limítrofe de independência e autossuficiência, e da dependência e a sujeição comportamental por processo histórico.

De acordo com Davis (2016), a mulher escrava norte-americana tinha papel central na comunidade negra porque não desenvolveu o espírito de subordinação por possuir um *status* de ser igual ao homem na força do trabalho pesado das lavouras, e ainda davam conta dos afazeres domésticos em igualdade sexual entre os homens, que também dividiam esses trabalhos com as mulheres.

> Se as mulheres negras sustentavam o terrível fardo da igualdade em meio à opressão, se gozavam de igualdade com seus companheiros no ambiente doméstico, por outro lado elas também afirmavam sua igualdade de modo combativo, desafiando a desumana instituição da escravidão. Resistiam ao assédio sexual dos homens brancos, defendiam sua família e participavam de paralisações e rebeliões (DAVIS, 2016, p.13).

Esse *status* se deu, segundo a autora, pelo processo de destruição das famílias negras, no qual o pai era impedido de assumir os filhos, pois o que constituía os filhos serem escravos era o vínculo com a mãe e não com o pai. Nesse sentido, destaca-se um tripé desse *status*: igualdade por meio da opressão, igualdade sadia com seus companheiros e igualdade combativa.

> Elas envenenavam os senhores, realizavam ações de sabotagem e, como os homens, se juntavam às comunidades de escravos fugitivos, seguindo com frequência rumo ao Norte em busca de liberdade. Dos numerosos registros sobre a repressão violenta que os feitores infligiam às mulheres, deve-se inferir que aquela que aceitava passivamente sua sina de escrava era a exceção, não a regra (DAVIS, 2016, p. 13).

A ação combativa na formação das mulheres negras americanas, ainda que forjada e sofrida pela separação de seus companheiros, foi o combustível para desencadear a altivez aguerrida resultante de uma luta interna entre a comunidade negra para alfabetizar (clandestinamente), e conscientizar como forma de resistir à escravidão. As mulheres participavam dessas conspirações e ações lutando em condições de igualdade com os homens a exemplo de Harriet Tubman e Margaret Garner (DAVIS, 2016).

Os agentes reais aparecem nessa luta permeada pelos eventos causais (Bhaskar, 1986), no que estamos chamando de altivez combativa nas mulheres negras americanas com base em Davis (2016). A *Weltanschauung* negra*,* que foi formada constitutivamente pela realidade daquele povo, em meio aos horrores da escravidão, foi desenvolvida por um espírito de imponência sobrevivente a não aceitação daquela realidade de forma coletiva.

Collins (1990) chama esse espírito combativo de poder de autodefinição ou espírito de autovalor. Para a autora, o que foi forjado na personalidade dessas mulheres, possibilitou-as aprenderem a lidar com o opressor e driblá-lo, pois não eram passivas às imagens controladoras, foram formadas para resistir não como vítimas, mas como sobreviventes.

> Intelectuais Negras dos Estados Unidos exploraram por muito tempo esse espaço privado e oculto da consciência da mulher Negra, das ideias "interiores" que permitem às mulheres Negras aguentar e, em muitos casos, transcender o confinamento das opressões de raça, classe, gênero e sexualidade que se interseccionam. Como as mulheres afro-americanas enquanto grupo conseguiram encontrar a força para se oporem à nossa objetificação como "as mulas do mundo" ("de mule uh de world")? Como conseguimos justificar as vozes de resistência de Audre Lorde, Ella Surrey, Maria Stewart, Fannie Barrier Williams e Marita Bonner? Que base serviu de sustentação para que Sojourner Truth pudesse perguntar "Não sou eu uma mulher?" As vozes dessas mulheres afro-americanas não são de vítimas, mas de sobreviventes. Suas ideias e ações não só sugerem que existe um ponto de vista autodefinido e de grupo de mulheres Negras, mas que sua presença foi essencial para a sobrevivência das mulheres Negras norte-americanas. (COLLINS, 1999, p. 36).

Nas linhas da autora, esse processo de imponência racial vem de uma voz coletiva autodefinida, do ponto de vista de um conhecimento que foi construído para burlar as imagens controladoras hegemônicas do biopoder, pela autodefinição de si mesma, de sua própria história e de seus direitos de cidadania.

No caso das mulheres americanas os poderes causais foram combatidos muito mais pelo decodificador *reativo* do que *proativo*, pois a independência e a autossuficiência combativa impediram de serem manobradas pela subjetivação de seus corpos como propriedade da escravidão.

No Brasil, esse processo sofreu uma inversão apesar de haver um histórico de exceções. Gonzalez (1984) salienta que na formação da psique da mulher negra houve um processo de castração na personalidade delineada por uma vontade

(desejo) controlada, alienada e manipulada pela ideologia do branqueamento com fortes indícios de neurose.

Nos estudos da autora, os papéis comportamentais foram determinados para convencer de forma branda a função a ser exercida, por exemplo, naturalizadas como as “mucamas”, muitas das vezes adolescentes acompanhantes das sinházinhas; a “mãe preta” mulher de meia ou mais idade exercia o papel de cuidar da casa, criar as crianças, em muitos casos a famosa “Bá”, ama de leite. (GONZALEZ, 1984).

Freitas (2011), partindo do pensamento de que no Brasil Colônia os corpos dos escravos pertenciam a seus senhores, reitera a forma obscura em que se apossavam dos corpos para abuso sexuais convencendo as escravas da obrigação de se deitar com seus senhores brancos como um “privilegio” por serem os donos de seus corpos.

O autor salienta que as mulheres negras eram erotizadas por suas formas esculturais. Chamadas de pele quente e muitas vezes abusadas desde a adolescência sem nenhum questionamento ou resistência na regra geral, pois de fato, havia castigos pesados para quem ousasse a resistir.

O sexo também foi utilizado como instrumento de libertação. Ao perceber o desejo sexual desenfreado de muitos senhores de engenho e comerciantes abastados, escravas se submetiam às suas fantasias sexuais e tornavam-se amasias para fugirem dos horrores das fazendas.

> Algumas destas escravas, ao se tornarem concubinas de luxo ou, mais raramente, esposas de senhores abastados, viviam em ostentação e vaidade. No Rio de Janeiro não era incomum se ver negras ou mulatas cobertas de jóias, trajando cetim, com fileiras de miçangas e anáguas feitas do mais puro linho importado da Holanda. Isso mostra certa permissividade da sociedade brasileira dessa época, e os senhores, por intermédio do esbanjamento de suas concubinas atestavam seu poderio econômico frente seus pares, seja essa riqueza originária do comércio ou da lavoura (FREITAS 2011, p. 67).

O que Gonzalez (1984) e Freitas (20011) trazem de comum em seus estudos, com mais de vinte anos de diferença entre ambos, soma à ideia de que a *Weltanschauung* negra formatada no Brasil tem menor teor de combate do que a *Weltanschauung* negra formada nos EUA. No Brasil, esse formato está delineado por fatores de múltiplas dimensões como: ausência de conhecimento letrado, e o condicionamento psicológico que possivelmente pode ter provocado um movimento

de dissonância cognitiva, facilitando o controle das mentes e a manipulação pela ideologia do branqueamento (o desejo de ser branco).

Aqualtune (1665), Dandara Zumbi (1694) Tereza de Benguela (1750), entre outras mulheres de luta, fizeram história nos movimentos de resistência dos quilombos, dando a impressão de que possuíam esse espírito combativo de independência e autossuficiência. Assim como nos EUA, haviam pretos em menor número acomodados com a escravidão possivelmente por dissonância cognitiva ou outros fatores.

Isso significa que, no caso dos dois países, tem-se o que pode chamar de regra e suas exceções. A grande diferença, é que no Brasil a regra prevaleceu para um tipo de aceitação pelo medo e reforço intermitente (abuso em troca de branqueamento). Nos EUA, a regra prevaleceu para o combate, apesar do mesmo cenário de horrores.

Diante disso, dois padrões de comportamentos são possíveis de perceber tendo por base a cosmovisão negra que foi ensinada e sedimentada constitutivamente por essas duas nações. Esse exemplo pode ser argumentado quando deparado com a base epistemológica alicerçada nos estudos de pesquisadoras negras brasileiras na fonte das pesquisadoras negras americanas.

A *Weltanschauung* das mulheres negras americanas em sua performance combativa vem ajudando a libertar a *Weltanschauung* de muitas mulheres negras brasileiras influenciadas por suas produções. Há um resgate de tudo o que não foi registrado na história do Brasil, após o movimento feminista começar a dar visibilidade e voz às mulheres que foram insurgentes, mesmo na neurose colonial. O que não significa que o Brasil é menos avançado em termos de luta, o que se discute aqui é o processo de desinversão da colonização.

Em sua primeira visita ao Brasil no ano de 1997, na cidade de São Luís do Maranhão[73], Ângela Davis disse não compreender tal convite, pois o país tinha Lélia Gonzalez, ou seja, a autora reconhece o espírito de luta das mulheres negras brasileiras e salienta aprender com elas, principalmente nas formas de enfrentamento das sobreposições sociais.

[73] Disponível em: https://revistacult.uol.com.br/home/angela-davis-no-brasil/ Ultimo acesso em 24/01/2022.

A desinversão da colonização nesta tese refere-se a desmontar e desativar os marcadores hegemônicos do biopoder pela conscientização dos efeitos, transtornos da despersonalização humana para o caminho da reconfiguração do ser pelo conhecimento que liberta, o que uma vez revelado pode abrir caminhos para ser libertado.

Nesse sentido, o que transcende essa visão de mundo, é a maneira de transversalizar o que foi danificado pelo domínio moral e psicológico, pelo assujeitamento através dos gatilhos emocionais e oportunizar a ressignificação orientada por parâmetros e recursos internos de autoconhecimento, autocontrole e autocura.

O ativismo em rede encontrado nesta pesquisa transcende nos decodificadores *proativos* e *reativos*, pois ao mesmo tempo em que desnuda os meandros discursivos, ativa a ação que força os poderes institucionais a reagirem por justiça.

Os passos dessa movimentação concorrem para ressonâncias que podem provocar uma nova configuração na *Weltanschauung* adoecida. A busca é pela desativação de comportamentos configurados no vício alienante da relação abusado e abusador, colonizado e colonizador, entre outras configurações de opressões. Esse vício pode estar diretamente ligado ao ser que deseja o desejo do outro, para a realização de si no outro.

Voltemos a Lacan (1999) nas lições do *Che Vuoi*, e a idealização narcísica de Vaknin (2011). Qual é o desejo? A desativação do comportamento de subordinação ao desejo do outro funciona como um vício mental com os mesmos efeitos de uma droga (lícita ou ilícita). Quando acontece a conscientização, há um clarão ou um *insight* na identificação e a conscientização do desejo. Quando se consegue responder o *Che Vuoi*, consegue-se compreender o que prende ao desejo do “outro”.

O exemplo desse trajeto (qual é o desejo?), mulheres bem sucedidas profissionalmente inteligentes, intelectuais, independentes financeiramente, conhecem seus direitos, levantam bandeiras de luta. Porém, na área familiar, afetiva, profissional e social se veem envolvidas em situações de abuso emocional, físico, intelectual, que as silenciam, agridem, humilham e depreciam.

Mulheres prisioneiras de abusos emocionais e muitas até de abusos físicos, passam pelo horror da insegurança por ser esse abuso, muitas das vezes, se

apresentar de forma sistêmica e passiva. Muitas delas não conseguem sair da relação e romper o ciclo do vínculo traumático desenvolvendo enfermidades físicas e mentais como depressão, síndromes, chegando muitas vezes ao suicídio e ao feminicidio por seus abusadores.

Os estudos de Hirigoyen (2002), sobre assédio moral laboral, pontua que indivíduos que sofrem agressões passam por um processo de destruição psicológica com vários danos à saúde, como esgotamento psíquico com respostas fisiológicas.

Nas relações familiares a autora aborda o incesto (pedofilia), violência doméstica e o engendramento da vítima ocorre em três dimensões: apropriação, dominação, dependência por marcas negativas de depreciação. Nessas relações, geralmente a vítima passa pela desqualificação moral, desprezo, deboche, permeadas por sentimentos de desvalorização e culpa (HIRIGOYEN, 2002).

A reconfiguração dessa *Weltanschauung* adoecida só será possível pela reelaboração do que a levou assumir esse lugar e o posicionamento nas suas relações partindo da reconstrução do "eu" pela sua história. A descolonização do "eu" passa pelo desmonte do conhecimento que a Landson-Billings (2006), lá no primeiro capitulo desta tese, chamou de "regime da verdade".

O ativismo em rede vem explicitando o desmonte do "regime da verdade" tendo por base um ativismo combativo em que os decodificadores *proativos* e *reativos* evidenciam como ocorre esse processo no FMNMT.

A reconfiguração do ser pela descolonização do conhecimento passa pelo que Castells (2015) chama de "autocomunicação de massa". Nesse sistema, quem consome tecnologia também as produz. O autor salienta que as mensagens são autogeradas e autosselecionadas com grande alcance comunicacional em rede.

Constata-se que o FMNMT gera postagens e as selecionam dentro do interesse de ativismo proposto pela página, conforme exposto no Capítulo 2 desta pesquisa, e dentre esses objetivos estão à mobilização das mulheres negras para o combate ao preconceito racial, luta pelos direitos humanos das mulheres, e produções de combate nas mídias sociais.

Dentre as 381 amostras de postagens coletadas e selecionadas por categorias, ficam evidentes dois elementos centrais: o primeiro é o desmantelamento da colonização, processo de escravidão, eugenia, ideologia do branqueamento e sistemas de poder. O segundo é o processo de reconfiguração da

identidade negra e a ampliação dos mecanismos voltados à autoimagem e autoafirmação social referenciada pela genealogia ancestral.

Essas percepções são organizadas em forma de esquemas estruturais que fazem dar sentido às vivências no mundo, sucessos, fracassos, relações sociais, compreendendo esse processo de reconfiguração do ser como a cura do trauma de nascer negro no Brasil, passando pelo limbo do preconceito e da rejeição.

Na próxima seção trabalha-se a reconfiguração do ser no processo formativo, no qual o FMNMT se organizou em maior intensidade no período da pesquisa demonstrado pelo decodificador *proativo*; mas também, o reativo aparece em momentos distintos.

3.4 O ativismo em rede e o processo formativo de reconfiguração da *Weltanschauung*

O Fórum de Mulheres Negras Mato Grosso ocupa o espaço do *Facebook* como interface de luta que transcende um espaço escolar ou universitário na medida em que, fora do universo clássico, as redes sociais tornaram-se grandes aliadas na luta por uma educação transformadora e progressista. Ainda que haja um esforço por parte de muitos educadores que operam na educação informal ou formal, ainda está longe de resolver as mazelas sociais e os traumas consequentes da colonização.

Em seus estudos sobre Mulheres Negras Processos Formativos Decoloniais em Rede, Paz (2019) contextualiza os sistemas de ensinamentos que ocorrem em rede, como práticas autorais. Para a pesquisadora, essas mulheres desestruturam os muros da colonialidade promovendo rupturas e a desconstrução de ideias da colonialidade enraizadas constitutivamente no povo negro brasileiro.

> Para nós, esses processos emergem da articulação de práticas autorais mediadas pelo digital em rede, que compõem um conjunto de ações de luta contra a colonialidade a partir das interpretações das histórias das pessoas, das suas práticas sociais, epistêmicas e políticas. Essas práticas autorais em rede produzem experiências formativas no âmbito da desconstrução dos sistemas de opressão construídos pela colonialidade, que tentou reprimir os modos de construção do conhecimento do colonizado; inferiorizou as suas imagens e seus mundos simbólicos por meio da visibilização e subalternização dos seus modos de ser, viver e saber. (PAZ, 2019, p. 130).

Paz (2019) reverbera que no campo do saber e da prática, o ativismo em rede acaba por criar estratégias de resistência, existência e sobrevivência em que essas dinâmicas formativas vão desenhando um lugar de pertencimento a um grupo social que nunca foi ouvido e nem valorizado como ser humano. Os saberes não acontecem da mesma forma hierarquizada pelo movimento escolar, pois nas redes a desconstrução de narrativas colonizadas se dá pela representatividade de se ver na história do outro.

A partir das narrativas construídas em rede é possível compreender como acontece, por exemplo, a transição capilar de uma mulher negra que passou um grande período da sua vida alisando o cabelo para branquear. Esses saberes estão desenhando uma nova identidade nas próximas gerações. Quando uma mulher negra se vê representada por outras mulheres negras em rede ela passa a refletir sobre si e sobre sua história em processos de desconstrução e conscientização.

Esse caminho de conscientização não vem somente pelas questões estéticas, elas passam por um processo de desmonte das hierarquias na perspectiva de poder em que narrativas sexuais, espirituais, de gênero, epistêmicas, econômicas, linguísticas, raciais, ajudam a pensar nessas transformações sociais (PAZ, 2019).

No ano de 2020, o G1[74] apresentou uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), demonstrando que, entre 2015 e 2019, a população autodeclarada preta aumentou para 36% e em 10% a autodeclarada parda. Em 2012, os autodeclarados pretos eram de 7,4%, em 2019 passou para 9,4%. De que lugares vieram tantos pretos? Possivelmente migraram da categoria parda considerando a trajetória de luta que vem se desenhando na era tecnológica.

A expectativa é de que esse percentual poderá elevar-se ainda mais, na medida em que se contextualiza o número expressivo de pesquisadores negros que utilizam das plataformas de redes sociais para desmontar os discursos racializados, trazendo luz a uma nova estética de raça, gênero e classe.

No início desta pesquisa fala-se que a escola, a sociedade, a estrutura e a produção de conhecimento foram utilizadas para a internalização de processos dominantes (LADSON-BILLINGS, 2006). Contudo, as redes sociais estão sendo

[74] Disponível em: https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/05/06/com-alta-crescente-de-autodeclarados-pretos-e-pardos-populacao-branca-tem-queda-de-3percent-em-8-anos-diz-ibge.ghtml
Último acesso: 02 fev. 2022.

viabilizadas como uma importante ferramenta de educar para a equidade fora do campo clássico que são as escolas e universidades.

Nesse sentido, é sensato salientar o quanto o ativismo em rede comandado por mulheres negras no Brasil, tornou-se ferramenta preciosa nesses processos formativos, considerando o contexto de inquietações e de expressivas mudanças comportamentais na sociedade.

Para Castells (2015), a comunicação em rede perpassa as expressões das relações sociais nos desdobramentos das relações de poder em que decisões importantes são manipuladas, definindo papéis sociais na dimensão coletiva dentro de um cenário mercadológico de grandes interesses.

Para o autor, as comunidades insurgentes nascem de grandes tensões e descontentamentos com a ordem social imposta e se agrupam compartilhando do mesmo interesse com valores e crenças em uma mudança social multidimensional. (CASTELLS, 2015).

Sobre questões de rede e poder, Lemos (2021) contextualiza a dataficação de dados como uma análise de informações em rede sofisticada para análise das dinâmicas e comportamentos, inclusive para auxiliar na tomada de decisões. O autor ressalta sobre a dataficação da natureza, comportamento, conhecimento, comunicação e da vida.

> Com a dataficação, não se trata apenas da conversão de um objeto analógico em digital, mas da modificação de ações, comportamentos e conhecimentos baseados na performance dos dados elaborada por sistemas de inteligência algorítmica. Esta deve ser pensada como um conjunto de métodos de coleta, processamento e tratamento de dados para realizar predições. Não se trata apenas de procedimentos com dados demográficos ou perfis socioeconômicos, por exemplo, mas de análise dinâmica a partir de metadados comportamentais (LEMOS 2021, p. 194).

As lições de Lemos (2021) ensinam e alertam que a dataficação é uma transformação do *modus operandis* nos processos atuais em todas as áreas do conhecimento como a própria vida, de forma que induz comportamentos e produz movimentos intencionais.

Trazendo essa discussão para o ativismo em rede como um processo formativo, significa que os *modus operandis* das relações de poder podem ser transversalizadas criando “necessidades” (Agamben, 2004), que operacionalizem

novas formas de colonização e perversões mais sofisticadas de controle por meio de dados.

O que Agamben vai chamar de governabilidade da vida humana por meio da economia e área jurídica (dialogando com a constituinte), Lemos (2021) está nomeando de dataficação da vida (sociedade por meio de plataformas) permeada pela economia e inteligência algorítmica, que geram predições a partir de uma coleta expressiva de dados, monitoramento de dados pessoais e vigilância da vida privada e pública.

A ideia de trazer essas questões para a discussão do ativismo de mulheres negras em rede busca reforçar a amplitude dessa guerra cada vez mais expressiva e sofisticada em que esse controle sobre as ações das pessoas em rede pode forçar uma negociação silenciosa de transformar o racismo, a misoginia, o sexismo em um discurso somente no campo da representatividade da estética, minimizando, desqualificando e descartando a luta de classes.

Nesse sentido, o processo formativo passa a ser dependente da plataforma para se articular socialmente e o que hoje é um espaço de ativismo com grandes impactos poderá se tornar um grande aliado do biopoder em criar estratégias sofisticadas contra o movimento. Isso não significa que se deve abandonar as redes, mas também, criar estratégias para desativar os mecanismos de controle por meio da própria máquina Biopolítica.

Se na época da escravidão, alfabetizar ensinar a ler e escrever, era uma arma poderosa como forma de resistência, hoje, operar a sociedade de plataformas em contraponto a esse fluxo de controle de dados é sobrevivência insurgente, pois a essa altura do campeonato, já se compreende que a educação básica e as universidades em pouco tempo serão transformadas em plataformas de uso total (LEMOS, 2021).

Por esse motivo, é preciso compreender a importância da representatividade para que o preto brasileiro continue saindo da categoria parda, como vê-se nos dados do IBGE. Porém, muito mais do que essa volta para “casa cor”, “casa raça,” o processo formativo precisa avançar em politizar e reorganizar o povo negro brasileiro como uma nação que se sinta em casa.

Quando Paz (2019) traça o processo formativo em rede como uma espécie de democratização do conhecimento, a autora também inspira preocupação que ela

chama de obscurantismo no capitalismo da vigilância, no jogo camuflado do biopoder.

> Apesar de tudo, o ciberespaço ainda se configura como local de resistência e ainda há espaço para ações políticas libertárias nas redes. Contudo, deve-se investir em educação e informação para a tomada de consciência sobre os processos subterrâneos em jogo, e fortalecer os marcos regulatórios que garantam um quadro jurídico e desenho para a proteção da privacidade. Nesse cenário, estão às ações livres dos indivíduos no ciberespaço que, em decorrência da multidirecionalidade e da polifonia supostamente vigente no ciberespaço, permite que os atores vivenciem exercícios constantes de confrontação argumentativa (PAZ, 2019, p. 141).

Paz, (2019) assinala a urgência de um investimento em educação e informação que garantam a segurança e os meios para uma articulação inteligente de luta “armada” por conhecimento de causa. Desse modo, o confronto argumentativo no processo de descolonização poderá viabilizar marcadores de comportamento discursivo e autoafirmação racial.

Esses conhecimentos são imprescindíveis dentro de um jogo de relações de poder em que a população negra está do lado mais vulnerável. Esses marcadores discursivos são possíveis de se organizar através do decodificador *proativo*, no desnudamento dos sistemas de opressão, dominação, discriminação e desumanização como processo formativo e educativo nas redes.

Os processos formativos no FMNMT denotam a tranversalização de recursos e parâmetros internos que reúnem grandes acervos de sistemas de opressão, desnudados pelo decodificador *proativo*, conforme já foi demonstrado no Capítulo 2, em maior expressividade no período de observação e captação das amostragens.

Na ocasião, a página transitou para além de um cenário de enfrentamento, pois o formato das sintaxes estéticas e políticas trabalhadas nas postagens denotaram essa expressão ontológica formativa que o decodificador *proativo* trouxe à luz da condição de uma epifania, capaz de trazer à tona as estruturas de poder presentes nos eventos postados.

Constata-se, no caso das postagens em que o decodificador *proativo* atuou com maior expressividade, que a relação imagem-texto demonstrou retratar problemáticas locais de gênero, sexismo, racismo e machismo como foi demonstrado na seção 2.4 do Capítulo 2 desta pesquisa. Esse movimento permite aos internautas da página a reflexão que Fanon (2008) denomina como *reativo*. Para

o autor, o movimento formativo é um ato dialético que traz a reflexão e a ação sob uma realidade de injustiça.

O referido autor reitera que, “conduzir o homem a ser acional é formá-lo para manter em sua esfera de influência o respeito aos valores fundamentais que fazem um mundo humano, tal é a primeira urgência daquele que após ter refletido se prepara para agir” (FANON, 2008, p. 184).

A dedicação dada ao capítulo consistiu em encontrar os códigos transicionais dialogando com autores que já estudam os Poderes Causais (BHASKAR, 1986), apresentados nesta tese como: os sistemas de colonização opressão, dominação e discriminação, contextualizando todos esses sistemas agindo na formação do Real, a *Weltanschauung* negra e fechando com o ativismo formativo de resistência e insurgência.

Nesse sentido, a pesquisa empenhou-se em uma fundamentação teórica extensa para explicar os processos psicológicos e históricos de ação dos Poderes Causais agindo sob o Real (*Weltanschauung* negra), e como o Realizado Proativo e Reativo desnudam as estratégias discursivas de poder. O que fica aparente sobre o FMNMT, testifica a utilização dessas postagens para desnudar os Poderes Causais pelo processo formativo a seus internautas.

Esse processo denotou no diálogo literário deste capitulo um movimento histórico linear da colonização/escravidão, por condicionamento social e formação cultural, porém, esse processo aparece como um espiral de situações que foram se encontrando no curso da história com a mesma finalidade.

Essa finalidade aparece cada vez maior e mais sofisticada em estratégias de governar a mente das pessoas por uma instrumentalização política, social, econômica e agora tecnológica, ou seja, uma governabilidade que parte de um sistema maior de relações sociais como apontou Agamben (2004), Gramsci (2011) e Davis (2016), organizada pelo subjetivo que desembocam nas relações pessoais como apontou Fanon (2008), Lacan (1999) e Vakinin (2005).

O capítulo também reconheceu os três elementos latentes na relação dos Poderes Causais com o Real que formam os códigos transicionais, são eles: gatilhos (emocionais), imagem/ espelhamento e linguagem. Esses elementos apareceram o tempo todo na discussão teórica deste capítulo e serão contextualizados no Capítulo 4.

Finaliza-se trazendo as inferências de um dos maiores cineasta brasileiro de todos os tempos, Glauber Rocha, quando traz o pensamento revolucionário como prática discursiva e dialógica no mundo intelectualizado. Deste modo, o que hoje é chamado de teoria e prática na educação, Rocha chamou de *didática épica.* “A didática sem a épica gera informação estéril e sem frutos e a épica sem a didática gera discursos demagogos e sem ação” (ROCHA, 1981, p. 67).

É nesse mar de uma cultura revolucionária que se apresentou os decodificadores *proativo* e *reativo* como indissociáveis no campo da interpretação. O *proativo* é a dialógica e o *reativo* é a prática. Ambos trazem a revolução em si para criar e agir no instrumental científico, psicanalítico e, acima de tudo, um instrumento didático de descolonização.

O que Rocha (1981, p. 67) ensina nada mais é do que promover a descolonização, reconfigurando um novo discurso e novas interfaces “[...]. Neste estágio, a Épica Didática necessita do instrumental científico, psicanalítico, a fim de fazer de cada homem um criador que, de posse consciente e informada de todos os seus instrumentos mentais, possa fazer a revolução das massas criadoras.” Nos dias atuais, um dos instrumentais de maior potencialidade para a luta do povo negro no Brasil é as redes sociais.

4 CÓDIGOS TRANSICIONAIS: GATILHOS EMOCIONAIS, IMAGEM E LINGUAGEM FORMANDO OS SENTIDOS NO REAL: A *WELTANSCHAUUNG NEGRA* PROATIVA

> *Apesar dos oprimidos recorrerem à linguagem do opressor para a sua libertação, a libertação acaba vindo de um novo indivíduo que possua um novo discurso.*
>
> *(Fanon, 1968, p. 275).*

Este capítulo apresenta três seções para explicar os Códigos Transicionais no processo de produção discursiva. Os elementos presentes nessa passagem localizam procedimentos representados por gatilhos emocionais, imagem e linguagem no pensamento colonizado que se tornam interfaces para o processo de descolonização do pensamento, formando articulações temporal-cumulativo na produção dos sentidos.

4.1 Códigos transicionais

O excerto citado por Fanon (1968) remete a pensar em todo o contexto deste trabalho voltado para o formato de colonização que fora sedimentado pelo colonizador para manter todo um povo subjugado e aprisionado psicologicamente como já assinalou Césaire (1958), Fanon (1968), Landson Billings (2006), Davis (2016), entre outros.

No Capítulo 2 desta tese foram apresentadas as categorias de postagens, contendo imagens e enunciados. Esses dois elementos foram contextualizados pela intencionalidade da postagem em seu histórico no qual foram utilizados os decodificadores proativo e reativo no processo de clivagem e que foram fundamentadas no Capítulo 3.

O trabalho apresentou como objetivo principal, compreender em uma perspectiva *pecheutiana* e interseccional as materialidades discursivas presentes nas postagens que transitam na página *Fórum de Mulheres Negras Mato Grosso* no *Facebook*. Para chegar às materialidades discursivas foi preciso analisar pela netnografia e Realismo Crítico as categorias de atividades, desmembra-las pelos

decodificadores proativo e reativo, encontrar os fenômenos que ocasionaram os conteúdos da postagem para encaminha-las à AD, ou seja, compreender a produção discursiva, os sentidos imbuídos no posicionamento discursivo levando em consideração as consequências do sistema de opressão, dominação e discriminação.

À priori, a proposta foi identificar as relações que se apresentaram por códigos transicionais, a caracterização do discurso e as apropriações da *Weltanschauung* negra para localizar e reconhecer a abordagem ativista que está sendo manifestada e ensinada no *Fórum de Mulheres Negras Mortas Grosso,* analisando a representatividade assim como observar as formas de produção de conhecimento apresentadas e que formam uma cosmovisão emancipadora.

O trabalho veio se desenvolvendo na linha de pensamento de que: a *Weltanschauung* de mulheres negras de sociedades estratificadas foi aprisionada pelos moldes de um sistema colonizador, racista e sexista, gerando um expressivo processo de cativeiro mental e emocional.

Uma das formas de mostrar o aprisionamento da *Weltanschauung* negra desenvolvidas neste estudo, apontou os Poderes Causais, agindo no Real e desnudados pelo Realizado (BHASKAR, 1986). Conforme foi demonstrado no terceiro capítulo, são três os mecanismos de aprisionamento mental que foram contextualizados: gatilhos emocionais, imagem e linguagem, localizando-se em uma área intermediária entre a produção do discurso e a resposta dessa produção, pelo posicionamento do discurso sendo compreendido como códigos transionais.

Conforme já foi dito, desenvolveram-se nesta tese como forma de interpretar esses mecanismos do biopoder (AGAMBEN, 2004), os decodificadores proativo e reativo desnudando estratégias dos Poderes Causais (BHASKAR,1986) pela linguagem, imagem e os gatilhos camuflados nas variadas manobras do sistema opressor que foram assinaladas e conceituadas.

Ao desenvolver o conceito de Weltanschauung negra no Real e suas nuances, foi possível compreender que houve um processo expressivamente profundo de “formatação” e despersonalização do povo negro brasileiro, especificamente neste estudo o recorte voltado para as mulheres negras. Nos moldes da colonização e escravidão em que esse modelo de personalidade teve por base a opressão, dominação e discriminação para a indiscernibilidade, constata-se

que esse pensamento vem moldando *modus operandis* de comportamentos e modos de vida para fins de dominação (AGAMBEN, 2004).

Nesse sentido, o eixo principal de discussão, manifestou uma moldagem de personalidade por gatilhos emocionais, imagem e linguagem, e o que Fanon (1968) ensina sobre esses elementos é que, ao recorrer à linguagem do opressor para libertar-se, desemboca a descoberta de um caminho de libertação por uma nova linguagem reconfigurada em um novo ser e novo posicionamento discursivo emancipatório.

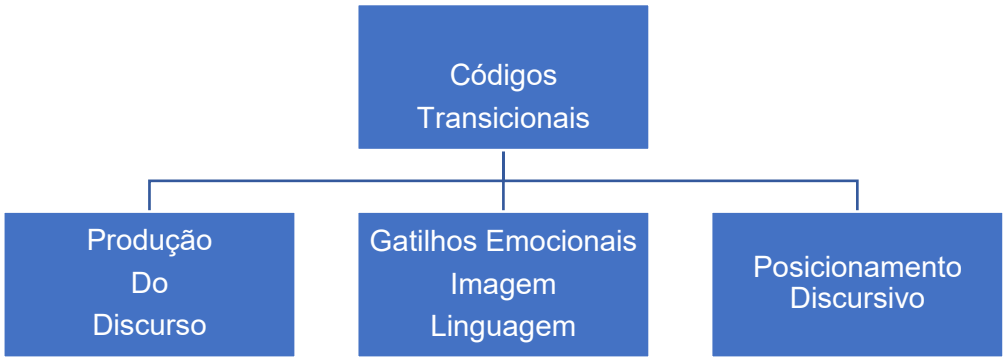
Todas essas nuances foram descritas pela netnografia, pelo RC que apresentou no FMNMT uma maior incidência de postagens, transitando no decodificador proativo durante o processo de captação de dados. A incidência proativa apontou como operam os dispositivos utilizados para o posicionamento discursivo e das produções discursivas veiculadas na página no período de coleta de dados.

Percebe-se no decorrer da pesquisa como acontecem os processos de transposição, ou seja, da desinversão do velho discurso para a produção de um novo discurso, que desembocou a interpretação de quais sentidos estão empreendidos no Real a *Weltanschauung* negra de mulheres que transitam suas postagens no FMNMT.

Do ponto de vista de ser este um estudo científico, o que a catalogação netnográfica apontou, indica-se que há evidências de que esses padrões de discursos imagéticos estão causando um acontecimento estimulado por comportamentos, seja ele subjetivo coletivo e social como já foi exposto no Capítulo 3.

Por conseguinte, constata-se que esse comportamento produz um determinado efeito específico repetitivamente por um reforço intermitente que está atrelado à gatilhos emocionais, imagem e linguagem. Esses três elementos formam uma linha intermediária entre a produção do discurso e o posicionamento discursivo que formam os sentidos discursivos e a esse conjunto de elementos chama-se neste trabalho de códigos transicionais conforme está demonstrado no quadro abaixo:

Quadro 13 - Códigos Transicionais



Fonte: A autora.

O quadro 13 remete a produção do discurso fortemente influenciada por mecanismos dos Poderes Causais (BHASKAR 1986), conduzidos pela transição de um novo discurso produzido também pelos gatilhos emocionais, imagem e linguagem e nos quais os posicionamentos discursivos são empreendidos por nuances de insurgências e resistências na qual o FMNMT transpõe a linguagem do opressor representada nos Poderes Causais.

Isso significa que esses Poderes Causais identificados como estruturas de opressão e dominação: racismo, racismo religioso, genocídio, desigualdade de gênero e social, violência, desumanização, despersonalização e exclusão, foram inculcados como crenças na *Weltanschauung* negra gerando processos de adoecimento através de gatilhos emocionais, imagem e linguagem.

Dessa maneira, a tese vem se desenvolvendo pelo campo de amostragens demonstradas pelas oitenta abas de compartilhamento no FMNMT, na qual há um processo de desinversão desses mecanismos de poder por uma nova linguagem libertária que está sendo movimentada por gatilhos emocionais, imagem e linguagem, formando os sentidos, ou seja, um novo posicionamento discursivo.

Portanto**,** para compreender o que é código transicional nesta tese, buscou-se a linha de pensamento da concepção dos Objetos Transicionais estudada pelo médico pediatra Donald Woods Winnicott (1896-1971). Esse conceito é muito utilizado na Psicologia através da Psicanálise para explicar o processo de rompimento da relação objetal do bebê com a mãe nos primeiros meses de vida em que essa mãe precisa afastar-se para também cuidar de si.

O referido autor destacou-se por estudar o desenvolvimento psicológico pela teoria das relações objetais em que a psique vai se constituindo a partir de uma elaboração simbólica do corpo e suas funções em um movimento relacional inconsciente, tanto da mãe quanto do bebê (WINNICOTT, 2000).

O pesquisador desenvolveu o conceito de *objeto transicional* para explicar como acontece o processo de amadurecimento simbiótico na relação de um bebê com a mãe nos primeiros meses de vida, nessa relação, ambos se veem como uma extensão um do outro. Para ele, tanto o bebê quanto a mãe, vivenciará um desligamento autônomo na relação de forma equilibrada pelo mecanismo de elaboração na troca da mãe por outro objeto que pode ser um brinquedo, um tecido ou a descoberta de parte do corpo.

Um exemplo clássico desse objeto transicional são os paninhos que a criança se apega e não solta de jeito nenhum, para onde vai, leva o paninho. Há exemplos também, do apego a bonecas, carrinhos, cobertores, travesseiros, entre outros. O objeto transicional é a experiência com as situações de descoberta dos objetos e seus limites mentais para maneja-los. .

É como se fosse a primeira posse do bebê, por isso está localizado em uma zona intermediária entre a experiência e o objeto como parte de si mesma, é o primeiro vínculo da criança com o mundo externo e eles representam a substituição da mãe (WINNICOTT, 1976).

Dessa maneira pode-se dizer que, os objetos transicionais formam um elo de mediação ontológica na vivencia com os objetos internos e externos no qual foi explorado na seção 3.1, do Capítulo 3 deste trabalho. Isso significa que a criança, em um plano simbólico, tenta avançar sob a dor da ausência da mãe, organizar em sua mente na relação com os objetos externos.

O autor reitera que essa experiência acompanha a todo ser humano ao longo da vida no qual tentará buscar conviver com a aceitação incompleta dessa relação hora presente e hora ausente como acrescenta:

> [...] nenhum ser humano está livre da pressão de relacionar realidade interna e externa, e que a libertação dessa pressão é oferecida por um domínio de experiência intermediária [...] não colocada em questão (arte, religião, etc.). Esse domínio intermediário está em continuidade direta com o domínio lúdico das crianças pequenas, que estão ‘perdidas’ no seu jogo (WINNICOTT, 1975, p. 23-24).

A partir das considerações de Winnicott (1975) pode-se dizer que o objeto transicional é o campo ilusório da criança, responsável por desenvolver a relação psíquica e equilibrada na sua experiência com os objetos internos e externos nos momentos de angustia pela ausência da mãe ela a substitui por outra e essa experiência continua ao longo da vida.

Considerando a formação da *Weltanschauung* negra (Real), explicado no capitulo três, todo o processo de constituição toma por base a ética Ubuntu na qual explica a essência e os estudos de Fanon (2008) e da psicanálise que deram luz ao processo de despersonalização pelos Poderes causais (BHASKAR 1986) oriundos da colonização, eugenia e escravidão.

No movimento discursivo esse processo é atravessado pelo que esta tese está chamando de códigos transicionais tendo por base essa linha de pensamento *Winnicottiana*. Nessa percepção, a produção do discurso é um objeto interno permeado pelo histórico, memória discursiva e ideologias (PÊCHEUX, 1997). Na limítrofe da zona intermediária vêm os gatilhos emocionais, imagem e linguagem que desembocam no posicionamento do discurso como objeto externo.

Para Pêcheux (1997), o movimento discursivo é um processo essencialmente formador de sentidos e, na medida em que a imagem vem como forma material da linguagem simbólica há um lugar de significação mediada por um campo de influência.

Desse modo, o discurso produzido pela *Weltanschauung* negra aprisionada é influenciado por gatilhos emocionais que remetem o simbólico na imagem e linguagem que foi ensinada pelo opressor, colonizador ou biopoder (AGAMBEN 2004), remetendo a um vício psicológico e formando ciclo comportamental (VAKNIN, 2005).

Contextualizando, a grosso modo, o posicionamento discursivo apresenta-se pautado em uma ideologia dominante (GRAMSCI, 2011), que perpassa uma luta de classe e imagem (DAVIS, 2016), e pode passar pela substituição de outro discurso como nos objetos transicionais de Winnicott (2000).

Dessa maneira, a transição do código transicional opressor para o novo discurso dispõe também de elementos simbólicos da imagem e linguagem que estão produzindo novos gatilhos, ou seja, um novo campo discursivo (ilusório inconsciente) no povo negro, responsável por desenvolver um caminho de cura na relação psíquica e equilibrada na sua experiência com as crenças do Real a cosmovisão

que, nos momentos de angústia dadas pelos Poderes Causais (BHASKAR 1986), substitui por outro discurso libertário que Fanon (2008) chama de reativo.

Um exemplo latente desse novo discurso pela imagem nas redes sociais nos dias de hoje é a transição capilar expressivamente discutida e incentivada nas páginas e grupos étnico raciais como símbolo de autoafirmação e substituição do discurso ideológico de alisamento (manipulação do mercado financeiro) para o discurso da transição ao cabelo original, voltando à sua casa essência.

Foi demonstrado nos estudos de Daltro e Strelow (2017) sobre redes sociais que a técnica de transição do cabelo gera um longo processo de aceitação da parte da pessoa que fará a transição quanto da sociedade pois a imposição do padrão (branco) do cabelo liso ainda perdura com força no imaginário social.

> Acredita-se que a transição capilar pode ser vista como processo de transformação social amparada pela cultura da mídia. Essa relação se torna expoente na produção de discursos positivos sobre a mulher negra, seja por meio dos sites de redes sociais, seja pela cobertura dos jornais de referência ou das zonas de intersecção e convergência entre esses sistemas. (DALTRO; STRELOW, 2017).

Essa volta para o cabelo original remete todo um processo psicológico e emocional, gerando uma área intermediária que passa pela substituição do objeto criado pelo opressor, o cabelo alisado, para o uso de tranças, turbantes, adereços, apliques, até o cabelo voltar a sua forma original.

Esse evento ocorre quando o oprimido ocasionado por situações de múltiplas dimensões passa por um processo que esta tese está chamando de *Intuição Súbita* de compreensão de quem sofreu um espelhamento narcísico Lacan (1999), social e subjetivo, ocasionando, também, um expressivo processo de “luta emocional” na construção de recursos internos para manter-se no caminho de volta como foi o exemplificado com a transição capilar e que será explorado na seção 4.3.

Na próxima seção contextualiza-se todo o processo do espelhamento (LACAN, 1999), em que o oprimido passa a ser o desejo de seu opressor pelas crenças que lhes são inculcadas gerando o adormecimento da *Weltanschauung.*

4.2 Gatilhos emocionais, Imagem e linguagem: do espelhamento ao sono profundo da *Weltanschauung* negra

Na ordem das contextualizações, constata-se que o processo de amputação da *Weltanschauung* de pessoas negras aconteceu por meio de um biopoder denominado neste trabalho de colonização/escravidão tendo por base estruturas ideológicas sedimentadas por pseudociências formando um espiral histórico que acontece de forma linear, porém no curso da história as voltas desse espiral nas questões raciais ficam maiores, pois se mudam as formas de comunicar essa escravidão até chegar na subjetividade condicionada pela estrutura socioeconômica cultural.

A subjetividade representada pela *Weltanschauung* negra passa pelo espelhamento com seus algozes gerando o que neste trabalho está sendo chamado de Distorção Cognitiva do Racional explicada como um processo de hipnose social condicionada por gatilhos emocionais, imagem e linguagem. Desta forma, buscou-se assinalar o processo de adoecimento e encarceramento emocional da *Weltanschauung* de mulheres negras brasileiras que historicamente sofreram sobreposição de suas identidades que serão explicadas nesta seção começando pelos gatilhos emocionais.

Entende-se por gatilhos, um ativador de disparo do cérebro, ocasionado por circunstâncias como uma emergência do corpo, produzido por memória, som, odor entre outros. Esse disparo pode desencadear comportamentos e ações motivados por sintomas biológicos (SILVA *et al*, 2014).

Os estudos sobre gatilhos são mais constantes nas áreas de Comunicação e Marketing, o termo gatilho mental é usado como forma de atrair o consumidor para obter determinado produto. Ademais, são utilizados como pesquisa de mercado para conhecer os gostos do consumidor e persuadi-lo a efetuar o consumo de um produto.

No desenvolvimento desta tese, empenha-se explicar os gatilhos como um dispositivo de Biopoder (AGAMBEN, 2004) operando através dos Poderes Causais (BHASKAR, 1986) na mente e no comportamento de sujeitos que vivem em sociedades estratificadas como forma de controle. Portanto, a área da psicologia encaminha com maior provisão o que se pretende explicar sobre esse termo.

Dessa maneira, optou-se pelo uso do aditivo “emocional” por compreender que se trata de mecanismos ligados ao campo das emoções, dadas ao percurso desta tese no qual se trabalha o campo das subjetividades.

Na psicologia, o termo gatilho mental/emocional é utilizado em investigações e anamneses com pacientes que apresentam sintomas de depressão, síndrome do pânico, distúrbios alimentares, usuários de entorpecentes, entre outros aspectos. Além disso, nos tratamentos com vítimas de abusos emocionais e físicos o termo é utilizado conjuntamente.

As investigações desdobram-se a compreender como desencadeiam os comandos impulsores, os estágios de envolvimento, o chamado Baiting (isca), crises e recaídas em pacientes que estão em tratamento, tendo como hipótese de que esses estágios são provocados por gatilhos mentais/emocionais, assim como, descobrir quais estímulos multideterminantes estariam ativando esses gatilhos. (XIMENES *et al*, 2021),

No estudo de Silva *et al* (2014), com usuários de entorpecentes e psicotrópicos, buscaram compreender os aspectos emocionais presentes em situações com sons, imagens e até odores que podem ativar o desejo pelo uso do entorpecente, acarretando recaídas e até abandono do tratamento.

O estudo revelou que os gatilhos emocionais com maior incidência de crise foram: a raiva, frustração, ansiedade e solidão. A pesquisa concluiu que o uso das imagens e odores ativam lembranças de frustração ou raiva condicionando o uso dos psicotrópicos ou entorpecentes para aliviar a angustia (SILVA *et al,* 2014).

Também nos estudos de Ximenes *et al* (2021), o foco principal foi descobrir por pesquisa bibliográfica pelo viés da psicanálise, como a comunidade de Psiquiatria está lidando com os gatilhos que ativam o transtorno do pânico em pacientes em tratamento. Nesse estudo ficou revelado que o gatilho ativador do pânico são situações que denotam perigo, como o paciente em estado de fragilidade não possui recursos internos para lidar, acaba cedendo à crise.

Vaknin (2005) menciona em seus estudos os gatilhos emocionais quando indica a dependência afetiva da vítima pelo abusador. Para o autor essa dependência age no cérebro com o mesmo efeito da dependência de psicotrópicos ou entorpecentes, podendo ser ativado pelos mesmos motivos indicados pelos estudos acima citados.

Reitera-se nesses estudos que esses gatilhos, por conseguinte, são ativados por elementos como por imagens, linguagem e sentidos. São palavras ou frases imersas inconscientemente que induz a vítima dependente não somente a realizar os desejos do seu abusador como também a ficar na relação propensa a todos os tipos de violência condicionada pela distorção cognitiva do racional como se fosse um tipo de sono profundo.

No campo social, um exemplo de gatilhos imerso no subconsciente, são os chamados ditados populares com intencionalidade sexista, “mulher no volante, perigo constante”, esse gatilho possivelmente pode desencadear em mulheres com poucos recursos internos, uma insegurança para dirigir um automóvel, somado ao estigma generalizado às mulheres.

Voltando à questão racial compreendem-se como os estigmas racistas funcionam como gatilhos emocionais lançados desde a época da escravidão na intencionalidade de hierarquizar os sentimentos dos homens com relação às mulheres, brancas, pardas e pretas.

As brancas são as escolhidas para formar uma família, as pardas para o sexo e as pretas para a cozinha como já foi contextualizado no Capítulo 3. Dessa maneira, essa produção discursiva já vem pautada em uma cosmovisão construída intencionalmente para suprir o desejo do opressor. Vakinin (2005) traduz esse desejo como três “S”: sexo, suplemento e serviço; condicionamento acionado por gatilhos emocionais, linguagem e imagem.

Desde o início, a linha de pensamento traçada neste trabalho sobre imagem e linguagem remete à concepção de espelhamento dada a estudos voltados para a área da psicanálise como já foi contextualizado em Lacan (1999) e Vakinin (2005). Porém, é sensato salientar algumas inferências da Filosofia com Kant (1957), quando assinala que o campo da imagem é um movimento abstrato e complexo, portanto o que se trata aqui diz respeito de como compreender os gatilhos pela imagem e a linguagem no campo sensitivo que constitui uma estética cosmovisionária.

A escrita por imagens da forma como foi apresentada no capitulo dois (2), nas postagens do FMNMT, traçam um movimento que Eisenstein (2002) chama de representação estética, proporcionando ao leitor ou internauta a se criar dentro da imagem.

Para Eisenstein (2002), há um alinhamento entre a imagem com a mensagem que ela busca transmitir, com isso, entende-se que o usuário se conecta com ela e dessa conexão atrelada à legenda enunciativa ou texto, acontece a produção do discurso formando a passagem para o posicionamento (os sentidos).

Neste trabalho, não se analisa textos enunciativos e sim a função da imagem na linguagem que vem agrupada na legenda, em outras palavras o que se tenta fazer aqui é interpretar as nuances simbólicas das imagens postadas no FMNT como discurso.

Conforme foi explorado no Capítulo 3, o estádio do espelho de Lacan (1998), explica o processo da imagem no espelhamento através do desejo do outro. Esse processo, traz nos alinhamentos desta tese, além do estádio do espelho, a projeção na relação da desinversão do processo de biopoder por uma nova linguagem pela imagem que busca essa libertação no plano mental e emocional.

O processo do espelhamento no relacionamento abusivo dadas ao narcisismo social e subjetivo, nada mais é do que a projeção de si no outro, a self, o avatar. Compreende-se com isso que, o espelhamento é um jogo em que o abusador se utiliza dos atributos da vítima e se apropria como se fosse dele, em um jogo de imitação.

Essa vítima presencia uma imitação sua e não percebe, porque está no plano inconsciente, sendo assim, entra no espelho pois pensa que aqueles atributos que o abusador está imitando são parecidos com o da sua *Weltanschauung* , chegando a ficar feliz pensando: “ele ou ela gosta das mesmas coisas que eu”.

Nas questões sociais o espelhamento acontece para sedimentar ideologias de mercado como, por exemplo, ocorreu durante muito tempo e ainda ocorre todo um movimento para articular produtos de beleza para mulheres negras, potencializando a ideologia do branqueamento, como: produtos de pele, capilares (como cremes de alisamento, chapinha) e maquiagens, entre outros.

O espelho é a ausência da percepção do próprio “eu” enclausurado em uma visão de mundo criada pelo opressor para que o oprimido não perceba o mundo pela sua estrutura pessoal porque está na idealização do “outro”. O fator de projeção no “outro” representa aquilo que está fragmentado em si mesmo.

A imagem remete idealização e projeção que podem gerar emoções mal elaboradas suscetíveis a formas desordenadas e desequilibradas de ver e pensar o mundo. É dessa maneira que pessoas com sua personalidade opressora desenvolve

a necessidade de controlar e ter poder sob o “outro” sem se importar com o mal que possa fazer, pois se valida das emoções do outro.

Dessa maneira, enquanto o oprimido entra no espelho sem perceber que sua personalidade está sendo usurpada, todo um processo de adoecimento é gerado na sua *Weltanschauung* podendo levar desde a depressão, síndromes e até ao suicídio.

Da mesma forma, na relação social do povo negro no Brasil, há variados campos de espelhamento como, por exemplo, a apropriação cultural de elementos da cultura negra como o samba a feijoada, capoeira, entre outros. Essa prática é um pilar central do biopoder no eurocentrismo, a apropriação cultural é uma forma de espelhamento inculcada, sobretudo de maneira natural e romantizada, pois o debate sobre essa questão ainda não está cristalizado do ponto de vista de nocividade subjetiva e social.

Os estudos sobre espelhamento que foram tratados até aqui, apontam que a vítima espelhada não percebe o processo porque está envolvida em um emaranhado de questões subjetivas, emocionais e sociais que outros autores nomearam de Hegemonia (GRAMISCI, 2011), Indiscernibilidade (AGAMBEN, 2004), luta de classes e imagem (DAVIS, 2016). No entanto, este estudo movimenta-se para compreender dentro de um recorte direcionado ao espelhamento como uma hipnose passiva ativada por gatilhos emocionais, imagem e linguagem.

Nos estudos da Psicologia Social, Lane (2004) trata dessa questão pelo olhar da formação social dos sujeitos enfatizando os processos da constituição da identidade que passa pela consciência de si. A autora assinala que os papéis assumidos socialmente pela identidade reproduzem as ideologias.

Desta maneira, a linguagem tem papel essencial para transmitir práticas sociais tornando-se arma poderosa de dominação, principalmente quando impõe significado único e inquestionável que determina uma ação automática como exemplo na hipnose, lavagem cerebral e comando militar (LANE, 2004).

> No primeiro caso, o hipnotizador tem que obter uma passividade total do hipnotizado (“relaxe e vá dormir”), ou seja, uma total submissão à sua voz, às suas palavras, para em seguida sugerir situações e as reações e/ou ações consequentes. [...] por outro lado, se o hipnotizador falar sobre situações totalmente desconhecidas ao hipnotizado, seja de descrições ou experiências, provavelmente nada ocorrerá, seria como alguém falando outro idioma totalmente desconhecido, mas a referência das situações conhecidas tornam reais para o sujeito, mesmo que, para alguém observando de fora, elas se apresentem como imaginárias. (LANE, 2004, p. 29-30).

O que a autora sugere na citação acima, coaduna com o que Fanon (2008) já assinalou quando discorre sobre a língua e a coletividade no contexto histórico e cognitivo, pois para o autor o idioma é uma forma de pensar. Por esse motivo, a melhor forma do biopoder hipnotizar para a indiscernibilidade é a linguagem que vem por meio de imagens e gatilhos emocionais.

Vakinin (2005) atribui ao processo de espelhamento um jogo de envolvimento emocional que ele chama de *lovebombing*, em português “bombardeio de amor”. Amor equivocado e falacioso, pois esse jogo é organizado para atrair a vítima para o espelho usando a imitação de tudo o que ela tem de qualidades, um verdadeiro bombardeio egóico. Quando a vítima entra no espelhamento, ela também se sente realizada por realizar o desejo do desejo de seu abusador.

Lembrando as palavras de Césaire (1978), quando descreve a chegada do colonizador na ilha de Madagascar, costa da África, sobre os povos malgaxes que recebiam seus opressores com música e dança, “[...] eles tomavam os brancos por deuses e esperavam deles tudo o que se espera da divindade!” (CESAIRE, 1978, p. 47). Como reagiriam contra deuses?

A linguagem da eugenia nas tintas do colonizador é uma espécie de bombardeio de mentiras de amor falso, pois eles também dançam e cantam para o colonizado o canto da “sereia” e a ordem é “durma enquanto te domino”, para depois usar o jogo que Vakinin (2005) chama de descarte/desvalorização e Agamben (2004) chama de descartabilidade da vida em anomia social.

É sensato salientar que na maioria das situações do tráfico de pessoas negras, o opressor agia à força bruta com altos requintes de violência e perversidade como a história vem apontando. Nas relações subjetivas aponta-se os relacionamentos abusivos com altos requintes de violência passiva e ativa e nesse caso, a prisão é emocional. Conforme foi apontado no Capítulo 1, o índice de

feminicídio demonstra que as mulheres estão no *ranking* da violência e, sobretudo, mulheres negras liderando no número de espancamentos e mortes.

Voltando ao processo da hipnose e indiscernibilidade, Lane (2004) reitera que as representatividades sociais descrevem a realidade subjetiva de acordo com o grupo social. Portanto, é necessário compreender como a linguagem exerce essa mediação entre os sujeitos e o mundo. Aqui, cabe uma reflexão sobre as crenças da *Weltanschauung* negra (Real), inculcada pelos Poderes Causais (BHASKAR, 1998).

A crença na eugenia de que existem raças superiores e inferiores, endossa o sistema de opressão, dominação e discriminação como elemento estrutural de desigualdades. As representações da linguagem temporal cumulativa atrelada à imagem do desejo de ser o desejo do outro (LACAN, 1999), reverbera um combo de autoengano capaz de gerar um processo hipnótico de indiscernibilidade como um sono profundo de Distorção Cognitiva do Racional.

Sendo assim, o oprimido não consegue discernir e nem identificar situações de abuso passivo porque está envolvido no que Lane (2004) chama de função ideológica falseadora. Nesse caso, idealizam pessoas e realidades diferentes do que realmente são, como acontece no racismo velado em que a pessoa jura que não é racista, mas deprecia a amiga negra com piadas sobre cabelo crespo e fenótipos de pessoas negras, e quando alguém questiona essa atitude como racista a pessoa depreciada responde que não viu por esse lado e tudo fica bem.

O que assegura uma pessoa preta depreciada a não perceber a nocividade de uma situação de agressão passiva é a sua *Weltanschauung* negra prisioneira das crenças que estão constitutivas no jeito de ser, que foi se formando na sua personalidade, a despersonalização da visão de mundo nos moldes da opressão, dominação, discriminação e do silenciamento.

A linguagem da invalidação ou *gaslighting* (VAKNIN, 2005) é um nevoeiro que paira sob a trajetória de vida de pessoas negras e de maneira muito expressiva em mulheres negras, pois o jogo do distorcer pensamentos, palavras e ações, coloca a mulher em constante insegurança levando-a a desacreditar de si mesma ao ponto de desenvolver estado de negação e indiscernibilidade de situações do dia a dia que ela sofre e não percebe ou se percebe demora em compreender e articular as conexões por estar nesse estágio de adormecimento.

Adorno (1995), na sua obra *Educação e Emancipação*, atribui a linguagem de invalidação à indústria cultural, que tratou de promover a desvalorização de uma

cultura para a supervalorização da outra como melhor e mais evoluída. Para o autor, o aceite da dominação acontece pelos hábitos assumidos pelo condicionamento a uma estrutura social através das mídias.

Nas linhas de Adorno (1995) através da imagem da (televisão/cinema), hoje pode-se transpor também para a internet, uma falsa consciência é incutida como positiva e assumida como correta e lógica, em um movimento viciante de reprodução comportamental. Um dos exemplos citados pelo autor é a ideia de amor estereotipado pelas novelas e filmes na qual o modelo idealizado torna-se um espelho social (ADORNO, 1995).

Uma ontologia comprometida pela influência das relações de poder gera posicionamentos sociais comprometidos na sua integridade total. O sujeito com *Weltanschauung* mutilada tem a sua liberdade de pensar e refletir influenciada por um biopoder (AGAMBEN, 2004), esta define o entrelaçamento entre o mundo físico e o simbólico imitando uma falsa realidade indiscernível.

Para Pêcheux (1988), as palavras mudam de sentido segundo as posições sustentadas e por isso os acontecimentos históricos se fundem ao serem contextualizados pelos veículos de comunicação sofrendo constantes mutações. Portanto, um sujeito invalidado pelo sistema opressor produz um discurso que não é determinado por sua vontade racional, mas pelo que foi condicionado pelas coerções ideológicas no seu inconsciente ocasionando a indiscernibilidade (AGAMBEN, 2004) pela qual não tem controle.

O jogo da imagem e linguagem dentro do contexto de invalidação (*gaslighting*) ocasiona as condições de produção do discurso que tem uma crença central solidificada. Essa crença é protegida a qualquer preço pela Distorção Cognitiva Racional como, por exemplo, no caso de mulheres em relacionamentos abusivos protegerem seus abusadores por acreditarem que eles têm problemas emocionais e elas podem ajuda-los porque se sentem responsáveis em salva-lo.

Essa crença é inculcada pelo próprio abusador e possivelmente esta mulher já vem de um processo de crenças na sua *Weltanschauung* traçada pelos Poderes Causais (BHASKAR, 1998). Ela sabe que sua palavra e sua pessoa não têm valor nenhum para a sociedade, ela não será ouvida e nem validada.

Um exemplo recorrente narrado por mulheres negras no documentário "*Negritudes Brasileiras*" citado no Capítulo 2, seção 2.4.4, onde uma das entrevistadas destaca a invalidação no campo do fenótipo e também intelectual, pois

em determinadas situações precisa repetir muitas vezes a mesma coisa para ser ouvida e ainda assim, suas palavras são colocadas à prova o tempo todo.

Essa queixa é recorrente no meio acadêmico por mulheres pretas que não são ouvidas pelo sistema, ignoradas e silenciadas, precisam lutar pelo espaço de fala e de respeito. Pelos relatos de Crenshaw (2002), este problema também é apontado em outros países em que a discussão de raça e gênero passa por constantes lutas geradas por fatores de múltiplas dimensões como já foi mencionado no Capítulo 3.

Nas linhas de Almeida (2021), há um pacto narcísico da branquitude por uma dinâmica afetiva e códigos emocionais que vem validando a eliminação da pessoa negra. Tomando por base Fanon (2008), a autora assinala a exaustiva tentativa de o branco provar a superioridade eugênica e o negro confinado e cego na sua inferioridade causal.

Almeida (2021) ressalta que há um movimento de mobilização de afetos racistas e a socialização racial no qual a negritude é o próprio suplemento narcísico, é a naturalização da desumanização. Para a autora, essa naturalização vem pelo silêncio pactual que é ensinado e aprendido e o favorecimento do silenciamento modela o tipo de suplemento que pode tirar de um corpo preto, ferido e machucado por esses combos de autoengano imbricados nessas relações

> Uma vez que o racismo acadêmico ocorre de forma sistêmica, ele afeta a autoconfiança das pessoas negras e brancas de maneiras diferentes. Enquanto as primeiras precisam lidar constantemente com sensação de inadequação e não pertencimento; as segundas têm sua autoconfiança reforçada por meio da representação hegemônica do seu grupo racial em termos físicos e epistemológicos. O silenciamento dos incômodos e dos pactos narcísicos se reforçam mutuamente, potencializando o racismo acadêmico e as vantagens simbólicas e materiais da branquitude. (ALMEIDA, 2021, p. 106).

As vantagens simbólicas da qual se refere a autora denota esse pacto de silenciamento no qual pode-se inferir que é também uma forma de invalidação (*gaslighting*), há uma indiferença intencional nesse processo de silenciamento que acaba por distorcer o papel de descolonizar minimizando os discursos de representatividade como se fossem discursos de vitimização. Aliás, minimizar a luta negra como mera reclamação (nos dias de hoje, o famoso “mimimi”), é uma estratégia narcísica chamada por Vakinin (2005) de descarte ou desvalorização pela depreciação, que não deixa de ser o mesmo que invalidar.

A grande questão a que chama a esta discussão é de fato pontuar que esse pacto de silenciamento, apontado por Almeida (2001), é uma forma de confundir e camuflar os discursos racializados, tornando as estratégias racistas mais difíceis de discernir e identificar. Para Vakinin (2005), nas relações de abuso narcisista é o mesmo que colocar a vítima para dormir, hipnotiza-la e impedi-la de perceber o jogo de manipulação para que continue fornecendo suplemento a seu abusador.

Percebe-se neste trabalho, o tempo todo o transitar das inferências sobre o narcisismo nas relações subjetivas e sociais buscando um entrelaçamento de padrões e estratégias que acontecem nos dois campos em situações que muitas das vezes são aplicadas da mesma forma e na mesma estrutura, sendo manipuladas por imagem, linguagem e gatilhos emocionais.

Na próxima seção, fecha-se o capítulo trazendo as articulações para o despertamento que mulheres negras na rede social *Facebook*, especificamente o FMNMT, vem demonstrando como caminho de saída do espelho pela projeção de uma linguagem de imagem em rede, insurgências e resistências para o despertar de novas consciências

4.3 A saída do espelho pela projeção de uma nova linguagem de imagem comunicada no Fórum de Mulheres Negras Mato Grosso

Para falar sobre a saída do espelho em uma nova linguagem de imagem faz-se importante resgatar que esta tese se desdobra em analisar: o movimento ativista de mulheres negras na rede social *Facebook*, trazendo nuances de grupos e páginas visitadas e uma observação mais específica do *Fórum de Mulheres Negras Mato Grosso*.

Este estudo vem constatando o destaque que as redes sociais evocam como campo significativo de produções discursivas desconstruidora de padrões imagéticos do sistema de poder. As redes tornam-se campo aberto para a projeção de novas linguagens articuladoras de ativismos que confrontam e combatem estruturas ideológicas de dominação política e cultural.

Nesse percurso, o ativismo em rede demonstra transitar em rede abalizado por produções cientificas de forma articulada. As páginas e grupos de pautas da negritude presentes no *Facebook* dimensionam a intencionalidade de emancipação

identitária, representatividade imagética, assim como a reivindicação de direitos civis e sociais.

Esse processo é instrumentalizado por uma dialética interdisciplinar e digital mediada por fotografias com legendas, imagens em movimento, trilhas sonoras e textos científicos, trazendo como principal elemento o rompimento da dominação pelos hábitos culturais e sociais (ADORNO, 1995).

Constata-se neste contexto, uma vivência acadêmica fora do campo clássico presencial, o desenrolar de questões sobre a atuação que contempla outras especificidades de autorreflexão para uma análise das massas que seja mais próxima de uma pedagogia do esclarecimento (ADORNO, 1995).

Landson-Billings (2006) chama de limbo epistemológico a junção de a velha linguagem transformar-se em um novo discurso de quem foi treinado na tradição dominante. Para a autora, as produções feministas denotam que “a casa do mestre só será desmantelada com a ferramentas do mestre”. Em outras palavras, desconstruir a casa *self* com as mesmas ferramentas do biopoder, nada mais é do que usar o processo de espelhamento do biopoder trazendo a nova imagem, a essência, para construir-se novamente transpondo-se nessa nova linguagem de imagem.

Na canção e composição *Hoje eu sei* da cantora Vanessa da Mata, em um dos trechos *“o tempo entregou você depois que aprendi dizer: não, e retirei o que me atrasava, limpei minha estrada antiga, mudei minhas velhas formas, fiz a faxina pra você entrar”*, traz a alusão de um processo de libertação pela linguagem e imagem do “não”.

Vakinin (2005) ressalta que a palavra “não” é o fim do jogo narcísico, é a mortificação, é a saída da vítima do espelho, é a libertação. Essa linguagem torna-se imagem simbólica porque ela reflete o espelho e o falso *self* que é quebrado pelo “não”. O não é a tomada de decisão para sair do lugar de vítima para sobrevivente. Enquanto o sujeito está dormindo o sono do abusador, não se vê no espelho, a partir do momento em que há o despertamento a imagem é transmutada e conseguindo sair do espelho, sobrevive ao processo de abuso.

Conforme foi explicitado na seção 3.4, sobre os processos formativos em rede ganharem conotação de resistência por informar e formar ao mesmo tempo. Essa formação aponta todo um rompimento estrutural de bases solidificadas por

estruturas de poder pela enunciação de realidades que o internauta em sua história de vida correlaciona e passa a perceber as manobras do biopoder.

A transposição do que foi contextualizado para um novo ensinamento acontece quando o oprimido é confrontado por uma intuição súbita de compreensão e (acorda do sono) imposto pelo seu opressor. Tendo por motivação circunstâncias que podem vir a ser imagética, passa a compreender os processos de aprisionamento da sua *Weltanschauung* (cosmovisão).

Dessa forma, pelo conhecimento adquirido são geradas habilidades para fazer a desinversão, descobrindo uma nova linguagem de imagem libertária (FANON, 1968). Essa descoberta poderá vir a ser utilizada pela mesma linguagem do seu opressor (pois foi a que aprendeu). Lembra-se da transição capilar, na qual basta acessar uma página ou canal e ouvir centenas de depoimentos de mulheres que passaram pelo processo, com direito a vídeos antes e depois, para compreender essa desinversão. Por acaso não foi pela imagem que o processo de alisamento capilar foi apresentado? Pois pela imagem também se apresenta a desinversão.

Nos estudos de Medeiros (2009) sobre a materialidade da imagem na mídia com base na AD, a autora trata a imagem como discurso e começa seu trabalho pela noção do simbólico em que Pêcheux (1999) enfatiza o sentido que há na relação do simbólico/político, ou seja, há uma escrita que está diretamente ligada àquela imagem na qual as materialidades investidas mobilizam força no discurso.

Desta maneira, a autora desenvolve seu trabalho trazendo a memória discursiva impressa nas imagens postadas. Neste trabalho, as imagens denotam também um processo de espelhamento para um novo processo da desinversão imagética pela nova imagem acompanhada das informações e o conhecimento sobre a referência imagética.

Todo o processo imagético foi observado nas múltiplas referências trazida pelo FMNMT, que utilizam do espaço da página no *Facebook* intencionalmente para comunicar um ativismo proativo de luta de classe e de imagem (DAVIS, 2016). Na medida em que a veiculação de imagens, legendas, sons e textos demonstraram através das seis categorias que foram clivadas, o potencial de informação, formação, articulação tornando-se uma arena pública de mecanismos de desconstrução de espelhamento do biopoder (AGAMBEN, 2004).

O Fórum de Mulheres Negras Mato Grosso representa mais de oitenta abas fixas de compartilhamento de outras páginas e grupos que fazem o mesmo movimento de desinversão do processo de espelhamento dadas a todo contexto que foi esmiuçado nesta tese. Essa representatividade ultrapassa uma simples militância na medida em que o cruzamento de dados por compartilhamento transversaliza e ampliam interfaces para a desconstrução das manobras no biopoder.

Foi por esse motivo que este trabalho não se ateve a observar números de *likes*, ou de seguidores, porque desde o início da captação de dados esse cruzamento de informações em processo formativo foram as primeiras observações assinaladas, na qual deram sentido nas evidências que foram encontradas de que havia ali uma luta ocasionada pelos Poderes Causais (BHASKAR, 1998). Essa luta era de uma *Weltanschauung* negra (FANON, 2008) tentado sair do espelho por uma nova linguagem de imagem.

A projeção de uma nova imagem e linguagem denota ocorrer pela *intuição súbita* que se exprime como um processo de conscientização de si mesmo ou do que foi feito da sua *Weltanschauung* no histórico de formação, que Lane (2004), assinala ser impossível ter a consciência de si sem passar pelo coletivo, ou seja, pela consciência de classe, pois:

> [...] apenas quando confrontamos as nossas representações sociais com as nossos experiências e ações, e com as dos outros do nosso grupo social, é que seremos capazes de perceber o que é ideológico em nossas representações e ações consequentes. Ou seja, pensar a realidade e os significados atribuídos a ela, questionando-os de forma a desenvolver ações diferenciadas, isto é, novas formas de agir, que por sua vez serão objetos do nosso pensar, é que nos permitirá desenvolver a consciência de nós mesmos, do nosso grupo social e a de nossa classe como produtos históricos de nossa sociedade, e também cabendo a nós agentes da nossa história pessoal e social – decidir se matemos ou transformamos a nossa sociedade. (LANE, 2004, p. 37).

O que a autora salienta é o confronto com a realidade, uma ação, a conscientização transversalizada pela busca do conhecimento que liberta e rompe o elo de adormecimento pela compreensão do processo, analisando os meandros utilizados para convencer o oprimido a não somente ser o desejo do opressor (LACAN,1999), como a de defendê-lo sob qualquer suspeita de manipulação.

Pode-se dizer que, para Fanon (1968), a intuição súbita é uma mudança de procedimento por um novo pensamento que coloca de pé uma nova criatura à imagem e semelhança da sua cor de pele, do seu cabelo e do seu estereótipo

original. Esse processo é o mesmo que cair em si, voltar para si, “da qual é preciso multiplicar as conexões, diversificar as ramificações e tornar a humanizar as mensagens” (FANON, 1968, p. 274).

O despertar pela intuição súbita é o rompimento com a máscara branca caricatural para uma imagem libertária que gera a autoimagem sem culpa, sem dor, sem peso e sem remorso. É o abandono das velhas crenças para uma nova forma de ver e compreender o mundo a partir da sua essência verdadeira, da sua nova *Weltanschauung* negra, sua nova casa.

Os elementos intrínsecos à linguagem imagética veiculada no FMNMT, remete um fluxo expressivo de reflexões sobre os problemas cotidianos vivenciados por mulheres negras que pairam desde autoafirmação estética, produções acadêmicas, diáspora africana, denúncias de violência contra a mulher através de convites de eventos de discussões e informações sobre acontecimentos em nível mundial, com recortes do país, estado e municípios de Mato Grosso conforme foi demonstrado no Capítulo 2.

Todos os processos de desinversão da *Weltanschauung* negra para a saída do espelhamento por uma nova linguagem de imagem aparecem organizados por ordem de acontecimentos políticos sociais, datas comemorativas e pautas consideradas importantes para a descolonização do conhecimento e combate dos sintomas sociais mais latentes no que diz respeito ao ativismo proposto pela página.

As crenças da colonização, as injustiças sociais e as manobras do biopoder são confrontadas por um ativismo imagético persistente em apontar o opressor e desmontar os meandros discursivos sinalizando as referências e conjunturas de reconstrução da *Weltanschauung* negra pelo conhecimento no processo coletivo na tentativa de quebrar as simbologias imaginárias que impedem o despertamento. Todo esse processo é gerado por uma nova linguagem de imagens e são algumas dessas inferências que passarão pela AD no próximo capítulo.

5. OS SENTIDOS DA *WELTANSCHAUUNG* NEGRA PROJETADOS PELO FÓRUM DE MULHERES NEGRAS MATO GROSSO NO *FACEBOOK*

O capítulo em voga foi organizado e contextualizado para interpretar as simbologias presentes no discurso imagético identificado nos códigos transicionais permeados pelos gatilhos emocionais e linguagem da imagem. Dentro desse espectro despontou-se a imagem como discurso contextualizado no Capítulo 4 revelando marcadores de comportamento discursivo imagético. Considerando as construções que foram contrastadas no percurso de todo o trabalho, nesta alínea empenha-se em desenvolver a análise do discurso imagético pelo mecanismo da formação ideológica, que aparecem em uma conjuntura denominada *Dinâmica dos três D: despertamento, desinversão e descolonização.*

5.1 Corpus

A proposta deste *corpus é* composta por três imagens como representações discursivas denominadas de Três D. Essas representações, desde o início deste trabalho sinaliza uma linguagem de desconstrução das crenças inculcadas pela opressão, dominação e discriminação, oriundas da colonização e processo de escravidão. Essas imagens transitam pela rede social *Facebook*, especificamente observadas na página FMNMT, são imagens que contrapõe a colonização e o Biopoder (Agamben, 2004).

No percurso da pesquisa, evidenciou-se que as mesmas são operacionalizadas como interfaces que passam pela formação ideológica formando os sentidos. Para Pêcheux (1997), a formação discursiva é permeada pela ideologia, portanto, o sentido constitui-se de uma demanda ideológica tendo por base a formação imaginária.

Por sua vez, essa linha imaginária está relacionada ao universo de valores da imagem que o sujeito tem de si e do outro e, assim, formula sua interpretação da realidade mediada pelas representações históricas. Os sentidos são referenciados pelo posicionamento assumido no discurso. (BRANDÃO, 2006)

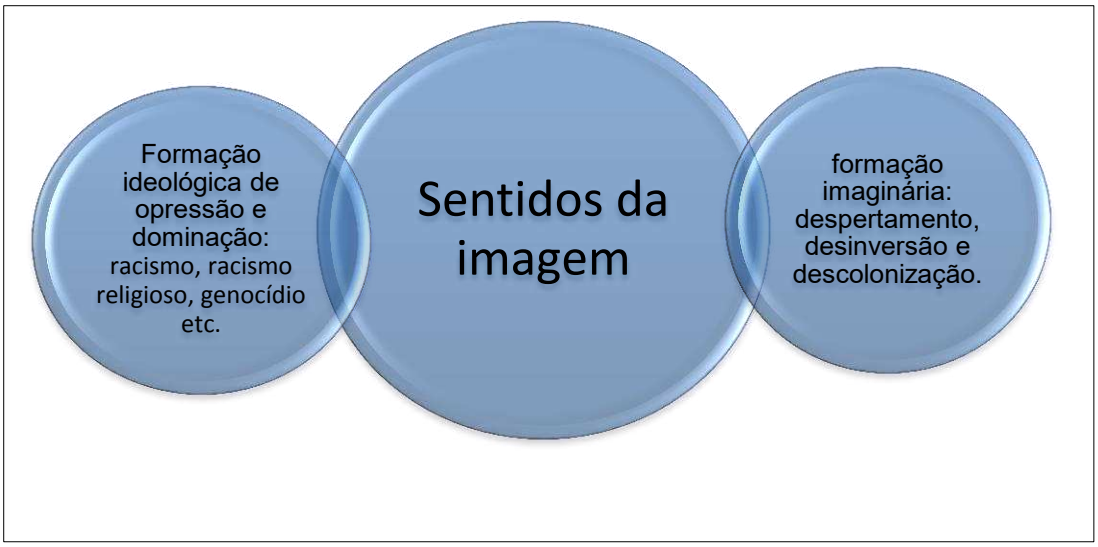
Desse modo, quando um discurso imagético é analisado, busca-se uma referência do lugar de quem protagoniza a imagem, e o objeto do discurso localiza as condições de produção, concentrado na memória discursiva que, por sua vez, é absorvida pela formação ideológica, e esta é composta na formação de classes sociais. (PÊCHEUX, 1993)

Sobre o discurso imagético, o que está aparente nas formulações de Pêcheux (1997) são as crenças imbuídas nas classes sociais que determinam a ideologia no discurso. Dessa maneira, nas linhas desta tese, os discursos projetados nas imagens postadas pelo FMNMT estão imbuídos em um campo ideológico pelo qual essas imagens foram produzidas e compartilhadas.

Desse modo, os sentidos começam a ganhar visibilidade no processo de significação, assinalados pelas condições de produção, inclusive nas simbologias presentes nos códigos transicionais permeados pelos gatilhos emocionais e na linguagem da imagem.

As formações discursivas dessas imagens permeiam o processo de desconstrução das crenças da colonização inculcadas na *Weltanschauung* negra e nelas estão a formação ideológica conforme está apresentada abaixo:

Figura 39 - O processo discursivo



Fonte: Autora

A figura 39 demonstra que os sentidos estão entre a formação ideológica e a formação imaginária (despertamento, desinversão e descolonização) da *Weltanschauung* negra nos diferentes grupos que transitam no *Facebook*. O

processo da formação ideológica que foi demonstrado pelos Poderes Causais (Bhaskar 1986), são estruturas de opressão e dominação ideológica: racismo, racismo religioso, genocídio, desigualdade de gênero e social, violência, desumanização, despersonalização e exclusão, não aconteceram de forma passiva, ou seja, os sentidos implícitos não estão isolados.

O que Pêcheux (1999) sinaliza é a atenção dobrada para o que se mostra em excesso no movimento ideológico da política e da sociedade como um todo. Portanto, a imagética discursiva do FMNMT, traz materialidades de simbologias para serem consumidas pelos internautas.

Nesta pesquisa, o dispositivo analítico está embasado no processo de desconstrução das crenças ideológicas alicerçadas constitutivamente na Weltanschauung negra de mulheres brasileiras em que um número expressivo delas circula na rede social *Facebook*, produzem e consomem a imagética discursiva como interface ativista de desconstrução dessas crenças racializadas também pela imagem.

Essas crenças estão intrínsecas à subjetividade a partir das Três D: imagens discursivas projetadas para o *despertamento* da *Weltanschauung* negra; imagens discursivas projetadas para *desinversão* de crenças inculcadas pela eugenia e ideologia do branqueamento; e por fim, imagens discursivas projetadas para a *descolonização* do conhecimento abrindo caminhos para o início da transição da saída do espelhamento; em outras palavras, da saída do cativeiro emocional passando de vítima para sobrevivente da colonização mental e emocional.

Conforme já foi explanado no trabalho, especificamente no Capítulo 4, os códigos transicionais foram elementares para a compreensão da definição desses discursos imagéticos, pois a saída do espelho pelo próprio espelho é a imagem que desperta, desinverte, descoloniza e produz a imagem libertária.

Relembrando as inferências de Brandão (2006), contextualizadas no Capítulo 1, a AD estuda as relações e as conexões da linguagem, sociedade e história, isso significa que o caráter heterogêneo do discurso precisa ser discutido, assinalando as contradições que aparecem na formação discursiva. Nelas, há uma multiplicidade de linguagens em uma única, e seu fechamento é instável, não há um limite rigoroso separando exterior de interior e as fronteiras se deslocam de acordo os enfrentamentos da luta ideológica. (BRANDÃO, 2006)

Nesta tese, a luta ideológica aparece de forma latente nas imagens postadas, imbuídas de articulações de insurgência e resistência conforme já foi explicado. Nas linhas de Pêcheux (1999), o discurso imagético apresentado nesta pesquisa, confronta a linguagem do opressor implícito na história linear e acontecimentos de cunho social através dos efeitos do sentido que estão no que não é dito.

Dessa forma, há um interdiscurso que multiplica e operacionaliza vozes de outros discursos dentro do discurso social como uma identidade se estruturando a partir de outras identidades, discursos vindos de outros discursos, conforme foi mostrado nos capítulos 3 e 4.

Essas materialidades desembocam também na linha de pensamento de Courtine (2011), que denominou de intericonicidade o encontro da língua e da imagem que se interagem como um ponto em comum de repetição gerando um arquivo mental de uma primeira imagem que vai se repetindo como relata Milanez:

> [...] quero enfatizar que os deslizamentos do estudo da materialidade da língua para a materialidade da imagem estão dentro do escopo da Análise do Discurso que toma o arcabouço foucaultiano como condição de possibilidade para o estudo da materialidade da imagem na AD, sobretudo, no que se refere à sobreposição de imagens, suas memórias e a repetição dessas imagens e seus discursos por meio da noção de intericonicidade. (MILANEZ, 2015, p.198).

O que o autor enfatiza sobre a intericonicidade é que o percurso da materialidade da língua para a materialidade da imagem está na genealogia das repetições das imagens destacando primeiramente o interior da imagem para identificar o arquivo mental que foi se repetindo discursivamente por traços formais do discurso, produzido por meio de outros discursos e dos sentidos que a imagem pode traçar para quem a contempla.

Em outras palavras, a intericonicidade observada neste trabalho, assinala o texto dentro da imagem, que foi demonstrada pelos decodificadores proativo e reativo, como intérpretes dos enigmas, tendo por base jogos verbais conforme foi explicado no Capitulo 2.

O mecanismo que retrata o texto dentro da imagem, as repetições e o arquivo mental, são os Poderes Causais e as Crenças (BHASKAR, 1986) absorvidas pela *Weltanschauung* negra pelo discurso do espelhamento (LACAN, 1999). A imagem textual é repetida pela exterioridade, ou seja, dentro dessa imagem discursiva há outra imagem discursiva da qual ela foi originada. (MILANEZ, 2015)

Portanto, nesta tese, o que contextualiza a produção dos sentidos é a repetição dos contornos da imagem e da repetição do seu discurso. Por exemplo, as imagens identificadas pelo decodificador proativo reconhecido com maior expressividade nas postagens do FMNMT no período de captação de dados, denotaram a repetição verbal de prevenir, desnudar, informar, ensinar, exortar e prevenir.

Nelas, a memória discursiva é remetida pela amálgama memorial da colonização e do biopoder como um discurso permanente, presente e alicerçado nos modos de vida, nas tradições e na cultura. Quando o decodificador proativo desnuda a amálgama memorial revelando os meandros do biopoder nas camuflagens de governabilidade de mentes, um modelo discursivo imagético é empreendido com finalidade de desmonte ou desconstrução.

De acordo com Milanez (2015), o discurso imagético é permeado pelo interior e exterior em um misto de sons, palavras, pensamentos e que são visualizados pelo sistema de valores corporais, mentais e, principalmente, pela cosmovisão formatada nos próprios sujeitos. A *Weltanschauung* negra é permeada pela cultura visual, memória visual, seus ecos simbólicos e significantes na formação mental.

Dessa forma, o que será interpretado na imagética apresentada pelas postagens já passou pela fundamentação teórica e foram assinalados pela imagem libertária que foi se formando por outras vozes através dos compartilhamentos. Essas vozes formam os sentidos que chamam à essa libertação de mentes, no sentido de um *despertamento* e *desinversão* para chegar à *descolonização*.

Desse modo, as três imagens que serão analisadas como representação discursiva vem de contextualizações que foram apresentadas nos capítulos 1, 2 e 3 desta tese. No capítulo dois, o processo de clivagem foi organizado pelo histórico de interação e mapeado em seis categorias que indicaram a intencionalidade da atuação ativista seja ela imagem em movimento ou fotográfica.

As categorias passaram por um processo de desambiguação pelos decodificadores proativo e reativo que, assinalados pelos dispositivos ideológicos (PECHEUX, 1999), desembocaram nos Poderes Causais (BHASKAR, 1986). As crenças da colonização, eugenia e ideologia do branqueamento, agrupam-se implicitamente na *Weltanschauung* negra o Real que absorve essas crenças, (BHASKAR, 1986). Por sua vez, o Biopoder (AGAMBEN, 2004) também aparece

como dispositivo ideológico no processo de manipulação e governabilidade das mentes humanas confrontadas pelas lutas de classes e imagem (DAVIS, 2016).

Portanto, o processo de análise tem como fio condutor esses dispositivos ideológicos apontados (racismo, racismo religioso genocídio, desigualdade de gênero e social, violência, desumanização, despersonalização e exclusão), e também as articulações de insurgência e resistência do FMNMT. Esses elementos foram alinhados em uma sequência que processam representações discursivas de *despertamento*, *desinversão* e *descolonização*.

Nesta alínea, o que será analisado é o movimento imagético implícito como marcador comportamental, que define tanto o modo do ativismo protagonizado, quanto os dispositivos ideológicos utilizados para ampliar a desconstrução do discurso do opressor pela imagem libertária.

Nesse sentido, a imagética tratada nesta tese contextualiza-se como um movimento discursivo, porém quando esse movimento passa pelo espelhamento tratado no Capítulo 4, a imagética vem representada pelo espelho e por isso é chamada de representação discursiva dentro de um movimento imagético é o resultado das interfaces que trazem as evidências do que será revelado e desnudado.

> Nessa perspectiva, o discurso permitiria o acesso ás “imagens” ou representações [...] com a ideia de que as abordagens dessa natureza permitirão descrever a maneira como as mídias “tratam os acontecimentos”, de um assunto e, mostrar em que medida as mídias dão mais ou menos conta do real, são mais ou menos “neutras”, “objetivas” ou “partidárias”. (KRIEG-PLANQUE, 2018, p.56).

Partindo do princípio de que a mente humana opera por memória fotográfica, ou seja, por imagens e essas imagens estão diretamente relacionadas ao corpo que por sua vez é influenciado também por imagens exteriores produzindo movimentos que podem influenciar outras imagens por meio da percepção. Nelas, o movimento é recebido, estendido até o cérebro e executado. (OLIVEIRA, 2011).

O que se quer empreender aqui é a função da imagem no cérebro operacionalizada pela memória assim como o corpo conduz as percepções e vai constituindo as imagens como objeto. Nesse processo de constituição o sensorial e as conexões são estabelecidas pelo movimento e pelo processo de repetição dessas impressões, assim, as conexões são consolidadas. (OLIVEIRA, 2011)

Isso significa que a imagem guardada na memória é ativada por percepções operacionalizadas pelo corpo que por sua vez é ativado pelas repetições dessas imagens. Sendo assim, pode-se dizer que a imagem libertária pode ser ativada pelos gatilhos através da repetição da mensagem que ela traz como dispositivo de *despertamento, desinversão e descolonização*.

Consideram-se aqui como imagens libertárias, todas as postagens que foram clivadas e apresentadas no Capítulo 2. Elas compõem categorias por intencionalidade de ensinamento, acompanhadas ou não de legendas. Todas essas expressões serão explicadas nas três representações discursivas de espelhamento, compreendendo que este *corpus* vem constituído da observação do dispositivo ideológico tendo como eixo central o que é observável no processo de espelhamento por imagem.

Nesse sentido, pela perspectiva da AD neste capítulo, pretende-se produzir um ponto de vista particular sobre o discurso produzido pelo FMNMT e sua relação com a questão racial e de gênero mobilizadas por acontecimentos que favorecem o discurso empreendido (KRIEG-PLANQUE, 2018).

Dessa maneira, a memória discursiva, a intericonicidade das imagens com o externo e interno formam o núcleo de base no qual se busca os sentidos que estão implícitos nessas representações discursivas de *despertamento, desinversão e descolonização* conforme será contextualizado e explanado na próxima seção.

5.2 Os Três D.

O despertamento, desinversão e descolonização serão analisados, nesta seção, nas imagens selecionadas.

5.2.1 A imagem como discurso de despertamento da *Weltanschauung* negra

A gênese da palavra despertamento vem de despertar e se denomina como verbo transitivo, intransitivo e pronominal que significa “tirar ou sair do sono, estado de dormência, quando a consciência sai de uma anestesia para a sua atividade mais viva”. (FERREIRA, 1999). Dessa forma, pode-se inferir que, despertamento é uma

ação promovida por um gatilho mental/emocional ou situação que provocou, ou chamou a atenção como um despertador.

No caso aqui trabalhado, a imagem pode funcionar como o gatilho despertador que acorda o sujeito para a compreensão súbita interna, para o discernimento de uma situação ou fato histórico. Isso dependerá expressivamente do nível ou estágio desse sono profundo de indiscernibilidade. (AGAMBEN, 2004)

Observa-se neste estudo que o termo mais próximo para a explicação do despertamento aparece nos estudos de Abel (2003), no qual aborda o conceito de *Insight* na psicanálise. A expressão encaminha-se como uma intuição, o autor assinala que essa vertente de pensamento vem da psiquiatria, e a partir de 1950 passa a ser utilizada pela psicanálise de forma que, como conceito, passa a ser uma interface na psicoterapia.

Abel (2003) aponta que esse desdobramento sobre *insight* está diretamente associado às psicoses. Como médico psiquiatra, Fanon (2008) estudou a psicose e denominou diversas vezes em seus estudos o termo *intuição delirante* para explicar: os mecanismos da neurose colonial e o adoecimento psicológico do negro mediante à colonização, este último estágio tem potencial para desenvolver a psicose.

O termo também pode ser cristalizado como uma forte compreensão súbita de um movimento de aprendizagem, ou seja, a possibilidade do *insight* está condicionada a um movimento ou tentativa de aprender algo, lembrando que, aprendizagem pode ser inferida aqui como aquisição de conhecimento por autonomia ou mediação. (ABEL, 2003)

Nesse sentido, o despertamento contextualizado nesta tese, caminha na mesma direção do *insight*. No entanto, despertar não seria somente uma compreensão súbita, mas, acordar de um sono hipnótico, levantar para agir e reagir, tomar conhecimento, compreender o mecanismo da estrutura causal.

Dessa maneira, compreende-se que, ao tomar conhecimento dos Poderes Causais (BHASKAR, 1986), os muros da distorção cognitiva racional (ocasionada pelas crenças ideológicas), começam a ser abalados e o processo de despertamento pode acontecer de forma lenta ou subitamente.

Portanto, o que está sendo chamado de despertamento é um movimento de aprendizagem por imagem discursiva que pode aluir os muros inconscientes das crenças ideológicas na medida em que, ao reportar o histórico dos Poderes Causais (BHASKAR, 1986), sem a manipulação do biopoder (AGAMBEN, 2004), pode-se

alcançar o plano mental ocasionada pelo *insight,* que permanece na mente até despertá-la e encaminha-la para a imagem libertária.

Conforme foi explicado no corpus, imagem libertária acopla todas as postagens que foram clivadas e apresentadas no Capítulo 2. Elas compõem categorias por intencionalidade de ensinamento e ainda que acompanhadas de legendas, o peso maior está no reflexo que a imagem produz no inconsciente podendo trazer à tona, lembranças guardadas e identificadas, ajudando a recuar a barreira da repressão e dilatar a área da autognose[75] (ABEL, 2003).

O autor toma por base outras linhas da psicanálise para compor a esfericidade do papel do *insight* no qual também é movimentada pela memória, afirmando que, a função integradora do ego é a autoimagem. Desse modo, as repetições que aqui pode-se inferir como imagéticas, movimentam a quebra dos condensamentos inconscientes permitindo as interpretações e novos modos de reação (ABEL, 2003).

Um exemplo latente de despertamento já apontados nesta tese é a crescente autodeclaração da cor preta demonstrada pelo IBGE[76], em pesquisas recentes. Ao mesmo tempo em que viver em um país que facilita a opção pela cor parda, declararar-se preto em determinadas circunstâncias pode ser um ato de despertamento ocasionado por uma situação de aprendizagem de outras formas ou pela forma imagética.

O crescente número de comunidades, páginas, canais, entre outros movimentos liderados por apresentadores negros, com centenas de milhares de seguidores consumindo conteúdos de conhecimento libertário conforme foi demonstrado nas mais de 20 imagens das postagens do FMNMT nos capítulos anteriores, permite reconhecer o poder imagético dessa personalidade ativista do outro lado da tela, com o mesmo fenótipo de cor de pele igual a muitos de seus internautas, porém, trazendo um novo discurso pela imagem.

Esse discurso pode ocasionar saída do espelho pelo “ver”, que Lacan (1999) assinala sobre o encontro do imaginário e o simbólico, ou seja, a estrutura psíquica do “eu” se encontra com o corpo e o resultado desse encontro pode gerar o

[75] Autognose refere-se autoconhecimento de si mesmo (grifos da autora).

[76] - Disponível em: https://bivisualizacaoblioteca.ibge.gov.br//livros/liv101681_informativo.pdf Acesso: 27 set. 2021.

despertamento. Mas onde se quer chegar com todos esses achados? Na compreensão de que a imagem como discurso transmite esse eco permeado na relação do externo com o interno. (MILANEZ, 2015)

No entanto, entre as imagens guardadas na memória como lembranças e o eco que vem de outras imagens, remete que:

> Não há imagem que não nos faça ressurgir outras imagens, tenham essas imagens sido vistas antes, ou simplesmente imaginadas. É isso que me parece essencial, porque é isso que vem colocar a questão do corpo bem no centro da análise. (COURTINE, 2011, p. 161)

A imagem como discurso de despertamento da *Weltanschauung* negra é reflexo do corpo com a cosmovisão que é despertada para agir, pois despertamento também pode gerar alívio, prazer, gozo e realização. O sentimento de realização é que poderá trazer a consciência de si. “Cada consciência de si procura o absoluto. Ela quer ser reconhecida enquanto valor primordial, desvinculado da vida como transformação da certeza subjetiva *gewinsheit* em *Wahreheit”* (FANON, 2008, p. 181).

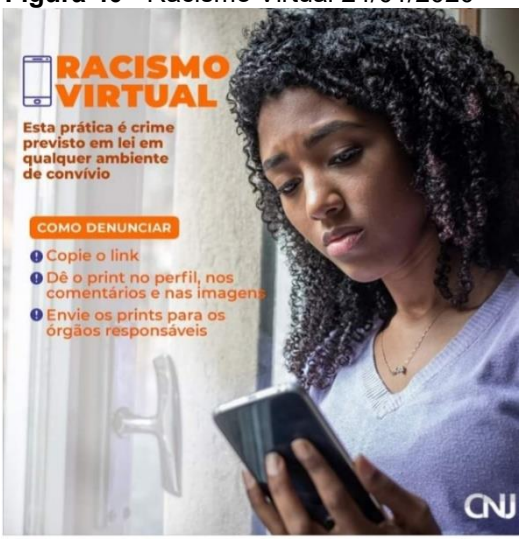
Os termos *“Gewinsheit em Wahreheit” na língua alemã* significa transformar a certeza em verdade, o que está inferido nessa questão é que, toda a segurança do espelhamento, o desejo de ser o desejo do outro (LACAN, 1999), é enfraquecido pela imagem real, a certeza que se tinha sobre a cor da pele, o cabelo e o fenótipo branqueado começa a se desfazer e a única verdade que resta é a cor original, o cabelo e o fenótipo real.

O que fica entendido sobre o eco discursivo imagético, é que essas vozes repetitivamente colocam o corpo no centro da análise, como assinala Milanez (2015). Isso significa que, ao passar pelo processo de despertamento, o corpo não é mais a causa da estrutura da consciência, ele se torna objeto da consciência, pois o reconhecimento é o primeiro passo para aquele que uma vez despertado se levanta para agir em reconhecimento de si mesmo. (FANON, 2008)

Sendo assim, percebe-se que a imagem como discurso de despertamento também opera como um gatilho mental/emocional. Voltando a Lacan (1999), o “ver” que promove o encontro do imaginário com o simbólico pode ser um gatilho pela imagem.

A figura 32 apresentada no Capítulo 2 (repete-se nesta alínea) é um exemplo de gatilho imagético para despertamento, pois traz o racismo virtual como um elemento dos Poderes Causais (BHASKAR, 1986). Na referida imagem a formação discursiva é permeada pelo que já foi dito sobre racismo, trazendo o virtual como um aditivo que aponta um novo local de práticas racistas: as redes sociais.

Figura 40 - Racismo Virtual 24/01/2020



Fonte: FMNMT (2020)

A Lei 7.716/1989[77] aparece em forma de mecanismo para criminalizar e combater a ideologia da colonização presentes no racismo. As orientações de como denunciar seguem um conjunto de representações discursivas que denota o que Pêcheux (1999) chama de conflito de classes. Esse conflito vem dos variados modos de como o discurso está materializado nas ideologias.

Se de um lado há um discurso opressor, sedimentado pela ideologia da eugenia, pela supremacia racial branca, do outro há um discurso sedimentado pela tentativa de quebrar o aparato ideológico que sustenta e gera patologias emocionais pelo racismo. O trabalho de despertamento na imagem representada pela figura 32, começa ao mostrar que existe um sintoma sobre o racismo virtual e ele é real e pode ser combatido, basta ser denunciado.

[77] Disponível em: http://bit.ly/ResponsabilidadeNaInternet

A possibilidade do despertamento aparece na imagem através da menina negra olhando para o celular com o rosto triste. Esse elemento na imagem pode provocar a autognose pela transferência imagética da cor da pele e todo o fenótipo de representatividade exposta na fotografia.

Outra forma de possível despertamento é a Lei que aparece como dispositivo de proteção e justiça ainda que se tenha conhecimento de que o racismo é crime em qualquer campo de atuação. Todos os elementos presentes na imagem podem desencadear o despertamento e servem como gatilhos, pois despertamento é também a saída do espelho.

O jogo dos sentidos está implícito no social imaginário de quem demanda a violência racial e na reação de quem a recebe. O contexto empreendido no sentido, denota que, a pessoa que sofre o racismo tem aparato jurídico e a pessoa que comete o racismo pode ser penalizado.

O aparato jurídico impõe à memória social constitutiva da colonização um abalo ou desmoronamento. Porém, essa mesma memória social reporta que, nos dias de hoje, há uma consequência criminalizada para tal atitude. Entretanto, há pouco tempo atrás era naturalizada institucionalmente, e o que isso significa?

Significa que a mesma instituição que naturalizava o racismo, como já apontou os estudos de Nogueira (2006), assumiu outro discurso, o de combate ao que ela mesma endossava no passado; como por exemplo, a proibição por Lei dos casamentos inter-raciais, a proibição de pessoas negras frequentarem determinados lugares, a separação de calçadas para brancos e negros, entre outros.

Constata-se que, por causa desse endossamento, o racismo foi argamassado e ganhou tamanho poder de massacre. Lembrando os ensinamentos de Agamben (2014), o mesmo direito que protege também ameaça ou já ameaçou um dia, e é por esse, entre outros motivos, que a leis no Brasil possuem tantas arestas.

Conforme já foi assinalado, em diversos momentos a pesquisadora desta tese se viu nos dados apresentados, o que possibilita o atravessamento da subjetivação nas linhas escritas nesta pesquisa. Em vários episódios da construção do *corpus,* entrou em conflito, sofreu e relembrou de momentos vivenciados que a fez admitir e aceitar como o sono de sua *Weltanschauung* era profundo.

Em certa ocasião, sofreu racismo no local de trabalho. Na época, algumas pessoas a orientaram denunciar a instituição em que trabalhava. Sem contestar, a pesquisadora negou tal atitude jurídica; não por medo de perder o emprego, e nem

por medo de seus agressores, mas, porque no pensamento permeado pelas crenças inculcadas pelo Biopoder (AGAMBEN, 2004), a pesquisadora acreditava que os donos da empresa não tinham nenhuma relação com o episódio de racismo, e pagariam por algo que não fizeram, pois quem cometeu o crime foram os funcionários.

Proteger seus algozes é uma estratégia colonial, escravocrata muito bem sedimentada. O colonizado é envolvido no espelhamento em uma amálgama permeada pelo *love bombing* (VAKININ, 2005) e pela divinização do branco (CESAIRE, 1978). Dessa forma, foi após o despertamento que a pesquisadora passou a perceber os meandros camuflados para a sobreposição das identidades, pois uma empresa que permite o comportamento racista de seus funcionários sem tomar nenhuma providência interna, corrobora com a prática.

O despertamento funda-se no princípio de que sendo o racismo uma marca discursiva ideológica de violência profunda e de alto preço psicológico para quem o vivencia, a denúncia só será efetivada se o sujeito atacado no caso aqui tratado, o racismo, passar pelo processo de conscientização de seus direitos sociais como classe social, pois denunciar é um posicionamento discursivo de grande relevância na luta de classes e de imagem.

Deste modo, para Pêcheux (1997), a imagem é um campo simbólico, pois perpassa o tempo todo na memória caracterizada pela luta de classe e essa luta se dá também nesse campo de produção e apropriação em que essa imagem instrumentaliza os sentidos do discurso. Isso significa a grosso modo que, a denúncia que até então está no campo simbólico da imagem poderá atravessar de tal forma o sujeito o impelindo a um posicionamento de ação.

Um exemplo dessa ação está nas imagens proativas de desnudamento ideológico que foram apresentadas nos capítulos 2 e 3. Consequentemente demonstram toda uma ação de guerra entre os elementos implícitos ao histórico do racismo, sexismo e misoginia, e os comandos impulsores inconsciente temporal cumulativo que forçam esse impacto para a perda da extensão do espelhamento, e que pode romper o sono hipnótico.

Pode-se empreender aqui que, o sentido contornado na imagem que repreende o racismo virtual, é a denúncia como posicionamento discursivo que aciona a lei. Porém, essa lei só poderá ser operacionalizada mediante a um despertamento do denunciante, permeada pelo histórico e pela queda das crenças

inculcadas contidas em outras imagens, parafraseando um ditado popular “uma andorinha sozinha não faz verão”, transpõe-se “uma imagem sozinha não faz um filme e nem um álbum”, mas, um conjunto de muitas imagens ecoando dão sentido uma na outra, no interno e externo”.

> O que tenho a ressaltar é que as imagens são produções interiores e exteriores a nós e que nossas vidas estão recheadas de imagens de todos os lados, tanto em nossos entornos quanto dentro de nós, ou seja, qualquer imagem ou paisagem mental que é por nós (re) criada, imaginada ou sonhada. Há, assim, um laço inseparável entre as imagens exteriores e as imagens interiores que são percebidas pelo nosso olhar, pelo nosso corpo, que olha para fora e para dentro de si. (MILANEZ, 2015, p. 201)

O despertamento da *Weltanschauung* negra pelo imagético é como um espiral de olhares para fora e para dentro de si, assinalado por Milanez (2015), povoados no espaço mental como receptores nas áreas límbicas que, envolvida pelas múltiplas vozes interdiscursivas, ouve o chamado do relógio aqui representado pela intuição súbita de compreensão, do aprisionamento colonial e racial. A imagem que liberta é a mesma imagem que dentro de si espelha sua essência abrindo a porta para o caminho de volta para sua cor, seu cabelo, seu fenótipo, para sua gente e para seu direito como cidadão brasileiro.

Esse caminho não é fácil de ser trilhado, nessa trilha do despertamento, um misto de sentimentos confusos de angústia, dor, medo, insegurança, raiva, revolta e, sobretudo, o sentimento de inexistência, indicam o que Fanon (2008) chamou de Círculo Infernal. Tal circuito é o momento em que, ao tomar consciência do que foi feito da sua *Weltanschauung* , ou o sujeito toma uma decisão de prosseguir em busca da sua libertação ou permanece tendo o conhecimento, porém sem a ação e no círculo da revolta.

Essa ação exige do sujeito o enfrentamento de suas limitações dentro de todo o contexto de opressão, dominação e discriminação; sobretudo, o alto preço psicológico que custou a mutilação identitária, a cisão com o objeto da cor da pele, a segurança subjetiva. No processo dessa cisão há um deslocamento objetal formando uma neurose estruturada pelo meio (FANON, 2008).

Portanto, para a prática de uma denúncia de racismo, o despertamento é o fio condutor, lembrando que despertar é o início de um longo processo de busca por conhecimento que liberta. Para o sujeito que segue enfrentando o *Círculo infernal* apontado por Fanon (2008), para superá-lo, resta entrar em uma nova etapa: a

desinversão. Trata-se sobre a imagem discursiva desinvertida, e as considerações da mesma na próxima seção.

5.2.2 A imagem como discurso de desinversão da *Weltanschauung* negra

Jaques Aumonte, pesquisador francês do Cinema, em sua obra *O filme como representação visual e sonora* de 1995, contextualiza o uso de técnicas de imagem para transmitir ou chamar atenção diretamente à mensagem embutida no campo imagético. O autor chama de imagem *travelling* uma das estratégias de deslocamento do olhar para o zoom de modo a focar com intencionalidade no que se quer chamar para uma reflexão (LOBO, 2017).

Essa reflexão, é oriunda à identificação da mensagem e, lembrando as inferências de Lacan (1999), é marcada também pelo significante corpo/fala, habitado pela libido corpo/gozo. O despertamento provoca esse deslocamento de olhar para a reflexão e essa reflexão é o início do processo de desinversão.

Dessa maneira, pode-se dizer aqui que a imagem como discurso de desinversão faz esse papel *travelling* na mente de pessoas de chamar para a reflexão e ainda que não contextualizada pode confrontar realidades e fazer as conexões para o processo de libertação do cativeiro mental e emocional.

A palavra desinversão deriva de inverter, nesse sentido, compreende-se desinversão como a transposição de algo que está invertido. Se está invertido é porque está virado no sentido contrário, algo que foi alterado. Por exemplo, uma roupa no avesso está invertida, portanto desinverter significa voltar à forma original, passando por um processo de transição.

Se a *Weltanschauung negra* que passa pelo espelhamento com seu opressor absorve as crenças dos Poderes Causais (BHASKAR, 1986) significa que, ela é uma *self* aprisionada e corresponde a um condicionamento invertido. No caso aqui tratado são: a cor da pele, o fenótipo, o cabelo, jeito de ser, viver sobretudo sua formação discursiva formatada aos moldes do Biopoder (AGAMBEN, 2004).

A máscara branca que Fanon (2008) infere com tamanha contundência em seus estudos, assume o papel principal: sufocar a pele negra tendo por base que ser branco é ser humano, portanto, em um plano inconsciente, renuncia-se a pele negra para viver a *self* do branco no espelhamento, enquanto o branco o usa desse

benefício de supremacia como seu regulador emocional dentro de um reforço intermitente.

Sendo assim, a imagem como discurso de desinversão, pode desencadear uma dinâmica *travelling (*AUMONTE, 1995), porque ela foca no discurso que quer desinverter e chamar para a reflexão. Esse processo desemboca dentro do *Círculo Infernal* (FANON, 2008) no qual se desencadeia um profundo mal-estar, fagocitante, pois permeia o início da luta psicológica e emocional para sair do espelhamento após o despertamento.

Essa saída é permeada por um processo de passagem no qual objetos transicionais (WINNICOTT, 1975) simbólicos ou reais são necessários para aplacar dor da ausência do espelho, organizar a mente para a saída e superar todo o processo de abstinência; afinal, sair do espelho é perder os traços que o Biopoder (AGAMBEN, 2004) inculcou na *Weltanschauung* negra.

Conforme já foi explicado no Capítulo 4, o espelhamento é executado por estratégias que causam dependência no cérebro com o mesmo efeito da dependência de psicotrópicos ou entorpecentes, portanto, o mal-estar da luta emocional e psicológica é oriundo da ruptura com a máscara branca, uma vez que.

> Este mal-estar é o processo inicial da ruptura com a neurose, pois é o momento que o preto reconhece sua realidade humana, ou seja, não é preciso ser branco pra ser humano, sou humano porque sou preto. Neste momento, acontece a consciência do corpo no qual ele é tomado pela segurança de se assumir preto e reagir sob sua cor objeto da consciência. (LOBO, 2017, p. 53)

No processo de desinversão, a busca para camuflar a angústia e transcender da imagem espelhada para o reconhecimento de si e não do outro, se dá em um processo de expressivo sofrimento, pois como já foi dito, está marcado pelo significante corpo/fala, habitado pela libido corpo/gozo em um misto de sentimentos no qual o vício pelo espalhamento passa pela libido e gozo.

O médico canadense Gabor Maté, em 18 de novembro de 2019, deu uma entrevista à página Ciência e Saúde (G1[78]) sobre saúde mental, fazendo referência a seus pacientes em tratamento do alcoolismo, onde reiterou: “Nós não estamos

[78] Disponível em: https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/11/18/vicios-tem-origem-em-traumas-e-nao-estamos-atacando-as-causas-do-problema-diz-medico-canadense.ghtml Último acesso em 06 mai. 2022.

atacando a causa real do problema, [...] tudo isso são dores emocionais". Maté salienta que dentro dessas dores há a falta de vínculo, sentimento de isolamento, excesso de estresse, depressão, pois a substância anestesia e preenche uma necessidade humana essencial que não foi satisfeita na vida da pessoa dependente.

Para a interpretação proposta nesta alínea menciona-se o vício do espelhamento permeado pelo discurso controlado pelo posicionamento ideológico (PECHEUX, 1998). No percurso de desinversão desse discurso, não há como negar todo o processo de dor existente, o vício do espelhamento não foi uma escolha da negritude, mas, um comportamento que se desenvolveu na reprodução de condições traumáticas oriundas dos Poderes Causais (BHASKAR, 1986).

Da mesma forma exemplificado neste estudo sobre gatilhos mentais e emocionais em pessoas com: dependência química ou distúrbios alimentares entre outros, voltarem ao vício ou abandonarem o tratamento. Na questão racial, no processo de desinversão da *Weltanschauung* também pode ocorrer a desistência, a volta ao espelho, pois sair requer recursos internos e uma luta expressiva com o vínculo traumático do macro até as micro relações abusivas.

De acordo com Fanon (2008), aquele que não consegue avançar no processo de saída, permanece no *Círculo Infernal*, com todos os sintomas de dor, porém, movido pela raiva e revolta, permanecendo na neurose colonial, podendo desenvolver psicose, narcisismo, entre outras patologias e transtornos observados por ele em seu consultório de psiquiatria no qual originou o livro *Pele Negra e Máscaras Brancas*.

No processo de transição, o objeto transicional (WINICOTT, 1975) é imprescindível para ajudar na aquisição de recursos internos, pois outro objeto precisa substituir o espelho. Um exemplo dessa substituição no processo de desinversão é a transição do cabelo; como já foi citada, essa transição promove a mudança de hábitos na maneira de se organizar esteticamente até o cabelo voltar à sua origem. Outro exemplo é a substituição de hábitos de branqueamento como ampliar a convivência com pessoas da mesma cor de pele e de preferência que já tenha passado pelo processo de desinversão.

O espelhamento saudável com uma pessoa da mesma cor de pele pode ajudar na incorporação de um novo discurso como, por exemplo, trocar as revistas de modas com capas de mulheres brancas para capas com mulheres negras (isso aconteceu com a pesquisadora em voga).

A imagética desinvertida é aquela que aponta a ferida dos Poderes Causais (BHASKAR, 1986), intencionalmente para *"Gewinsheit em Wahreheit"* da certeza para a verdade, apontando o caminho da reflexão para a saída do cativeiro emocional e mental. Os sentidos empreendidos na imagem é abrir caminhos para o rompimento com a alienação, a sonolência do despertamento.

Desta forma, para a interpretação de uma imagem de desinversão a partir da imagem 32, localizada primeiramente na seção 2.44, (repete-se nesta alínea) a imagética é concentrada em desinverter a invalidação identitária das mulheres negras.

Figura 41 - Autocuidado - desinversão



Fonte: FMNMT (2020).

A imagem apresenta cinco mulheres negras abraçadas e produzidas esteticamente sob a inferência de dois excertos:

1) *Nós somos os sonhos mais ferozes dos nossos antepassados. (Sidnei Labat)*

2) *Nós por nós: o auto cuidado de mulheres negras é um ato político". (Uila Gabriela Cardoso)*

O discurso que a imagem busca desinverter tem relação direta com a estética e a saúde psicológica da mulher negra relacionada com a colonização. O autocuidado começa pela unidade, conhecimento e saúde mental e emocional. Os

efeitos dos sentidos empreendidos nessa imagem tonificam que o processo de desinversão passa pelo reconhecimento da ancestralidade.

O autocuidado aparece como um ato político porque revela um compromisso que mulheres negras devem assumir ao cuidarem umas das outras nesse percurso de volta para a casa, para a realização subjetiva com a cor da sua pele, seu cabelo, seu fenótipo e seus direitos.

Nessa imagem, o *travelling* se agrupa na legenda enunciativa trazendo a reflexão de *intericonicidade,* no qual Courtine (2011) chama de imagens conectadas. Nessas imagens há uma materialidade que revela um papel social retomado por e para uma memória coletiva que chama atenção para uma reflexão que precisa ser colocada em prática e essa prática é a desinversão do que está colonizado nessa personalidade.

As imagens conectadas trazem à tona as materialidades internas e externas da lembrança, rememoração, impressões visuais que transitam o tempo todo na mobilidade imagética e verbal transversalizadas pela memória que retoma as ideologias impostas e absorvidas no processo histórico. (COURTINE, 2011)

Os dois excertos imbricados na imagem comunicam uma multiplicidade de significações que imputam o exercício da reflexão, como o compromisso de realizar o sonho dos antepassados dessa liberdade plena de dentro para fora e o autocuidado como uma manifestação dessa liberdade reivindicada, pois, partindo do pressuposto de que uma imagem discursiva fala também de outros discursos, constata-se que, o que está no exterior contracena com o que está no interior. (COURTINE, 2011)

Isso significa que os dois excertos e as cinco mulheres abraçadas fazendo alusão ao autocuidado sugere todas as outras cenas em que mulheres negras foram ensinadas a servir e cuidar do outro e esquecer-se de si. O apagamento da pessoa preta como ser humano gerou o descuidado e ao mesmo tempo o desejo de ser humano espelhados na branquitude. (FANON, 2008)

A escravidão para o negro brasileiro eram dois mundos: ver todos os luxos da casa grande e cuidar dos seus senhores e do outro lado vivenciar a vida precária das senzalas sem o mínimo de dignidade para se viver e ainda os açoites físicos e psicológicos já contextualizados em outros momentos.

Portanto, a reivindicação por um autocuidado não só reporta o sonho mais feroz dos antepassados como chama a ancestralidade para essa desinversão de

pensamento, linguagem e práticas marcadas pela reflexão que leva à ação refletida. O autocuidado é uma desinversão do pensamento de que o negro não é humano e por isso não precisa de cuidados. (FANON, 2008)

A desinversão da humanidade a partir do branco gera o reconhecimento de si, da cor, do fenótipo, ocasionando um conjunto de atitudes relacionadas ao cuidado com o corpo, a mente, emocional e, sobretudo, desopilação, ou seja, o bem-estar que melhora a qualidade de vida e da autoestima.

A desinversão da colonização mental começa pela compreensão do que foi feito com a *Weltanschauung* negra, e dos ensinamentos invertidos de invalidação sobre si e sobre os outros e todo o processo de amputação identitária que passou pelo apagamento da essência.

Desta maneira, é importante compreender que, assim como o despertamento, a desinversão também é causa de mal-estar, inquietações e crises emocionais de grande relevância, pois são processos de descamação, em que as camadas das crenças colonizadas começam a se desprender e são acompanhadas dos sintomas citados acima.

O processo de despertamento e desinversão produzem efeitos de abstinência do vício do espelho e do reforço intermitente do *lovebombing*. Parece brincadeira dizer que um ser humano sente falta de ser invalidado, mas, tudo isso é um jogo imaginário de recompensas, o que o cérebro do viciado busca é ser o desejo do desejo do outro (LACAN, 1997), trocando em miúdos, o desejo de ser a máscara branca (FANON, 2008).

Pessoas que passaram toda uma vida buscando sua própria humanidade no outro, e sem saber que o outro que você quer ser, é você mesmo. O processo de espelhamento tratado nesta tese assinala o opressor que toma para si a essência do oprimido e a usa como se fosse dele, logo, força o oprimido a colocar a máscara dele que, por sinal, tem as mesmas características que o oprimido não sabe que são suas.

A exemplo desse processo no macro pode-se dizer que, o colonizador europeu apossou dos bens de países africanos, construiu um império com os bens africanos, mostra para o mundo suas riquezas à custa da África e no espelhamento faz os africanos o admirarem, e os divinizarem como inteligentes, trabalhadores, obrigando-os, por exemplo, a irem em seus museus admirar objetos que foram despojados da África na colonização.

Em exemplo no micro, são as relações afetivas abusivas, o abusador narcisista se apossa das qualidades da vítima, seus gostos musicais, sua maneira de ser, seus hobbys e faz a vítima pensar que aqueles atributos são dele, então essa vítima acha que se apaixonou pelo abusador, mas na verdade se apaixonou por ela mesma nesse espelhamento.

A imagem de desinversão tem o mesmo poder que a imagem de inversão na medida em que ela condiciona a pessoa a buscar outras imagens pelo prazer e bem-estar que nem ela saberia explicar. É mister lembrar que, todos esses discursos são tratados por Pêcheux (1999) como lugares de fala institucionais e são contextualizados por ele como invocações ideológicas.

Sendo assim, as representações discursivas de *desinversão* dos Poderes Causais (BHASKAR, 1986), operacionalizam dentro de uma movimentação imagética, a formação de rede dos sentidos focados na reflexão da correlação da memória antiga com a memória atual. (COURTINE, 1999)

Essa memória é ativada pelos ecos das múltiplas imagens que, transversalizadas, produzem o que Aumonte (1995) chama de profundidade do campo real, ou seja, a imagem tornando-se nítida ao se aproximar de nós, causando um efeito em quem a contempla. Em outras palavras, esse efeito nítido é a compreensão do campo simbólico das crenças dos Poderes Causais (BHASKAR,1986), confrontado pela imagem real aqui representada pelo Realizado factual (BHASKAR, 1986), que são as múltiplas imagens insurgentes proativos postadas no FMNMT.

A imagem real cria um caminho de desinversão pela alteridade do pertencimento e reconhecimento de si, rompendo com a máscara branca, para a busca da autoafirmação, da segurança de sua subjetividade identitária que uma vez ativada consegue definir o que Samora Machel (1933-1986), na “Revolução dos Cravos”, assinalou: “a paz é inseparável da independência”, frase essa que antecedeu a vitória da independência de Moçambique (LOBO, 2017).

O processo de desinversão sinaliza que o racismo, o sexismo, a misoginia, ou qualquer outra forma de sobreposição de identidades sociais deve sair da mesa de negociação. A *Weltanschauung* negra em processo de libertação, busca por uma paz do interior para o exterior, compreende que essa paz deve ser coletiva e inseparável da independência. Portanto, nesta fase, não há negociação com *lovebombing* e nem meias palavras de desculpas. No momento da desinversão o

“não” é imprescindível e necessário para a continuidade do processo que é a descolonização da *Weltanschauung negra*, tema da próxima seção.

5.2.3 A imagem como discurso de descolonização da *Weltanschauung* negra

Para a interpretação da materialidade discursiva de descolonização, toma-se aqui o que Pêcheux (1988) chama de Formação Discursiva e, também por meio do conceito que Courtine (2011) denominou de intericonicidade, no qual a aplicação das imagens é conectada com as memórias por repetição na produção dos discursos.

Nesse sentido, a formação discursiva está imbricada na evocação do que pode e deve ser dito de forma direta em um conjunto de representações que desembocam em um posicionamento de luta de classes abalizadas pela repetição das imagens que uma vez conectadas com a memória de outras imagens produzem os sentidos. (PÊCHEUX, 1988)

No caso aqui tratado, a imagem que representa um processo de descolonização produz sentidos que entram em colisão com outros sentidos, esboçando inconscientemente conhecimentos organizados para a sedimentação de uma crença ou comportamento. Essa imagem interdiscursiva movimenta sentidos dentro de um universo de valores que poderá ser diferenciada de pessoa para pessoa, porém, não perde a essência do que se quer dizer, como segue demonstrado na imagem a seguir:

Figura 42 - Dia da Consciência Negra - descolonização



Fonte: FMNMT(2020).

A ementa enunciativa *"Salve, salve o povo preto!"* denota um conjunto de significações que está interligada à imagem de fundo de uma mulher negra, esteticamente liberta das marcas do branqueamento, e o anúncio: *"Dia de celebrar o resgate diário da nossa identidade"* já vem demarcada pelo despertamento, em que a imagem primária foi resgatada e a busca pela descolonização está em processo diário.

A comemoração de um dia do povo preto trazendo o ponto de exclamação como evidência, demonstra a conquista como discurso. Esse fator permeia todo um histórico no interior de outras vozes que ajudaram a construir a voz atual. O discurso de conquista da nova identidade traz de volta os sonhos que os ancestrais negros plantaram para que outras gerações colhessem.

O sentido implícito na imagem está no novo discurso que foi construído e na intencionalidade de movimentar um saber coletivo que não dispersa, mas, agrega um conjunto de vozes que busca legitimidade para si e para o outro, na certeza de que na frase conhecida como Fanon (1968) retrata, como, os últimos serão os primeiros:

> A descolonização jamais passa despercebida, porque atinge o ser, modifica fundamentalmente o ser, transforma espectadores sobrecarregados de inessencialidade em atores privilegiados, colhidos de modo quase grandioso pela roda-viva da história. Introduz no ser um ritmo próprio, transmitidos por homens novos, uma nova linguagem e uma nova humanidade. A descolonização é em verdade, criação de homens novos. (FANON, 1968, p. 26)

O que Fanon (1968) relata nesta passagem é a linguagem da descolonização comunicando a nudez de um combate mortal necessário e urgente da saída do espelho como um prejuízo mortal para o colono opressor. Perder o espelho é sem dúvida a decadência do sistema opressor. Os novos homens e mulheres descolonizados devem dar conta das novas gerações e dos novos modos de vida.

Esses novos modos de vida fundam-se em um movimento que vem sendo construído pelo o que hooks (2013) chamou de *Teoria como Prática Libertadora*. Para a autora, foram as teorias feministas que deram nome a essas práticas, dirigidas à dor de mulheres, e oferecer-lhes cura pelo conhecimento. O esforço em dar nome às dores é um desafio urgente e necessário, pois nomear a dor também é parte do processo de descolonização.

Nesse sentido, a imagem como discurso de descolonização funciona como um desafio à mente humana, a ideia de relacionar o vivido com o aprendido sem perder de vista todo o processo de despertamento e desinversão, pois a descolonização resulta dessa organização mental em que as imagens se tornam materialidades de posicionamento discursivo:

> Obviamente, essas imagens são capturadas dentro de um esquema de dispersão de imagens presentes em forma de ecos de nossa cultura, caracterizando um discurso de deslocamento no tempo e no espaço em relação ao nosso objeto de partida. Isso é possível desde que tenhamos em mente que estamos lidando com essas imagens dentro de um sistema de outras formações, abrindo caminhos para outros tipos de organização e materialidade imagética. (MILANEZ, 2011, p. 203)

Esse posicionamento discursivo consiste na imagem e tem como base o coletivo no que se refere à "*nossa identidade diária"*, ou seja, a ética *Ubuntu*. O *ser sendo e o todos em um* (RAMOSE, 2002) aparece como característica universal de resgate de uma identidade global, denotando que, comemorar o dia em que "nossa" dor virou conhecimento de causa e nossa pretura passa a ser o pão "nosso" de cada dia, a luta "nossa" de cada dia.

Nesse sentido, é inegável pensar na descolonização sem reconhecê-la como um processo de dentro para fora, e ao mesmo tempo olhar para as sequelas da vigência colonial dentro de uma lógica maniqueísta em que o mundo foi cindido em raças inferiores e raças superiores.

O questionamento de Fanon (1968) sobre a mesa de negociação dos intelectuais negros com a burguesia branca, tendo por diálogo a humanização do que sempre foi desumanizado pela própria burguesia colonialista, assinala que a descolonização é, sem dúvidas, o assombro e a inquietação do colono. Isto porque significa a quebra do espelho e a queda total da supremacia criada para a opressão e a escravização dos corpos e mentes. Portanto, para a burguesia é muito mais viável negociar com os colonizados uma descolonização aparente do que entregar as chaves do cativeiro.

Partindo para o sentido do que trata esta alínea, descolonização é o nome genérico dado ao processo pelo qual uma ou várias colônias adquirem ou recuperam a sua independência, geralmente por acordo entre a potência colonial e um partido político ou movimento de libertação. Em uma segunda definição, significa aquisição progressiva de autonomia política por parte de antigas colônias. (FERREIRA, 1999)

Por conseguinte, pode-se dizer que a imagética da descolonização traça um caminho de aquisição de autonomia de pensamento, em primeira instância subjetiva, ligada a questões político-econômico e social. Descolonizar seria a retirada das crenças e moldagens inculcadas pelo colonizador, no entanto, não pode ser um processo de reconstrução, pois compreende-se reconstrução como reposição, formar novamente, edificar, refazer, reestruturar. (FERREIRA, 1999)

A descolonização está para além de uma reconstrução, ela incide em uma mudança de mentalidade que transversaliza a substituição de comportamentos e hábitos de dentro para fora, pode-se dizer também que seja uma nova estrutura de pensamento tendo por base uma ação de voltar-se para si, uma transmutação de vida. (FERREIRA, 1999)

Sendo assim, a descolonização também impele a saída da mesa de negociação com o colonizador que radicalmente mudaria uma espécie de homens por outra espécie de homens. Dessa forma, a verdadeira proposta da descolonização “(...) muda a ordem do mundo e por isso é vista pelo sistema como

desordem” (FANON, 1968, p. 25). Observa-se que esse sistema opressor tenta a todo o momento invalidar as lutas por descolonização.

Rocha (1983) pontuou a descolonização pelo cinema sugerindo o rompimento de toda uma cultura colonial que informa o colonizado sobre sua própria condição**,** ou seja, a crítica e o questionamento de culturas desenvolvidas em seu contexto manipulador devem permear essa ação pedagógica sempre seguida de uma compreensão instrumentalizada desse contexto colonizador para fins de dominação.

Para o referido autor, descolonizar é deixar de imitar o modelo do colonizador e criar seu próprio modelo partindo de sua realidade, sua essência, sua voz, sua identidade verdadeira. Fazendo alusão a essas reflexões, a *Weltanschauung* negra desinvertida buscará a imagem descolonizada na sua essência, e qual seria essa essência a ser espelhada?

Volta-se a Ramose (2002) em seus ensinos, o qual pontua que, para chegar ao movimento de tranversalização da ética *Ubuntu,* o sujeito deve dialogar com seu próprio ser em movimento esférico com o outro. Isso significa que esse processo só é possível pela experiência de troca em igualdade, *o ser-sendo*, *todos em um,* ou seja, o movimento é coletivo.

Nas linhas desta tese, a descolonização é permeada pelo despertamento e todo o processo de desinversão é o caminho a ser trilhado para chegar ao fim da mesa de negociação e o início da paz independente. A imagem que comunica a paz independente é a nova imagem descolonizada, sem os traços do branqueamento, pois ela não necessita mais do espelho do opressor e nem das fontes do opressor, ela entra no chamado *modo avião*.

O *modo avião* ou tecnicamente, modo *off-line*, refere-se a um recurso dos aparelhos celulares para a desativação das funções de recebimento de mensagens, ligações ou acesso a redes, nesse caso, o aparelho trabalha com os recursos que possui. No processo de desinversão para a descolonização, o *modo avião* é imprescindível.

Na imagem em análise, a sobrevivente negra apresenta a cabeça erguida, pois não recebe mais as mensagens e nem ligações inconscientes do seu opressor, o espelho quebrou. Seu novo espelho é a voz do seu semelhante, a nova imagem que se quer é a imagem que reflete a si na sua cor de pele, no seu modo de ser e existir no mundo.

Aqui, o que pode e deve ser dito (PÊCHEUX, 1988) está inserido no novo espelho que recebe mensagens dos recursos que possui em si mesmo ou do seu semelhante, em uma conjuntura cristalizada na luta de classes. A ética do autocuidado citada na seção anterior na imagem é um exemplo desse processo.

Gomes (2012), em diversos momentos de seus estudos na área da educação, assinala sobre *descolonizar o conhecimento,* em muitos momentos referindo-se aos currículos escolares. No entanto, a maior preocupação apontada em seus escritos salienta a descolonização das crenças do sistema opressor na subjetividade negra.

A autora, vencedora do prêmio Carolina Bori Ciência & Mulher (2022) da SBPC[79], traz longa trajetória de produções científicas, no qual enfatiza a descolonização como um ato de insubmissão ao sistema opressor pela escrita negra na ciência, conforme relata:

> Trago no sangue e na memória a dor do açoite e da chibata. Reconheço a presença do racismo, por mais disfarçado e ambíguo que ele possa ser. Trago a indignação contra a injustiça, a raiva contra a opressão, o desejo de mudança e uma corporeidade negra insubmissa. (UFMG, 2021)

A corporeidade negra insubmissa, na qual se refere a autora, subentende o corpo negro comunicando a reivindicação de sua descolonização no *modo avião,* sem negociação, sem comandos. Portanto, a corpora descolonizadora é uma luta que se trava a partir do momento em que se desperta do sono hipnótico do espelhamento, entrando no processo de desinversão.

Despertar para desinverter e desinverter para descolonizar, essa dinâmica dos três D atravessa o que Milanez (2011) assinalou como esquema da dispersão de imagens em forma de ecos da cultura, formando de maneira organizada as materialidades imagéticas que foram apontadas no decorrer de todo este trabalho.

Nas linhas contornadas de autoras como bel hooks (2013), Lélia Gonzalez (1984), Sueli Carneiro (2011), Nilma Lino Gomes (2002), Mariléa Almeida (2018), Tatiana Paz (2019), Ângela Davis (2016), Glória Landson-Billings (2006), Patrícia Hill Collins (1990), Kimberlé Crenshaw (2002), entre outras citadas nesta tese, uma inferência há de se afirmar: a luta de classes do século XXI é permeada por uma

[79] Disponível em: https://ufmg.br/comunicacao/noticias/nilma-lino-gomes-e-uma-das-vencedoras-do-3-premio-carolina-bori-ciencia-mulher. Último acesso em: 19 mai. 2022.

imagética digital muito próxima de uma cibercultura imagética interseccional conforme será explanada na última seção a seguir.

5.3 Inferências discursivas

O corpus planejado para a AD neste capítulo traz a finalização da linha de pensamento planificada para contextualizar a imagem como discurso institucional do FMNMT, tendo por base a observação do dispositivo ideológico permeado pela Memória Discursiva, Imaginário Social (PÊCHEUX, 1988) e a Intericonicidade (COURTINE, 1999).

Nesse caminho, três movimentos nomeados pela pesquisadora desta tese de Representações Discursivas "Três D: *despertamento, desinversão e descolonização"* foram localizadas no núcleo dos códigos transicionais, *gatilhos emocionais, imagem e linguagem* no qual o interdiscurso aparece manifestado como vozes discursivas vindas de outros discursos, essas vozes foram sinalizando os jogos de sentidos constituídos no decorrer do desenvolvimento dos Três D.

A manifestação interdiscursiva (PÊCHEUX, 1988) formou todo o contexto desenvolvido desde o primeiro capítulo, expressando fortemente a ideia de uma luta de classes imagética e de gênero com fortes alinhamentos interseccionais, como já apontou Davis (2016), Crenshaw (2002) e Collins (1990). Entretanto, no decorrer do processo de interpretação dessa dinâmica, uma configuração discursiva ganhou corpora dentro de uma lógica possivelmente sedimentada por uma estética imagética digital.

Em todo o processo de construção dos fios discursivos, o interdiscurso é situado na luta de classes como uma luta imagética que aparece constituída de efeitos de sentido diretamente ligado aos sujeitos que constituem a imagem dentro de um processo histórico e desenvolve seu pensamento como lugar de fala institucional condicionado por invocações ideológicas. (PÊCHEUX, 1999).

Esses efeitos aparecem no movimento de uma nova *Weltanschauung* negra, permeada por um ativismo em rede que denota fortes sinais da formação de uma cultura digital imagética interseccional no jogo desses sentidos (PÊCHEUX 1988). Neles, novas crenças demonstram estar se estruturando de forma sólida em conhecimento e articulações capazes de desestruturar os discursos racializados.

O embate discursivo aos Poderes Causais (BHASKAR, 1986), vem constituído de uma ideia de pertencimento à mudança de hábitos de branqueamento para hábitos de fortalecimento da autoafirmação negra, a resistência à violência racista e sexista e um novo posicionamento discursivo que, para além das insurgências, parecem solidificar a validação acional para a mobilidade social e ascensão econômica do povo negro no Brasil, conforme foi explanado em todo o contexto da tese.

Isso significa que, uma nova cosmovisão negra está ganhando corporeidade arraigada em uma nova imagem e novos gatilhos mentais na linguagem imagética, conforme foi demonstrado nas imagens apresentadas nesta análise, nas quais as enunciações: "*racismo virtual é crime*", "*o autocuidado de mulheres negras é um ato político", "dia de celebrar o resgate diário da nossa identidade*", entre outros excertos que foram explicadas no decorrer desta tese. Essas questões tomam representatividade em uma variedade de vozes que se unem para formar uma só voz, comunicada por imagens.

Essas imagens enunciam formulações pelo imaginário social, ângulos e perspectivas que denotam uma prática ativista digital. Essa prática, não se trata de uma leitura imagética unívoca, mas de uma intervenção de ruptura na história na cultura, na política, na economia, e na subjetividade dos sujeitos para o qual as imagens foram produzidas.

Se para Pêcheux (1997) a imagem é uma forma material da linguagem simbólica e ela vem influenciada pelo interdiscurso, pode-se dizer que as vozes presentes nas imagens veiculadas em rede analisadas neste trabalho, ecoam uma cultura digital de libertação das mentes que foram aprisionadas pelo sistema de Biopoder (AGAMBEN, 2004), no qual foram processados os Poderes Causais (BHASKAR, 1986).

Essa cultura digital traz em seu caminho o que Crenshaw (2002) chama de *superinclusão*, o termo é usado para definir aspectos interseccionais em que determinadas situações o racismo é observado e acrescentado nas relações de gênero no qual a subordinação da mulher negra é compreendida como uma injustiça social conforme já foi explanado no capitulo um.

No que se refere as interpretações desta tese, as inferências vêm permeadas por um discurso imagético que elevam as dimensões raciais para as discussões de

gênero e empreendem sobre elas todo um processo de gatilhos mentais, emocionais, linguagem e imagem que qualificam a dinâmica dos Três D.

Essa dinâmica traz como fio condutor materialidades no campo simbólico discursivo (PÊCHEUX, 1997) constituídos de sentidos como: *a saída do espelho, intuição súbita ou insight, a reflexão trevelling, a dinâmica do autocuidado, o modo avião ou off-line e a corporeidade imagética da descolonização.* Todos esses elementos condicionam a forma de interpretar a realidade representada pelas posições identitárias que determinam a cisão de posicionamentos colonizados para posicionamentos descolonizados em um longo processo de cura pelo conhecimento, pela reação e ação.

Isso significa que todo o movimento imagético que foi investigado nas vinte e duas páginas observadas e, especificamente, a análise da página do Fórum de Mulheres Negras Mato Grosso no *Facebook*, denotam que esse discurso institucional abre a possibilidade de uma mudança estrutural alinhavada por um novo discurso que, possivelmente, é empreendido por pessoas que passaram e passarão pela dinâmica dos Três D, fortemente influenciados por imagens discursivas acompanhadas de outros elementos históricos e conhecimentos fora do campo das redes sociais.

Nesse sentido, voltando a Lacan (2005), vale a pena perguntar: *Che Vuoi?* Qual é o desejo empreendido nesse novo discurso da *Weltanschauung* de mulheres negras em rede no FFNMT? Esse desejo é capaz de garantir e assegurar um novo sentido discursivo? O referido autor na sua obra seminário, traz uma afirmação que cabe uma dissertação na finalização deste trabalho quando diz: *"O amor permite ao gozo condescender ao desejo".* (LACAN, 2005, p. 197)

Que tipo de amor permitiria o gozo transgredir o desejo? Freud (1988), responde: *a relação transferencial*, no que se pode inferir neste trabalho de espelhamento saudável. No seminário 19, Lacan (2005) confere que a *angústia* é a grande instauradora do *gozo* e do *desejo*, o gozo abre possibilidades para o desejo produzir o investimento *Eros* (pulsão de vida). Essa pulsão torna-se o fio condutor para todo um processo de *amor transferencial* e este, por sua vez, provoca um processo de transmutação que desemboca na segurança psíquica e subjetiva.

A relação transferencial é estudada por autoras como Rondas (2004), da área da educação, sobretudo usando das interfaces da psicanálise para explicar processos de aprendizagem na relação professor e aluno. Conforme a autora, o

legado de Freud (1988) para a educação foi a compreensão de que a cosmovisão construída em nós na forma como o pensamento e o jeito de ser se desenvolve são produtos da relação do consciente com o inconsciente.

Desse modo, por determinação e comandos inconscientes podem-se produzir discursos que não condizem exatamente com o que se pensa e quer, pois está condicionado pela ausência de compreensão das falhas e dos mecanismos coercitivos influenciadores a determinadas posições sustentadas. (PECHÊUX, 1988)

Conforme Rondas (2004), o funcionamento intelectual de um aprendiz é regido pela tensão entre o princípio do prazer e o da realidade, pois há uma busca do prazer ilimitado por aquilo que é possível realizar. Nesse sentido, a formação imaginária entra como força motriz que transmuta o que é real no desejo para criar uma nova realidade.

Para a autora, nesse momento entra a ação do professor que ao canalizar toda essa energia criativa a uma causa meritória e original que desperta o desejo pelo conhecimento em seus alunos. Esse processo é chamado de *Relação Transferencial* pela psicanálise em que Freud (1988) denomina como amor imprescindível para a conservação da espécie humana, pois o desejo move para a vida.

A relação transferencial que se sugere para explicar o amor que transgride o desejo de ser o desejo do outro (LACAN 1998), se desdobra neste trabalho como o movimento imagético de mulheres negras revestidas de conhecimento e poder de fala e justamente por serem negras, trazem em sua constituição imagética os mesmos sentimentos conscientes e inconscientes transferidos pela *“Gewinsheit em Wahreheit”* o abandono da certeza pela verdade e com essa verdade, toda a segurança subjetiva da cor da pele. (FANON, 2008)

Esse movimento muitas das vezes não será perceptível, porém o discurso empreendido via imagens tem grande efeito, ainda que a compreensão não venha de imediato, não se sabe como as determinações no inconscientes agem de pessoa para pessoa, mas já se pode compreender que o dispositivo ideológico permeado pela Memória Discursiva, Imaginário Social (PÊCHEUX, 1988) e a Intericonicidade (COURTINE,1999) causam a constituição dos sentidos que mudam a direção dos posicionamentos discursivos sociais com intervenção direta na estética corporal.

Desse modo, pode-se empreender aqui que a dimensão discursiva imagética movimentada por mulheres negras em rede operacionalizam a saída do espelho

com o opressor e promovem na relação transferencial, o espelhamento saudável no qual os elementos do ir e vir desse processo são transmutados pela segurança de se encontrar consigo mesmo nesse espelho e esse encontro produz e fortalece e volta para casa.

Sendo assim, constata-se que todo esse processo interpretativo também é um convite para um equilíbrio na empolgação ou talvez ingenuidade de achar que somente o discurso imagético consegue romper um processo de colonização que vem sendo argamassado com sangue humano por cinco séculos neste país.

Faz-se importante enfatizar que conforme já foi contextualizado no referencial teórico, muito antes das redes sociais existirem, já havia uma arena pública de luta utilizada por teorias como práticas de libertação. Por essa luta anterior às redes sociais, a possível cultura digital interseccional está ancorada e também argamassada pelo sangue ancestral de homens e mulheres negras que doaram seu tempo e suas vidas para que a libertação pela descolonização de mentes fosse possível hoje.

Todo o movimento de relações raciais de gênero que se faz em rede desde o início deste século, traz as marcas e a escrita de muitas mulheres negras, e algumas delas completaram sua jornada neste mundo e combateram o bom combate, lutaram pela saída do espelho e vivem até os dias de hoje na memória discursiva de quem trava essa luta usando todo um legado deixado por elas que já se sabe, estremece os muros da colonização.

Ainda não se tem notícia de uma libertação no sentido macro ou concreto, porém, pelos dados e a literatura bibliográfica apresentadas nesta tese, há uma sinalização expressiva de que essa libertação está acontecendo e é real. A representação que a sociedade racista tem dos grupos negros não corresponde mais com a representação que expressivamente muitos negros têm de si porque a saída do espelho tem proporcionado a muitos voltarem para a sua casa psíquica.

Dessa maneira pode-se inferir que *o Che Vuoi* do Fórum de Mulheres Negras Mato Grosso em pleno século XXI traz um grito entalado na garganta insistente em dizer “não” a todos os mecanismos de silenciamento, opressão, dominação e discriminação. Esse grito é composto por muitas vozes imagéticas que se multiplicam e viralizam nos compartilhamentos em rede, comunicando o caminho para sair do espelho opressor e a volta para casa.

Desse modo, a linha de pensamento assinalada neste trabalho contempla marcas cruciais da experiência em rede demonstradas no período de 12 meses de observação e captação de dados pela Netnografia na leitura no Realismo Crítico, uma densa escrita e as inferências pela Análise do Discurso Digital na linha *pecheutiana* que culminou na tese conforme o quadro abaixo apresenta:

Quadro 14: A tese

OBJETO

Mulheres negras em rede

CAMPO

Facebook

PROBLEMA

Quais códigos transicionais são representados pelo discurso que movimenta o ativismo no *Fórum das mulheres negras Mato Grosso*?

TESE

Imagens discursivas na dinâmica dos Três D: despertamento, desinversão e descolonização intrínseco a uma cultura digital imagética e interseccional.

Fonte: Autora

Dado ao exposto, os testáceos que compuseram a escrita desta tese compõe como resultado a compreensão do movimento de mulheres negras em rede como consumidoras e produtoras de materialidades discursivas imagéticas que relacionam e interveem na memória histórica para fins de insurgências, resistência e libertação da toxicidade da colonização (opressão, dominação e discriminação), sedimentada por mecanismos de Biopoder (AGAMBEN, 2004), movimentada pelos Poderes Causais diretamente (BHASKAR, 1986) no psiquismo de homens e mulheres negras em um país como o Brasil que ainda apresenta movimento colonial em sua constituição social.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa em voga balizou materialidades discursivas imagéticas na rede social *Facebook* em um primeiro momento mapeando de forma sintetizada 22 páginas que contemplam discussões de gênero e raciais e de forma mais específica uma análise do Fórum de Mulheres Negras Mato Grosso.

O trabalho desenvolveu como meio condutor para o debate racial de gênero em cruzamento com a educação como ponto de partida na formação de novos sentidos que estruturem a formação intelectual e identitária, sugerindo fortes nuances de um ativismo em rede de expressiva cultura digital imagética e interseccional.

Neste sentido, o Fórum de Mulheres Negras Mato Grosso por ser formado em parte por mulheres que passaram pela academia e empreendem conhecimento baseados em pesquisas, apresentam o movimento em rede como instrumento pedagógico e didático que empreende papel fundamental no processo de descolonização do conhecimento por desempenhar esquemas elementares, proporcionando construções subsequentes em que a produção discursiva imagética dada às representações simbólicas se estrutura como conhecimento.

A problemática do trabalho trouxe como pergunta: Quais códigos transicionais são representados pelo discurso que movimenta o ativismo no *Fórum das Mulheres Negras Mato Grosso? Tendo* como objetivo analisar as postagens imagéticas, buscando compreender a relação dessas produções com o conceito de *weltanschauug* negra.

A dinâmica das postagens assinalou os elementos que compõem uma escrita imagética ativista de combate ao conhecimento colonizado e aos mecanismos de poder. Neste processo, a generalização os elementos analisados demonstraram que já há um todo que dialoga com as partes e essas partes contextualizaram particularidades que foram abstraídas, comparadas, verificadas e refinadas por uma vasta fundamentação teórica.

As metodologias utilizadas na pesquisa demonstraram eficiência para responder a problemática inferida na medida em que todo o processo das conjunturas do trabalho foi revelando os caminhos orientados por setas em que

autores altamente capacitados na discussão, esmiuçaram questões relacionadas às relações de poder, identidade racial, gênero, luta de classes e injustiça social.

Para a captação de dados foi utilizada a Netnografia (KOZINETS, 2006), na abordagem *Obstrutiva Observacional* em um período de 12 meses. Também foi utilizado a metodologia Realismo Critico (BHASKAR, 1986), em três níveis: *Real, Realizado e Empírico* para o processo de registro denso do que estava sendo clivado e organizado

Ainda no processo de captação de dados foram criados dois decodificadores específicos para leitura de imagens sob a ótica da perspectiva étnica denominados *Proativo e Reativos* tendo como objetivo identificar as ações e reações por terminologias verbais na epifania enunciativa das imagens. No resultado ficaram aparentes que no período de captação de dados o FMNMT transitou nos moldes Proativo.

Após todo o processo, uma fundamentação teórica foi contextualizada trazendo autores importantes como: Fanon (2008), Ramose (2002), Césaire, (1975), Gramsci (2011b), Agamben (2004), Vakinin (2005), entre outros, para explicar os dados que a Netnografia (KOZINETS, 2006) e o Realismo Crítico (BHASKAR, 1986) trouxeram. Essa junção culminou na resposta da problemática inferida no trabalho, no qual se descobriu que os códigos transionais cruzavam-se na limítrofe da produção do discurso para os sentidos permeados por gatilhos emocionais, linguagem e imagem.

Esses elementos passaram por mais uma vasta fundamentação teórica de forma mais expressiva pela perspectiva da psicanálise e pela sociologia, a saber: Lane (2004), Winnicott (2000), Lacan (1999), Freud (1972), entre outros, que culminou em três representações discursivas que foram denominadas de dinâmica dos Três *D: despertamento, desinversão e descolonização*. Essa dinâmica foi analisada pela metodologia da Análise do Discurso na linha *pecheutiana* na perspectiva Interseccional.

Os múltiplos posicionamentos e desejos inconscientes evidenciados pelo discurso nas fronteiras do pensamento humano possibilitou problematizá-los mais profundamente por conceitos da psicanálise, Lacan (1999) e Freud (1972), no qual se encaminhou uma literatura teórica que transitou entre autoras brasileiras e estadunidenses para explicar as contradições representativas da colonização.

Essas contradições coloniais reportam à luta de classes, injustiça social, opressão, dominação e discriminação contextualizadas e expostas por matriarcas e

discipulantes da escrita negra como: bel hooks (2013), Lélia Gonzalez (1984), Sueli Carneiro (2011), Nilma Lino Gomes (2002), Mariléa Almeida (2018), Tatiana Paz (2019), Ângela Davis (2016), Glória Landson-Billings (2006), Patrícia Hill Collins (1990) e Kimberlé Crenshaw (2002).

Considerando os resultados das materialidades discursivas encontradas na análise, as similares configuradas nas imagens discursivas a partir da apresentação dos dados obtidos, foi possível inferir com algumas afirmações que confirmam a tese de que mulheres negras estão operando em rede por códigos transicionais representados por um ativismo discursivo imagético.

Esse discurso passa uma dinâmica Três *D: despertamento, desinversão e descolonização* que se encontra em curso culminando em um futuro muito próximo a contundência de uma cultura digital imagética interseccional. Isso significa que um novo campo de decomposição interpretativa apresenta elementos estéticos no campo visual (postagens de imagens) e sonoro (lives, vídeos shorts) que estão remetendo força discursiva de expressiva representatividade simbólica que está fortalecendo a luta pela descolonização em um processo interno para o externo a partir da cura do psiquismo pelo conhecimento da saída do espelho.

Considerando todo o processo de leitura e escrita na construção desta tese é relevante salientar importante junção da Netnografia, do Realismo Crítico, da Análise do Discurso e das teorias que foram utilizadas sob o olhar do corpo e da mente humana como colônia permeada por injustiças sociais em um poderoso sistema de adoecimento do psiquismo humano que se refere a raça, gênero e psique essencialmente demonstrado como marcadores de comportamento discursivo.

Nesse sentido, os estudos da psicanálise e de maneira especial as interfaces lacanianas responderam questões importantes para a compreensão dos processos reprimidos pelo subconsciente que geram sintomas subsequentes ao comportamento e os posicionamentos sociais.

Em suma, o que a tese abordou foi a compreensão de todo o processo de luta para a leitura da colonização compreendendo os fenômenos a partir de fatores de características culturais e psicossociais e a utilização das redes sociais como modos operantes de superação dos efeitos destrutivos do racismo e do sexismo por meio de uma comunicação imagética.

Nesse sentido, um dado que parece ter ficado muito bem cristalizado na tese retoma o pensamento de Fanon (2008) sobre a *Weltanschauung negra* quando

assinala que a libertação em primeira instância deve ser da mente e do corpo colonizado para assim empreender luta social. Sair do espelho do opressor parece ser a primeira urgência seguida da construção de recursos internos para resistir ao canto do opressor.

È sensato inferir que esta tese abre um canteiro de possibilidades para outros recortes e objetos de estudo que contemple a investigar as relações raciais de gênero sob o olhar ontológico e por uma imagética digital que retrate outras formas de poder assim como analisar contradições dadas ao desencontro de linhas de pensamentos dentro dos movimentos ativistas raciais, conforme foi demonstrado no capitulo 2 nos dados isolados.

Esse estudo, futuramente poderá responder problemáticas, por exemplo, á formação de bases, estruturas, politicas educacionais e da saúde psíquica que solidifiquem projetos por uma educação antirracista e antissexista a partir de uma cura ontológica subjetiva pela conscientização de que a luta de classes é imagética e psicossocial.

Finalizando, faz-se importante pensar que o Fórum de Mulheres Negras Mato Grosso comunica em sua página no *Facebook* a proposta de tranversalização de uma nova configuração de sujeitos orientados para a organização de um êxodo psicossocial do povo negro tendo por finalidade destituir o opressor do poder das mentes colonizadas.

A libertação social é consequência da libertação da mente, portanto, empreender luta social sem destituir o opressor do governo das mentes e dos corpos parece impossível vencer essa guerra. Nesse sentido, a ciência é uma arma poderosíssima e foi através dela que mulheres negras brasileiras (algumas delas citadas neste trabalho) no passado começaram essa luta desconstruindo os discursos racializados e sexistas pela escrita negra.

Por causa do trabalho dessas mulheres, foi possível chegar aos resultados deste trabalho de pesquisa. *Che Vuoi?* Qual era o desejo delas? Respondo: o desejo dessas mulheres era que todos os negros brasileiros sentissem em casa, que o Brasil fosse realmente a nossa casa.

7 EPÍLOGO

Para além da pesquisa teórica, metodológica e profundamente ontológica contextualizada nesta tese, trago também todo processo de saída do espelho ao longo desses quatro anos e três meses de dedicação exaustiva e exclusiva ao estudo proposto. Lancei-me inteiramente na busca de respostas em meio a atravessamentos inesperados e fatalidades que precisei enfrentar.

Tais fatalidades incluem a perda de pessoas amadas, início da menopausa, reações biológicas sintomáticas como: depressão, queda de cabelo, problemas gastrintestinais, insônia, crises hipertensivas, micoses. Incluindo, é claro, todo o contexto do cenário político e socioeconômico de muitas inseguranças e incertezas, principalmente, no campo científico extremamente atacado no Brasil neste tempo.

Foram muitos os momentos de tensão e resistência psicológica que culminaram em ocasiões e situações extremamente dolorosas, havendo também pequenos momentos de alegria que geraram um misto de sentimentos de dor, de gozo, de choro e de alegria. E na medida em que avançava os estudos em meio a tantas descobertas, como a de me ver nos dados que estudava e me debruçar sobre eles para compreender e buscar o caminho de saída.

Através da pesquisa, pude identificar em mim os pontos de fragilidades da minha *Weltanschauung* negra adoecida pela toxidade da colonização, pela psique, e comecei a refletir minha história, meu comportamento e todas as relações tóxicas que atraí e enfrentei tentando ser o desejo do outro no espelhamento.

Nesse processo de descoberta, compreendi que não havia tempo para lamentos e que a hora da mudança pelo conhecimento estava em minhas mãos. Minha árdua missão de resignificar minha existência, romper com espelho opressor e buscar a saída desse cativeiro mental pelo “não” mesmo querendo dizer “sim”.

Identifiquei em mim todo um processo de codependência emocional movimentada pelo desejo de ser amada e validada, localizei a ferida que estava sangrando na minha infância e todas as situações de racismo que vivenciei e não via como racismo porque minha *Weltanschauung negra* foi ensinada a naturalizar as violências passivas.

Nesse percurso, sangrei e chorei até compreender a profundidade da minha essência e localizar meu objeto faltoso, o *Che Vuoi*, sabendo que jamais serei aquilo

que nunca fui e não quero mais ser o que fizeram de mim. Mas então, Che Vuoi? O que serei? Respondo: o meu desejo é ressuscitar das cinzas de tudo o que foi feito em mim pela colonização. A minha luta e o meu desejo é empretecer cada vez mais, é o empretecimento da minha *Weltanschauung* negra, minha casa, mente, corpo, alma, espírito e minha escrita, não busco ser preta, eu quero ser preta, eu sou preta, não desejo ser a voz da resistência, desejo ser a voz da existência.

Deixo nas linhas desta tese o meu testamento, e entrego nela o bem mais precioso que pude adquirir em toda a minha história de vida, a chave que abre as portas de cativeiros emocionais e psíquicos, o mapa do caminho de volta pra casa, um caminho longo e doloroso que ainda estou a percorrer, mas, já posso ouvir de longe o som de alegria, alegria (Caetano Veloso) na minha velha infância no bulixo de dona Maria Lobo, sinto a brisa do vento batendo em meu rosto, o cheiro das camélias e a voz da liberdade me chamando. Você consegue ouvir? Eu vou, por que não?

> Caminhando contra o vento, sem lenço e sem documento no sol de quase dezembro, eu vou. O sol se reparte em crimes espaçonaves, guerrilhas em cardinales bonitas, eu vou. Em caras de presidentes, em grandes beijos de amor, em dentes, pernas, bandeiras, bomba e Brigitte Bardot. O sol nas bancas de revista me enche de alegria e preguiça, quem lê tanta notícia, Eu vou Por entre fotos e nomes Os olhos cheios de cores. O peito cheio de amores vãos eu vou Por que não, por que não? Ela pensa em casamento, e eu nunca mais fui à escola, sem lenço e sem documento eu vou. Eu tomo uma Coca-Cola, ela pensa em casamento e uma canção me consola, eu vou. Por entre fotos e nomes, sem livros e sem fuzil, sem fome, sem telefone no coração do Brasil. Ela nem sabe, até pensei, em cantar na televisão, o sol é tão bonito, eu vou sem lenço, sem documento nada no bolso ou nas mãos eu quero seguir vivendo, amor. Eu vou por que não, por que não? por que não, por que não? (CAETANO VELOSO,1967).

REFERÊNCIAS

ABEL, M. S. **O Insight na Psicanálise The insight in Psychoanalysis.** Psicologia, Ciência e Profissão, 2003, 23 (4), pág 22-31.

ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1995.

AGAMBEN, G. **Estado de Exceção**. Trad. Iraci D. Poleti. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. **Homo Sacer:** o poder soberano e a vida nua I. Tradução de Henrique Burigo, 2ª edição. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

ALMEIDA, C. D.; BRANDÃO, B. M. P. **Participação e inserção social:** protagonismo da mulher negra em canais do Youtube. **Revista Observatório**, Palmas-Tocantins, v. 4, n. 1, jan./mar. 2018.

ALMEIDA, M. de. **Território de afetos**: práticas femininas antirracista nos quilombos contemporâneos do Rio de Janeiro. Tese (Doutorado) em História Cultural) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2018.

_____. **Racismo Acadêmico e seus Afetos. Revista História**: Questões & Debates. Curitiba v. 69, n. 2, p. 96-109, jul./dez. Curitiba PR 2021.

AMANTE, L. *Facebook* e novas sociabilidades: contributos da investigação. *In*: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa (org.). ***Facebook* e Educação**: publicar, curtir, compartilhar. Campina Grande: EDUEPB, 2014, p. 27-46.

ANFIPE; D. **Previdência: reformar para excluir?** Contribuição técnica ao debate sobre a reforma da previdência social brasileira. Brasília - Printed in Brasil 2017.

ANGROSINO. M. **Etnografia e Observação participante**. Tradução José Fonseca. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ARAÚJO, J. S. **Minha rede, Minhas Regras:** hashtags, mobilização de mulheres e publicação de narrativas íntimas na internet. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2018.

ASCENSO, J.G.S. **Uma Contribuição à História do Conceito de Raça no México: José Vasconcelos e a "Raça Cósmica** ". XXVII Simpósio Nacional de História . Natal RN, 2013.

BARGAS, K. R. **Quilombolas do Pará e Mídias digitais:** sociabilidade, conflito e mobilização online nas lutas por reconhecimento. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Uberlândia, 2018.

BARROS, S. **Realismo Crítico e Emancipação humana.** Contribuições Ontológicas e epistemológicas para os estudos Críticos do discurso. Coleção: linguagem e sociedade Vol. 11. Campinas, SP- Pontes Editores, 2015.

BARROS, Z. **Feminismo negro na internet**: Cyiberfeminismo ou Ativismo Digital? Ano: 2009. Disponível em:
BAUMAN, Z. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. Tradução Mauro Gama, Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BHASKAR, R. **Scientific realism and hum emancipation**. London: Verso, 1986.

_____. **Critical realism.** Essential readings. *In*: Archer, M.; Bhaskar, R.; Collier, A.; Lawson, T.; Norrie, A. (Ed.). **Centre for Critical Realism**. London: Routledge, 1998.

BOAMORTE, C. M. P. **(Re) Assumindo a Raiz**: a discursivização sobre a mulher negra a partir da noção de cabelos crespos, presente nas comunidades do Facebook. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Artes) – Universidade Estadual da Feira de Santana, Feira de Santana, 2017.

BORGES, R. **Representação e Imaginários:** novas matrizes discursivas da população negra. 9 mai. 2020. 1 vídeo (59 min). Publicado pelo canal Papo de Preta Saúde e bem-estar das mulheres negras. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=y4yURXwUN8I&t=180s. Acesso em: 6 ago. 2021.

BRANDÃO, H. M. **Introdução à Análise do Discurso.** 2. Ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

BRASIL. Secretaria Especial de Desburocratização, Gestão e Governo Digital. **Lei geral de Proteção de Dados Pessoais.** Versão 1.2. Brasília 2021.

_____. Código Penal. 1984.

_____. Ministério da Saúde. **Manual Operacional para Comitês de Ética em Pesquisa.** Brasília, DF, 2006.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018. **Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais.** Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Lei/L13709.htm >. Acesso em: 04 nov. 2021.

CARNEIRO, S. **Mulheres em Movimento**. Estudos Avançados. São Paulo, 2003.

_____. **Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil**. Selo Negro, São Paulo, 2011.

CASIMIRO, I. M. **Samora Machel e as relações de Gênero**. **Revista Estudos Moçambicanos** 21 (2005) p. 55 a 84. Maputo, Moçambique.

CASTELLS, M. **A era da informação**: o poder da identidade. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. **O Poder da Comunicação.** São Paulo: Paz e Terra, 2015.

CESAIRE, A. **Discurso ao Colonialismo.** Editora Augusto Sá da Costa LTDA, Lisboa, Portugal 1978.

CLIFFORD, J. **A Experiência Etnográfica**: Antropologia e Literatura do Século XX**.** José Reginaldo Santos Gonçalves (org.). Revisão técnica José Reginaldo Santos Gonçalves. Editora UFRJ 2002.

COLLINS, P. H. **Black Feminist Thought**: **Knowledge, Consciousness and the Politics of Empowerment.** New York, Routledge: Chapman and Hall, 1990.

COSTA, S. S. **Trajetória do feminismo Negro no Brasil: Movimentos e Ações Políticas.** XIII Encontro Estadual de História e Mídias: Narrativas em Disputas. ANPUH – Recife (PE), 2020.

COURTINE, J. **Análise do discurso político**: O discurso comunista endereçado aos cristãos. Tradução Vanice Sargentini (org.). São Carlos, SP: EdUFSCar, 2009, 250p.

_____. **Discurso e imagens: Para uma arqueologia do imaginário. I**n: PIOVEZANI, C, CURCINO, L, SARGENTINI, V. **Discurso, semiologia e história**. São Carlos: Claraluz, 2011.

CRENSHAW, K. **Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos a Gênero**. **Revista Estudos Feministas**, Los Angeles, University of California, ano 10, p. 171-188, 1. Sem. 2002.

CRUZ, D, A. C. S.; BRANDÃO, C. W. G. S. **Representação da mulher negra na cultura digital: combate ao preconceito na rede**. *In*: Redor, Encontro da Rede Feminista do Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero, 20, 2018. Anais [...]. Salvador UFBA, 2018.

DALTRO, L. M; STRELOW, A. A. **We Can: A transição capilar da mulher negra na mídia tradicional e nas redes sociais.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Caxias do Sul - RS -2017.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2016, 255 p.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed SAGE, 2006. 432 p.

DIAS, C. **A materialidade digital da mobilidade urbana:** espaço, tecnologia e discurso. Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos. n. 37. Jan./jun. 2016. p. 157-175. Disponível em: http://www.revistalinguas.com/edicao37/artigo7.pdf

DSM5 - **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais** (DSM-5, sigla do inglês, Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders) da American Psychiatric Association (APA).

EISENTEIN, S. **O Sentido do Filme**. Trad. Teresa Ottoni. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
FANON, F. **Os condenados da Terra.** Tradução de José Laurêncio de Melo. Civilização da Terra 1968.

_____. **Pele Negra Máscaras Brancas.** Tradução Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio Século XXI:** O dicionário da língua portuguesa**.** 3 ed. Rio de Janeiro Nova fronteira, 1999.

FMNMT. **Mulheres negras em rede.** 7 set. 2020. Facebook: Mulheres Negras MT. Fórum de Mulheres Negras MT @mulheresnegrasmt. Disponível em: https://www.facebook.com/mulheresnegrasmt/posts/2744814805778951. Acesso em: 07 set. 2020.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete, 42ª edição. Petrópolis: Vozes, 2014.

FRASER, M. T. D; GONDIM, S. M. G. **Da fala do outro ao texto negociado:** discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. Paidéia**,** Ribeirão Preto-SP, v. 14, n. 28, p. 139-152, mai./ago. 2004.

FREITAS, M. **O cotidiano afetivo-sexual no Brasil colônia e suas consequências psicológicas e culturais nos dias de hoje.** Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, memória e cultura. Pg 63 a 68 - 2011.

FREUD, S. **Observações sobre o amor transferencial.** Edição Standard Brasileira das obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol. VIII, Rio de Janeiro, 1988.

_____. **Luto e melancolia**: Sigmund Freud [1856-1939]. Textos: Maria Kehl, Modesto Carone, Urania Tourinho Peres. Tradução, introdução e notas: Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011. 144 p. Título original: Trauerundmelancholie.

_____. **O mal estar na civilização**. Edição Standard Brasileira, vol,VII 250 pág. Editora imago, São Paulo, 1972.

_____. **Totem e Tabu.** Obras Completas vol.11. Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912- 1914). Tradução: Paulo César de Souza. Companhia das Letras.

GADET, F.; HAK T. (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1991. p. 163-252.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC; 1989.

GOMES, N. L. **Educação e Identidade Negra**. **Aletria: Revista De Estudos De Literatura**, 9, 38–47, 2002. Disponível em: https://doi.org/10.17851/2317-2096.9.38-47. Acesso em: 15 jun. 2020.

GONZALES, L. **Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira**. **Revista Ciências Sociais Hoje**, São Paulo: ANPOCS, p. 223-244, 1984.

GRAÇAS, S. T. **Resistência ativismo e articulação de mulheres negras através de redes sociais.** Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais e Ciência Política) – Universidade Federal da integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2018.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere** - Volume 1: Introdução ao estudo da filosofia – a filosofia de Benedito Croce. 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

GRECO, M. **Os espelhos de Lacan**. Opção Lacaniana online nova série Ano 2 • Número 6 • novembro 2011 • ISSN 2177-2673.

GRUPPI, L. **O Conceito de Hegemonia em Gramsci**. Rio de janeiro, Graal, 1978.

GUIMARÃES, M. A**. O "Eu" Confronta com o "Outro":** O que (Re) velam as manifestações de brasileiros sobre haitianos nas mídias e redes sociais digitais. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2017.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2015.

HELBERGER, N.; PIERSON, J.; POELL, T. **Governing online platforms:** From contested to cooperative responsibility. THE INFORMATION SOCIETY 2018, VOL. 34, NO. 1, 1–14 https://doi.org/10.1080/01972243.2017.1391913. Full Terms & Conditions of access and use can be found at https://www.tandfonline.com/action/journalInformation?journalCode=utis20 2018.

HIRIGOYEN, M. **Assédio**: a violência perversa no cotidiano. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

HOFFMAN, J. **Avaliar para Promover:** As setas do caminho. Porto Alegre, Editora Mediação, 2001.

HOOKS, B. **Ensinando a Transgredir**: A Educação como prática da liberdade. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

IBGE. **Censo demográfico** – 2010. Rio de Janeiro: 2013. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/93/cd_2010_caracteristicas_populacao_domicilios.pdf Acesso: 27/09/2021.

_____. **Pme-cor e raça- Brasil**. Rio de Janeiro: 2019. Disponível em: https://bivisualizacaoblioteca.ibge.gov.br//livros/liv101681_informativo.pdf Acesso: 27 set. 2021.

IPEA. **Dossiê Mulheres Negras**: retrato e condições da vida das mulheres negras no Brasil. Mariana Mazzini Marcondes *et al*.(org.). Brasília: Ipea, 2013. 160 p.

JAPIASSU, Hilton. **As Paixões da Ciência: estudos de história das Ciências**. São Paulo, Letras&Letras, 1991.

JOB, S. M. **Maria Firmina dos Reis e a Presença da Mulher Negra na Literatura e o Contexto Social Brasileiro Oitocentista**. **Revista Falas Breves**, 2020.

KANT, I. **Crítica da Razão Pura**. Trad. (parcial) de J. Rodrigues Mereja. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia**: Realizando Pesquisa Etnográfica online. Tradução Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso 2014.

KRIEG-PLANG, A. **Analisar Discursos institucionais** : Tradução Luciana Salazar Sagado e Helena Boschi- Uberlandia EDUFU 2018.

LACAN, J. **O estádio do espelho como formador da função do eu**, In Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 97.1998.

_____. **O seminário: livro 10: a angustia**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. 2005. (Trabalho original publicado em 1962-58). Editor p. 440.

_____. **O seminário: livro 19: Desejo demanda e alienação**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. 2005. (Trabalho original publicado em 1957-58).

_____. **O seminário: livro 5: as formações do inconsciente.** Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. 1999. (Trabalho original publicado em 1957-58).

LADSON-BILLINGS, G**. Discursos racializados e epistemologias étnicas**. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** 2. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LANE, S. **O que é Psicologia Social**. Editora brasiliense, São Paulo 2004.

LEMOS, A. **Dataficação da vida**. **Revista de Ciências** Sociais Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Civitas 21 (2): 193-202, maio-ago. PUC/RS 2021.

LERNER. G. **A criação do patriarcado.** Título do original: The Creation of Patriarchy Copyright da edição brasileira. Editora Pensamento-Cultrix Ltda, 2019.

LEVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIPOVETSKY, G. **A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. Tradução Therezinha Monteiro Deutsch. Barueri: Manole, 2005.

LOBO, M.; MACIEL C. **Mulheres Negras na Ciência: desvelando percursos em prol da diversidade .** *Revista Computação Brasil nº 44- pág. 35 a 38*- Junho/ 2021. Disponível em: https/www.sbc.org.br.

LOBO, M.; MACIEL C. **Materialidades Discursivas de Mulheres Negras na Computação.** *In*: Women in Information Technology (WIT), 13. 2019, Belém. Anais [...]. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2019, p. 89-98.

LOBO, M.; RIBEIRO, K; MACIEL C. **Mulheres Negras na Computação e Tecnologias:** Autoafirmação Identitária e Resistência. *In*: LAWCC Congresso de Mulheres Latino Americano- Mackenzie, 2018, São Paulo. 2018.

LOBO, M. M. O. **Cinema Negro na Educação: As Materialidades da Imagem de Autoafirmação no Processo de Descolonização em "A Dialética do Amor".** Dissertação de Mestrado em Educação- Universidade Federal de Mato Grosso- 2017.

_____. **A Mobilização de Resistência de Mulheres Negras na Computação e Tecnologias.** *In*: Women in Information technology (WIT), 13. Natal-RN. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2018.

LOLE, A.; STAMPA, I. **Estado, Hegemonia e Democracia no Brasil**. **Revista Encontros com a Filosofia ENFIL** ISSN 2317-6628 ANO VI, n.IX, 2018.

LOPES, D. A. **Ciberativismo como estratégia política**: um estudo sobre mulheres negras, crespas e cacheadas no Facebook. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos Africanos) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

MACHADO, B. V. **A Gramática de Damourette e Pichon com Lacan**: Uma problemática da enunciação. Alfa, São Paulo, 56 (1): 309-324, 2012.

MACIEL, C. **A internet como ferramenta educacional.** Cuiabá: UFMT/UAB, 2009, 159p.

_____. **Um método para mensurar o grau de maturidade na tomada de decisão e-democrática**. Tese (Doutorado em Ciência da Computação) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2008.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. Tradução W. Dutra, F. Fernandes. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

MATINS, André. **Uma violência silenciosa:** considerações sobre a perversão narcísica. Cad. Psicanálise.-CPRJ, Rio de Janeiro, ano 31, n. 22, p. 37-56, 2009.

MEDEIROS, C. S. **A materialidade da imagem e a ideologia no discurso da mídia do espetáculo.** Tecnologias de linguagem e produção do conhecimento Coleção HiperS@beres | www.ufsm.br/hipersaberes | Santa Maria | Volume II | Dezembro, 2009.

MILANEZ, N. **Intericonicidade: da repetição de imagens à repetição dos discursos de imagens. Revista Acta Scientiarum**. Language and Culture. Maringá, v.37, n. 2, p.197-206, abr./jun. 2015.

MODOLO, A. D. R. **Formas Responsivas no Facebook**: curtir, compartilhar e comentar a divulgação científica em Rede. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

MUSSALIM, F. **Análise do Discurso. Introdução à linguística: domínios e fronteiras,** v. 2, n. 2, p. 101-142, 2001.

NOGUEIRA, O. **Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem:** sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre as relações raciais no Brasil. **Tempo Social Revista de Sociologia da USP**, Editora da USP, v. 19, n. 1 p. 287-308. São Paulo, 2006.

OLESEN, V. L. **Os feminismos e a pesquisa qualitativa neste novo milênio**. *In*: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Yvonna S. O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

OLIVEIRA, F. de A. **Reflexões Críticas sobre Weltanschauung :** uma análise do processo deformação e compartilhamento de cosmovisões numa perspectiva Teo-referente. Fides Reformata, XIII, Nº 1 (2008): 31-52. São Paulo.

OLIVEIRA, R. **Ciberfeminismo x Feminismo:** o que as mulheres fizeram com os blogs da web? *In:* Seminário internacional fazendo gênero, 7., [...]. Florianópolis-SC, 2006.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009. 100p.

_____. **As formas do silêncio.** No movimento dos sentidos. 4. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.

PAIXÃO, M. **A Lenda da Modernidade Encantada**: por uma crítica ao pensamento social brasileiro sobre as relações raciais e projeto de Estado e Nação. Curitiba, Paraná: Editora CRV, 2014.

PAVEAU, M. **Technologie discursives.** Carnet de recherche, 2013. Disponível em: http://technodiscours.hypotheses.org/?p=277, Acesso em 21 dez. 2021.

PAZ, T. S. **Ativismo em rede e processos formativos decoloniais articulados por mulheres negras no Youtube.** 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

PÊCHEUX, M. **Análise automática do discurso.** *In*: Xavier A. C.; Cortez S. **Linguística e discurso**. São Paulo: Ed. Universitária, 1997.

_____. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora UNICAMP, 1988.

_____. **Análise Automática do Discurso**. Trad. Eni P. Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). Por uma análise automática do discurso. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Unicamp, 1993. 319 p. p. 61-162.

_____. **O Discurso.** Estrutura ou Acontecimento. Trad. Eni P. Orlandi. 3. ed. Campinas: Ed. Pontes, 2002.

_____. **Ler o arquivo hoje**. Trad. Maria da Graças L. do Amaral. In: ORLANDI, Eni (Org.) Gestos de Leitura. Da história no discurso. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1994. p. 55-64.

_____. **Semântica e Discurso.** Uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni P. Orlandi (et al.). 2. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1995.

PEIXOTO, Z. **O Facebook para além da rede social.** O usuário como consumidor mercadoria. *In*: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa (org.). Facebook e Educação: publicar, curtir, compartilhar. Campina Grande, PB: EDUEPB, 2014. p. 221-236.

PINTO, N. B. **Ativismo de Mulheres Negras em Cuiabá**: Práticas de Comunicação e Veiculação Social. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2018.

PORTO, C.; SANTOS, Edmea. *In*: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa (org.). **Facebook e Educação:** publicar, curtir, compartilhar**.** Campina Grande PB: EDUEPB, 2014. P.448.

PRIMO, G. B. **A Guerra do Regime de Biopoder**: Um estudo em Giorgio Agamben e Antônio Negri. Dissertação (Mestrado em Filosofia) em – Pontifícia Católica RS-Porto Alegre, 2019.

RAGO, L. M. **Da insubmissão Feminista na atualidade**. Programa Café Filosófico. Plataforma pec - 2016.Disponível em: https://youtu.be/gh67t3a9Mjs Acesso em: 27/09/2021.

RAGO, L. M. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890- 1930- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RAMOSE, M. B. **A ética do Ubuntu.** Tradução para uso didático de: RAMOSE, Mogobe B. The ethics of ubuntu. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). **The African Philosophy Reader**. EUA. Routledge, 2002, p. 324-330, por Éder Carvalho Wen.

RAUL, J. M. **Entre silêncios e protestos:** uma reflexão sobre escrita preta no ciberespaço. **ReDoc Revista Docência e Cibercultura**. Rio de Janeiro, v.3, n.3, p.166, dez. 2019.

RECURO, R.; ZAGO, G. **Em busca das redes que importam:** redes sociais e capital social no twitter. Líbero, São Paulo, v. 12, n. 24, dez. 2009.

RIFIOTIS, T. **Etnografia no ciberespaço como "repovoamento" e explicação.** RBCS, Florianópolis SC, v. 31, n. 90, fev. 2016.

ROCHA, Glauber. **Revolução do Cinema Novo**. Rio de Janeiro: Alhambra/EMBRAFILME, 1981. SALLES GOMES, Paulo Emílio. *Cinema*: trajetória no subdesenvolvimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra/EMBRAFILME, 1981.

ROMANOWSKI, J; ENS, R. T. **As pesquisas denominadas do tipo "Estado da arte" em Educação**. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 6, n. 19, p.37-50, 2006. Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

RONDAS**,** M. A. **Psicanálise e educação:** caminhos cruzáveis. Editora Plano, Brasília, 2004.

ROS-MARTIN, M. **Evolución de los servicios de redes sociales em internet.** El profesional de la información, Valencia, v.18, n.5, p.552-557, 2009.

ROUDINESCO, E; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

SALGADO, A. C.S. **Estudos de Síntomas de despersonalização com pacientes Migrânea e Controles**. Dissertação (Mestrado em Neurobiología)- Universidade Federal de Minas gerais, Belo Horizonte, 2015.

SANTAELLA, L. **Semiótica Aplicada.** São Paulo: Cengage Learning, 2012.

SANTANA, M. E. S. **Formas de militância feminista em cenário de auto-organização de ciberativismo no Brasil contemporâneo**: tendências atuais a partir do caso de Aracajú/SE.Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017.

SAPIR, E. **Selected writings in language, culture, and personality**. (Org. David G. Mandelbaum). Berkeley: The University of California Press, [1949] 1985.

SCHMIDT, M. L. S. **Pesquisa Participante**: Alteridade e comunidades Interpretativas. São Paulo: Instituto de Psicologia da USP, p. 17-41, 2005.

SEGATO, R. L. **Las estructuras elementales de la violência** - ensayos sobre gênero entre antropologia, psicoanálisis y derechos humanos. Buenos Aires: Prometeo, 2015.

SEYFERTH, Giralda. **A Invenção da Raça e o Poder Discricionário dos Estereótipos.** Anuário Antropológico/93. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

_____. ***Que és un feminicidio****: notas para un debate emergente*. Brasília: UnB, Departamento de Antropologia, 2006.

SILVA, K. C. **Os letramentos de empoderamento feminino negro**: a educação de jovens e adultos e os aprendizados na rede social Facebook**.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Uberlândia, 2017.

SILVA. K.R; LUCCHESE, R; FELIPE, R.L.; FERNANDES, I; VERA, I; ASSIS, A; EVANGELISTA, R; CASTRO, P. **Estudos dos Gatilhos Emocionais e suas implicações no uso e abuso de Substancias psicoativas**. 2º Seminário de integração: mestrado profissional em Áreas Interdisciplinares e Inovação. Centro Científico Conhecer Revista Enciclopédia Biosfera. - Goiânia, v.10, n.19; p. 20 2014.

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

SOUZA, N. S. **"Tornar-se negro" - ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** 2. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

STEPAN, Nancy Leys. **A Hora da Eugenia: raça, gênero e nação na América Latina.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

THERRIEN, N. S. M; THERRIEN, J. **Trabalhos Científicos e o Estado da Questão**: reflexões teóricas metodológicas. **Revista Estudos em Avaliação Educacional**, Fortaleza, v.15, n.30, jul./dez. 2004.

TRUTH, S. **Feminismos negros Una antología.** De la edición, Traficantes de Sueños. Madrid- Espanâ 2012

VAKNIN, S. **Malignant self Love:** narcissism revisited- The Narcissistic Personality Disorder. Editing and design: Lydia Rangelovska. Prague and Skopje: Narcissus Publications. Imprint, 2005.

VELASCO. M. J. **Feminismos negros Una antología.** De la edición, Traficantes de Sueños. Madrid- Espanâ 2012.

VIANA, G. C. da S. **Ciberfeminismo e a (in) visibilidade da mulher negra**. Dissertação (Mestrado em Estudos de Mídias) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

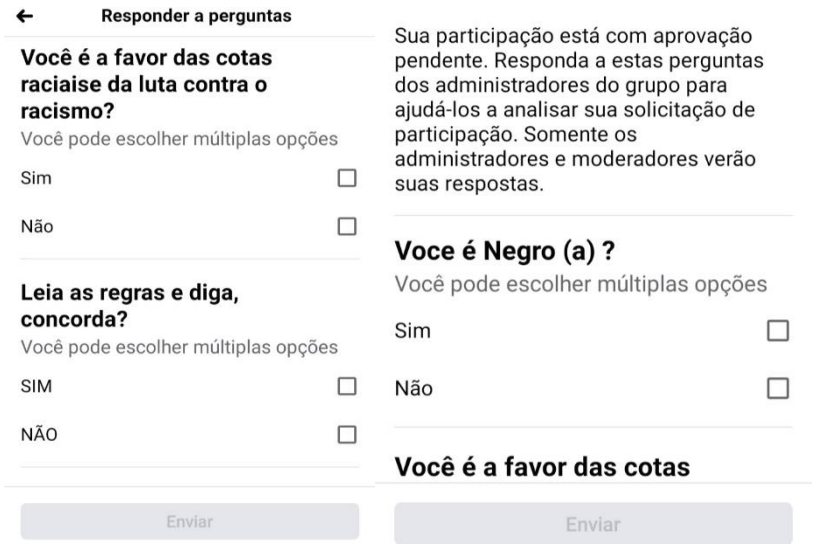
WINNICOTT, D. **"Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais". In:** ***Da pediatria à psicanálise*****.** Rio de Janeiro: Imago, 2000.

XIMENES, S; BARBOSA, L. C; RODRIGUES, N; SOUSA, M.R; RODRIGUES, N; SOUZA, M. A; ALVES, S. P.; SAMPAIO, G. M.; DIAS, K. A.; ANDRADE, L. H.; MELO, I. E.; SILVA, M. E.; OLIVEIRA, S. M.; GOMES, J. G.; SILVA, A. H. B. **A psicanálise na desconstrução dos gatilhos para o transtorno de pânico Psychoanalysis in deconstructing triggers for panic disorder El psicoanálisis en la deconstrucción de los desencadenantes del trastorno de pánico.** Research, Society and Development, v. 10, n. 3, e31010313265, 2021.

APÊNDICES

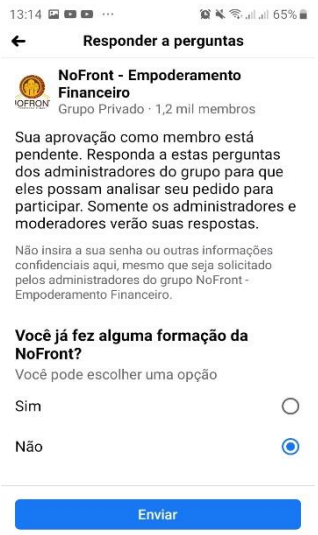
Interfaces do Facebook – inserção nos grupos

A) Questionário para inserção nas comunidades



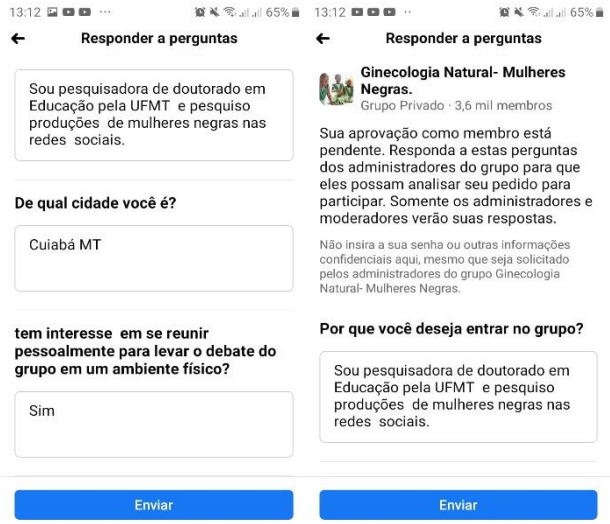
Fonte: Captura de tela do post coletado do *Facebook*. Editado no Paint 3D. Acesso em: 03 jan. 2020.

B) Resposta para inserção em grupo privado NoFront - Empoderamento Financeiro



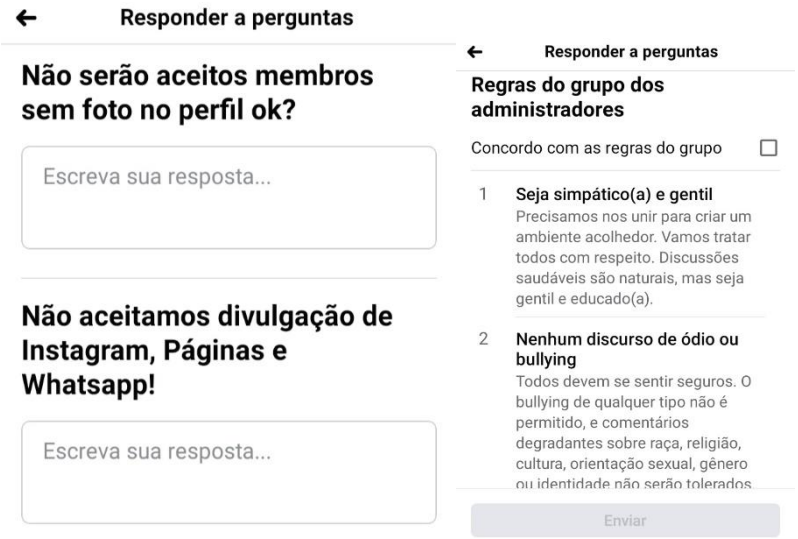
Fonte: Captura de tela do post coletado do *Facebook*. Editado no Paint 3D. Acesso em: 09 jan. 2020.

C) Apresentação da pesquisadora para inserção nos grupos privados



Fonte: Captura de tela do post coletado do *Facebook*. Editado no Paint 3D. Acesso em: 11 jan. 2020.

D) Regras para inserção nos grupos 1



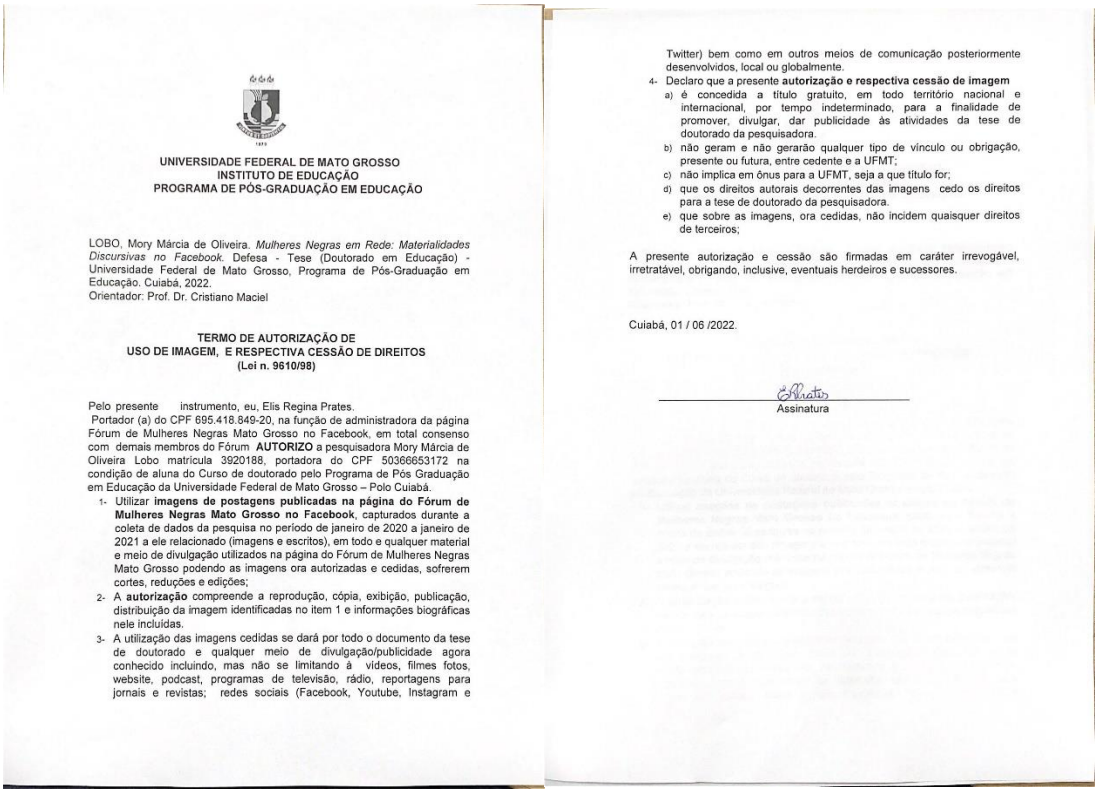
Fonte: Captura de tela do post coletado do *Facebook*. Editado no Paint 3D. Acesso em: 12 jan. 2020.

E) Regras para inserção nos grupos 2



Fonte: Captura de tela do post coletado do *Facebook*. Editado no Paint 3D. Acesso em: 14 jan. 2020.

F)Termo de autorização de uso de imagem, e respectiva cessão de direitos FMNMT



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

LOBO, Mory Márcia de Oliveira. *Mulheres Negras em Rede: Materialidades Discursivas no Facebook.* Defesa - Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Programa de Pós-Graduação em Educação. Cuiabá, 2022.
Orientador: Prof. Dr. Cristiano Maciel

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE
USO DE IMAGEM, E RESPECTIVA CESSÃO DE DIREITOS
(Lei n. 9610/98)

Pelo presente instrumento, eu, Elis Regina Prates.
Portador (a) do CPF 695.418.849-20, na função de administradora da página Fórum de Mulheres Negras Mato Grosso no Facebook, em total consenso com demais membros do Fórum **AUTORIZO** a pesquisadora Mory Márcia de Oliveira Lobo matrícula 3920188, portadora do CPF 50366653172 na condição de aluna do Curso de doutorado pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso – Polo Cuiabá.

1- Utilizar **imagens de postagens publicadas na página do Fórum de Mulheres Negras Mato Grosso no Facebook**, capturados durante a coleta de dados da pesquisa no período de janeiro de 2020 a janeiro de 2021 a ele relacionado (imagens e escritos), em todo e qualquer material e meio de divulgação utilizados na página do Fórum de Mulheres Negras Mato Grosso podendo as imagens ora autorizadas e cedidas, sofrerem cortes, reduções e edições;
2- A **autorização** compreende a reprodução, cópia, exibição, publicação, distribuição da imagem identificadas no item 1 e informações biográficas nele incluídas.
3- A utilização das imagens cedidas se dará por todo o documento da tese de doutorado e qualquer meio de divulgação/publicidade agora conhecido incluindo, mas não se limitando à vídeos, filmes fotos, website, podcast, programas de televisão, rádio, reportagens para jornais e revistas; redes sociais (Facebook, Youtube, Instagram e Twitter) bem como em outros meios de comunicação posteriormente desenvolvidos, local ou globalmente.
4- Declaro que a presente **autorização e respectiva cessão de imagem**
   a) é concedida a título gratuito, em todo território nacional e internacional, por tempo indeterminado, para a finalidade de promover, divulgar, dar publicidade às atividades da tese de doutorado da pesquisadora.
   b) não geram e não gerarão qualquer tipo de vínculo ou obrigação, presente ou futura, entre cedente e a UFMT;
   c) não implica em ônus para a UFMT, seja a que título for;
   d) que os direitos autorais decorrentes das imagens cedo os direitos para a tese de doutorado da pesquisadora.
   e) que sobre as imagens, ora cedidas, não incidem quaisquer direitos de terceiros;

A presente autorização e cessão são firmadas em caráter irrevogável, irretratável, obrigando, inclusive, eventuais herdeiros e sucessores.

Cuiabá, 01 / 06 /2022.

Assinatura

Fonte: Universidade Federal de Mato Grosso (Lei n. 9610/98).